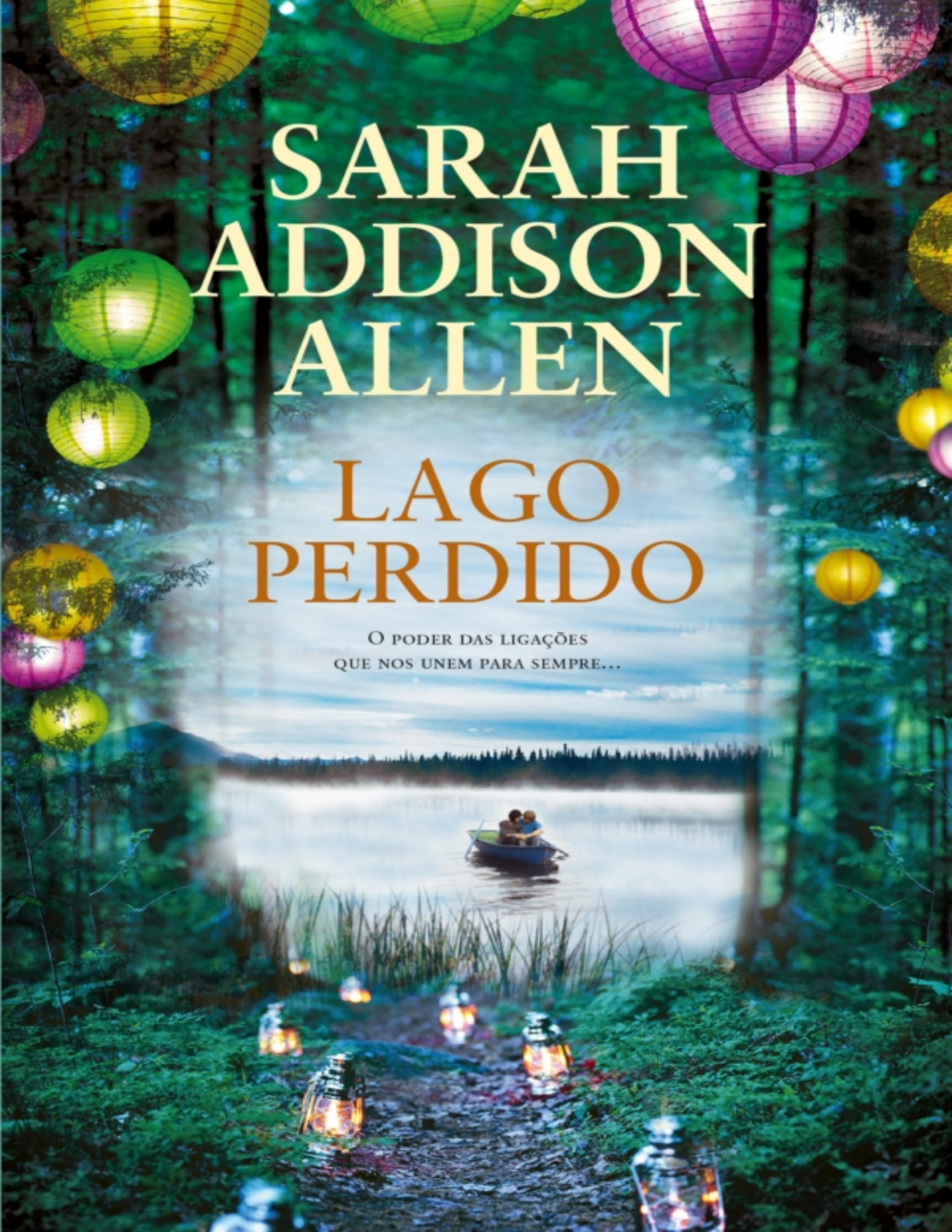


The background of the cover is a lush, green forest at night. A calm lake reflects the surrounding trees and the soft glow of numerous hanging lanterns. In the center of the lake, a small blue boat with two people inside is visible. The foreground shows a path leading towards the water, lined with several lit lanterns. The overall atmosphere is peaceful and magical.

SARAH ADDISON ALLEN

LAGO PERDIDO

O PODER DAS LIGAÇÕES
QUE NOS UNEM PARA SEMPRE...



Ficha Técnica

Título original: Lost Lake

Autor: Sarah Addison Allen

Tradução: Inês Castro

Revisão: Domingas Cruz

Capa: Maria Manuel Lacerda/Oficina do Livro, Lda

ISBN: 9789897261374

QUINTA ESSÊNCIA

uma marca da Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda

uma empresa do grupo LeYa

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© Sarah Addison Allen, 2014

e Oficina do Livro – Sociedade Editorial, Lda.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

E-mail: quintaessencia@oficinadolivro.leya.com

www.quintaessencia.com.pt

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

Para os perdidos

Paris, França
Outono de 1962

A húmida aragem noturna bailava nos candeeiros elétricos da rua, libertando faúlhas minúsculas como a pedra de um isqueiro. Quase tropeçando de novo, Eby Pim riu-se e passou o braço pelo de George. O passeio irregular estava deformado por raízes antigas de tílias há muito desaparecidas. Os grandes sapatos rasos de George davam-lhe uma passada segura, mas ela tinha saltos altos, o seu andar era instável e o tique-tique-pausa-e-balanço fazia-a sentir-se bastante ébria ou como se estivesse a dançar ao som de música desafinada.

George inclinou-se e sussurrou que a amava, que ela estava linda nessa noite. Eby sorriu e enterrou o rosto no ombro de George. Sentiam-se tão à vontade aqui. E, quanto mais tempo passavam longe do seu país, mais tempo queriam ficar. Escreviam missivas curtas em postais para as respetivas famílias e George enviava regularmente para casa caixotes com mobiliário extravagante e antiguidades, mas, um com o outro, nunca falavam em voltar.

Paris, com as suas ruas escuras e sinuosas, era o local perfeito para se perderem. Na primeira semana da lua de mel, tinham-se desorientado no nevoeiro durante horas, acabando por ir parar a cruzamentos e ruelas desconhecidos, esbarrando em gatos vadios de cidade que, por vezes, os conduziam a cafés e restaurantes quentes se se sentissem generosos e cheios de saborosos ratos de esgoto. Com grande frequência, George e Eby não regressavam ao hotel senão quando o dia já raiara e depois dormiam nos braços um do outro até à tarde. George pagava ao filho do dono para lhes trazer ao quarto, ao anoitecer, café e pastéis feitos com queijo e espinafres. Comiam na cama, enrolados em lençóis enrugados, vendo o pôr do Sol, a discutir que direção tomar quando a escuridão caísse e transformasse tudo de novo num jogo das escondidas.

Naquela noite, tinham andado sem rumo, tentando perder-se. Mas haviam falhado. Há quatro meses que cruzavam aquelas ruas. Mesmo no escuro, estavam a começar a reconhecer alguns bairros por um vago odor

a queimado do tempo da guerra. E havia vários pontos ao longo do rio que conheciam apenas pelo tom da água. Durante o jantar, uma refeição que consistira inteiramente de cogumelos, apenas porque lhes apetecia, não tinham conseguido ainda arranjar coragem para falar do regresso a casa. Em vez disso, George mencionara o jovem casal que tinham conhecido no outro dia, os de Amesterdão.

– Amesterdão parece ser uma cidade agradável, não parece? – perguntou a Eby.

Ela sorriu, sabendo onde a conversa iria parar.

– Sim, muito agradável.

– Talvez devêssemos visitá-la.

– Podíamos perder-nos – disse Eby.

– É essa a ideia. – George estendeu o braço pela mesa, pegou-lhe na mão e beijou-a.

E assim a família de Eby teria de esperar mais algum tempo, apesar das cartas vindas de casa estarem a tornar-se cada vez mais enérgicas e preocupadas. *Não é de bom-tom, escrevia a mãe, ficar em lua de mel durante tanto tempo. Só deviam ter estado fora duas semanas! A tua irmã e eu estamos a ficar fartas de inventar desculpas. Volta para casa, para Atlanta. Assume o teu lugar.*

No caminho de regresso ao hotel, aproximaram-se de um restaurante que reconheceram pelo cheiro a salsicha frita muito intenso no ar. A campainha por cima da porta do restaurante tocou e a luz amarela lá de dentro dissolveu-se no nevoeiro como manteiga. Pararam quando ouviram vozes. Um homem e uma mulher saíram do restaurante a rir-se, aos sussurros. As suas vozes diluíram-se na noite sedutora, onde os casais muitas vezes se enlaçavam em soleiras escuras de portas, sem serem vistos. Conseguiram ser tão silenciosos que nem sequer percebiam que estavam a passar por duas pessoas a fazer amor até que transpunham o vapor incendiado de vermelho do seu desejo. Ocasões houvera em que George e Eby se tinham sentido avassalados. Na primeira noite em Paris, Eby sentira alguma relutância quando George lhe pegara na mão, a levá-la para debaixo de uma ponte pedonal, a comprimí-la contra as pedras húmidas e a beijá-la ao mesmo tempo que lhe erguia punhados da saia. Mas depois percebera como se sentia livre ali e começara a pensar: *Isto*

sou eu. Este é o meu verdadeiro eu. C'est moi, sussurrara vezes sem conta.

E aquilo era verdadeiramente ela. Esta era a sua decisão, a sua felicidade. Casar com George não fora uma coisa que tivesse feito para ajudar a família. O dinheiro escapava-se por entre os dedos da sua família como água de nascente. Pareciam não conseguir agarrá-lo. E gerações de mulheres Morris tinham tentado com sinceridade apaixonar-se por homens ricos. A irmã de Eby, Marilee, constituíra uma genuína esperança para todos. Os homens ricos gostavam de mulheres belas e Marilee com certeza que pescaria um deles com o seu cabelo loiro, que brilhava como o fogo roubado pelo coelho, e os seus intensos olhos verdes. Mas mal Marilee pôs a vista em cima do rapaz que enchia o depósito de gasolina do carro da família ficou louca por ele. Para surpresa de toda a gente, fora Eby, alta e estranha, com feições irregulares, cujo único feito fora ser a primeira criança a ler todos os livros da biblioteca da escola, que acabara por casar rica. Os parentes Morris em cinco estados circundantes tinham assistido ao casamento, as mãos estendidas para o dinheiro, como se aquele triunfo lhes pertencesse. O que não pareciam entender era que Eby não o fazia por eles. Estivera apaixonada por George desde que eram crianças. Mas nem uma única alma acreditou nela.

George estava outra vez a falar de Amesterdão quando se aproximaram daquilo a que os parisienses chamavam a ponte do falso: corria o boato que os jovens amantes não a conseguiriam atravessar se o seu amor não fosse verdadeiro. Era a última ponte que cruzavam antes de avistarem o seu hotel. Eby quase que retrocedeu quando se avizinharam. Não queria voltar tão cedo para o hotel. Mas a ideia fê-la sorrir para si própria. Desde quando é que depois da meia-noite se tornara cedo? O que estava, na realidade, a evitar era o correio que estaria, de forma inevitável, à espera deles: mais cartas preocupadas da mãe, mais pedidos de empréstimos da parte de familiares, mais convites dos seus novos pares para festas e ingressos em clubes quando regressassem, mais bilhetes rabugentos da irmã, Marilee, a quem tudo isto devia ter acontecido e, porque não tinha, fervilhava como água no segundo antes de entrar em ebulição. Poderia até haver alguma mensagem telefónica que o dono do hotel considerava de má educação. A mãe de Eby não entendia. Era uma típica americana do

Sul cuja tábua de salvação era a linha telefónica, que usava com a maior frequência possível.

Em Amesterdão, levaria algum tempo até que as suas vidas antigas os alcançassem outra vez. Pelo menos aí teriam algumas semanas só para eles. Isso era bom.

Eby e George entraram na ponte. Os globos dos candeeiros antigos apareciam um de cada vez no nevoeiro, tornando-se gradualmente mais brilhantes à medida que eles se aproximavam e depois diminuía de luminosidade quando eles passavam, como se mãos invisíveis estivessem a ligá-los e a desligá-los.

Foi na escuridão entre as luzes, no centro da ponte, onde esta se arqueava como o dorso de um gato, que o nevoeiro pareceu mudar e ganhar forma. Um braço pálido surgiu e depois uma camisa de noite cinzenta, cuja bainha ondulava na brisa que vinha da água agitada lá em baixo. Encontravam-se apenas a alguns passos quando Eby percebeu que não era um fantasma, mas sim uma jovem adolescente, de pé no parapeito da ponte, os dedos dos pés descalços recurvados como garras na pedra fria e estreita.

Eby estacou, petrificada, fazendo George parar.

– O que se passa? – perguntou George e depois seguiu o olhar de Eby. – Meu Deus.

Durante vários momentos não se mexeram, com medo que qualquer perturbação no ar empurrasse a rapariga que oscilava pela borda fora.

Eby ouvira os boatos que falavam de pessoas de coração destroçado que se suicidavam naquela ponte, mas, como todos os boatos, até que se provassem eram apenas mitos. Sentiu de súbito o coração pesado. Havia tanta felicidade no mundo. Estava em toda a parte. Era gratuita. Eby nunca entendera por que razão algumas pessoas, como a sua família, por exemplo, se recusavam simplesmente a aproveitá-la.

A rapariga era linda, a pele como natas frescas e o cabelo comprido tão escuro que parecia sugar a cor a tudo o que o rodeava. Era baixa. As mulheres francesas pareciam ser todas criaturas de ossos pequenos, delicadas de uma forma que Eby nunca conseguiria ser.

A jovem não se virou. Eby questionou-se se ela saberia sequer que eles se encontravam ali. Estendeu lentamente uma mão trémula. Esticou-a o mais possível, mas ficava ainda a centímetros da rapariga. A felicidade

não era como eletricidade? Não éramos todos condutores? Se lhe conseguisse tocar, talvez a rapariga conseguisse senti-la.

– *S’il vous plaît* – disse Eby baixinho, a desejar saber mais algumas palavras em francês para dizer.

Estudara francês na escola de boas maneiras em Atlanta com a irmã, Marilee. A mãe hipotecara a casa para Marilee frequentar o Colégio Goddell para jovens finas na esperança que isso a colocasse depois no caminho de homens ricos. Eby fora também enviada na hipótese remota de um dos professores masculinos se interessar por ela e pela sua dedicação ao estudo e, pelo menos, casar com um homem que usasse gravata. Mrs. Goddell teria ficado horrorizada com o limitado francês que Eby recordava, embora fosse mais do que Marilee aprendera. Eby pelo menos sabia perguntar as horas e pedir um copo de vinho. Marilee tinha um dia surripiado o dicionário de Mrs. Goddell e aprendera tudo o que desejava aprender quando descobriu como se dizia «Beija-me, seu idiota».

– *S’il vous plaît* – repetiu Eby. – Por favor.

A rapariga virou lentamente a cabeça e o seu olhar recaiu sobre Eby. Os olhos eram escuros, como o cabelo, belos e emotivos, e deles gotejavam lágrimas que manchavam a parte da frente da camisa de dormir. Devia estar gelada naquela noite outonal, com o odor de fumo de lenha a fixar-se baixo no ar. A boca da rapariga moveu-se, formando palavras, mas não saiu nenhum som. Fez um aceno impaciente para Eby e George seguirem caminho.

– *S’il vous plait* – insistiu Eby.

– *Joie de vivre!* – exclamou de repente George em voz alta, a única expressão francesa que sabia e que aprendera num bar na primeira noite dos dois ali em Paris.

Era mesmo dele dizer aquilo numa altura como aquela. Era um homem caloroso, simpático. Era rico, mas essa riqueza fora adquirida recentemente e era sincero a esse respeito. Faltava-lhe a languidez natural que acompanhava as fortunas tradicionais de família, o tipo de postura que fazia com que os outros sentissem que estavam apenas a percorrer os sonhos dos ricos, mal existindo sequer. Todos gostavam de George. O seu riso era como um barril de uísque. As faces eram quase tão vermelhas como o cabelo. Bastava olhar para ele para perceber que a sua capacidade

de amar era tão grande como o mundo. Não teria a mínima hipótese com a família de Eby quando o casal regressasse.

Os olhos da rapariga desviaram-se para George, avaliando-o com rapidez e sorrindo apenas levemente. O seu olhar divergiu depois para a mão estendida de Eby, para a aliança de casada.

Acenou com a cabeça para ambos numa manifestação tácita de apreço e Eby sentiu uma onda de alívio.

Mas a seguir a rapariga virou-se outra vez calmamente para a água.

E saltou.

PARTE 1



1
Atlanta, Georgia
Atualidade

— **A** corda, Kate!
E, exatamente um ano depois do dia em que adormecera, Kate acordou por fim.

Abriu os olhos devagar e viu que uma traça cor de alfazema pálido viera pousar nas costas da sua mão. Observou-a da almofada, a pensar se seria real. Fazia-lhe lembrar a *T-shirt* favorita do marido, Matt, que escondera num saco de roupa para arranjar, incapaz de a deitar fora. A *T-shirt* tinha uma grande traça desbotada na parte da frente, o logótipo de uma banda de *covers* da cidade de Athens chamada os Mothballs.

Aquela *T-shirt*, aquela traça, desencadeava sempre uma recordação estranha do tempo em que era criança. Costumava desenhar tatuagens de borboletas nos braços com marcadores mágicos. Dava-lhes nomes, falava com elas, retocava-lhes as cores com cuidado quando começavam a desvanecer-se. Ao chegar a altura de quererem ser libertadas, soprava-lhes e elas ganhavam vida, descolavam da sua pele e voavam para longe.

Fora sempre um pouco diferente quando era pequena, aquela menina estranha que continuara com amigos imaginários bem depois da idade da maioria das crianças, a criança a quem as pessoas chamavam um *espírito livre* em jeito de consolo para os seus pais, como se, da mesma forma que um ceceio, ela fosse libertar-se daquilo quando crescesse. Porém, os pais não se haviam importado. Enquanto se tinham tido um ao outro, haviam permitido que Kate fosse tão livre quanto desejasse.

Kate pensou em soprar a traça cor de alfazema, para ver o que sucederia, mas, antes de o conseguir fazer, a sogra entrou no quarto com uma chávena de café e um «Bom dia!» enérgico. Ao olhar outra vez, a traça desaparecera. Soergueu-se quando Cricket abriu os cortinados e disse:

— Hoje é o grande dia. Vêm aí os homens das mudanças.

Kate sentiu um pânico vago, como se estivesse a espantar um pesadelo de que não se conseguia recordar na totalidade.

– Homens das mudanças?

Cricket estalou os dedos em frente do rosto de Kate ao mesmo tempo que lhe passava a chávena de café.

– Sim, homens das mudanças. Vais mudar hoje para a minha casa. Tomaste alguma coisa para te ajudar a dormir a noite passada?

Não sonhara com aquilo. Era real. Olhou para o lado esquerdo do colchão. Matt não se encontrava ali. Teria jurado que ouvira a voz dele.

– Não. Não tomo nada. Sabes isso.

– Estás rabugenta esta manhã – disse Cricket. – Ainda bem que cheguei aqui cedo. Já tratei de acordar Devin e fazer com que se vestisse e tomasse o pequeno-almoço.

– Devin está acordada? É o primeiro dia das férias de verão – retorquiu Kate. – Nunca se levanta tão cedo nas férias.

– Penso que é melhor que ela tenha horários. Será depois muito mais fácil voltar ao ritmo da escola no outono, não achas? Está no sótão. Tomas conta dela, sim?

Kate sentiu um calor estranho na nuca, uma coisa que não sentia já há algum tempo. Era quase exótico, como provar curcuma ou açafrão após um ano a comer doces. Havia ali qualquer coisa de picante.

Estava *irritada*.

Por fim, acordara e irritada. Claro que tomaria conta de Devin. No último ano fizera o jantar de Devin, assistira às peças da escola, acompanhara viagens de estudo e levara-a ao médico dos olhos. Andara num estado de sonambulismo, mas, de qualquer modo, fizera tudo aquilo. Cricket não tinha razão nenhuma para desconfiar da capacidade de Kate para cuidar como mãe da própria filha.

À exceção daquela vez.

Haveria sempre aquela vez.

– Está uma confusão lá em cima – comentou Cricket, matraqueando pelo quarto nos seus sapatos *Louboutin*, com o seu fato preto elegante e cabelo comprido sulista inalterável. Inspeccionou o roupeiro para ver se tinham ficado algumas roupas, para se certificar que Kate emalara tudo. – Pensei que te tinha dito para escolheres as coisas do sótão e colocares o que querias na sala. Caso contrário, vão ficar cá para os novos

proprietários resolverem o que lhes fazer. Se calhar é melhor não deixar Devin levar todas aquelas roupas velhas. Nunca mais a conseguiremos separar delas no outono. Esta manhã descobri o uniforme da escola no caixote do lixo!

Kate pousou a chávena de café no chão ao lado da cama. Todos os dias, durante um ano, Cricket aparecera para levar Devin para a sua escola nova e fazia sempre o café enquanto lá estava, um café horrível, preto como alcatrão, que Kate detestava. Já não o queria beber mais. Era uma coisa tão insignificante, pôr o café de parte e não o beber, mas, observando os olhos de Cricket a interiorizar o movimento, Kate sentiu uma pequena onda de excitação devido a este seu primeiro e verdadeiro ato de rebeldia desde que fora dormir há um ano.

– Disse-lhe sempre que podia usar o que quisesse no verão.

– Ambas sabemos que não é boa ideia, sobretudo agora que vai mudar-se para o meu bairro.

– Matt concordava comigo – acrescentou Kate, o nome dele pouco familiar agora na sua língua, e foi como se dissesse qualquer coisa horrível, uma maldição.

Cricket afastou-se à menção do nome do filho. Não gostava de falar dele. Nunca. Estava a guardá-lo dentro dela, cativo dentro da sua caixa torácica, não querendo partilhar a sua dor com mais ninguém. Nem sequer com Kate, que desejava tanto descobrir pedaços do afeto por Matt na mãe dele, para se sentir, de algum modo, consolada.

– Deixaste-a fazer demasiadas coisas ao longo dos anos. Vais levantar-te agora, não vais? Porque os homens das mudanças chegarão ao meio-dia. Devo conseguir sair do trabalho por volta das três. Sabes que ficava cá para ajudar se não fosse por causa daquele grande negócio hoje. Vemo-nos na minha casa esta tarde. Tudo deverá correr sobre rodas. Deixei uma lista. Vais levantar-te agora, não vais? – perguntou de novo.

Kate levantou-se devagar, como se experimentasse o seu equilíbrio. Sentia-se estranha. Tinha os músculos fracos.

Cricket virou-se na entrada da porta e fitou Kate. Ela não fazia ideia do que ela estaria a pensar. Nunca fazia. Era tão ilegível como uma língua perdida.

– Estás entusiasmada por vires trabalhar no meu escritório? Amanhã podemos ir cortar o teu cabelo. Gostavas?

Kate levou a mão ao cabelo e sentiu um ano de crescimento irregular a emoldurar-lhe o rosto.

Fora exatamente há um ano que pegara na tesoura na casa de banho onde se trancara depois do funeral de Matt. Fitara-a, o aço inoxidável a cintilar à luz do sol do meio-dia e pensara coisas que não soubera ser capaz de pensar, coisas sombrias, imperdoáveis. Mas, quando erguera a tesoura, descarregara a sua dor e frustração no comprido cabelo castanho. A cada tesourada, tinham caído pedaços de cabelo e vira-os transformarem-se em pássaros minúsculos que grasnavam e voavam à sua volta, enxameando num círculo pesado.

Matt adorara o seu cabelo e ela usara-o comprido só para ele. Kate aguardava sempre com expectativa as ocasiões em que, quando fazia a contabilidade na loja, Matt passava por acaso por ela e puxava o lápis que lhe prendia o cabelo só para o ver deslizar em cascata pelas suas costas. Quando faziam amor, ele gostava que ela estivesse por cima, com o cabelo a cair à volta dele, colando-se-lhe à pele.

Horas depois, Cricket encontrara-a no chão da casa de banho. Cricket ajoelhara-se de surpresa e Kate chorara, agarrando-se a ela com tanta força que tinha a certeza que deixara nódoas negras. Cricket ajudara Kate a limpar os sítios onde ferira o couro cabeludo e aparara o que conseguira para Devin não ficar assustada. Depois, em frente de Devin, atenuara o impacto dizendo-lhe que Kate precisava de um corte de cabelo que fosse mais fácil de cuidar.

Fora o último dia em que estivera acordada.

Até agora.

Cricket estava à espera que ela respondesse.

– Sim – disse Kate. – Obrigada, Cricket. Por tudo.

– Até logo – retorquiu ela, virando-se para sair. – Tenho grandes planos para te contar.

Kate escutou o som dos saltos de Cricket a percorrer o corredor.

A porta da frente a abrir-se e a fechar-se.

O barulho do carro de Cricket a arrancar.

Apressou-se então a sair do quarto, a tentar afastar o sono e a desorientação. *Meu Deus*, pensou, *isto está mesmo a acontecer*. Dirigiu-se ao *closet* ao fundo do corredor, onde as escadas articuladas já tinham sido puxadas do teto.

Subiu os degraus e emergiu para a luz da única janela no sótão. Grãos de poeira flutuaram à sua volta como cinza. A filha de oito anos cantarolava entre dentes enquanto escarafunchava nos resíduos de uma grande arca preta cujas dobradiças estavam vermelhas de ferrugem e que tinha a palavra MARILEE estampada a dourado na tampa.

Devin crescera no ano em que Kate estivera adormecida, crescera de formas que só agora percebia. O rosto estava mais cheio, as pernas mais compridas. Apeteceu-lhe correr para a abraçar, mas Devin pensaria que ela estava maluca. Ela vira Kate na noite anterior, quando esta a fora aconchegar à cama. Para Devin não passara um ano. Não sabia que Kate estivera adormecida todo aquele tempo.

Por isso Kate ficou ali parada e deleitou-se a vê-la. Era a criatura mais deslumbrante e única que Kate conhecia. Saíra do seu ventre já uma pessoa, recusando ser definida por alguém. Nem sequer se parecia com ninguém dos dois lados da família. A família de Matt tinha muito orgulho nos seus cabelos escuros, um preto-azulado que fora invejado por gerações, pela forma como refletia o sol, como a teia de uma aranha. Da parte da família de Kate, existia um gene que lhes dava uns olhos tão verdes que levavam as pessoas a pensar que mesmo a mulher Morris menos atraente era bonita. E, contudo, aqui estava Devin, com um cabelo loiro pálido e olhos azul-claros, sendo o esquerdo um olho preguiçoso. Tivera de usar uma pala aos três anos. E adorara. Adorava o seu cabelo loiro cheio de nós. Adorava usar riscas com bolinhas, tutus e meias verdes e cor-de-rosa com sapatos de pele cor de laranja. Devin não se ralava nada com o que as outras pessoas pensavam dela.

E isso enlouquecia Cricket.

Como deixara Kate aquilo acontecer? Como chegara ao ponto de estar lentamente a delegar na pessoa que queria mudar a sua filha, transformar a coisa gloriosa que ela era? Aquilo que Kate costumava ser, o que costumava *orgulhar-se* tanto de ser? Engoliu em seco antes de sentir que tinha voz para dizer:

– Olá, miúda. O que estás a fazer?

Devin olhou por cima do ombro com um sorriso.

– Mamã! Olha. Este é o meu preferido – disse, puxando um vestido cor-de-rosa desbotado com uma faixa xadrez vermelha. O saiote de crinolina por baixo era tão velho e teso que estalava como contas de colar ou brasas

na lareira. Passou o vestido por cima da cabeça, por cima das suas roupas. Roçou pelo chão. – Quando for mais velha e me servir, vou usá-lo com sapatos roxos.

– Uma escolha arrojada – retorquiu Kate enquanto Devin mergulhava de novo na arca.

O sótão na casa da mãe de Kate sempre fascinara Devin com a sua promessa de tesouros escondidos. Quando a mãe de Kate ainda era viva, deixara Devin comer tabletes de chocolate *Baby Ruth*, beber refrigerante de uva e brincar com aquela arca velha cheia de vestidos que gerações de mulheres Morris tinham usado para aliciar homens ricos a casar com elas. A maioria das roupas pertencera à avó de Kate, Marilee, uma beldade famosa que, como todas as restantes, se apaixonara por um homem pobre.

– Quem é Eby Pim? – perguntou Devin de repente.

– Eby?

Kate aproximou-se de Devin, com passos comedidos, a tentar não parecer demasiado ansiosa. Devin entrara para dentro da grande arca. A única parte visível era a boina verde antiga que agora usava. A boina tinha uma pena comprida impressionante e, quando Devin mexia a cabeça, a pena escrevia letras invisíveis no ar. Kate sentou-se no chão ao lado da arca, o mais perto possível.

– Eby era a irmã da minha avó Marilee. A minha tia-avó. A tua tia-bisavó. Só estive com ela uma vez, mas achei que era maravilhosa. Diferente. Um pouco escandalosa.

– O que fez ela?

– Eby casou com um homem com dinheiro e a família dela estava à espera que ela partilhasse todo aquele dinheiro com eles – respondeu Kate.

– Mas, quando voltaram da lua de mel, Eby e o marido decidiram de súbito desfazer-se de todo o seu dinheiro. Venderam a casa em Atlanta e compraram uma propriedade pantanosa mais para sul. Ninguém os viu durante anos e anos. Eu tinha doze anos quando a conheci. A minha mãe, o meu pai e eu fomos visitar Eby quando o marido dela morreu. Havia lá um lago mágico e eles alugavam as cabanas à volta do lago. Creio que foi talvez o melhor verão que já tive.

– Podemos lá ir?

A voz que saiu da arca era fininha. Kate fechou os olhos, emocionada.

– Não sei se ainda existe. Foi há muito tempo. O que te levou a fazer perguntas sobre Eby? – inquiriu Kate. – Há aí alguma coisa dela?

A mão de Devin apareceu de dentro da arca, a segurar um postal antigo.

– Só este postal. É para ti.

Kate pegou nele. De um dos lados viam-se as palavras destacadas à moda antiga LAGO PERDIDO, todas as letras suficientemente grandes para lá caber uma imagem do lago.

Kate virou o postal. Tinha um carimbo de correio de há quinze anos atrás, a última vez que vira Eby.

Kate, sei que te divertiste aqui e que não querias ir embora. És sempre bem-vinda em qualquer altura que queiras voltar. Queria que soubesses isso. Beijos, Eby Pim

Era a primeira vez que Kate via aquilo. A mãe nunca lhe dera o postal. Sabia que a mãe e Eby tinham tido um desentendimento qualquer nesse verão, mas não soubera que Eby tentara contactá-la.

Devin saiu da arca e começou a pôr de novo os vestidos lá dentro. Alguns eram tão antigos que a luz brilhava através deles como se fossem roupas fantasmas.

– Podemos levar esta arca quando formos para casa da avó Cricket? – perguntou Devin, despindo o vestido e o chapéu que usava. Colocou-os dentro da arca e depois, devagar, fechou a tampa e trancou-a.

Kate percebeu que Cricket já dissera que não a Devin. E as coisas deviam ficar por ali. A sogra estava a ter imenso trabalho e despesas para mudar Kate e Devin para a sua casa em Buckhead. Há um ano, depois de Matt ter sido colhido e morto quando regressava a casa de bicicleta do trabalho, Cricket aparecera e começara de repente a fazer parte das suas vidas como nunca acontecera enquanto Matt fora vivo. E, estando a dormir, Kate tornara as coisas muito fáceis para ela. Não podia competir com o dinheiro de Cricket, nem agora, com o produto da venda daquela casa e da loja de bicicletas de Matt na sua conta bancária; vendas que tinham sido orientadas por Cricket, que negociara os acordos de forma tão hábil que era quase como se tivesse enfeitado os compradores. Nos recessos da mente de Kate acoitava-se um temor muito real e persistente de que Cricket podia levar Devin, se realmente quisesse. Teria sempre

aquele incidente com a tesoura como ascendente. Kate podia-se considerar afortunada por Cricket a levar junto com Devin, por Cricket lhe ir dar um emprego a atender os telefones na sua agência imobiliária. Devia estar agradecida por Cricket lhes ir ceder todo o terceiro piso da sua casa, onde podia entrar e vigiá-las a qualquer hora que lhe apetecesse em vez de vir ali todos os dias para o fazer.

– Claro que podemos levar a arca – respondeu Kate, enfiando o postal no bolso do peito da sua camisa de noite amarrotada. – Podemos levar tudo o que quiseres. Ajuda-me a carregá-la lá para baixo.

Não era pesada. Mas, quando deslizou pelas escadas articuladas, abriu um pequeno entalhe no chão.

Puxaram a arca para a sala de estar, que estava cheia de caixas, malas e alguma da melhor mobília.

Kate viu a lista de Cricket colada à caixa vertical com as roupas de Kate penduradas lá dentro. Nem sequer lançou uma olhadela ao bilhete quando se apressaram a colocar a arca no meio da sala. Mesmo que ainda estivesse a dormir, podia ter feito aquilo sem consultar a lista de Cricket. Era uma mudança, não ciência aeroespacial.

Não sabia o que estava lá escrito:

1. Os homens das mudanças chegam ao meio-dia. Não vás com eles. Não deixes Devin ir com eles.
2. Espera exatamente trinta minutos. Depois vai no teu carro até minha casa. Não vistas nada muito elegante, nem ponhas maquilhagem. Poderá ajudar se tiveres um ar um pouco triste. Quero que Devin use tal e qual o que tem vestido.
3. Isto é muito importante. Haverá uma equipa de filmagem à espera na minha casa. Querem registar o teu primeiro dia quando te mudares. Age de forma natural. Não queriam que te dissesse, para parecer genuíno, mas tive receio que pudesses fazer outra coisa qualquer e não seguisses o programa se não soubesses. Isto é muito importante! Explico tudo quando cá chegares.

Cricket Pheris geria tudo ao pormenor. Por mais famosa que fosse a nível local, não havia muitas pessoas que soubessem desse facto. Construíra a sua carreira baseada na sua pretensa capacidade para seguir a corrente, para resistir a qualquer tempestade. A verdade era que Cricket não resistia a nada. *Controlava* tempestades. E isso dera-lhe uma reputação de pessoa discreta e influente, do género que coroa reis. Era a combinação perfeita de bom gosto e ambição política, mas sempre que a abordavam para se candidatar a um cargo público, recusava com delicadeza, preferindo continuar nos bastidores. Era conhecida por aumentar as percentagens de qualquer candidato só pelo facto de colocar o cartaz da campanha no mesmo relvado da placa da sua agência imobiliária. E tudo porque, há quinze anos, depois de o marido morrer, Cricket transformara sozinha a sua agência imobiliária na maior do estado, com uma série de anúncios de enorme sucesso que tinham até granjeado atenção a nível nacional. Os anúncios relatavam a venda da casa onde Cricket, o marido e o filho, Matt, tinham vivido juntos e a busca de uma nova casa só para Cricket e Matt. *Sabemos o que é mudar*. Fora essa a frase que rematara todos os anúncios. Cricket dera a impressão de ser simpática e competente, mas também sensível e desolada. Mas fora Matt que conquistara as audiências. Era uma criança bonita com um rosto notável que fora feito para televisão: pele cor de pêssego e grandes olhos castanhos tristes. Tinha havido nele alguma coisa que fizera com que toda a gente que o via torcesse por ele. Toda a gente quisera que ele encontrasse a sua casa.

Mais tarde, Matt contara a Kate que detestara esses anúncios. Cricket pensara-os com todos os pormenores. Faziam com que mãe e filho parecessem chegados, mas Cricket trabalhara quinze horas por dia e Matt, no essencial, crescera sem ela.

Quando Kate conhecera Matt, eram os dois caloiros na universidade Emory. Ela estivera quase a chumbar. Não fizera amigos com facilidade e passara a maior parte do tempo nas aulas a olhar lá para fora pelas janelas a imaginar-se nalgum lugar longínquo. Tornara-se tão boa naquilo que conseguia mesmo amolecer ao toque e ficar tão leve como uma pena ali sentada; e bastaria uma boa lufada de ar para a mandar dali para fora.

Não o soubera na altura, mas Matt observara-a a sonhar acordada nas aulas. Fora a primeira coisa em que reparara, a primeira coisa que o atraíra

nela. Ela quisera desaparecer quase tanto como ele. Claro que soubera quem ele era. Mas nunca sonhara que pudesse prender-lhe a atenção. Crescera a ver aqueles anúncios. Tal como toda a gente na área da grande Atlanta, quisera que esse miúdo lindo e cativante descobrisse a casa certa.

Kate e Matt tinham apenas dezanove anos quando Kate engravidara e Cricket ficara tão transtornada com o filho por desistir da faculdade e casar com Kate, que acreditava provir de uma família de manifestas mulheres interesseiras, que recusou falar com ele e cessou todo o apoio financeiro. Cricket tinha grandes planos para Matt. Se sempre apoiava um vencedor, imagine-se o que poderia ter feito se o filho entrasse para a política. Aquele *rosto*. Ele tinha aquele rosto perfeito.

Mas Matt não estava nada interessado em candidatar-se a cargos públicos. Era tímido e não se sentia à vontade com as pessoas. Depois de casarem, Kate e Matt tinham-se mudado para casa da mãe de Kate, para aquela casa, porque a mãe de Kate ficara convencida que, com o passar do tempo, Cricket perdoaria a Matt e então todo aquele dinheiro seria de Matt e de Kate que o partilhariam com ela. Cricket estivera enganada em relação a uma série de coisas, mas a obsessão da mãe de Kate com o dinheiro não fora uma delas.

A mãe de Kate morrera de uma trombose repentina havia dois anos, nunca tendo visto realizados os seus sonhos de riqueza para a filha. Foi então que Cricket começou as suas tentativas hesitantes para se reconciliar com o filho, mas era demasiado tarde. Matt cortara laços com ela e não queria restabelecê-los.

Kate e Matt tinham passado vários anos ali, naquela pequena casa, haviam educado Devin e iniciado o negócio da loja de bicicletas chamada Pheris Wheels, com o pequeno fundo que Matt recebera do pai. Aquela era a vida que Matt escolhera, a que o aproximara mais de se sentir realizado, a fazer o que queria numa existência anónima que considerava boémia. Simples classe média tradicional para o resto do mundo. Mas, olhando para os seus pertences, Kate percebeu que não havia nada de Matt ali. A mobília fora toda da mãe dela. Ele mudara para o mundo dela, tornando-se parte integrante dele, mas não acrescentara nada de si.

Kate sentou-se em cima da arca e Devin soergueu-se e sentou-se ao lado dela.

– Vai correr tudo bem – disse Kate. – Sabes isso, não sabes?

Devin assentiu, tirou os óculos pretos, de que Cricket gostava, e limpou-os na *T-shirt J. Crew* que Cricket escolhera para ela vestir.

– Vou falar com Cricket sobre as tuas roupas. Eu e o teu pai sempre dissemos que podias vestir o que quisesse nas férias de verão. Cricket vai ter simplesmente de aceitar isso.

– E a escola? – perguntou Devin.

Era um assunto familiar. Devin detestava o seu uniforme da escola. A ideia de ter de vestir uniforme ofendia-a. Mas, no ano em que estivera adormecida, Kate concordara em deixar Cricket matricular Devin no mesmo colégio particular em que Matt andara.

– A escola exige um uniforme, sabes isso.

– Não posso voltar para a minha escola antiga?

Kate hesitou.

– Vou falar com Cricket. Mas é uma boa escola. E o teu pai andou lá.

Passou o braço pelos ombros de Devin e o movimento chamou-lhe a atenção para o postal no bolso do peito. Tirou-o e Devin e ela fitaram-no como se nele se pudessem formar palavras novas, adivinhando-lhes o destino. A mãe de Kate não lho mostrara por razões que Kate poderia nunca vir a conhecer. Quando olhou para o postal, teve aquela mesma pequena sensação de rebeldia que sentira quando, anteriormente, pusera de lado o café de Cricket. A mãe não quisera que ela tivesse contactos com Eby. A mãe não quisera que regressasse ao Lago Perdido.

Só isso constituía razão suficiente para ir.

Escapar.

A palavra surgiu-lhe na mente antes de a poder travar.

– Sabes – disse –, o Lago Perdido fica só a três ou quatro horas de distância. Pelo menos, ficava.

Devin levantou os olhos para ela, devagar, desconfiada, como se houvesse alguma trapaça em marcha. Kate quase se riu.

– Pode estar fechado. Eby pode já lá não estar. Mas podíamos ir ver. Só tu e eu. – Kate deu-lhe uma cotovelada. – O que dizes? Não temos de estar aqui quando todas estas coisas forem mudadas.

– Como umas férias?

– Não sei como será – retorquiu Kate com franqueza. – Se não houver lá nada, bem, damos a volta e regressamos à nossa nova casa. Mas, se ainda

lá estiver, talvez possamos passar lá a noite. Talvez umas duas noites. Só vamos ficar a saber quando lá chegarmos.

– Temos de pedir à avó Cricket?

– Não. Isto é entre nós. Vai trocar essas roupas e veste o que quiseres. Pomos algumas coisas no carro e vamos andando.

Devin precipitou-se pelo corredor, mas depois parou, voltou para trás a correr e abraçou Kate.

– Tive saudades tuas – disse e largou outra vez a correr, deixando Kate ali parada, em choque.

Kate pensava que ninguém sabia.

Mas Devin sabia.

Sabia que Kate estivera adormecida todo aquele tempo.

Lago Perdido
Suley, Georgia
Um dia antes

Todos os anos, desde que o marido, George, morrera, o homem gordo com pele esticada e cabelo postiço aparecia no primeiro dia de verão e oferecia-se para comprar o Lago Perdido a Eby. Içava-se detrás do volante do seu *Mercedes*, algo que lhe parecia exigir cada vez mais esforço com o passar do tempo, e fitava o lago, os pensamentos gananciosos a cortarem árvores e a construírem casas luxuosas viradas para a água. Eby via-lhe os dedos crisparem-se e os joelhos abanarem e alturas havia em que conseguia mesmo sentir a terra a começar a tremer, como se a força pura da vontade dele fosse modificar a propriedade mesmo à frente dos seus olhos.

Quando o homem acabava de mirar a paisagem, Eby convidava-o sempre a entrar e oferecia-lhe chá de menta gelado e bolachas de manteiga, as que Lisette fazia e que pareciam botões grandes de camisa. Uma coisa especial para suavizar o seu desapontamento, porque Eby dizia sempre que não. Ele não estava habituado a que as pessoas dissessem que não e Eby sentia pena dele, como sentia sempre pena dos que tinham tudo e que achavam que ainda não era o suficiente.

Porém, este ano Eby não lhe ofereceu nada para beber.

Quando ele se foi embora ao final da manhã, Eby levou a mão ao peito, onde havia uma sensação de asas minúsculas a baterem mesmo debaixo da pele. Fizera-o. Concordara por fim em vender-lhe a propriedade. Nunca se sentira desta forma antes. Tinha em geral tanta certeza das coisas. Agora, sentia-se... ansiosa. Quando o carro dele desapareceu por entre as árvores, desviou a vista para a paisagem de postal do lago meio pantanoso à sua frente, flanqueado por ciprestes e pinheiros *pinus taeda*, uma zona tão sossegada e afastada que conseguia ouvir a água a bater suavemente no embarcadouro envelhecido.

Esta velha estância de cabanas que ela e o marido tinham comprado depois da lua de mel estava a entrar lentamente em declínio. O dinheiro era escasso e havia sempre uma cabana a precisar de reparações. Ainda mais preocupante, pela primeira vez desde que tinham comprado o sítio, não houvera um único hóspede durante o inverno. Tinha tido sempre reservas para o inverno. Como estava muito perto da fronteira com a Florida, as pessoas do Norte costumavam afluir em massa, com os gorros de lã ainda nas cabeças e o sal das ruas ainda colado aos pneus. Mas os clientes habituais tinham envelhecido como tudo o resto. Muitos deles já haviam falecido. Alguns já não conseguiam guiar. Outros tinham simplesmente começado a gostar dos seus cadeirões confortáveis junto a janelas quentes e não queriam sair de casa.

Aquela era a decisão acertada. Tinha de ser.

Uma mulher pequena e bonita na casa dos sessenta veio juntar-se a Eby na soleira da porta da casa principal, uma estrutura de ripas de dois pisos, com um telhado que deixava entrar água, corredores que não conduziam a lado nenhum e escadas que se estreitavam quando se chegava ao topo, como na casinha de brinquedo de uma criança. A casa velha e as cabanas para alugar tinham vindo com o lago e uma das razões principais para Eby e George terem comprado o sítio era porque houvera imensa coisa para fazer. Na altura tinha sido uma metáfora apropriada: reparar, reconstruir, reinventar.

Eby sentia a fúria de Lisette como uma explosão de calor. A sua força fazia o cabelo fino e grisalho à volta do rosto de Eby mexer-se, como se por ação do vento. Suspirou. Lisette devia ter sabido que isto ia acontecer, mais cedo ou mais tarde, mas Eby percebia que, de qualquer modo, ela ia criar dificuldades.

Lisette abriu o pequeno bloco de notas que trazia ao pescoço preso a um cordel de talhante. Escreveu qualquer coisa e depois mostrou-o a Eby: *Devas ter trocado impressões comigo sobre isto! Há quanto tempo estás a planear vender? Porque não me contaste?*

– Não podes estar assim tão surpreendida, Lisette. Não depois do inverno que tivemos. E tenho estado a pensar viajar outra vez. Sabes isso – disse Eby.

Nos últimos tempos, tinha andado a sonhar com a Europa, com Paris e as suas ruas escuras. Nos seus sonhos, perdera George, mas seguia um

grande gato laranja com um só olho que a levava até ele. George estava à sua espera na próxima esquina. Sempre na próxima esquina.

– E se regressarmos a Paris? Não ia ser bom? – perguntou Eby, a tentar fazer com que a sua decisão parecesse uma aventura. – A tua mãe tem quase noventa anos. Devias vê-la de novo. Fazer as pazes com ela.

Lisette era e sempre fora tão combustível como um fósforo por acender. Eby em geral sabia como dar a volta às suas invetivas, acalmá-la antes que tivesse tempo de ficar exasperada. Mas mencionar a mãe de Lisette, percebeu Eby tardiamente, fora uma má ideia.

Não quero viajar. E NÃO quero voltar a Paris. Lisette sublinhou duas vezes a palavra *NÃO*. *Quero ficar. Isso não interessa?*

– Claro que interessa – respondeu Eby com calma. Sentiu outra vez aquela agitação por baixo da pele e queria tocar-lhe, mas não ousou, não em frente de Lisette. – Talvez o novo empreendimento vá ter uma *club house* com um restaurante. Talvez possas ficar responsável pela cozinha. Ou talvez possas comprar uma casa no lago, quando as construírem.

Lisette fitou-a durante longos momentos antes de escrever: *Não vais estar cá?*

– Não.

Mas tu também não queres deixar o lago! Esta é a nossa casa!

Eby recuou e fechou a porta da frente antes que mais ar condicionado frio pudesse escapar. A conta da eletricidade já era bem grande. A moldura da porta estava inchada e teve de empurrar a porta com o ombro para a fechar.

– Claro que não quero ir-me embora. Mas não posso simplesmente ver este sítio desaparecer, como quase toda a gente que costumava vir aqui desapareceu. Está a cair aos pedaços e não consigo salvá-lo. É melhor partir agora, antes de perdemos tudo e sermos forçadas a sair. É melhor ir quando ainda existe uma *opção*.

A tua opção. Não a minha, escreveu Lisette. Depois de mostrar a Eby, rasgou as folhas do bloco de notas e colocou os pequenos pedaços de papel no bolso. Mais tarde, sem dúvida que os queimaria no fogão ou rasgá-los-ia e atirá-los-ia para o lago. Lisette considerava as palavras escritas coisas perigosas.

Lisette nascera com a incapacidade de falar, mas fora muito ousada com palavras escritas enquanto criança, substituindo uma língua afiada por

uma caneta venenosa. Culpava-se pelo suicídio de um apaixonado quando tinha apenas dezasseis anos, depois de lhe ter passado um bilhete durante um jantar romântico, dizendo-lhe que era demasiado boa para ele e que nunca o amaria. No dia seguinte, soubera que ele se enforcara no apartamento dos pais. Chocada com o seu próprio poder, que até ao momento fora apenas o de ferir sentimentos, não pôr fim a vidas, o sentimento de culpa de Lisette levava-a à ponte em Paris naquela noite fatídica há cinquenta anos onde pretendia matar-se. Pensara ser a única forma de extinguir esse poder monstruoso que possuía. Para almas teimosas como Lisette, a morte era mais fácil do que a coragem necessária para mudar de vida.

Quando Eby vira Lisette saltar da ponte, alguma grande força impelira-a a entrar em ação. Lembrava-se de correr para o final da ponte e deslizar pela margem para a água fria, gritar para Lisette dizer alguma coisa, qualquer coisa que lhe mostrasse onde ela se encontrava no nevoeiro. A corrente juntara-as na escuridão e tinha havido uma sensação pavorosa de flutuar em gelatina quando Eby procurara algum ponto de apoio, a mão a descobrir por milagre o cabelo comprido de Lisette, como um emaranhado de algas frias. Agarrara os cabelos e puxara-lhe a cabeça para cima e aí Lisette cuspira e arranhara Eby, obviamente sem saber o que estava a suceder. Eby aguentara-a e não a deixara escapar, mas tinham ficado ambas indefesas contra a corrente. Eby recordava-se de pensar que tudo o que tinham de fazer era agarrarem-se uma à outra. Tudo ficaria bem se se agarrassem apenas uma à outra.

De facto, saídos de nenhures, dois grandes braços tinham-nas apanhado e puxado com tanta força que houve mesmo um som de sucção. A água não as quisera largar e resistira. Mas George vencera. Puxara-as para a margem e ficara ali, incrédulo, por cima delas, a pingar.

As pessoas que passavam na rua naquela noite em Paris tinham ouvido o alvoroço, tinham vindo ajudar e haviam conduzido George, Eby e Lisette ao restaurante por onde tinham passado anteriormente, onde lhes deram cobertores puídos e copos de vinho do porto. Aí conheciam Lisette, era a filha do dono, e este tipo de comportamento, ao que parecia, não era invulgar. De facto, ninguém parecia particularmente preocupado. Alguns clientes nem sequer tinham levantado os olhos das suas refeições tardias.

Eby estivera demasiado exausta para discutir com George quando ele insistira que regressassem ao hotel, prometendo que viriam ver se estava tudo bem com a rapariga no dia seguinte. Afinal não fora preciso. Lisette tinha-os seguido e dormira na escadaria do hotel nessa noite. Seguiu-os para todo o lado depois disso, tão calada e delgada como uma sombra, arranjando um quarto no hotel deles, mais tarde seguindo-os para Amesterdão e depois, por fim, no regresso aos Estados Unidos.

Lisette acabara por se revelar a melhor amiga que Eby já tivera, aquela coisa que nem soubera que precisava quando pensava precisar apenas de George. Tinham-se salvo uma à outra tantas vezes ao longo dos anos que acabaram por perder a conta.

Eby virou-se.

– Preciso de cancelar as reservas do verão. Todas as três.

Lisette seguiu Eby até ao balcão da receção no vestíbulo, a escrever com fúria qualquer coisa no seu bloco de notas enquanto andava. Eby sentou-se atrás do balcão e Lisette rasgou o bilhete e bateu com ele no tempo da mesa. Eby pegou no papel e leu.

Não vou. Acorrento-me a uma árvore. Não vão conseguir que eu parta. Vai tu. Faz o que quiseres. Deixa-me cá para ser espalmada por um buldózer. Deixa-me cá para morrer.

Eby empurrou o bilhete para Lisette.

– Espalmada por um buldózer? Tão pouco romântico. Vais ter de arranjar uma coisa melhor do que isso. Saltaste de uma ponte no meio de Paris. Vai ser difícil suplantar isso.

Lisette arrancou-lhe o bilhete e dirigiu-se para a cozinha a bater os pés.

– Vai correr tudo bem – disse Eby em voz alta. Ouviu o ruído da palma da mão de Lisette na porta giratória. – Prometo.

Eby preocupava-se com Lisette. Se calhar, demasiado. Mas Lisette não tinha mais ninguém para se preocupar com ela. A única diferença verdadeira entre as duas era que Eby tinha as suas recordações de George, recordações que lhe lembrariam sempre que merecia ser amada. Mas Lisette tinha apenas a recordação de um rapaz de dezasseis anos que se suicidara por causa dela. Lisette afastara toda a gente da sua vida à exceção de Eby. Não tinha mais ninguém na sua vida, passada ou presente, que a tivesse amado de forma inabalável, acontecesse o que

acontecesse, e era por isso que a ideia de perder este lugar a assustava. A recordação de toda a gente que amara Lisette estava ali.

Foi aí que lhe ocorreu.

Jack.

Ah-ah.

Esperançada, Eby pegou no telefone.

Sabia o que estava a fazer. Estava a concentrar-se em Lisette em vez de refletir nesta tremenda decisão alteradora da sua vida que acabara de tomar. Mas tudo bem. Gostava de ser necessária. Já há anos que não se sentia realmente útil.

E se se mantivesse bastante ocupada, talvez conseguisse ignorar a agitação estranha e ansiosa sob a sua pele e o formigueiro nos dedos onde apertara a mão do homem.

Então tudo isto terminaria antes de se dar sequer conta disso.

No dia seguinte, Eby pensou em tornar-se produtiva e começar a verificar as coisas que precisavam de ser empacotadas. Tinha grandes planos para encontrar a sua prancheta e catalogar tudo. Talvez até tirar fotografias. Mas depressa se sentiu soterrada quando percebeu quantas coisas existiam. Tinha de esquecer a catalogação. Onde ia *colocar* aquilo tudo? Começou a procurar armazéns na fina lista telefónica da vila de Suley. Mas depois pensou que teria de ter alguém para mudar todas aquelas coisas, coisas de que não se conseguiria separar, muitas delas compradas na sua lua de mel. Assim, mudou de agulha e procurou empresas de mudanças. A seguir pôs-se a pensar que, se ia contratar uma empresa de mudanças, por que razão não comprava uma casa para onde mudar e evitava ter de mudar tudo duas vezes? Mas o único sítio ali perto que era suficientemente grande para armazenar tudo o que tinha – recordações que enchiam uma casa e treze cabanas – era a velha propriedade Rue-McRae na vila, que fora transformada num centro de visitantes há anos. Pormenorizava a história dos colonos da vila para quem estivesse interessado, um grupo de pessoas turbulentas do pântano, a maioria deslocadas de Okefenokee nos últimas várias centenas de anos. Não podendo contar com a propriedade Rue-McRae, seriam precisas várias casas de tamanho normal para albergar toda a mobília. E não se podia dar

ao luxo de comprar várias casas. Vender os terrenos do lago daria para liquidar a sua primeira e segunda hipotecas. Mas depois, comprar nem que fosse apenas uma casa deixá-la-ia sem dinheiro nenhum para viajar.

Isso fê-la pensar em Lisette, que tinha andado às voltas na cozinha nas últimas vinte e quatro horas. Naquele momento, o odor de massa a crescer e bagas quentes estava a ser sugado pela velha unidade de ar condicionado e a espalhar-se pela casa principal. Aquilo era a rebeldia de Lisette. Estava a cozinhar para hóspedes que não vinham. Era como se nada de mal pudesse acontecer se continuasse simplesmente a trabalhar. Como uma roda em movimento, parecia pensar que ninguém a podia parar, ou obrigá-la a ir-se embora, desde que começasse.

Eby desistiu de planear por enquanto a sua partida e sentou-se ao balcão da receção com umas palavras cruzadas. Não conseguia fazer aquilo sozinha. Lisette ia ter de a ajudar. Esperaria apenas que aquele ataque de fúria passasse.

O ar condicionado desligou-se. A casa assinalou-o e apaziguou-se. Eby suspirou, pôs as palavras cruzadas de lado e arrastou a cadeira mesmo para a ponta do balcão, onde se podia inclinar para trás e ver um canto da janela da sala de estar. Fazia aquilo muitas vezes para contemplar um canto tranquilo do lago. Até havia riscos no chão assinalando anos a puxar a cadeira para o seu local de devaneio.

Ia ter saudades do seu local de devaneio.

Desistir, há cinquenta anos, do dinheiro que George herdara fora a melhor coisa que George e ela tinham feito. Mas, por mais jovens e idealistas que tivessem sido, Eby ainda assim desejava que tivessem acumulado algum dinheiro para alturas como aquela.

Alturas como aquela? Abanou a cabeça. Nunca, nem nos seus sonhos mais loucos, se imaginara, aos setenta e seis anos, forçada a vender o Lago Perdido.

Setenta e seis.

Meu Deus, como acontecera? Ainda ontem tinha vinte e quatro anos e fazia amor debaixo de uma ponte em Paris.

De repente, a porta da frente abriu-se de rompante e duas mulheres mais velhas entraram numa lufada de creme de rosas e linimento. Eby sobressaltou-se e as pernas dianteiras da sua cadeira bateram no chão.

– Estás a ver? Ainda cá está – disse a mulher do cabelo ruivo brilhante. Tinha maquilhagem incrustada nas rugas finas em redor dos olhos e usava um vestido estampado com cerejas e sapatos vermelhos de saltos muito altos. Ajudava uma minúscula velhinha a passar a porta. – Ela disse que ia *vender*, não que *tinha desaparecido*. Podemos ir embora agora?

– Não – retorquiu a senhora idosa.

A mulher ruiva fechou a porta atrás delas e parou para abanar a mão em frente do rosto, como se para o arrefecer.

– Está bem, qual é o teu plano?

– Ainda não decidi bem – disse a mulher de idade. – Tudo o que sei é que não sabíamos que o verão passado ia ser o nosso *último verão*, por isso não o tornámos nada especial. Temos de fazer com que este final seja especial.

Eby levantou-se.

– Selma, Bulahdeen... vieram!

Telefonara-lhes no dia anterior para cancelar as reservas. Eram duas dos três clientes fiéis do verão que lhe restavam, os veteranos que voltavam todos os anos. Lançou uma olhadela à porta, à espera que Jack, o terceiro, entrasse. Mas não entrou.

– Bulahdeen telefonou-me depois de teres cancelado as nossas reservas. Exigiu que fosse buscá-la e a trouxesse até cá – disse Selma.

– Eu não podia vir a guiar – explicou Bulahdeen a Eby. – Tiraram-me a carta de condução o ano passado.

– Lamento saber isso – retorquiu Eby.

Na casa dos oitenta, Bulahdeen Ward era a mais velha de todos os hóspedes de Eby. Vergava-se agora como a cabeça enrolada de um feto, recurvando-se sobre si própria, parecendo que atacava a vida de cabeça. O marido, Charlie, e ela, ambos antigos professores universitários, costumavam passar férias juntos no lago até há coisa de alguns anos. Charlie desenvolvera Alzheimer e encontrava-se agora numa casa de repouso. Desde essa altura, Bulahdeen começara a vir sozinha. Era uma tranquila força da natureza com um peculiar sotaque sulista na voz, tão antigo como areia das terras baixas. Selma, alta, maquilhada e distante, era o completo oposto de Bulahdeen. Constituíam um par estranho. Bulahdeen tinha de algum modo, a dada altura, decidido que Selma era

uma das suas melhores amigas. Selma discordava de forma veemente. Bulahdeen não queria saber.

– E não tens de fazer tanto alarde – Bulahdeen virou-se para Selma e apontou-lhe um dedo ossudo e nodoso. – Ficava-te em caminho.

– Eu vivo em Meridian. No *Mississípi*. Tu vives em Spartanburg. Na *Carolina do Sul*. Não me fica em caminho.

– Não me venhas com isso. Não tinhas mais nada para fazer.

– Fala por ti, velhota. Tenho de caçar outro marido.

Selma tinha sessenta e cinco anos, mas dizia a toda a gente que tinha cinquenta e afirmava ser especialista em homens, embora ter tido sete maridos pudesse, para algumas pessoas, significar que era especialista em não acertar. Selma tinha a reputação de namoriscar com todos os homens que ali passavam férias nos vários verões, de uma maneira espontânea, como uma segunda natureza, da forma como um pássaro bate naturalmente as asas quando cai. Há trinta anos, visitara o Lago Perdido com o terceiro marido. Em breve se divorciara dele, como todos os outros, mas depois continuara a vir. Ninguém entendia porquê. Nunca parecia divertir-se.

– Parámos na vila para comprar algumas provisões antes de irmos – disse Bulahdeen, encaminhando-se para o balcão da receção.

– *Provisões* significa que Bulahdeen comprou seis garrafas de vinho – retorquiu Selma.

Bulahdeen içou o seu saco para cima do balcão e depois encostou-se a ele com um suspiro profundo.

– Quando mencionei a algumas pessoas que ias vender este sítio, elas pareceram surpreendidas.

– Oh! – exclamou Eby. – Bem, isso é porque ainda não contei a ninguém.

Bulahdeen fitou-a com curiosidade. Os seus olhos eram bolas de cristal de um cinzento nublado.

– É segredo?

– Já não – retorquiu Selma em tom seco, ainda de pé junto à porta, pronta para escapar.

– Não, não é segredo – disse Eby. – Aconteceu apenas muito depressa. E, na realidade, creio que não existe ninguém na vila que se interesse. Pelo lago, quero dizer. Já não. O parque aquático representa, neste momento, a

maior fatia do rendimento da vila. O Lago Perdido já não é bom para ninguém. Explorá-lo em termos imobiliários irá provavelmente beneficiar Suley.

– O que vais fazer? – perguntou Bulahdeen.

– Inventário. E depois perceber para onde me irei mudar e onde pôr todas estas coisas. A seguir, talvez viajar. George e eu sempre quisemos regressar à Europa.

Bulahdeen bufou.

– Posso imaginar a reação de Lisette.

– Ela não quer ir embora. – O olhar de Eby desviou-se outra vez para a porta principal, como se esperasse que alguém entrasse.

– Jack não veio connosco, se é disso que estás à espera – disse Bulahdeen.

– Bem, *ele* eu teria ido buscar – retorquiu Selma.

Eby virou-se para a parede dos ganchos com chaves atrás de si. Não percebera até àquele momento que estivera a contar muito que Jack viesse. Lançara algumas indiretas. Mas Jack, apesar de todas as suas maravilhosas qualidades, nem sempre alcançava subtilezas. Devia ter sido mais clara. *Esta era a última oportunidade dele.* Agarrou em duas chaves com pesadas correntes de latão.

– Aqui estão as chaves para as vossas cabanas habituais. Vou buscar a roupa de cama e já vos levo. Não limpei as cabanas. Estou só a avisar-vos.

Selma avançou e pegou na sua chave.

– Pois, o nosso último verão aqui vai ser sem dúvida especial.

Bulahdeen pegou na chave da sua cabana e na mala de mão.

– Selma, já alguém te disse que te queixas demasiado?

– Não.

– Mentirosa.

– Então é assim que vou passar o meu verão? – questionou Selma, abrindo a porta da frente e esperando por Bulahdeen. – A ser insultada por uma pessoa como tu?

– Por uma pessoa como eu? Olha quem pensa que é mais importante do que todos?

– Tem cuidado, velhota, ou deixo-te aqui.

– Não, não deixas. – Bulahdeen enfiou a mão na mala de mão, sacou um conjunto de chaves e abanou-as. – Tenho as chaves do teu carro.

– O que andas a fazer com isso?

Bulahdeen casquinou e saiu a porta.

– Bulahdeen, se tentares guiar o meu carro, mando-te prender!

Eby dirigiu-se para a cozinha com um sorriso. Estava contente por terem vindo.

Quando entrou na cozinha, que tinha de atravessar para chegar à lavandaria, Lisette encontrava-se em frente de uma cadeira vazia ao lado do frigorífico, de mãos na cintura. Fazia muitas vezes aquilo: fitava aquela cadeira.

– Bem, vais ficar satisfeita por saber que Selma e Bulahdeen sempre vieram. Toda essa comida não se vai estragar.

Eby fez um gesto para a quantidade colorida de panelas de ferro fundido esmaltadas no fogão da extraordinária cozinha, domínio de Lisette. Os móveis eram de um azul-cobalto e as paredes de aço inoxidável. Luzes brancas brilhantes cintilavam por cima.

O pai de Lisette falecera alguns anos depois de ela ter saído de Paris. Era óbvio que se esquecera de alterar o seu testamento ou pensara que Lisette acabaria por regressar. Ou talvez nem sequer tivesse pensado nela, o que era uma forte possibilidade, tendo em conta o que Lisette contara a Eby sobre ele. De qualquer modo, Lisette herdara metade da modesta fortuna do pai. A mãe herdara a outra metade. O dinheiro de Lisette explicava a adorável cozinha na casa principal que não tinha nada de especial e o facto de Eby nunca ter tido de se preocupar com o custo da comida. Lisette tratava de tudo isso. Para ser feliz, tudo o que precisava era um telhado por cima da cabeça e alguém para quem cozinhar, o que George e Eby sempre lhe tinham dado.

Lisette ergueu as sobrancelhas e lançou-lhe um olhar de *Eu bem te disse*.

– Não me disseste nada. Só vieram para se despedir. – Eby hesitou. – Lisette, vou precisar da tua ajuda para fazer o inventário. Vou precisar da tua ajuda para esta mudança.

Os ossos finos do maxilar de Lisette estavam firmes. Escreveu no bloco de notas à volta do pescoço: *Já te disse. Não vou embora*.

– Mas *eu* vou. Vem comigo. Podes trazer a cadeira – ofereceu Eby.

Lisette nunca reconhecera por completo que Eby sabia da cadeira. Sobressaltava-se sempre quando Eby a mencionava, como uma criança apanhada a fazer uma coisa que não devia.

Vou ficar. Vai embora. Tenho de fazer o almoço para as nossas hóspedes.

Eby saiu da cozinha a pensar que aquilo seria muito mais fácil se Jack tivesse vindo. Agora tinha de descobrir outra maneira de fazer com que Lisette e os seus fantasmas partissem.

O posto de venda mais à frente na estrada estava a prometer fruta fresca, cidra de pêsego e nozes-pecãs com canela há quilómetros. Tinham passado pelo menos seis anúncios à banca, todos escritos à mão e atulhados de pontos de exclamação. Kate percebeu que aguardava com expectativa a tabuleta seguinte, uma tensão a crescer no seu corpo que apenas os verdadeiramente perdidos conseguem sentir, que se iniciava no estômago e se espalhava para os ombros e pontas dos dedos, onde as mãos agarravam o volante. Dali a mais vinte quilómetros haveria fruta. Quinze. Dez.

Kate e Devin começaram a gritar a cada tabuleta que passava.

Mais oito quilómetros!

Seis!

Três!

Por fim, como por magia, a banca apareceu e Kate travou em frente da barraca cinzenta num desolado círculo de gravilha mesmo junto à estrada. Poeira, mosquitos e calor ondulante rodeavam o sítio como uma bolha, como se pudesse flutuar a qualquer momento e viajar para outro terreno, noutra faixa de estrada rural, algures.

Desligou o motor do *Outback* e a súbita falta de vibração fez com que sentisse as pernas pesadas. Devin saltou lá para fora e correu para o minúsculo alpendre da barraca, que estava coberto de cartazes publicitários oxidados de *Cola RC* e maçãs *Pink Lady*. Isso fez com que Kate se recordasse muito de viagens quentes e abafadas com os pais, quando era nova. O pai enchia o depósito com combustível, guiava até que o indicador do nível descia para metade e depois voltavam. Tinham esquadrihado estradas secundárias em todo o estado da Georgia, descobrindo motéis com piscinas, lojas de velharias na estrada e velhas bancas de fruta.

Kate tinha treze anos quando o pai morrera. Acabaram-se as viagens de fim de semana. As horas passadas depois da escola na loja de vídeos do pai, a ver filme atrás de filme. A mãe ficara um pouco louca depois disso,

como se tivesse carregado no botão de NA EVENTUALIDADE DE UMA EMERGÊNCIA que as mulheres da família lhe tinham dito para premir se o marido morresse. Durante meses não quisera sair do quarto. Kate vivera de *bagels*, pasta de carne para sanduíches e pipocas no micro-ondas durante a maior parte do seu oitavo ano. Escondera-se quando vizinhos bem-intencionados batiam à porta, pois da primeira vez que os deixara entrara eles tinham ficado preocupados por a mãe não ter querido falar com eles.

Algures dentro de Kate existia ainda um certo ressentimento pelo sofrimento da mãe quando o pai morrera. Ainda se lembrava do que a mãe lhe dissera no dia em que Matt e ela tinham ido ao registo casar-se. *Espero que nunca o percas*. Parecera mau agouro. Kate não fora tão óbvia como a mãe em relação à perda do marido, mas claro que também premira aquele botão. E devia ter percebido que Devin tinha notado. Os filhos sabem sempre quando as mães estão loucas, só que nunca o admitem, não em voz alta, a ninguém.

A tarde de verão zunia alto de insetos. Vibrava através das árvores como um latejar quando Kate saiu do carro. O calor espesso e húmido das planícies costeiras estava encurralado entre o solo arenoso e as nuvens baixas e parecia desconhecido, retesado e novo.

Kate juntou-se a Devin no alpendre, abriu a porta de rede e entraram ambas. Ventoinhas de chão estrondeavam, fazendo circular o ar quente e não deixando as abelhas pousar nas caixas de fruta. Havia quatro clientes a conversar com vozes altas de turistas. Kate estacionara ao lado dos seus carros. Um era da Florida, o outro da Carolina do Norte.

Os turistas viraram-se e fitaram Devin pasmados quando a porta de rede se fechou com ruído. Estava vestida com botas de cobói, calções de pele tipo *lederhosen* da peça da escola do ano anterior, *Heidi*, e asas de fada que vinham esmagadas devido às horas passadas no carro. E usava agora os seus óculos preferidos com riscas de zebra. Parecia um figurante fugido de uma companhia teatral de verão. Quando saíra do quarto envergando todas estas coisas que Cricket lhe dissera para pôr de lado, Kate sorria. Mas depois percebera o que significava. Devin estava a considerar aquela viagem como a sua última oportunidade de usar o que queria, por isso ia usar *tudo*. Não acreditava que Kate conseguisse influenciar Cricket nessa questão da roupa.

Kate dirigiu-se ao frigorífico dos refrigerantes antigo. Tirou uma lata de *Pepsi* para si e um refrigerante de cereja para Devin. Havia um expositor com cones de papel cheios de nozes-pecãs com canela ao lado da máquina registadora e escolheu dois cones.

– É tudo? – perguntou a senhora de idade atrás da máquina registadora. Tinha olhos pequenos verdes, como groselhas verdes.

– Sim. Quer dizer, não – disse Kate, tirando o dinheiro do bolso. – Pode informar-me se esta é a estrada certa para Suley?

– Sim – retorquiu a mulher, fazendo o troco. – Suley fica a cerca de uma hora para sul se continuar nesta estrada. Mas quer com certeza ir para o parque aquático em Suley. O caminho mais rápido é voltar a entrar na autoestrada.

Parque aquático? Não se recordava de um parque aquático em Suley.

– Estou à procura de um sítio chamado Lago Perdido.

A mulher de idade encolheu os ombros.

– Nunca ouvi falar.

– Poderá já não existir. Era uma espécie de acampamento, com aluguer de cabanas.

– Oh! Bem, o campismo será na parte antiga de Suley. A estrada velha levá-la-á até lá. Continue simplesmente para sul.

– Obrigada.

Kate chamou Devin, que estivera a falar com os turistas, e voltaram a sair. Kate, ao lado do *Outback*, bebeu a sua *Pepsi* e comeu nozes-pecãs enquanto Devin corria a toda a velocidade para a frente e para trás no parque de estacionamento de gravilha, a tentar endireitar as suas asas com o vento. Passados cerca de cinco minutos naquilo, sem fôlego e suada, juntou-se a Kate e emborcou o seu refrigerante de cereja e comeu as nozes-pecãs em tempo recorde.

Devin arrotou, Kate riu-se, voltaram a entrar no carro e dirigiram-se para sul.

Na hora seguinte, Kate começou a ficar cada vez mais tensa, embora estivesse sempre a dizer consigo própria para se acalmar. Aquilo era uma aventura. Estava viva, acordada, a controlar a situação e Devin precisava de ver isso. Um caleidoscópio de paisagens passava como uma sucessão de *slides*: terra de cultivo, baldios arenosos com pinheiros, lagos com ciprestes. Aquilo era o que a mãe de Kate chamara o «sul molhado», da

última vez que tinham vindo ao Lago Perdido. Tinha feito a coisa soar como inexplorada e exótica, uma coisa inconveniente e quase assustadora. Um sítio que apenas Eby escolheria.

Mas, quilómetro após quilómetro, não aparecia nenhum Lago Perdido. Não havia nenhuma estância com cabanas.

Kate fechou com força os olhos cansados, a tentar criar alguma humidade. Abriu-os muito depressa quando Devin berrou:

– Cuidado!

Kate soltou uma exclamação e rodou o volante com brusquidão para a esquerda para evitar bater no que parecia ser um grande aligátor, que aparecera de repente na faixa saibrosa da estrada à frente delas. Um carro que vinha na direção oposta apitou e Kate guinou outra vez para a sua faixa de rodagem, derrapando até parar na berma.

O sangue esvaíra-se-lhe do rosto e a pele retesara-se por causa do quase acidente. Virou-se com rapidez no banco para ver o outro carro a desaparecer à distância.

Mas não havia ali nenhum aligátor.

Devin estava também a olhar para trás.

– Para onde foi ele?

– Não sei – respondeu Kate.

Ficaram ali sentadas durante um momento em silêncio. Kate inspirou fundo e sorriu de forma encorajadora para a filha.

– E se formos até Suley e tentarmos descobrir o tal parque aquático? Parece divertido. – Tinham vindo até tão longe. Não podia ir-se embora sem dar à filha uma coisa boa como recordação.

– *Não* – exclamou Devin, de súbito em pânico. – Tenho de ir ao Lago Perdido e passar o melhor último verão, como tu passaste!

Kate estendeu a mão e tocou no cabelo fino de Devin. Sentiu o calor do couro cabeludo através dele, a forma delicada da cabeça dela.

– Oh, Devin. Tive muitos verões bons depois desse. E tu também terás. Mas faz imensos anos que aqui vim. Esqueci-me onde é. O GPS nem sequer sabe. Se calhar já nem existe.

– Mãe – retorquiu Devin, perplexa –, já cá estamos.

Apontou para a frente. Kate seguiu-lhe o dedo até à pequena placa de madeira em frente do carro na berma da estrada. Soldadas à mão na placa encontravam-se as palavras lago perdido – vire à esquerda.

Espantada, Kate olhou para o outro lado da estrada.

Lá estava o velho caminho de gravilha, apenas uma minúscula abertura nas árvores densas, que conduzia ao seu destino.

A estrada para o lago era irregular e a exuberância das árvores fazia com que parecesse que estavam a seguir através de um túnel. A terra começou a ficar mais macia sob as rodas; sentia o carro instável. De repente, a estrada abriu-se e diante delas surgiu um grande relvado. A relva precisava de ser aparada e os churrascos de tijolo vermelho estavam a começar a desmoronar-se. As mesas de piquenique necessitavam de uma boa demão de tinta para as salvar da podridão e os guarda-sóis eram velhos e finos, resguardando timidamente do sol as respetivas mesas.

Do lado esquerdo do relvado encontrava-se uma estreita casa amarela de dois pisos que se inclinava de forma ligeira para o lado, como se para deixar passar qualquer coisa grande. À direita, ficava o Lago Perdido propriamente dito, uma extensão densa e redonda de água verde-acinzentada rodeada por árvores com líquenes barbas-de-velho pendurados dos ramos, como os cabelos compridos de mulheres que curvassem as cabeças para beber do lago.

– Uau – exclamou Devin, a cabeça a rodar para todos os lados. – Não pensei que tivesse este aspeto!

– Eu também não – retorquiu Kate, guiando devagar pelo caminho que circundava o relvado.

Passaram por treze cabanas em mau estado na extremidade mais distante, pintadas das cores desbotadas fantásticas do Halloween, preto, castanho e cor de laranja, com carreiros de pedra musguenta entre elas. Não havia sinais de que as cabanas estivessem ocupadas: não havia sapatos largados nos alpendres, nenhuma cadeiras articuladas encostadas às paredes.

Kate deu a volta toda até à casa pouco sólida de dois pisos e depois estacionou. Quando saíram e fecharam as portas, o som ecoou pelo lago. Havia um odor de qualquer coisa verde no ar, como erva molhada ou pepinos descascados.

Não sabia porque se sentia tão desapontada.

Claro que o sítio teria mudado. Era inevitável.

Entraram e uma campainha por cima da porta retiniu. A casa cheirava a madeira molhada e a ar fresco dos ares condicionados, como um velho museu do mar. Não havia ninguém no balcão curvo da recepção do pequeno vestíbulo, por isso espreitaram primeiro para a sala de estar, que estava cheia de mobília estofada de *chintz* esmaecido e tinha uma parede de prateleiras embutidas, arqueadas sob o peso de centenas de livros. A seguir foram à casa de jantar informal, onde existiam várias mesas de café e cadeiras desirmanadas. As paredes com um papel de parede roxo desbotado e o soalho de tábuas estreitas escuras pareciam esfregados quase ao ponto de perderem a vida, como se, todos os dias, alguém lhes esfregasse, de forma diligente, a humidade.

– Está alguém? – chamou Kate.

Nenhuma resposta.

– Eby?

De novo, nenhuma resposta.

– Somos as únicas pessoas aqui? – perguntou Devin quando voltaram ao balcão da recepção.

– Não creio que vamos ficar, querida. Não creio que esteja aberto.

Mas então, como se em resposta, o odor de qualquer coisa apetitosa espiralou pelo ar e bateu-lhe ao de leve no ombro. Virou-se de forma automática para a sala de jantar. Continuava escura e vazia, mas havia agora uma única travessa com o padrão oriental do Salgueiro Azul na mesa do bufete na extremidade mais distante da sala. Juraria que não estava ali antes. Aproximou-se da travessa. Aí se encontravam vários pastéis folhados de fiambre e queijo e duas grandes fatias de bolo de fruta. Devin aproximou-se também, inalando fundo por cima da travessa.

– Viste quem deixou isto? – perguntou Kate à filha.

Devin abanou a cabeça.

Nesse momento, a campainha por cima da porta principal tocou outra vez e uma mulher alta e esbelta na casa dos setenta apareceu no vestíbulo. Parou quando viu Kate e Devin na sala de jantar, sobressaltada do devaneio dos seus pensamentos, que se achavam obviamente a milhões de quilómetros de distância. O cabelo prateado era comprido, chegando-lhe quase até à cintura, e tinha-o puxado para trás num rabo-de-cavalo baixo. Usava calças de ganga, uma *T-shirt* branca e bijutaria feita de grandes pedras verdes.

Não mudara. Tudo o resto ali podia ter mudado, mas ela não.

– *Eby* – disse Kate com um sorriso e um suspiro, como se tivesse estado a conter a respiração à espera que isto acontecesse.

– Sim?

– Sou Kate Pheris.

Eby não reagiu. Kate abanou a cabeça e esclareceu:

– Chamava-me Kate Snoderly. Sou a tua sobrinha-neta.

– Kate! – exclamou Eby com súbito reconhecimento. Riu-se, avançou pela sala de jantar e puxou Kate para os seus braços. Kate devolveu-lhe o abraço, sentindo os ossos pontiagudos no corpo flexível da tia-avó. Cheirava ao mesmo, como férias, como rosquilhas e caramelo. – Não posso acreditar. Voltaste!

Quando Eby a soltou, Kate apresentou:

– Gostava que conhecesses a minha filha, Devin.

– Olá, Devin. Que roupa tão gira – disse com sinceridade. Virou-se para Kate. – Estou confundida. O que estás aqui a fazer?

– Estamos a meio de uma mudança e, esta manhã, descobrimos este postal – respondeu Kate, tirando o postal dobrado do bolso –, o que mandaste depois de a minha mãe, o meu pai e eu termos partido daqui há tantos anos. Não sabia que o tinhas mandado. A minha mãe não mo deu. Devin e eu decidimos fazer-nos à estrada para te ver. Para ver se o Lago Perdido ainda cá estava.

Eby pegou no postal e fitou-o, uma pequena mudança a operar-se nela, como se tivesse dado um passo atrás, afastando-se delas, sem sequer se mexer.

– A tua mãe e eu despedimo-nos num ambiente negativo. Foi lamentável. Como está Quinn? – perguntou com cautela, passando outra vez o postal a Kate.

Kate pestanejou de surpresa. Mas claro que Eby não podia saber.

– A minha mãe faleceu há seis anos.

Eby levou a mão ao peito e bateu-lhe muito ao de leve, como se tentasse acalmar qualquer coisa lá dentro.

– Sinto muito – disse por fim. – Eu... oh! Não sei o que dizer. O teu pai?

– Também já faleceu. Quase dez anos antes da minha mãe.

– O meu pai também morreu – disse Devin. – O ano passado.

Eby olhou com atenção para Devin, os olhos castanhos solidários. Estendeu a mão e tocou no ombro de Devin.

– Deve ter sido muito difícil para ti. – O seu olhar desviou-se para Kate com crescente preocupação, como se ela fosse frágil, como se a cola ainda não tivesse secado e se pudesse desfazer em pedaços a qualquer momento.

– Estamos bem – afirmou Kate. – Foi um ano difícil, mas estamos bem. – Estava a sentir-se embaraçada agora, como se estivesse a descarregar a sua dor numa desconhecida. – Não tinha intenção de te trazer más notícias. Não vamos ficar muito tempo. Só queria ver-te outra vez.

– Não vão ficar? – exclamou Eby. – Claro que vão ficar! Vamos dizer a Lisette que chegaram. Vai ficar tão excitada por ter mais pessoas para quem cozinhar. Parece que já pôs aí algumas coisas para vocês, coisas que sobraram do almoço. – Fez um gesto para a travessa do padrão do Salgueiro Azul.

Kate seguiu Eby. Não teve de dizer a Devin para vir com elas. Devin estava fascinada. Eby conduziu-as através de uma porta giratória para uma cozinha surpreendentemente moderna. Era como entrar noutra casa inteiramente diferente. Não tinha janelas, mas era clara, com aço inoxidável que cintilava.

Muito deslocada, havia uma cadeira velha junto ao frigorífico. Estava inclinada contra a parede, como se alguém lá estivesse sentado. Devin fitou a cadeira com curiosidade.

Uma mulher pequena, com toda a probabilidade na casa dos sessenta, virou-se do fogão. Tinha o cabelo tão escuro e brilhante como o pelo de uma lontra molhada. Nele existia uma madeixa grisalha dramática, mais para trás, que se via quando ela se mexia.

– Mais hóspedes, Lisette! Olha só quem é! A minha sobrinha Kate! Disse-te que ela voltava um dia. E trouxe a filha, Devin.

Lisette lançou a Eby um olhar que Kate não conseguiu decifrar antes de sorrir e, sem proferir uma palavra, encaminhou-se para elas e beijou-as nas faces.

– Kate, não sei se te lembras, mas esta é Lisette Durand – referiu Eby. – Há cinquenta anos que é a minha melhor amiga e cozinheira inimitável do Lago Perdido há quase o mesmo tempo.

Kate não se recordava de Lisette, mas talvez se lembrasse depois, como uma figura a formar-se no nevoeiro. Estava a recordar-se de pequenas coisas daquele verão. Durante anos, só retivera impressões vagas, mas emoções muito concretas, sobre o Lago Perdido. Recordava-se de ser feliz ali. Lembrava-se disso com muita clareza.

– Obrigada pela comida na sala de jantar – agradeceu Kate.

Lisette inclinou a cabeça, com modéstia.

– O pai de Lisette tinha um restaurante famoso em Paris. La Maison Durand. Hemingway comeu lá uma vez – explicou Eby. – Lisette aprendeu a cozinhar com ele. Com o pai dela, não com Hemingway. Volto já com os lençóis para as vossas camas.

Mal Eby desapareceu no corredor, Lisette ergueu um pequeno bloco de notas atado em volta do pescoço e começou a escrever: *Não acreditem numa palavra do que ela diz. Hemingway nunca comeu no restaurante do meu pai. E o meu pai não me ensinou nada. O bosta. Aprendi tudo o que sei com um jovem chef atraente chamado Robert. Estava apaixonado por mim.*

Eby voltou a entrar na cozinha com alguns lençóis xadrez dobrados debaixo do braço.

– Lisette não consegue falar – esclareceu quando viu a expressão de Kate. – Nasceu sem caixa de voz.

– O que é uma caixa de voz? – perguntou Devin excitada, como se pudesse ser uma coisa real, uma coisa tangível, uma caixa de madeira secreta algures com a voz de Lisette escondida lá dentro.

– Explico depois – disse Kate.

– Vamos, meninas. Vamos lá instalá-las.

Quando elas iam a sair, Lisette rasgou a folha do bloco onde escrevera e acendeu um bico no fogão. Queimou a folha que desapareceu com uma lufada de faúlhas e cinzas, como o truque de um mágico.

Devin saiu da cozinha às arrecuas para poder observar o maior tempo possível.

– Tragam a travessa que vos vou mostrar onde fica a vossa cabana – disse Eby, tirando uma chave de trás do balcão da receção.

Saíram juntas e Kate levou-as em direção ao *Subaru*.

– Onde está toda a gente? – perguntou, abrindo a porta traseira com uma mão, a travessa na outra.

Eby virou-se e olhou para o relvado. Havia uma certa ansiedade no seu olhar, mas também uma pequena sensação de frustração.

– Chegaram duas hóspedes, mesmo antes de vocês. Estão cá em nome dos velhos tempos. Decidi há pouco vender. Este é o último verão do Lago Perdido.

Kate percebeu que tinham aterrado noutra grande sequela da vida de Eby, tal como da última vez, quando a tinham visitado logo depois de George ter morrido. Era como se fossem aqueles estranhos destroços que vêm sempre dar à costa depois de uma tempestade.

– Lamento. Não ficaremos muito tempo.

Eby deu-lhe uma palmadinha no rosto. O grande anel de pedra verde no dedo dela era fresco e calmante na pele de Kate, como o toque de uma cigana.

– Podem ficar todo o tempo que quiserem. – Virou-se para o carro. – Sem dúvida que trouxeram muita bagagem.

Kate olhou para dentro do *Outback* e, pela primeira vez, percebeu que estava a abarrotar.

– Devin, o que é isto tudo?

– A minha bagagem – retorquiu Devin. – Disseste que eu podia vestir o que quisesse.

– Trouxeste tudo? – Para além da bagagem normal, havia pelo menos quatro mochilas grandes.

Devin encolheu os ombros.

– Tudo o que podia servir.

– Nem sequer sabíamos se íamos ficar.

– Eu sabia.

– Estou a ver agora a semelhança – comentou Eby, a sorrir, quando estendeu o braço para um dos sacos.

As cabanas não ficavam na margem do lago, as árvores escudavam-nas da água, mas o lago era, contudo, uma presença palpável. Como o calor de uma fogueira, quanto mais perto da água se estava, mais se a sentia. As cabanas estavam dispostas como se numa aldeia, seis de um dos lados do caminho de pedra, seis do outro. A cabana 13 ficava na extremidade mais distante, formando um pequeno beco sem saída.

Eby subiu os degraus para a cabana 13, que estava pintada de um laranja desbotado com portadas pretas nas janelas. O telhado arqueava-se em ponta mesmo por cima da porta. Destrancou a porta e Kate e Devin seguiram-na lá para dentro com a bagagem. Kate percebeu de repente que era a mesma cabana onde os pais e ela tinham ficado há quinze anos. Reconheceu o sofá vermelho cheio de protuberâncias, os quadros baratos de paisagens e também as peças incongruentemente caras misturadas com o resto: o candeeiro *Tiffany* e a mesa de biblioteca antiga, de carvalho.

Havia uma porta traseira ao lado da bancada da cozinha no extremo da sala. Devin largou os seus sacos e correu para lá.

– Mãe, olha para isto!

Kate aproximou-se e olhou pela janela da porta. Viu que havia uma grande pilha de ramos e agulhas de pinheiros no alpendre traseiro, como se alguma criatura gigantesca aí tivesse feito um ninho.

Abriu a porta.

– Quem achas que fez isto? – perguntou Devin.

– Não sei.

Ouviram o estalido de um galho e espetaram as cabeças a tempo de ver qualquer coisa que parecia a ponta de uma cauda a afastar-se com uma chicotada lenta, desaparecendo na esquina da cabana.

– Venham até lá fora ao relvado quando o Sol se estiver a pôr – sugeriu Eby atrás delas.

Ambas se sobressaltaram e viraram-se para ela.

– Vamos fazer grelhados esta noite. Sei que as outras duas hóspedes adorariam conhecer-vos.

– Aqui há aligátores? – perguntou Kate, passando o braço pelos ombros de Devin.

– No Lago Perdido? – Eby riu-se e abanou a cabeça. – Não. As pessoas pensam sempre que deve haver. Na verdade, o negócio poderia ter corrido melhor nos últimos tempos se houvesse. Mas vão ter de ir até Okefenokee para conseguir ver aligátores. Vêm jantar connosco lá fora?

– Sim. Sim, claro – respondeu Kate. – Com todo o gosto.

Eby hesitou, fitando-as como se fossem prenúncios, como se estivesse a tentar perceber o que significavam. Por fim, virou-se e saiu, fechando a porta atrás dela. O silêncio espalhou-se diante de Kate e Devin que examinavam a cabana.

Muito bem, estavam ali.

E agora?

– Vamos, miúda – disse Kate, avançando. – Tens muito que arrumar.

Depois de desfazerem as malas, comeram os pastéis folhados de queijo e fiambre de Lisette e o bolo de fruta só com os dedos, de pé, na porta aberta. Kate contemplou a tranquila propriedade degradada numa espécie de quase transe.

Não tinha existido nada de concreto em relação àquele verão há quinze anos para o tornar assim tão especial. A família passara ali pouco mais de duas semanas. Mal Kate vira os livros na sala da casa principal, recordara-se de ler alguns, recordara-se de os levar para o embarcadouro e ficar lá todo o dia. Tinha havido muitos hóspedes na altura, mas não jovens e ela aborrecera-se.

Mas então conhecera um rapaz da sua idade. Não era hóspede. Vivia ali perto, nos bosques. O nome escapava-lhe, perdido algures no tempo.

Tinha havido toda uma outra história entre a mãe de Kate e Eby, a que Kate não prestara atenção, porque o rapaz e ela tinham passado o resto dessas duas semanas transformados em selvagens, deambulando pelos bosques à volta do lago de manhã à noite, inventando histórias e vendo coisas imaginárias a tornarem-se reais. O nevoeiro por cima da água ao fim do dia eram mulheres fantasmas. Tinham nomes e personalidades de que Kate agora não se conseguia recordar. As raízes respiratórias dos ciprestes que sobressaíam da água eram marcas há muito deixadas por

piratas e havia um tesouro enterrado debaixo delas. Mergulhavam todos os dias à procura do tesouro, sustendo cada vez mais tempo a respiração até que lhes crescera guelras atrás das orelhas. Tinha doze anos na época, crescera devagar e tudo parecera ainda possível. Depois da família ter partido, de forma abrupta, recordava-se, voltara para casa, surgira a puberdade e depois o pai morrera no ano seguinte.

Por que razão teria sensações tão boas em relação a este lugar?

Era bastante simples, agora que pensava nisso.

Deixara aqui a sua infância.

Kate afastou-se da porta e levou a travessa para o lava-loiça da cozinha, enquanto Devin ia até ao seu quarto decidir o que vestir nessa noite para o jantar. No seu próprio quarto, Kate ia fazer a cama, mas, em vez disso, deixou-se cair em cima do colchão. Alguns minutos depois, Devin entrou, viu-a esparramada no colchão despido e deitou-se ao lado dela sem dizer uma palavra.

Kate passou o braço em volta de Devin e depois puxou o telemóvel do bolso. Andara a recear fazer isto.

Compôs uma mensagem para Cricket só com uma mão:

Não te preocupes quando chegares hoje a casa e Devin e eu lá não estivermos. Levei Devin numas miniférias, a visitar uma velha parente. Volto dentro de alguns dias.

Cricket enviou de imediato uma resposta:

Que parente? Não leste a minha lista? Onde estás????

Kate suspirou e escreveu:

Não li a tua lista. Desculpa. Esta manhã, Devin e eu descobrimos no sótão um postal antigo da minha tia-avó Eby. Decidimos visitar a estância dela, Lago Perdido, em Suley, perto da fronteira com a Florida. Não te preocupes. Chegámos bem. Até breve.

Desligou o telemóvel, para não ter de ler o que Cricket diria a seguir e depois fitou o teto. Não havia brisa nenhuma, porém, a ventoinha do teto

estava lentamente, por si só, a alterar a rotação das suas lâminas, para a frente e para trás. Havia uma carga elétrica no ar. Fazia com que os pelos dos braços de Kate se eriçassem.

– Já gosto disto aqui – sussurrou Devin. – Podemos ficar?

Kate virou-se e apoiou a face em cima da cabeça de Devin.

– Durante algum tempo.

– Achas que o pai teria gostado disto aqui?

Kate sentiu a respiração prender-se na garganta e esperou que Devin não percebesse. Quando Matt fora vivo, Kate fizera tudo ao seu alcance para lhe dar a vida que pensava que ele queria. Estivera sempre atenta às deixas dele, pronta para transformar nem que fosse uma alusão num desejo autêntico. Matt não soubera verdadeiramente como ser feliz, mas existia qualquer coisa nele que fizera com que toda a gente à sua volta quisesse descobri-lo por ele.

– Não sei – respondeu, apesar de na realidade saber.

Matt teria detestado aquilo ali. Detestava férias. Gostava de ficar perto de casa, onde podia percorrer ruas e trilhos familiares, sozinho na sua bicicleta, com os auscultadores nos ouvidos.

– Não há sítio para ele andar de bicicleta – disse Devin.

– Não.

Devin pensou naquilo durante um instante.

– Continuo a gostar disto aqui, mesmo que o pai não tivesse gostado. Isso é mau?

– Não, querida – disse Kate para o cabelo de Devin. – Não é nada mau. O teu pai queria que fosses feliz.

– Os aligátores fazem-me feliz – retorquiu Devin de imediato.

Aquilo era novidade.

– Verdade? Porquê?

– Porque estão aqui.

– Aqui não há aligátores, querida. Ouviste o que Eby disse.

– Acho que há.

– Está bem então. Cuidado com os dedos dos pés – disse Kate, estendendo o braço e fazendo um movimento de abocanhar com a mão, como se mordesse os pés de Devin. Devin riu-se e contorceu-se para o lado. Mas depois voltou a rolar para o braço de Kate, como se a gravidade a empurrasse para aí. Ali mesmo onde devia estar.

E foi assim que adormeceram na sua primeira tarde no Lago Perdido.

* * *

O crepúsculo chegara e Eby, Bulahdeen e Selma encontravam-se no relvado, a lançarem olhadelas ao carreiro das cabanas, silenciosas na sua antecipação, como se esperassem que uma brisa soprasse pelo ar parado. Bulahdeen e Selma tinham reagido com entusiasmo e indiferença fingida, respetivamente, quando Eby lhes contara que Kate e Devin tinham chegado naquela tarde. Mas Eby percebia que elas não tinham muita certeza do que a presença das raparigas significava. Nem sequer Eby tinha a certeza. Era tão inesperado que se pusera a pensar se na realidade acontecera. Será que as vira mesmo na sala de jantar? Levára-as mesmo para a cabana delas? Ou imaginara-o apenas, de novo a sonhar acordada no balcão da receção?

– Lá vêm elas – disse Bulahdeen de onde se encontrava sentada numa mesa de piquenique, com um frasco de compota cheio de vinho à sua frente.

Eby virou-se da sua posição na grelha para ver as raparigas materializarem-se na extremidade escura do carreiro. Kate não mudara de roupa, vinha com as calças de ioga e uma *T-shirt* tão grande que lhe descaía de um dos ombros, revelando um *top* cavado sem mangas. Mas Devin trazia outro fato, desta vez um vestido *T-shirt* tingido de forma artística, botas de cobói vermelhas, um chapéu de cobói vermelho e um colete com franjas.

– Sai a ti, Eby.

– Kate ou Devin?

– Kate, claro.

– Embora a criança pareça possuir a tua noção de estilo no vestir – comentou Selma em tom seco.

– Vou aceitar isso como um elogio, da parte de ambas – retorquiu Eby, vendo as raparigas aproximar-se.

Concordava secretamente com Bulahdeen. Nalgumas coisas, Kate saía a ela. Herdara os olhos verdes da irmã de Eby, Marilee. Mas o nariz comprido, que era ao mesmo tempo elegante e sem graça, e as pernas fofas, isso era tudo como Eby. Até o cabelo curto e escadeado, revirando-se nas pontas por causa da humidade, era da mesma cor intensa de castanho que o cabelo de Eby tivera. Quando conhecera Kate, Eby vira

nela uma versão de si mesma, mais sonhadora e dada à leitura, e quisera muito conhecê-la. Mas a mãe de Kate, Quinn, partira zangada naquele verão e Eby sabia por experiência própria que não havia mais nada a fazer senão manter a porta aberta e ter esperança que Kate pudesse atravessá-la outra vez um dia.

– Dizes que ela apareceu assim simplesmente? – perguntou Bulahdeen.

– Tentei manter-me em contacto com ela, mas a mãe dela não quis. Ao que parece, Kate descobriu hoje um postal que lhe enviei há quinze anos. Decidiu vir visitar-me.

– Atlanta fica muito longe para vir só fazer uma visitinha – comentou Selma, contemplando o lago que escurecia.

– O que significa isso? – perguntou Bulahdeen.

– Significa que ela quer alguma coisa.

– Oh, chiu – retorquiu Bulahdeen. – Não lhe dês ouvidos, Eby.

Quando Kate e Devin chegaram junto delas, Eby abanou algum do fumo que ondeava à sua frente como se saísse de uma poção.

– Os cachorros-quentes ficam já prontos e, esperemos, não muito queimados. Estas grelhas são imprevisíveis – disse. – Kate, Devin, gostaria de vos apresentar Bulahdeen e Selma. Minhas senhoras, estas são as minhas sobrinhas.

– Vem cá, querida. Senta-te aqui comigo – pediu Bulahdeen a Devin, dando uma palmadinha no assento ao seu lado, à mesa de piquenique. – Queres um doce? – Tirou um rolo quente e amassado de rebuçados *Life Savers* do bolso traseiro das calças.

Selma ainda não lhes ligara nenhuma, o olhar ainda fixo no lago. Estava sentada sozinha na mesa seguinte, recostada para trás com as pernas cruzadas e com a saia a ondular como uma cortina de palco. Abanava-se com um velho leque de cartão publicitário de uma capela de casamentos de Las Vegas. Selma fungou e pousou de repente o leque. Eby sabia que estivera a prestar atenção.

– Chamas a isso um doce? Isso não é doce. Vem comigo... menina – disse Selma, como se já tivesse esquecido o nome de Devin. – Dou-te um verdadeiro doce.

– Posso, mãe? – perguntou Devin.

Kate virou-se automaticamente para Eby, fazendo-a sorrir. Já ninguém recorria a ela para esse tipo de orientação. As pessoas da vila costumavam

fazê-lo a toda a hora. Era por essa razão que a maioria dos habitantes locais vinha até ao lago. Eby costumava saber sempre o que dizer, o que fazer. E a redução acontecera de forma tão gradual que não tinha a certeza se a razão para ter parado de ajudar se devia ao facto de as pessoas terem deixado de vir ou vice-versa. Eby acenou com a cabeça para Kate, dizendo-lhe que não havia problema. Selma criava primeiras impressões horríveis junto das outras mulheres.

– Está bem – concordou Kate para Devin. – Mas guardas para depois do jantar.

– Selma, não leves essa criança para a tua cabana – observou Bulahdeen. – Parece um bordel.

– O que é um bordel? – perguntou Devin.

– Um sítio apenas para mulheres *lindas* – retorquiu Selma passando por elas. Devin apressou-se atrás dela como um gato atrás de um cordel.

– Não se preocupe – disse Bulahdeen quando Kate ficou a olhar para elas. – Selma tem mesmo doces melhores. Mas não está a fazer isto por pura bondade. Está a fazê-lo para poder dizer, de forma específica, que tem o melhor doce aqui e dar-lhe um duplo sentido. Atentem nas minhas palavras.

– Selma não parece muito... feliz por estar aqui – comentou Kate.

Bulahdeen abanou a cabeça.

– Oh, essa é apenas a impressão que gosta de dar. Vem todos os anos, desde há trinta anos. Penso que para descansar. Já casou sete vezes. Eu sei que preciso do descanso. Mas só tem mais um.

– Mais um quê? – inquiriu Kate.

Bulahdeen inclinou-se para a frente e respondeu:

– Marido. Selma tem oito feitiços. Oito oportunidades infalíveis para casar com o homem que quer. Já usou sete. Estou ansiosa para ver em quem vai usar o número oito. De certeza que tem de arranjar um grande negócio, visto ser o último e tal. O homem terá de ter muito dinheiro. E com toda a probabilidade será velho.

Kate olhou novamente para Eby. Desta vez, Eby apenas sorriu. Kate hesitou e depois disse para Bulahdeen:

– Está a referir-se a oito verdadeiros feitiços físicos?

– É o que ela diz.

– Então ela pensa que tem poderes mágicos – retorquiu Kate, o olhar a desviar-se para onde Selma e Devin tinham desaparecido, com toda a probabilidade a criticar a decisão de deixar a filha ir com aquela mulher.

Aquilo fez Bulahdeen rir-se e esticou-se para dar uma palmadinha na mão de Kate.

– Magia é o que inventamos quando queremos alguma coisa que pensamos que não conseguimos ter. Pensar que é uma *femme fatale* fá-la feliz. Nós aceitamos.

Um minuto depois, Devin voltou a correr, deliciada com um pedaço de chocolate embrulhado em papel dourado. Selma caminhava descontraída atrás dela.

– Tenho o melhor doce aqui – afirmou, ocupando o seu lugar na mesa separada, afastada delas.

– O que disse eu? – Bulahdeen piscou o olho a Kate. – Selma, não existe homem nenhum num raio de muitos quilómetros. Nunca desligas?

– Claro que não – retorquiu Selma.

– Ela tem mesmo o melhor doce aqui – afirmou Devin. – Não quero que ela «desligue».

– Da boca dos pequeninos... – disse Selma.

A escuridão caiu e a única iluminação provinha das fiadas de luzinhas que envolviam os paus dos guarda-sóis e que Eby descobrira no armazém e trouxera para um último verão. Criavam salpicos redondos de luz no relvado. Enquanto comiam cachorros-quentes com mostarda castanha e salada de batata com funcho em pratos de papel, conversavam sobre os verões que tinham passado ali. O verão em que chovera todos os dias, todo o papel de parede descolara das paredes e um tapete de rãs passara a residir no relvado. O verão tão seco que se conseguia ver o fundo do lago e os hóspedes tinham entrado a vau e descoberto bugigangas que pensavam ter perdido na água há anos: moedas, travessões velhos, soldadinhos de brinquedo de plástico duro. Kate não disse muita coisa, mas parecia gostar das histórias. Descontraíram-na um pouco.

Eby estava sempre a lançar-lhe olhadelas. Kate dissera que tinha sido um ano difícil depois de o marido morrer. O facto em si próprio não era inusitado, não para uma mulher Morris. Mas o facto de ali estar era significativo. Mostrava alguma concentração, algum propósito, o que *era*

inusitado para uma mulher Morris em processo de luto. Tinha o ar de alguém que saía à rua pela primeira vez há muito tempo.

Depois de comerem, fez-se silêncio, à exceção do matraquear da vida selvagem noturna, uma espécie estranha de coro que parecia chamar de um dos lados do lago e responder do outro.

Devin ergueu o pedaço de chocolate que Selma lhe dera e Kate assentiu concordando que podia comê-lo agora. O ruído do papel prendeu a atenção de Selma. Quando Devin colocou o chocolate na boca e mostrou uma expressão dramática de isto-é-tão-bom, poderia ter havido uma sugestão de sorriso nos lábios de Selma, mas desvaneceu-se tão depressa como surgira.

– Isto é quase como costumava ser, com jovens em volta. Vou sentir saudades deste lugar – disse Bulahdeen, enchendo de novo com vinho o seu frasco de compota. Ficava sempre um pouco tocada nesta altura da noite. Eby por vezes pensava se viria porque ali podia beber o que lhe apetecia e os filhos não podiam impedi-la. – Sabem o que vou fazer? Planear uma festa. Para aqui mesmo. Com decorações, álcool e música. Sim! Despedir-nos-emos deste lugar com uma festa! No próximo sábado. É um bom final para esta história. Não o melhor, mas suficientemente bom. – Remexeu na malinha até que encontrou um bloco de notas e uma caneta e começou a escrever.

– Haverá baile nessa festa? – perguntou Selma da sua mesa.

– Só se quiseses dançar comigo – retorquiu Bulahdeen.

Selma suspirou.

– Não, obrigada.

Uma festa de despedida. Perturbada, Eby levantou-se e começou a recolher os pratos e copos de papel. Kate levantou-se de imediato para a ajudar. Devin limpou as mãos ao vestido e foi inspecionar uma rã que estava a aproveitar-se dos insetos que as luzinhas atraíam. Selma inclinou-se para trás quando Devin passou por ela, como se receosa que Devin lhe tocasse com os dedos cobertos de chocolate.

– Ainda tens aquele estrado para dançar que tu e George costumavam trazer cá para fora à noite? – perguntou Bulahdeen a Eby. – Aqueles grandes quadrados de madeira que se fixavam?

– Vi-os no armazém quando fui buscar as luzinhas – confirmou Eby. – Tinha-me esquecido que estavam lá.

– Eram bons tempos, não eram? Dançar nas noites de verão. –
Bulahdeen baloiçou na sua cadeira ao som de música imaginária. –
George até contratava um conjunto aos fins de semana. Recordam-se
disso? Kate, vem à festa com Devin?

Kate encaminhou-se para o caixote do lixo de madeira junto às grelhas e
colocou os restos do jantar dentro do saco de plástico.

– Não sei se ainda cá estaremos.

– Oh! Pensei que talvez fossem ficar algum tempo – disse Bulahdeen. –
Para ajudar Eby.

Kate virou-se para Eby.

– Precisas de ajuda?

– Vai ser uma grande mudança – replicou Eby, despejando os restantes
pratos e copos no lixo. – Demasiado grande. Demasiado avassaladora.

– Terei todo o gosto em ajudar na medida do possível.

Eby hesitou. Por aquele andar, Lisette não ia dar ajuda nenhuma. Mas,
pelo menos com Lisette, Eby tinha uma desculpa para não o fazer.

– Tens a certeza?

– Devin está de férias de verão. E todas as nossas coisas estão por agora
na nossa nova casa. Tenho de começar em breve a trabalhar na agência
imobiliária da minha sogra, mas não há nenhuma data determinada.

– É agente imobiliária? – perguntou Bulahdeen.

– Não. Eu e o meu marido tínhamos uma loja de bicicletas. – Fez uma
pausa. – Vendi-a o ano passado, depois de ele falecer.

Aquilo fez com que Bulahdeen ficasse um pouco mais sóbria.

– Sinto muito.

– Bem, se vais ficar algum tempo, claro que apreciaria a tua ajuda –
disse Eby com resignação.

Uma festa de despedida. Ajuda nas mudanças. Estava tudo a correr sem
problemas. Não admitira para si própria senão agora que pensara que o
facto de Kate e Devin terem aparecido era algum grande sinal a dizer-lhe
que não devia vender, que havia outra maneira de salvar o lago. Era uma
tolice, claro, porque a sua família nunca fora sinal de nenhuma coisa boa.

Bulahdeen bebeu um gole comemorativo do seu vinho e voltou a deixar
cair o copo em cima da mesa.

– Ótimo! Nesse caso, são cinco pessoas para a festa – disse. – Não...
seis! Fazemos a festa durante o dia para Lisette também poder vir.

Kate mostrou-se perplexa.

– Lisette não pode sair à noite?

– Lisette pensa que as refeições à noite dão azar, por isso não gosta de estar ao pé de comida depois de o Sol se pôr. É por isso que sempre se serviu o pequeno-almoço e o almoço na casa principal, mas nunca o jantar. George construiu as grelhas do churrasco para os hóspedes poderem cozinhar cá fora à noite. – Eby sorriu quando Kate olhou para a casa principal, onde havia uma luz acesa no piso superior, a luz do quarto de Lisette. Passou uma sombra pela janela, como se ela as estivesse a observar. – Devemos parecer muito estranhas.

– Não. – Kate abanou a cabeça. – É do que me lembro mais em relação a este lugar.

Ouviu-se à distância o som inconfundível de pneus a esmagarem a gravilha e toda a gente se virou. Um par de faróis faiscou através dos bosques. Kate olhou em volta à procura de Devin, um ligeiro pânico na voz quando a chamou. Devin, que perdera o interesse pela rã, estava a saltar de uma poça de luz do guarda-sol para outra, no relvado. Voltou a correr para a mãe. *É curioso*, pensou Eby. *Quem pensariam que era?*

Um *Toyota* azul-escuro apareceu e parou em frente da casa principal. Dele saiu um homem magro na casa dos sessenta. Sorriu e ergueu a mão num aceno tímido.

– E já temos sete! – exclamou Bulahdeen contente, apontando o nome dele.

– Se ele vier à festa, talvez eu venha – proclamou Selma.

Bulahdeen emitiu um som de desaprovação, não levantando os olhos da sua lista.

– Sabes que ele não está cá por tua causa.

– Não significa que não possa dançar com ele.

– Quem é? – perguntou Kate.

– É Jack Humphry – respondeu Eby. – Costuma vir todos os verões. Está apaixonado por Lisette há anos. Sabe que será a sua última oportunidade com ela. Olhem para aquela expressão no rosto dele. É o olhar de um homem que finalmente acordou.

– Conheço aquele olhar – disse Kate. – Sinto-me como se tivesse acabado de acordar depois de ter estado a dormir durante um ano.

Eby queria dizer-lhe tanta coisa. Queria dizer-lhe que acordar é a parte mais importante do processo do luto, que tantas mulheres na família delas não o tinham conseguido fazer e que estava orgulhosa por Kate se esforçar para voltar. Mas não disse nada. Conseguia resolver muitas coisas, mas a família não era uma delas. Fora uma das coisas mais difíceis com que tivera de se conformar. Fora por essa razão que deixara Atlanta. Apertou o braço de Kate, puxou o saco para fora do caixote do lixo e encaminhou-se para a casa principal para cumprimentar Jack.

Porque já era mais que tempo de Lisette acordar também.

Na quietude escura como breu da manhã seguinte, Lisette acordou e vestiu-se com as sedas que a mãe velhinha ainda lhe mandava de Paris, coisas frescas e deslizantes que a faziam sentir-se como se se cobrisse com ar fresco. Durante algum tempo, depois de ter partido de Paris, Lisette deitava fora, por princípio, os pacotes que a mãe enviava. Não era a mesma rapariga bonita e vaidosa que a mãe conhecera. Mas depois começou a abrir uma exceção em relação à *lingerie*. Não era vaidade se ninguém senão ela a via a usar esse tipo de coisa. A seguir vestiu um vestido azul e um avental lavado que cheirava ao sabão de citronela que Eby usava para os lençóis e toalhas das cabanas, o único sabão que conseguia tirar o mofo húmido que se queria agarrar a tudo naquele sítio.

Desceu sem fazer ruído para começar a tratar do pequeno-almoço, entreabrindo primeiro um pouco a porta do quarto de Eby para se certificar que ela ainda respirava. Fazia-o todas as manhãs desde que George falecera. Eby não sabia. Eby não gostava quando Lisette se preocupava de mais. A relação das duas sempre fora desproporcionada nesse aspeto. Era apenas Eby, competente e confiante, que tinha autorização para se preocupar com Lisette, temperamental e delicada.

Lisette acendeu as luzes da cozinha e principiou a trabalhar. Tudo estava silencioso, demasiado silencioso. Mas obrigara-se ao longo dos anos a acostumar-se à manhã, apesar de ser a noite que costumava verdadeiramente adorar por causa da sua energia e agitação. Isso, pelo menos, reconhecia que herdara do pai. O restaurante dele ficara sempre aberto até tarde, um dos últimos a fechar em Paris, e atraía pessoas de mentes poéticas e turbulentas.

O fantasma de Luc estava sentado, sossegado, na cadeira do canto, perto do frigorífico azul, tal como todas as manhãs, com o aspeto que tinha a última vez que ela o vira ao jantar quando ambos tinham dezasseis anos, com a sua camisa branca boa manchada de amarelo devido ao suor nervoso por baixo dos braços, o rosto jovem a seguir ansiosamente todos

os movimentos dela. A expressão era do momento antes de ela lhe entregar o bilhete, o que lhe partira o coração, um bilhete como inúmeros outros que escrevera antes. Lisette não entendera o que era ser rejeitado, pois ela própria nunca fora rejeitada. Ficara em estado de choque quando soubera do suicídio dele no dia seguinte. O que era ela, um monstro? Ninguém devia ter o poder de magoar outra pessoa de forma tão total, tão completa. Merecia morrer da mesma maneira, porque mudar estava fora de questão.

Eby salvara-a com a sua bondade. Fora por isso que Lisette decidira seguir Eby para onde quer que ela fosse, fixando-se por fim ali, no Lago Perdido. Eby tornava-a uma pessoa melhor. Lisette não fazia ideia do que faria sem Eby. A ideia assustava-a tanto que não conseguia pensar nisso. Não conseguia pensar na sua vida em lugar nenhum senão ali. Nunca voltaria para Paris. O que pensaria Eby que podia acontecer? Que Lisette veria a mãe e, de repente, querería viver com ela outra vez?

Não. Nunca.

Mas sem Eby, sem este lugar, tudo o que restava a Lisette era Luc e não queria aceitar que ele não era suficiente, que ele tinha dezasseis anos e era um fantasma, sendo que nenhuma das duas coisas sabia muito sobre a vida.

Ligou a pequena máquina de café na cozinha, para ela e para Eby, e depois pôs-se a fazer os biscoitos de cebolinho e tartes de fruta, como os que recordava de uma pastelaria a que costumava ir quando era criança.

Adoravam-na aí, davam-lhe doces de graça porque era muito bela. A criança, Devin, gostaria deles. Há tanto tempo que não havia ali crianças. Lisette estava feliz. Eby ainda estaria mais feliz. Lisette sabia que a única mágoa que Eby sentia com o corte das relações com a família era o facto de nunca ter visto a sobrinha crescer. Mas depois, naquele verão em que George morrera, a sobrinha, Quinn, aparecera e Eby ficara a conhecer a sobrinha-neta, Kate. Lisette pensara que, por fim, Eby teria crianças na sua vida como sempre desejara... mas a coisa não correrá bem. Talvez agora, a terceira vez, a terceira geração, operasse o feitiço.

Talvez as raparigas fizessem com que Eby quisesse ficar. Ou pelo menos não ir para tão longe.

Lisette sabia que Eby queria voltar à Europa. Eby e George falavam muitas vezes nisso. E quando Eby sonhava com Paris, de manhã contava

sempre o sonho a Lisette. Ela ficava sempre tensa, a escutar, mas não dizia nada. No final de contas, eram apenas sonhos. Lisette não fazia ideia que esses sonhos tinham significado tanto para Eby. Nunca suspeitara que Eby estivesse disposta a sacrificar o Lago Perdido para que esses sonhos se realizassem.

Mal tudo ficou encaminhado, Lisette ligou a grande máquina de café de aço inoxidável para os hóspedes na sala de jantar e puxou as cadeiras das mesas, parando à janela para olhar lá para fora. A névoa do lago estava a emitir a sua luz estranha, como se estivesse viva, como um pirilampo.

Houve qualquer coisa que lhe prendeu a atenção e inclinou-se para a frente, a testa quase apoiada no vidro. Viu uma figura lá fora, iluminada pela névoa. Alguém corria à volta do relvado de *sweatshirt* com capuz, calções e ténis.

Apesar do sobressalto inicial por ver alguém lá fora no relvado depois de uma época sem hóspedes nenhuns, Lisette não precisou de lhe ver o rosto para saber quem era.

Quando teria chegado? Com toda a probabilidade a noite passada. Eby não lhe contara.

Afastou-se da janela, voltou muito depressa para a cozinha e trancou a porta atrás dela. Aquilo era ridículo. Porque trancara a porta? Não era que Jack fosse entrar por ali adentro. Não era assim tão ousado, tão agressivo.

Mas, mesmo assim, a timidez tinha a sua forma própria de agressão. Ela não possuía defesas contra sentimentos invasivos lentos. Deslizavam direitos a ela como se através de buracos de ratos. Jack andara a insinuar-se há anos, tão fervoroso e crédulo como Luc fora.

Olhou para Luc e viu-o sorrir-lhe do canto. Parecia aprovar esta loucura.

Lisette ouviu som de pés a arrastar-se, virou-se e viu que Eby já entrara na cozinha e estava a servir-se de uma chávena de café.

Vestia um pijama largo cor-de-rosa, que apenas servia para a fazer parecer mais alta e mais magra.

– Deduzo que Jack esteja lá fora – disse Eby.

Lisette revirou os olhos ao mesmo tempo que se descolava da porta, onde estivera apoiada, como se a barricasse. Foi tirar as bases das tartes do forno.

– Chegou a noite passada. Sei que disse que te levava hoje à vila para comprar mais mercearias, mas tenho todo esse inventário para fazer. Inventário com o qual não me ajudas. Por isso Jack disse que te levava ele.

Lisette pousou com cuidado as bases das tartes e escreveu muito depressa no seu bloco de notas: *Pode esperar*.

– Creio que não. Bulahdeen decidiu organizar uma festa de despedida. É melhor ajudares ou vamos acabar com uma quantidade de álcool e nada para comer.

Lisette semicerrou os olhos para Eby e depois escreveu: *Sei o que estás a fazer*.

Eby leu aquilo e sorriu.

– Eu? – disse, virando-se para voltar lá para cima com a sua chávena de café. – Só estou a fazer o inventário.

Kate ouviu bater à porta e abriu os olhos. Soergueu-se com rapidez na cama de ferro forjado e olhou em volta, orientando-se, recordando onde se encontrava. Cambaleou até à sala da cabana. Viu que a porta do quarto de Devin ainda estava fechada e acometeu-a um medo súbito e irracional que Devin pudesse lá não estar. Mas abriu a porta e viu-a a dormir de costas, os membros esticados como as pontas de uma estrela. Os óculos estavam empoleirados na mesinha de cabeceira como se a observassem, como se solitários sem ela.

Outra batida na porta da frente. Foi destrancá-la. Lisette encontrava-se ali à luz da manhã com um tabuleiro com dois pratos tapados com guardanapos e um termo de café.

O odor de qualquer coisa salgada e de massa de bolos atingiu-a e a boca de Kate começou a salivar.

– Lisette – disse, surpreendida. – O que é isto?

Lisette fez um aceno para o interior da cabana e Kate recuou. Lisette entrou e pousou o tabuleiro na mesa redonda desgastada perto do canto da cozinha. Kate observou-a a tirar os guardanapos brancos dos pratos, revelando tartes de fruta, biscoitos e *bacon*.

Puxou a seguir de um bilhete já escrito e de um envelope do bolso do avental.

O bilhete dizia: *Tenho um favor a pedir. Podes ir hoje ao supermercado Fresh Mart na vila comprar-me algumas mercearias? Devia ser Eby a levar-me, mas diz que tem o inventário para fazer. O dinheiro e a lista estão no envelope. Dá-o apenas à rapariga do balcão da receção. Ela trata de ir buscar as coisas. Há mais hóspedes do que eu previa e Eby mencionou que Bulahdeen está a planear dar uma festa. Farei um belo bolo.*

– Claro que vou – disse Kate, pegando no envelope. – Terei todo o gosto.

Lisette escreveu no bloco de notas em volta do pescoço: *Obrigada. As tartes de fruta são para Devin. Parecem pequenas joias brilhantes. Como ela.*

– Ela vai adorar. Obrigada.

Lisette sorriu, recolheu as notas que escrevera e foi-se embora. Kate seguiu-a e estava prestes a fechar a porta quando por acaso olhou para baixo e viu um pequeno osso curvo no degrau superior do alpendre. Curiosa, apanhou-o e ergueu-o à luz. Era um velho dente de animal de algum tipo, familiar de uma forma que não identificou de imediato.

Levou-o para dentro e pousou-o em cima da mesa quando se sentou. Passou as mãos pelo cabelo curto, esfregou o rosto e olhou para a comida fantástica em pratos desirmanados antigos.

Pegou no termo de café e serviu-se de um pouco para uma chávena. Acrescentou açúcar e natas até ficar da cor de caramelo. A mãe costumava beber o café assim. *Tão doce que poderia beijar-te*, costumava dizer. Por mais louca que a mãe tivesse sido, alturas houvera depois de o pai morrer em que parecera quase normal. Quando se podiam dar a esse luxo, Kate e a mãe iam ao cinema, levando doces e bebidas às escondidas para não terem de comprar as coisas excessivamente caras que lá vendiam. Viam televisão juntas todas as sextas à noite, com os tabuleiros do jantar em cima dos joelhos. Por vezes, a mãe entranchava o cabelo de Kate à noite, depois punha-lhe uma touca de dormir e deixava-a dormir numa das suas fronhas de cetineta para que as tranças ainda estivessem firmes de manhã, para a escola.

Kate desejava que tivessem existido mais momentos bons. Recordações que fizessem com que fosse mais fácil regressar.

Recostou-se para trás e considerou a hipótese de não voltar a Atlanta. De se esconder talvez ali para sempre. Devaneios tolos. Claro que isso nunca sucederia. Eby ia vender o sítio. E Kate tinha de perceber que a razão para ter concordado em viver com a sogra, Cricket, apesar de Matt não o ter querido, apesar da ideia de como educar filhos da sogra não ter nada a ver com a sua, era porque no fundo estava assustada. Tinha agora bastante dinheiro da venda da sua casa e da loja de Matt. Podia fazer o que quisesse. Podia mudar-se para qualquer sítio. Mas nunca estivera sozinha. Vivera com a mãe, depois com Matt. Quando Matt morrera, descobrira um vazio na sua vida que não sabia existir. Sentia a falta da mãe e sentia a falta do pai, mas foi preciso perder Matt para entender por fim como estivera isolada, era como chegar ao fim da linha. Cricket interviera e preenchera essa parte da sua existência diária durante o último ano, mas eram ambas fracos substitutos para o que uma e outra na realidade queriam. Mas era melhor do que nada. Se Kate fizesse asneira, se se esquecesse de alguma coisa, havia um apoio. E se adormecesse outra vez durante um ano? E se não conseguisse ser a mãe que precisava de ser para Devin? E se não conseguisse fazê-lo sozinha?

Estendeu a mão para um biscoito. Não queria pensar nisso. Por agora, Devin e ela apreciariam aquele lugar com a sua proprietária lânguida, a sua cozinheira francesa muda e hóspedes com feitiços casamenteiros e planos para uma festa de despedida.

Por agora, apreciariam o seu último melhor verão, que de algum modo parecia implicar despedirem-se de muito mais do que apenas o lago.

Jack Humphry estava sentado sozinho na sala de jantar da casa principal. O jornal local encontrava-se dobrado sobre a mesa à sua frente. Já o lera duas vezes.

A manhã já ia alta e percebia que Lisette começara a fazer o almoço na cozinha, qualquer coisa que envolvia canela. Era um odor calmante, recordando-lhe noites silenciosas de inverno.

Ouviu vozes vindas lá de fora que não reconheceu.

Curioso, foi até à janela e espreitou.

Bulahdeen estava sentada numa mesa de piquenique, a escrever num bloco de notas. Mencionara qualquer coisa sobre uma festa de despedida

nessa manhã ao pequeno-almoço, uma festa que incluiria apenas os hóspedes do lago, o que Jack achou bom. Bulaheen era uma mulher gentil. Fora professora universitária de literatura há muito tempo. Jack pensava que uma pessoa que lia não podia ser má. Presumira que ela preferiria ter o nariz enfiado num livro a falar, mas enganara-se. Por vezes, vinha ter com ele quando estava sentado na sala de jantar e fartava-se de falar. Uma vez ele perguntara:

– Não quer ler? Há centenas de livros na sala.

Ela rira-se e respondera:

– Já os li todos. Sei como acabam. Gosto assim. Se os ler agora, os fins terão mudado.

Ele não entendeu aquilo, mas também o inglês não fora a sua disciplina favorita.

Selma estava sentada na mesa de piquenique atrás de Bulaheen. Estava a arranjar as mãos. Jack recuou um pouco, esperando que ela não o visse. Conhecia Selma há trinta anos e ainda não conseguia perceber se o *flirt* dela era a sério ou não. Isso parecia diverti-la. Ele tentava sempre evitá-la. Mas fora mais fácil de fazer quando houvera mais homens por ali.

Elas não estavam a conversar, por isso ele não sabia de onde vinham as vozes. Depois viu uma jovem alta com um vestido florido curto e sem mangas e chinelos de dedo a encaminhar-se para a casa. Vinha uma menina com ela, vestida com um tutu e um capacete de bicicleta cor-de-rosa. Falava alto ao mesmo tempo que corria em círculos à volta da jovem. A menina olhou para Bulaheen e Selma e depois perguntou qualquer coisa à mãe. A jovem assentiu e a menina correu a sentar-se ao lado de Bulaheen.

Jack demorou um instante a perceber que a jovem continuava a dirigir-se para ali, que ia mesmo entrar na casa.

Correu de volta para a sua mesa e sentou-se.

Jack não era um homem social.

Oriundo de uma família rica antiga de sulistas dinâmicos de Richmond, deveria tê-lo sido. Tinha três irmãos mais velhos, um advogado, um pivô de noticiário televisivo e um criador de cavalos. Crescera subjugado pelo ruído das suas vozes tonitruantes. Às vezes, só lhe apetecera tapar os ouvidos. Escapulia-se, procurando cantos sossegados. Os pais tinham abanado simplesmente as cabeças, pensando que três filhos cheios de

autoconfiança era o suficiente. Oh, Jack sabia que os pais o haviam amado muito e até os irmãos tinham conquistado a sua quota-parte de nódoas negras a defendê-lo de miúdos que gozavam com ele na escola. Mas não tinham esperado muito dele. Ele próprio não soubera o que esperar de si. Fora um aluno excecional, mas quando chegara a altura de partir para a universidade, sentira-se paralisado de indecisão. Não fizera ideia nenhuma do que fazer da sua vida. Manifestara o seu receio à mãe, que o beijara na face no seu quarto da residência estudantil no primeiro dia do seu ano de caloiro e lhe dissera com uma risada: «Visto que não gostas de fitar os olhos das pessoas, porque não te concentras nos pés delas?»

Assim, tornara-se podólogo.

Era a pura verdade, mas descobrira que quando contava aquela história às pessoas, a maioria se ria. Era a sua piada de estimação quando tinha absolutamente de ir a alguma festa ou cerimónia.

Viera pela primeira vez ao Lago Perdido quando um médico mais velho na clínica em Richmond o convidara para se juntar a ele e à mulher durante as férias de verão. Era óbvio que sentira pena de Jack, que alienara as enfermeiras e o pessoal naqueles primeiros anos porque era tão mau em interações pessoais. Melhorara, mas levava anos. O médico mais velho em breve se reformara e mudara de cidade, mas Jack continuou a aparecer no Lago Perdido todos os verões. Gostava da quietude. Gostava do facto de o sítio ser afastado de tudo. Gostava que, passado algum tempo, os clientes habituais do verão comessem a conhecê-lo e não tecessem juízos de valor em relação à sua natureza tímida e à forma como os seus olhos nunca conseguiam propriamente fitar os deles. Sobretudo, gostava da mulher calada na cozinha.

Nunca percebera como uma pessoa podia ser tão silenciosa. A presença de Lisette era um conforto e Jack passava a maior parte do seu tempo na sala de jantar, perto da porta da cozinha, perto *dela*. Por vezes, quando ela cozinhasse, trazia-lhe um pouco de sopa *borsch* fria ou pequenas sanduíches de salmão fumado. Punha a mesa em frente dele, sorria e depois voltava para a cozinha. Uma vez até estendera a mão e tocara no cabelo dele, mas aquilo parecera chocá-lo e nunca mais o fizera.

Estar perto dela era diferente de qualquer coisa que conhecesse. Fosse onde fosse, toda a gente falava. Até no balé, onde ia especificamente para ter o conforto de pessoas à sua volta sem ter de as ouvir, continuava a

haver palavras, ciciadas em sussurros. Lisette não só não falava, como também mal sequer fazia ruído quando se movimentava. Por vezes, desejava que todo o mundo fosse como Lisette. Mas não era. Fora uma coisa que a mãe sempre se certificara que ele percebia. O mundo não era como ele e não ia mudar por causa dele. O truque para ser bem-sucedido na vida, dissera-lhe, é não a detestar quando não é exatamente como pensamos que deve ser.

Quando Eby lhe telefonara para cancelar a reserva, para lhe contar que ia vender o Lago Perdido, dissera-lhe: «Mas Lisette ainda cá está e vai ficar durante o verão, caso haja alguma coisa que queiras dizer-lhe.»

Ao princípio não percebera. Estivera demasiado concentrado na mudança dos seus planos para o verão. O que ia fazer agora? Para onde iria? Mas nessa noite acordara com um sonho sobre uma rapariga numa ponte e percebera que era Lisette naquela ponte e que, se ela saltasse, nunca mais a veria. Sempre soubera onde a encontrar, mas depois daquele verão não saberia. Eby queria que ele dissesse qualquer coisa a Lisette. Não sabia o que era. Seria alguma coisa que a fizesse ficar? Detestava estar impreparado para alguma coisa, mas mesmo assim fez as malas e no dia seguinte partiu.

Nessa manhã, a sua primeira manhã no lago, acordara e fora correr, como sempre fizera. Quando vira a luz acender-se na sala de jantar, entrara. Sentara-se junto à porta da cozinha, à espera que Lisette saísse. Quando isso não aconteceu, o que era estranho porque ela parecia pressentir sempre a sua presença, voltara para a sua cabana para tomar duche e trocar de roupa. Quando regressara, o pequeno-almoço fora posto para os hóspedes, mas Lisette continuava a não aparecer.

Eby pedira-lhe na noite anterior para levar Lisette à vila naquele dia para fazer compras no supermercado e ele concordara, contente. Tinha curiosidade em saber o que seria ir às compras com ela. Seria como caminhar numa bolsa de quietude enquanto o resto do mundo barulhento se afastava deles? Tinha a certeza que ia gostar. Quando perguntara a Eby nessa manhã quando estaria Lisette pronta para sair, Eby dissera que não sabia. Depois Eby fora-se embora, dizendo que tinha o inventário para fazer nas cabanas, por isso Jack sentara-se ali na sala de jantar a maior parte da manhã, alerta, à espera.

Ouviu a porta da frente abrir-se e a jovem que vira lá fora entrar com uma bandeja de pratos vazios. Ela sorriu-lhe quando passou em direção à cozinha. A jovem tinha feições largas interessantes e uma forma de andar silenciosa que Jack apreciou. Bateu na porta da cozinha e depois tentou empurrá-la para abri-la. Mas estava trancada.

Jack pensou que era estranho. Lisette nunca trancava a porta da cozinha. Estaria bem?

– Lisette, sou eu, Kate. Vou sair agora. Trouxe os pratos do pequeno-almoço – disse a jovem. Enquanto esperava que Lisette viesse à porta, a mulher virou-se para ele. – Deve ser o Jack. Eu sou a Kate, a sobrinha-neta de Eby.

Ele assentiu, de olhos baixos.

– Prazer em conhecê-la.

Nesse momento, um bilhete apareceu por baixo da porta da cozinha.

Kate fitou-o, surpreendida. Tocava-lhe nos dedos dos pés. Equilibrou o tabuleiro numa mão e dobrou-se para apanhar o papel com a outra. Leu-o e depois disse:

– *Hum.*

Jack queria perguntar-lhe o que dizia o bilhete, mas não o fez.

Kate encaminhou-se para a mesa do bufete, pousou o tabuleiro e colocou o papel ao lado.

– Prazer em conhecê-lo também, Jack – disse, voltando a sair.

Quando a porta principal se fechou, Jack levantou-se e foi até à mesa do bufete. O bilhete, escrito com a letra bonita, fina e angulosa de Lisette dizia: *Por favor, deixa as coisas em cima da mesa. Eu depois vou buscá-las.*

Era óbvio que ela estava ocupada ali dentro. Não queria incomodá-la. Mas talvez ela não soubesse que ele ali estava. Talvez ela tivesse estado à espera que ele batesse à porta e chamasse por ela, como Kate fizera. Era uma coisa tão natural para a maior parte das pessoas.

Jack foi até à porta e bateu ao de leve.

– Lisette? Sou eu, Jack. Jack Humphry. Cheguei a noite passada. Eby disse-me que precisavas de alguém para te levar ao supermercado. Queria só que soubesses que estarei aqui fora logo que estejas pronta.

Passado um momento, apareceu outro bilhete por baixo da porta: *Já pedi a Kate para trazer as coisas de que preciso. Não precisas de esperar.*

Lamento que Eby te tenha feito perder tempo.

– Não me importo. Vou ler o jornal. Ficarei aqui mesmo, junto à porta.

Ele sabia que ela ainda ali estava, do outro lado da porta. Se se concentrasse bastante, quase conseguia ver a forma dela no grão da madeira. Passaram-se vários segundos e Jack esperou por outro bilhete dela. Nada. Pensou que se calhar devia sair dali, mas não conseguiu arranjar coragem.

De súbito, ouviu o ferrolho ser puxado para trás e recuou quando a porta se abriu de rompante.

Lisette suspirou, pegou no papel que ele ainda segurava e fez um gesto impaciente para ele entrar. Deitou a cabeça de fora espreitando para a sala de jantar para ver se lá estava alguém, cortou a direito para a mesa do bufete e levou o tabuleiro e o bilhete que passara a Kate para a cozinha. Pousou-os na bancada, depois virou-se e trancou outra vez a porta.

Escreveu-lhe outra nota: *Podes ficar aqui comigo. Mas não podes deixar que Eby saiba. Tens de estar sossegado.*

– Claro – retorquiu ele. – Gostaria muito. Gostaria de te ver trabalhar.

Virou-se para a única cadeira na cozinha, mas ela agarrou-lhe o braço e abanou a cabeça; depois ergueu um dedo, dizendo-lhe para esperar.

Desapareceu no corredor e voltou a empurrar uma velha cadeira de escritório que chiava. Colocou-a junto à parede do lado oposto da cozinha e apontou para ela. Jack, obediente, sentou-se.

Lisette ficou ali um instante, olhando da cadeira vazia junto ao frigorífico para ele e depois outra vez para a cadeira vazia. Atirou por fim as mãos ao ar, frustrada, como se tivesse acabado de ter uma discussão silenciosa com alguém e tivesse perdido.

Levou os bilhetes que acabara de escrever para o fogão e queimou-os um a um.

Ele observou-a espantado, enquanto as palavras se desfaziam em fumo.

Em que outro lugar do mundo poderia tal criatura existir? De repente, Jack já não estava preocupado com o sítio para onde iria quando o Lago Perdido desaparecesse. Estava preocupado com o sítio para onde Lisette iria. Jack aprendera a viver entre as pessoas naquele estranho mundo barulhento.

Mas, de algum modo, sabia que Lisette só conseguiria viver ali.

– Vamos, Devin, vamos embora! – chamou Kate quando saiu da casa.

Então aquele é o homem que está apaixonado por Lisette, pensou Kate. Jack não dizia muita coisa e Lisette não dizia absolutamente nada. Poderia ser interessante observar aquilo, se Kate e Devin fossem ficar mais tempo. Jack parecia bondoso. Era magro e atlético, de feições irregulares e tismadas, e tinha rugas como parênteses em volta da boca, como se tudo o que quisesse dizer fosse uma reflexão posterior.

– Onde vão? – perguntou Bulahdeen, erguendo os olhos da sua lista ao mesmo tempo que Devin corria para o carro.

– Comprar mercearias para Lisette.

– Importam-se que vá também? – perguntou Bulahdeen. – Preciso de arranjar umas coisas para a festa.

– Não nos importamos nada.

Bulahdeen enfiou o bloco de notas na mala e levantou-se com dificuldade.

– Selma, vamos à loja. Preciso de arranjar mais vinho.

Selma limava as unhas na mesa seguinte.

– Porque precisas de tanto vinho? O álcool não interfere com a tua medicação?

– Não tomo nenhuns remédios.

– Isso explica muita coisa – retorquiu Selma, soprando o pó da lima das pontas dos dedos.

– Vem connosco – convidou Bulahdeen, arrastando os pés até ela. – É para a festa.

– A festa a que não vou ir?

– Não disseste que te esqueceste de trazer o creme das mãos? É a tua oportunidade de o comprares.

– Ao contrário de ti, tenho o meu próprio carro. Posso ir comprar creme a qualquer momento. E talvez até nem precise dele. – Selma ergueu as mãos, examinando-as. – Este ar húmido é bom para a minha pele.

Bulahdeen encolheu os ombros.

– Como queiras.

Selma observou Bulahdeen a encaminhar-se para o carro. Mal Kate ajudou a mulher idosa a entrar para o assento da frente, Selma suspirou e levantou-se.

– Porque deixo que me convenças a fazer estas coisas? – perguntou, como se tivesse existido mais puxar de braço. Aproximou-se das outras. – Nem sequer posso ficar com o lugar da frente?

– Não – respondeu Bulahdeen, fechando a porta.

Selma abriu a porta de trás e espreitou para Devin, que estava agora sentada no banco traseiro.

– Chega-te para lá..., rapariga. Não vamos amachucar o meu vestido.

– Gosto do que está a usar.

– Obrigada. E esse conjunto que tens vestido é... impressionante – disse Selma.

– Obrigada – retorquiu Devin, bastante orgulhosa das suas roupas de balé, às quais acrescentara as botas de cobói e o capacete de bicicleta de um rosa brilhante com o logótipo de Pheris Wheels, que Matt lhe dera no ano anterior, pouco antes de falecer.

Devin não era o tipo de miúda que andava de bicicleta, dizia que o mundo passava demasiado depressa para o ver quando estava em cima de uma bicicleta, mas gostara sempre de estar com o pai. Matt não entendera aquilo. Mas acabara por ceder de alguma maneira quando lhe dera o capacete, porque lho oferecera só para usar, só porque sabia que ela gostava dele.

Kate sorriu à filha pelo espelho retrovisor.

– Cintos de segurança apertados? – exclamou Kate para a sua tripulação heterogénea. – Muito bem, vamos lá embora.

Depois de passarem por vários bairros de casas forradas com ripas de madeira de cores vivas, Kate abrandou ao aproximar-se da rotunda no meio da vila. Não se recordava de ter ido à vila da última vez que ali estivera, por isso foi apanhada de surpresa. O centro de Suley estava marcado por um silo estreito, velho e enferrujado, que se agigantava por cima das lojas na rotunda. Parecia tão perfeitamente deslocado que não conseguiu evitar fitá-lo, pasmada. O letreiro no pequeno parque que rodeava o silo dizia: TULHA DE SULEY, CONSTRUÍDA EM 1801. Ao lado havia outro letreiro que dizia: VEM CONHECER SUE, A VACA OFICIAL DA VILA, TODOS OS SÁBADOS DAS 9-1.

Kate descobriu o Fresh Mart na rotunda e estacionou em frente. Saíram todas e entraram na loja. Era um mercado virado para o turista com uma charcutaria, secção *gourmet*, um café e soalhos de madeira que rangiam. Todo o sítio cheirava a cones de *waffle*. Bulahdeen foi direita às prateleiras do vinho. Selma passeou-se pela secção da fruta e legumes, de forma enfasiada, pegando num pimento verde e depois pousando-o com um suspiro. Kate e Devin dirigiram-se para o balcão das informações e esperaram que a jovem do rabo-de-cavalo loiro largasse o telefone.

– Porque não vais ajudar Bulahdeen? – perguntou Kate a Devin. – Vê se não deixa cair nada.

Alguns minutos mais tarde, a jovem pousou por fim o telefone.

– Desculpe lá isto – disse.

– Não faz mal. – Kate entregou-lhe o envelope de Lisette.

A rapariga leu o bilhete e depois olhou para Kate.

– Está hospedada no lago?

– Sim. Vim visitar Eby. É minha tia-avó.

A rapariga levou as mãos à cabeça e apertou mais o rabo-de-cavalo. Não devia ter mais que vinte e um anos.

– Acho que nunca conheci ninguém da família de Eby.

– Há quinze anos que não vinha cá.

– Oh! Bem, vou encaixotar as coisas da lista de Lisette. É só um minuto. Lisette manda vir algumas coisas especiais de França, umas comidas estranhas, mas é uma boa cliente. Não como alguns hóspedes do Lago Perdido. Há essa senhora já de idade que vem passar as férias todos os anos. Quando cá vem, é detestável para todas as mulheres, mas os homens fazem-lhe a corte. O meu pai faz figura de parvo. Não sei o que vê nela. Tem um cabelo ruivo horrível.

– Está a referir-se a Selma? – Kate fez um aceno para Selma, que agora se ria de alguma coisa que o homem que arrumava peras *Bosc* estava a dizer.

A rapariga fez uma careta.

– É ela.

– Veio connosco.

– As minhas condolências. Já a velhota pequenina, gosto dela. Compra sempre vinho e, quando as raparigas da caixa lhe perguntam a data de nascimento, inventa sempre. Doze de outubro de mil novecentos e

quarenta e dois. Quatro de julho de mil setecentos e setenta seis. – Ambas observaram Bulahdeen que se colocava na fila para pagar. Trazia tantas garrafas que se inclinava para trás. Devin vinha logo atrás dela, como se para a agarrar se ela caísse. – Não acredito que esteja a comprar mais vinho. Esteve cá ontem.

Kate sorriu e virou-se para a rapariga.

– Vai dar uma festa de despedida para Eby.

– Então é verdade? – perguntou a rapariga. – Eby vai vender o Lago Perdido? Ontem, Bulahdeen disse que Eby ia vender, mas, sabe como é Bulahdeen. Eu não sabia se era verdade ou não.

– É verdade. Pelo menos, é o que Eby diz.

– Isso entristece-me. Já não vejo Eby há algum tempo, mas foi sempre simpática comigo. Quando estava no liceu, deixou-me levar o meu namorado para o lago e emprestou-nos um dos barcos a remos dela, porque sempre disse que o meio do lago era o melhor sítio para uma pessoa se apaixonar. – A rapariga começou, distraída, a catar os pedaços de rímel espesso que se lhe colavam às pestanas. – Quando é a festa?

– Sábado à tarde, acho eu.

A rapariga assentiu, depois virou-se, pegou numa caixa de cartão de uma pilha atrás dela e foi buscar as mercearias especiais de Lisette.

– Creio que, inadvertidamente, convidei a rapariga da receção para a festa – disse Kate, juntando-se a Bulahdeen e a Devin na fila. Pegou nalgumas garrafas da carga de Bulahdeen.

– Oh, não faz mal – retorquiu Bulahdeen. – Quantos mais, melhor.

– Quantos mais melhor? O que queres dizer com isso? – perguntou Selma, encaminhando-se para elas.

As quatro juntas atraíam alguma atenção. Não tinham o aspeto de turistas normais: uma senhora mais velha com um vestido justo vermelho e sapatos de salto alto; uma mulher de idade com os braços cheios de garrafas de vinho; uma menina de cabelo cor de palha, óculos, tutu e um capacete de bicicleta; e Kate. Todas antes do meio-dia.

– A filha do dono. Brittany. Vem à festa de despedida – respondeu Bulahdeen.

– Aquela rapariga detesta-me – disse Selma.

– Poderia não detestar se parasses de namoriscar com o pai dela. De qualquer modo, não vens à festa. O que te interessa?

Selma abanou a cabeça e afastou-se.
– Não me interessa nada.

Alguns minutos mais tarde, do estabelecimento do outro lado da rua, Wes Patterson viu uma jovem alta e magra sair do Fresh Mart. O cabelo castanho dela era um aglomerado de camadas curtas que, quando andava, lhe caíam soltas para os olhos. Empurrou o cabelo com os dedos, parando para olhar em volta da rotunda. Durante um momento, ao olhar fixamente ao longe, com a mão a segurar o cabelo para trás, exibiu aquela expressão que as pessoas muitas vezes apresentam na praia quando fitam a imensidão do oceano. Como se não acreditasse que houvesse tanta coisa à sua frente. Parecia um pouco perdida. Mas sorriu e virou-se quando o rapaz dos sacos do Fresh Mart lhe disse qualquer coisa. Abriu a porta traseira de um *Subaru* verde e o rapaz colocou lá dentro uma grande caixa de mercearias. Ela deu-lhe uma gorjeta e depois ajudou uma senhora idosa que trazia várias garrafas de vinho a entrar para o lugar do passageiro.

O cabelo dela fora mais comprido naquele verão quando eram miúdos, a cor escura num contraste espantoso com os olhos, que eram do perfeito verde brilhante da erva do verão. Wes não conseguia parar de a fitar. Reconhecera-a de imediato. Muitas vezes pensara se a conseguiria reconhecer, caso a tornasse a ver. Claro que estava mais velha, com curvas e ângulos que o fascinavam agora porque não tinham existido na altura. Mas reconheceria Kate em qualquer sítio. Ela dera-lhe o melhor verão que alguma vez tivera e que nunca conseguia relembrar sem pensar nos piores tempos da sua vida, que tinham vindo logo a seguir.

Kate trazia uma criança com ela. Não se pareciam muito, mas a menina era sem dúvida filha dela. Havia simplesmente qualquer coisa tão *Kate* na menina. Usava um bódi preto, um tutu branco, botas de cobói e um capacete de bicicleta cor-de-rosa. Era tal e qual a filha que imaginara que Kate teria tido.

O que estaria ali a fazer, depois de todo aquele tempo? Começou a sentir-se vagamente desconfortável, como quando nos apercebemos pela primeira vez que perdemos a carteira. Levou mesmo a mão ao bolso de

trás para ver se a carteira ainda lá estava e se as chaves estavam no bolso da frente.

Ela vinha com duas hóspedes de que Wes se recordava dos seus anos no lago. Isso significava que estava ali para visitar Eby e que não tinha nada a ver com ele nem com a carta. Isso devia tê-lo feito sentir-se melhor, mas só o deixou mais inquieto.

– Ora, aquilo é que é uma mulher elegante – comentou o homem mais velho sentado ao seu lado no balcão, tendo seguido o olhar de Wes através da grande janela.

– É um pouco nova para ti, não achas? – retorquiu Wes.

– Não me refiro à mãe. Refiro-me à ruiva – retorquiu ele, observando Selma a abrir a porta do carro e a esperar que a menina entrasse primeiro. Selma hesitou, como se soubesse que estava a ser observada. Sorriu ligeiramente e depois enfiou-se no carro, erguendo bastante a saia quando puxou as pernas no fim, oferecendo-lhes espetáculo. – Sempre tive um fraco por ruivas.

– Deloris mudou a cor do cabelo? – perguntou Wes.

– Não, ainda é morena – respondeu, dando uma última dentada na fatia de piza de fiambre e ananás à sua frente. Limpou a boca com um guardanapo de papel e depois atirou-o para cima do balcão. – Vou ficar no hotel do parque aquático com Deloris e as raparigas durante alguns dias. O advogado chega este fim de semana com os papéis. Estou contente por fazer negócio contigo, meu rapaz. Vamos fazer grandes coisas com aquela propriedade. – Estendeu a mão.

Wes fitou a mão gorda do homem durante um instante antes de dizer:

– Apertamos a mão para firmar o negócio quando Eby vender.

O homem sorriu.

– De acordo.

Quando o tio se afastava, Wes exclamou:

– Talvez nos possamos encontrar todos um dia destes, tu, eu, Deloris e as raparigas. Será bom pormos a conversa em dia.

– Certo, certo – retorquiu Lazlo sem olhar para trás. – Logo veremos.

Wes observou o tio a sair, a sacudir o ar à volta da cabeça como se uma praga invisível de insetos tivesse acabado de cair sobre ele. Mal entrou no *Mercedes* estacionado na borda do passeio, tirou um lenço do bolso das calças e passou-o ao de leve no rosto e pescoço artificialmente lisos.

Do outro lado da rua, o *Subaru* já tinha partido.

– Estás a fazer um pacto com o diabo.

Um homem de idade com uma barba grisalha espetou a cabeça para fora da cozinha. Era Grady, o cozinheiro. Decerto que estivera a ouvir o tempo todo. Toda a gente no pequeno restaurante, que ainda estava decorado ao estilo de pizaria com salão de jogos dos anos oitenta da sua encarnação anterior, tinha estado a escutar, inclinados para a frente nas suas cadeiras, a falar baixinho, os ouvidos a virarem-se como cabeças de corujas. A conversa em breve chegaria aos ouvidos de Eby.

– Eu sei – disse Wes, recolhendo o seu prato, o de Lazlo e os guardanapos do balcão junto à janela antes que uma das empregadas o pudesse fazer. – Mas não há razão nenhuma para ficar agarrado àquela terra se Eby vender. A minha propriedade fica no meio da dela. A única forma de valer alguma coisa é em ligação com a dela.

– Ainda não consigo acreditar que ela vá vender – retorquiu Grady, abanando a cabeça. – Aquele sítio é uma instituição.

– Eby ajudou uma série de pessoas nesta vila ao longo dos anos. Se quer ir embora, se é isso mesmo que quer fazer, devíamos apoiá-la. O Lago Perdido já não está a fazer dinheiro nenhum.

– Devíamos tê-la apoiado há muito tempo, se chegou a isso. – Grady semicerrou os seus minúsculos olhos castanhos como berlindes. – Consegues imaginar o aspeto do Lago Perdido quando tiver sido urbanizado? Quando o teu tio construiu o parque aquático e o *outlet*, a paisagem a norte da autoestrada mudou por completo. Desta vez, vais impedir que ele faça demasiados estragos, não vais?

– A mudança é boa, Grady. – Wes passou-lhe os pratos.

A porta da frente abriu-se e entrou uma jovem com um rabo-de-cavalo loiro.

– Bem, é oficial – anunciou Brittany em tom dramático. – Acabei de saber pela sobrinha. Eby vai vender o Lago Perdido.

– Já sabemos – replicou Grady. – Também acabámos de saber. Wes vai vender a propriedade dele ao mesmo construtor.

– Estou deprimida – disse Britt, sentando-se numa mesa próxima. – Nunca mais vou ter outro rapaz a levar-me lá. Por este andar, nunca mais me vou casar. Wes, vamos fazer um pacto. Se não estivermos casados quando chegarmos aos trinta anos, casamos um com o outro.

Wes riu-se. Brittany namoriscava sempre com ele entre namorados. Por alguma razão, parecia considerá-lo alguma espécie estranha de plano de reserva. Com toda a probabilidade porque estava perto e era uma das poucas pessoas da idade deles que não fora trabalhar para o parque aquático, para o *outlet*, ou que saíra por completo da vila.

– Vou chegar aos trinta muito antes de ti.

– Estarei pronta.

– Para de esperar, Britt. Vai tratar de conseguires o que queres.

– É isso que estou a fazer! Acabei de te pedir para casares comigo.

– Não sou o que queres na realidade – retorquiu Wes, dando-lhe uma palmadinha no ombro quando passou por ela a caminho da porta que conduzia à sua garagem por baixo do restaurante. – Vou estar no Lago Perdido se alguém precisar de mim.

Ao sair, ouviu Britt dizer:

– Preciso de queijo. Eby vai dar uma festa de despedida no lago, no sábado. Acho que vou ir e despedir-me da minha juventude.

– Dizes que ela vai dar uma festa de despedida? – perguntou Grady. – Ora, é uma boa ideia. Vou preparar umas asinhas de frango para levar.

Wes virou da estrada para o caminho de terra que levava ao Lago Perdido um pouco depressa de mais e as rodas traseiras cuspiram gravilha. Sentia que tinha de lá chegar o mais depressa possível. Precisava de explicar o que se passava antes de outra pessoa qualquer ter hipótese de contar a Eby. Devia-lhe isso.

Queria que ela soubesse que tudo aquilo, tudo o que estava a suceder, começava e terminava nela. Claro que Lazlo era da sua família. E parentesco de sangue significava alguma coisa para Wes. Mais do que deveria, considerando que o tio nunca na realidade estivera presente quando Wes era pequeno. Mas Eby e, por extensão, o lago, representava tudo o que fora bom na sua infância. Wes e o irmão, Billy, costumavam vir todos os dias a pé da sua cabana nos bosques. Quando a mãe de Wes se fora embora, o pai fervera de ressentimento, odiando a sua situação e toda a gente que procedera mal com ele, até não conseguir pensar em mais nada. Lá por dentro já não era humano, era apenas chamas em ebulição. Virou-se para o álcool e depois, quase de forma inevitável, para a

violência. Era Eby que remendava as roupas de Wes e Billy, lhes dava o pequeno-almoço antes da escola e lhes fazia festas de aniversário, convidando os colegas deles para o lago. Lisette servia gelado de pistácio e bolos feitos de bolachas de chocolate recheadas.

Depois do fogo, após ter perdido o irmão e o pai, Wes mudara-se da propriedade da família e fora viver com Daphne, a sua mãe de acolhimento, que fora tudo o que houvera de bom nos seus anos de adolescente.

Se não fossem aquelas duas mulheres de idade, com certeza que Wes, por esta altura, estaria ou morto ou bêbado ou na prisão.

Eby e ele ainda se mantinham em contacto. Via-a às vezes na vila. De vez em quando ela entrava no restaurante para comer uma fatia de piza e pôr a conversa em dia. Mas era a primeira vez há anos que ia ali ao lago. Viu que o sítio tinha envelhecido de forma dramática e parecia ter ficado mais pequeno. Tudo parecia precário, como se uma boa tempestade com chuva torrencial pudesse mandar tudo aquilo por água abaixo.

Estacionou junto à casa principal e entrou logo, encontrando Eby na receção. Estava de costas para ele e estendia a mão para uma chave de cabana na parede dos ganchos. Curiosamente, tinha pó na parte de trás da cabeça e na roupa, como se tivesse estado deitada num tapete que não era aspirado há algum tempo.

A garganta apertou-se-lhe quando a observou. Fora sempre uma mulher magra, mas parecia-lhe agora tão frágil, tão delgada e quebradiça como erva seca. Quase o matara perder a mãe de acolhimento há quatro anos. Não queria perder Eby também. Sabia que o fim do Lago Perdido não significava o fim de Eby, mas mesmo assim iria sentir a falta dela, de saber onde encontrá-la. Devia ter vindo visitá-la mais vezes. Devia ter vindo antes. Se o tivesse feito, teria visto que o sítio precisava de muitas reparações e teria tratado disso. Existe um dado ponto em que qualquer coisa pode ser salva. O truque é saber quando. E ele deixara-o escapar.

Mas se fora isso que Eby decidira, então era a decisão certa. Eby não fazia más escolhas. Toda a gente sabia disso. Não havia uma única pessoa na vila que não tivesse vindo até ao lago porque a sua vida se tornara demasiado sobrecarregada ou demasiado ruidosa, porque os casamentos estavam um caos ou porque detestavam os seus chefes. E iam sempre ter com Eby. Sentavam-se na sala de jantar e bebiam café ou comiam

qualquer coisa que Lisette estivesse a experimentar fazer na cozinha, *curd* de limão ou sorvete de iogurte ou sopa de milho. Não fora inusitado ver Eby a passear no carreiro coberto de árvores à volta do lago com alguém da vila, cabeças juntas, imersos em conversa. Havia até uma cabana no Lago Perdido, a número 2, onde mães arrasadas vinham passar uma noite de bem-aventurado silêncio, sem que isso suscitasse quaisquer problemas. Eby tinha a reputação de consertar as coisas. Se as pessoas queriam mesmo mudar, ela sabia o que fazer. Saltaria de uma ponte atrás das pessoas se pensasse que podia ajudar.

Algures pelo caminho, no entanto, tinham-se esquecido de quanto tinham precisado dela. Deviam ter-lhe dito mais cedo. Wes devia ter-lhe dito mais cedo.

De chave na mão, Eby virou-se e viu-o ali parado.

– Wesley! Olá! Estou só... *hum*, a dar uma volta nas cabanas, a fazer o inventário. – Fez uma pausa, fitando-o com curiosidade. – O que estás aqui a fazer?

– Lazlo também quer as minhas terras – disse Wes muito depressa, para confessar logo tudo. – Irei investir neste negócio imobiliário. Aconteceu simplesmente, hoje mesmo. E queria ser o primeiro a dizer-te. Lazlo nunca mostrou qualquer interesse pelas minhas terras até agora. E ainda não fiz nada. Estou à espera que se realize primeiro o teu negócio com ele, só para o caso de decidires não vender.

Eby sorriu face à explosão dele.

– É amoroso da tua parte, Wesley. Mas não tens de esperar. Não vou mudar de ideias.

– Lazlo não acha que vás mudar.

Eby perscrutou-lhe o rosto.

– Mas tu sim?

– Quero que faças o que te fizer feliz, Eby.

– E eu quero o mesmo para ti – retorquiu ela, dando a volta ao balcão da receção. Puxou-o para um abraço forte. Ele segurou-a ao de leve, receoso que pudesse parti-la. Ela afastou-se e viu que as mãos dele estavam cobertas de pó das roupas dela. – As cabanas não são limpas há algum tempo – disse, sacudindo-lhe as mãos. – Bem, tens a certeza que queres desistir das terras da tua família?

– Não há lá nada senão más recordações e uma cabana queimada – respondeu Wes, abanando a cabeça. – Ficarei contente por me ver livre delas.

– E então as tuas recordações boas? – continuou ela, pousando a mão fresca na face dele.

– Todas as minhas boas recordações estão aqui. – Afastou o olhar, embaraçado.

Nesse momento, a porta abriu-se e Wes recuou para evitar que lhe batesse. De trás da porta, viu Kate e a filha entrarem numa rajada de tagarelice, preenchendo o ar com o odor de champô, creme solar, maçãs e cebolas. Kate trazia a grande caixa de cartão aberta cheia de produtos de mercearia do Fresh Mart. Ficou surpreendido por ter chegado antes delas.

– Kate! – exclamou Eby, surpreendida. – O que estás a fazer? O que é isto?

– Lisette pediu-me para ir buscar umas coisas para ela – disse Kate, mudando a posição da caixa nos braços. – Teríamos chegado mais cedo, mas tivemos de voltar porque Selma se esqueceu de comprar o creme das mãos.

– Lisette pediu-te para ires buscar isso? Pensei que Jack tinha ido com ela. Então ela esteve aqui o tempo todo? Aquela diabinha! Deve ter andado por aí em bicos de pés para eu não a ouvir – retorquiu Eby, rodando nos calcanhares e avançando a passos largos para a sala de jantar, onde em breve a ouviram a bater com força na porta da cozinha, exigindo que Lisette a destrancasse.

– Deixa-me levar isso – disse Wes, surgindo do outro lado da porta. – Parece pesado.

Kate gritou e quase deixou cair a caixa de cartão. Wes estendeu os braços e agarrou-a.

A menina riu-se

– Ele assustou-te!

– Sim, sim – retorquiu Kate, envergonhada. – Muito engraçado.

– Devias ter visto a tua cara!

– Vou levar isto a Lisette – disse Wes.

– Obrigada.

Ele viu-lhe as sobrancelhas franzirem-se, a examiná-lo. Agora que se achava mais perto, conseguiu ver que ela era mais pálida do que ele se

recordava, como se já não passasse muito tempo ao sol. Algumas sardas que não conhecia eram visíveis no nariz. Ela detetou qualquer coisa familiar nele, mas não percebeu o quê. Ainda bem. Ele virou-se e ouviu-a dizer para a filha:

– Toca a andar. Vamos ajudar Bulaheen com as garrafas.

Partiram, levando com elas aquela brisa de garrulice, deixando a casa num silêncio tranquilo. Eby parara de bater e qualquer coisa pairou no ar naqueles poucos instantes antes de Lisette abrir a porta da cozinha e Eby dizer:

– Já não tens dezasseis anos.

E Bulaheen entrou com várias garrafas de vinho e disse:

– Wes! Há que tempos que não te via! Precisas de vir à nossa festa!

Qualquer coisa que parecera quase esperança.

* * *

– O que é este barulho horroroso? – perguntou Selma quando os hóspedes se começaram a congregar no relvado para o jantar.

Anteriormente, toda a gente se retirara para as suas cabanas durante o período mais quente da tarde, mas agora emergiam como animais noturnos das suas cavernas frescas, de nariz no ar, à procura de sustento.

Kate, que estava ao lado de Eby a debulhar milho para ser colocado na grelha com os cachorros-quentes, tomou de súbito consciência de um martelar constante a ecoar por cima da água. Olhou para a carrinha que ainda estava estacionada em frente da casa principal, uma carrinha branca com HANDYMAN PIZZA escrito de um dos lados e um logótipo de um homem entroncado e sorridente com um cinto de ferramentas e a rodopiar massa de piza no ar.

Eby tinha chamado um faz-tudo para qualquer trabalho ou tinham vindo entregar-lhe uma quantidade de piza.

– Wes decidiu consertar umas tábuas empenadas no embarcadouro enquanto cá está – explicou Eby. – Disse que algumas pareciam demasiado perigosas para se andar em cima delas. Disse-lhe que não precisava de o fazer. Não há necessidade de pôr este sítio a brilhar, agora que vou vender.

Disse aquilo em tom pesaroso e Kate estava a começar a pensar se Eby estaria na verdade a considerar mesmo a sério vender. Procurara-a antes, a pensar que lhe podia dar uma ajuda com o inventário que parecia

preocupá-la tanto. Mas Eby não se encontrava em sítio nenhum, quase como se estivesse de forma deliberada a evitar esse inventário. E, por mais delirante de entusiasmo que Bulahdeen estivesse com a sua festa de despedida, Eby não estava a participar no planeamento e falava o menos possível sobre o assunto.

– Talvez ele esteja a fazer aquilo para a festa – comentou Bulahdeen do seu lugar na mesa de piquenique. Devin estava ao lado dela. Jack juntara-se, silencioso, a elas e estava a mostrar a Devin um truque com moedas. – Convidei-o.

– Convidaste? – perguntou Selma, aproximando-se. – Afinal talvez venha, agora que vêm homens. Danças, Jack? – Tocou-lhe com as pontas dos dedos nos ombros quando passou.

– Não – respondeu ele, esquivando-se à mão dela.

Kate perguntou a Eby:

– Estás a falar do homem que estava cá em casa hoje? O da *T-shirt* amarela?

– Sim.

– Pareceu-me familiar.

Aquilo fez Eby rir-se.

– E devia. Vocês os dois eram unha com carne naquele verão que cá passaste.

Kate sacudiu a cabeça num rompante, os olhos a virarem-se para o embarcadouro.

– É ele?

– Sabes que Wes me pediu a tua morada depois de tu e a tua família se terem ido embora? Creio que sentia saudades tuas. – Eby tirou a espiga de milho das mãos de Kate. – Porque não vais perguntar-lhe se quer ficar para o jantar?

Kate assentiu e limpou as mãos nos lados do vestido. Pareceria demasiado ansiosa? Atravessou o relvado até ao embarcadouro. Ele estava agachado, de joelhos, a martelar pregos numa tábuia nova. Não consertara apenas algumas das tábuas. Substituíra-as quase todas.

Uma recordação veio-lhe de repente à cabeça. A última vez que o vira fora ali mesmo. Tinham estado sentados na ponta do cais, com os pés dentro de água. Qualquer coisa andara a mudar entre eles, qualquer coisa que apenas a passagem do tempo esclarecera. Quase desde o início, Kate

soubera que Wes gostava dela, gostava dela daquela forma que os rapazes gostam das raparigas. Não se importara, desde que não interferisse com as aventuras dos dois. Mas, lentamente, à medida que os dias passavam, começara a sentir uma coisa semelhante a uma febre de verão a apoderar-se dela, uma moléstia. Emanava de algures perto da sua barriga trémula e evaporava-se, quente, da sua pele sempre que ele estava perto. Sentados ali no cais nessa tarde, Wes remexera-se um pouco e a sua perna nua tocara acidentalmente na dela. Cortara-lhe a respiração. *O que é isto?* lembrava-se de pensar, quase em pânico. *O que mudou?* Tentara escondê-lo dele, aquele mal-estar, porque quisera que as coisas ficassem como eram. Andara a divertir-se tanto. Sem dar por nada, Wes virara-se para ela para lhe fazer uma pergunta, mas depois parara, fitando-a com curiosidade enquanto ela sustinha a respiração e o contemplava, o brilho avermelhado no cabelo dele, a cicatriz por cima da sobrancelha direita, as pestanas, tão claras que eram quase loiras.

Ele percebera então. Vira a mudança, vira que aquela estranha moléstia a atingira também. E parecera tão *aliviado*, como parecera da primeira vez que lhe pusera os olhos em cima, quando ela estava a ler no cais. Era como se, por fim, pudesse partilhar tudo o que estivera a guardar dentro de si. Por fim, alguém entendia.

Os olhos dele tinham-se desviado para os lábios dela. *O que significa isto, pensara. O que vai ele fazer? Porque fugiu o ar todo dos meus pulmões?*

Ele inclinara lentamente a cabeça na sua direção.

E fora então que a mãe a chamara do relvado, sobressaltando-os a ambos e fazendo-os desviarem-se um do outro. Kate levantara-se e dissera-lhe que já voltava. Não sabia na altura que a mãe tinha emalado todas as suas coisas e que se iam embora.

Nunca mais vira aquele rapaz.

Era agora um homem grande, de ombros largos e pernas compridas. Kate sorriu, a pensar como ele crescera depressa naquele verão quando tinham doze anos. Fora desengonçado, com braços e pernas que pareciam esticar-se a cada segundo, como se fosse feito de plasticina.

– Desculpa – disse Kate, aproximando-se. Ele não a ouviu. – Desculpa!
– repetiu, mais alto. Nenhuma resposta.

Estacou a alguns passos dele.

– Wes! – gritou.

Ele parou por fim e rodou o pescoço para olhar para ela com olhos azuis que eram tão dolorosamente familiares, agora que ela sentia qualquer coisa a desenredar-se no seu peito. Era mesmo ele. O cabelo era de um tom castanho-avermelhado, como uma folha outonal, e colava-se à testa de suor. Estava afogueado, com faixas de um rosa vivo nas faces, por causa do esforço. A presença dele era tão vital, tão autoconfiante. Não estava à espera daquilo. Recordava que ele tinha sido Sancho Pança para o seu Dom Quixote naquele verão. Fora atrás de tudo o que ela quisera fazer. Deixara-a tomar a iniciativa e permanecera na sua sombra.

Ele sorriu quando a viu e depois pousou o martelo.

– Desculpa, não te ouvi.

Fitou-a, de sobrancelhas levantadas até que ela percebeu que estava à espera que ela falasse.

– Oh! – disse, por fim. – Eby quer saber se gostarias de jantar connosco.

– Lamento, mas não posso. Hoje não. Não sabia que já era tão tarde. – Ergueu o rosto para o céu. O Sol punha-se ao longe e assemelhava-se a uma brasa cor de laranja incandescente, como se tivessem acabado de apagar uma vela. – Que horas são?

Kate tirou o telemóvel do bolso. Ligou-o para ver as horas e, mal o fez, viu todas as mensagens e *voicemails* perdidos de Cricket. Havia dezenas deles. Ia ter de lhe telefonar.

– São quase oito – respondeu, devolvendo o telemóvel ao bolso.

– Obrigado.

Wes começou a virar-se, mas ela interrompeu-o estendendo de súbito a mão e dizendo:

– Sou a Kate. Se calhar não te lembras de mim.

Ele levantou-se. A mão dele era grande e calejada, enrolando-se à volta da dela como papel de embrulho.

– Sei quem és – disse, em tom agradável, mas deslavado. Leite e arroz branco. Kate conhecia muito bem aquele tom, aquela delicadeza a proteger com ferocidade outra coisa qualquer. A sogra era perita naquilo.

– Enviei-te uma carta, há anos. Recebeste-a?

– Eby acabou de me dizer que lhe pediste a minha morada. A carta nunca chegou. – Fez uma pausa. – Ou, pelo menos, nunca a recebi. A

minha mãe pode tê-la escondido.

Ele lançou-lhe um olhar estranho.

– Porque faria isso?

– Eby e ela tiveram algum tipo de discussão nesse verão. Foi por isso que partimos tão de repente. Encontrei agora um postal que Eby me escreveu há muitos anos e que a minha mãe não me mostrou. Quando voltar para casa, vou procurar a tua carta. Quem dera que tivesse sabido. Diverti-me aqui muito contigo – disse em tom melancólico.

– Se a encontrares, deita-a fora.

– Porquê? – perguntou Kate, surpreendida. – O que dizia?

Ele abanou a cabeça.

– Foi há muito tempo.

Tornara-se adulto com uma autoconfiança e uma presença que não tivera antes. Mas perdera alguma coisa também. Não tinha bem a certeza do que era. Talvez, como ela, tivesse mudado demasiado, deixado demasiado para trás.

– Mãe! – chamou Devin, correndo na direção deles. As botas de cobói fizeram um ruído surdo nas tábuas quando se aproximou. Kate não tinha uma filha silenciosa. Devin conseguia fazer ruído numa sala feita de algodão. – Bulahdeen disse para dizer a Wes que há *cocktails* se ele ficar. É um pássaro?

– *Cocktails* são bebidas para adultos. Caturras são pássaros. – Kate passou o braço pelos ombros de Devin. – Wes, esta é a minha filha, Devin. Devin, este é o Wes. Conheci-o no verão que passei aqui quando tinha doze anos. Éramos bons amigos.

– Wes – perguntou Devin sem fôlego, de olhos arregalados –, já alguma vez viu aqui aligátores?

Ele sorriu.

– Não. Lamento.

– Devin acabou de ficar obcecada com aligátores – explicou Kate.

– Quando o meu irmão tinha mais ou menos a tua idade, também andava obcecado com aligátores – contou Wes a Devin. – Até se chamava a si próprio Rapaz Aligátor e não respondia por mais nenhum nome. Estava decidido a transformar-se num aligátor quando crescesse. Tinha tudo planeado. Um dia acordaria com uma cauda. No dia seguinte, apareceriam os dentes de aligátor. Isto continuaria durante alguns dias até

ser por fim um aligátor completo e ninguém, sobretudo o nosso pai, o reconheceria.

Rapaz Aligátor. Kate quase se esquecera dele. Acompanhara-os para onde quer que fossem, mas raramente dizia alguma coisa. Fora fácil esquecer que lá estava sequer.

– Billy – disse de repente, recordando-se. – Chamava-se Billy.

– Sim. E foste tu que inventou a história de ele se transformar num aligátor – retorquiu Wes. – Ele adorava isso.

– Transformou-se mesmo num aligátor? – perguntou Devin, a voz baixa de admiração.

– Não. Morreu há muito tempo num incêndio em casa. Mas queria tanto que, se tivesse vivido, aposto que teria conseguido.

– Sinto muito, Wes – lamentou Kate e enfiou as mãos nos bolsos, sem graça. Sentiu o telemóvel e o arranhar de uma coisa afiada nos nós dos dedos. Tirou o pequeno osso curvo que descobrira no alpendre.

– O que é isso? – perguntou Devin.

– Encontrei-o esta manhã. Ao princípio, não reconheci o que era, mas parece um dente de animal, do tipo que Billy colecionava numa grande caixa. Lembras-te disso? – perguntou a Wes. – Ele costumava andar com a caixa para onde quer que fôssemos.

– Chamava-lhe a Caixa do Aligátor – observou Wes, fitando o dente que ela tinha na mão. – Perdeu-se no incêndio.

– É um dente de aligátor? – perguntou Devin a Kate.

Kate abanou a cabeça.

– Provavelmente não.

– Aposto que é!

– Queres ficar com ele? – perguntou Kate, oferecendo-o à filha.

Devin pareceu excitada e estava prestes a aceitá-lo, mas Kate detetou o instante em que a filha percebeu que aquele homem simpático tivera um irmão que colecionava coisas como aquela. Um irmão que se fora. Devin deu um passo atrás e disse:

– Não, acho que deve ser Wes a ficar com ele.

Tinha uma filha fantástica. Não havia dúvida nenhuma. Kate não ia adormecer outra vez e perder outro ano. Ia ficar para apreciar todos os momentos. Pela primeira vez desde que acordara, percebeu isso com

clareza, sem medo. Sorriu para Devin, ao mesmo tempo que estendia a mão para Wes.

– Isto significa muito para mim – disse ele com sinceridade. – Obrigado.

De repente, qualquer coisa bateu com força contra o embarcadouro, em baixo. Ondulações minúsculas espalharam-se por todos os lados da água em volta deles, como pétalas. Todos olharam para baixo, como se esperassem que alguma coisa aparecesse, mas a ondulação desapareceu a pouco e pouco, deixando outra vez a água calma e inescrutável.

– Andou nisto toda a tarde – disse Wes com uma risada, quando viu que Kate estava parada, perfeitamente quieta, os braços um pouco abertos, como se o embarcadouro inteiro fosse ceder debaixo dos seus pés. – Deve haver um tronco de árvore a flutuar preso aqui debaixo, que bate contra os pilares de sustentação.

– Podemos mergulhar e ver o que é? – indagou Devin.

– Não. Vai dizer aos outros que Wes não pode ficar para jantar. Vou já, dentro de um minuto.

Devin voltou a correr para o relvado, gritando:

– Adeus, Wes!

Ele acenou e ficaram ambos a vê-la partir.

– O teu marido está cá contigo? – perguntou Wes, virando-se para guardar as ferramentas na sua caixa de ferramentas. Fechou-a com um estalido e agarrou-a com uma mão, ainda a segurar no dente com a outra.

– Não. Morreu o ano passado. – Kate virou-se e caminhou pelo embarcadouro, ainda não inteiramente convencida que não ia desabar.

Wes acertou o passo pelo dela.

– Agora é a minha vez de dizer sinto muito.

Kate abanou a cabeça.

– Quando é que ficámos tão crescidos?

– Não sei – retorquiu Wes, como se estivesse na realidade a considerar a questão. – Aconteceu tão de repente.

Caminharam num silêncio familiar. Havia ali uma memória muscular, forjada pela repetição há quinze anos. Era bom sentir-se outra vez tão confortável junto de outra pessoa. Kate costumava fazer amigos com tanta facilidade quando era criança, como se toda a gente fosse feita de ímanes, atraídos instantaneamente uns para os outros. Quando ficou mais velha,

parecia que esses ímanes se tinham virado e forçado toda a gente a afastar-se de uma área específica em volta dela.

Pararam no relvado. Wes colocou o dente no bolso e passou a caixa de ferramentas de uma mão para a outra.

– Quanto tempo vais ficar?

– Não sei. Queria só que Devin visse este lugar. Tenho recordações tão boas daqui. Queria que ela as tivesse também.

– Talvez nos vejamos outra vez, antes de partires.

– Desta vez despeço-me, prometo.

Wes assentiu. Kate ficou a cismar se ele estaria a pensar naquele quase beijo ou se se recordaria sequer. Estaria apenas a projetar velhos sentimentos nele, como um filme numa parede? O rapaz que lhe dera aquele último melhor verão era agora este homem atraente, pouco familiar. E, contudo, *conhecia-o*. Conhecia-o daquela forma que se pode conhecer uma pessoa que recordamos de criança, como se rachássemos a carapaça do adulto fôssemos encontrar aquela criança sentada lá dentro toda contente, a sorrir para nós.

Sem dizer mais nada, ele acenou para toda a gente no relvado e dirigiu-se para a sua carrinha.

– Kate, podes ir buscar a manteiga à cozinha? – pediu Eby. – Esqueci-me de a trazer.

Kate virou-se e entrou em casa. Bateu ao de leve na porta da cozinha, depois entrou e viu que a cozinha estava encerrada para a noite. Lançou uma olhadela à velha cadeira ao lado do frigorífico quando abriu a porta e tirou a embalagem da manteiga. Quando fechou a porta do frigorífico, deteve-se porque a cadeira estava agora reclinada contra a parede, assente em duas pernas.

Não estivera assente nas quatro pernas ainda há uns segundos?

Intrigada, saiu pela porta das traseiras para poder levar para os caixotes do lixo a caixa de cartão do Fresh Mart que Lisette deixara próximo da porta. Deu a volta pelo outro lado da casa porque era mais perto, mas estacou quando dobrou a esquina.

Wes encontrava-se na parte de trás da sua carrinha, longe da vista das pessoas no relvado. As portas traseiras da carrinha estavam abertas e ele pusera as ferramentas lá dentro, junto com uma pilha das tábuas velhas do embarcadouro que ia obviamente levar. Despira a *T-shirt* amarela de

mangas compridas que estava molhada de transpiração e estava a vestir uma *T-shirt* preta de mangas compridas com o logótipo de Handyman Pizza. Um rio furioso de cicatrizes cobria-lhe as costas e os braços, a pele brilhante e enrugada devido ao que parecia ser uma grave queimadura antiga.

Kate recuou com rapidez para trás da casa antes que ele a pudesse ver.

Encostou-se à parede durante um instante. Por trás da sua boa recordação dele naquele verão há quinze anos, estava agora também a começar a recordar-se de nódoas negras e de como Eby dava a Wes e ao irmão caixas de comida para levarem, mas eles mostravam-se relutantes em irem para casa à noite. Obrigou-se a afastar-se da parede e voltou pelo outro lado da casa.

Eby ainda se encontrava junto à grelha e colocava os cachorros-quentes num prato. Kate perguntou-lhe:

– Wes mencionou qualquer coisa sobre um incêndio e o facto de o irmão pequeno ter morrido. O que aconteceu?

As sobrancelhas de Eby ergueram-se.

– Estou surpreendida por te ter contado. Nunca fala no irmão.

Viram a carrinha de Wes arrancar e desaparecer no caminho. Buzinou duas vezes numa despedida. Kate esperou que Eby dissesse mais alguma coisa.

– Foi no verão em que a tua família veio, uns meses depois de teres partido. A propriedade ao lado do Lago Perdido era do pai e Wes, Billy e ele viviam aí, basicamente sem recursos. A vida deles não era boa. George e eu tentávamos ajudar no que podíamos. Aquele pai deles era um homem odioso. O fogo queimou por completo a cabana. Wes foi o único a escapar com vida. Passou por muito, mas transformou-se num jovem extraordinário. Tenho muito orgulho nele.

– Percebe-se. – Kate sorriu, olhando para o sítio onde a carrinha desaparecera.

Mas entendia agora a mudança nele. A mudança em ambos.

Nenhum deles fora o mesmo após aquele verão.

* * *

Depois de Devin ter ido dormir naquela noite, Kate pegou no telemóvel e foi lá para fora. Não podia adiar mais. Tinha de telefonar à sogra. Não

respondera a nenhuma das chamadas nem das mensagens dela desde que tinham chegado no dia anterior.

Desceu os degraus do alpendre. As luzes estavam apagadas na cabana de Bulahdeen. A cabana de Jack também se encontrava às escuras. Mas parecia que Selma ainda estava acordada. Quando Kate passou pela cabana dela, ouviu música que vinha lá de dentro, qualquer coisa sedutora e jazzística. Billie Holiday talvez. Apressou o passo, perturbando o nevoeiro baixo em baforadas e redemoinhos. Não se dera ao trabalho de calçar sapatos. O Lago Perdido era diferente noite dentro. Havia mais mistério e era mais fácil acreditar em coisas que não conseguíamos ver. Wes e ela tinham passado muito tempo ali fora no escuro.

Caminhou até à ponta do embarcadouro onde, horas antes, deparara outra vez com a pessoa responsável pelas suas melhores recordações daquele lugar. Sorriu quando olhou para o lago. O nevoeiro movia-se e encaracolava-se por cima da água, criando formas. Fê-la pensar na história das mulheres fantasma que inventara. Ursula, Magdalene e Betty... eram os nomes delas. Lembrar-se daquilo fê-la olhar para trás, como se esperasse que Wes ali estivesse.

Memória muscular outra vez. Abanou a cabeça e depois virou-se para o telemóvel. Havia mais duas mensagens desde a última vez que verificara há algumas horas. Outra de Cricket e uma de Kent Harwood. Kent e o marido, Sterling, tinham comprado a loja Pheris Wheels depois de Matt morrer. Haviam sido dois dos melhores clientes de Matt. A mensagem de Kent dizia:

Vimos o anúncio hoje! Foi bom ver Matt. E tu e Devin estão com um aspeto fantástico. Vem visitar-nos!

Não fazia ideia a que ela se referia. Telefonaria a Kent mais tarde. Naquele preciso momento, precisava de resolver aquilo.

Após dois toques, Cricket atendeu e disse:

– Já não era sem tempo, Kate. Nem sabes os problemas que me causaste. Estás de regresso ou tenho de te ir buscar?

Kate estivera a antecipar preocupação. A fúria de Cricket apanhou-a desprevenida. Ninguém gostava quando Cricket se zangava e não porque ela gritasse ou atirasse com coisas. Precisamente o contrário. Tornava-se

calma e desapaixonada e qualquer plano de ataque da sua parte era concebido na perfeição.

– Problemas? – perguntou Kate. – De que estás a falar?

– Tinha uma equipa de filmagem à tua espera quando devias ter mudado para a minha casa. Não leste o meu bilhete?

– Não, não li o teu bilhete – respondeu Kate, franzindo o sobrolho, confusa. – Porquê uma equipa de filmagem?

– Porque estamos a filmar os novos anúncios da Pheris Realty. O primeiro foi hoje para o ar.

Kate emudeceu. Baixou-se para se sentar num dos pilares quadrados.

– Era uma das coisas que queria falar contigo. Disse-te que tinha grandes planos para discutir contigo mais tarde e tu vais-te *embora*? Quem faz isso?

Quem faz isso?, pensou Kate. Alguém que não quer fazer parte dos grandes planos de Cricket, tão-só.

– Decidi por fim atirar o meu chapéu para o ringue. Vou candidatar-me ao Congresso. A minha equipa decidiu há alguns meses que uma série de novos anúncios da agência imobiliária seria a forma perfeita para me apresentar de novo ao público, só que desta vez contigo e Devin a «Mudar» comigo. Depois de Matt morrer, recebi muitos pêsames de pessoas que eram fãs dos antigos anúncios. Queriam saber o que lhe acontecera. Como fora a vida dele. Isto vai mostrar-lhes. Será uma bela homenagem a Matt. Vai fazer com que muitas pessoas se lembrem dele... e de mim. – Silêncio. – Kate?

Kate ainda ficava espantada por Cricket falar de Matt de forma tão normal. O seu sofrimento não era recente. Cricket fizera o luto por Matt há muito tempo, quando o perdera para Kate. Fora por essa razão que, alguns meses depois da sua morte, Cricket se mostrara tão prosaica a desfazer-se de todas as roupas de Matt. Kate deixara-a; a dada altura, até tentara ajudar, parando por vezes para contar a Cricket alguma história por trás de uma *T-shirt* ou de um par de sapatos. Cricket não gostara daquilo e dissera a Kate que podia tratar do assunto sozinha. Kate detetara-os então, com brevidade, os ciúmes de Cricket por Kate saber mais da vida do filho do que ela. Kate só salvara da purga de Cricket uma peça do vestuário de Matt, aquela *T-shirt* com a traça, escondida num saco de roupa para coser, algures entre as suas coisas em Atlanta.

– Então foi disto que se tratou durante este último ano? Preparar-te para te candidatares ao Congresso? – questionou Kate por fim. Não conseguia absorver bem aquilo. Sempre soubera que Cricket era indecifrável, mas nunca imaginara que fosse *isto* que andara a esconder.

– Claro que não. Tratou-se de fazer com que tu e Devin atravessassem este período difícil – replicou Cricket, soando tal e qual como nos seus anúncios.

– Mas sabes disso há meses? Porque não disseste nada? Eu concordei com *tudo* o que tu quiseste que eu fizesse durante o último ano, Cricket. Porque sentiste necessidade de me ocultares isto?

Cricket soltou uma exclamação de incredulidade.

– Vender a tua casa por, francamente, mais do que valia, pôr a tua filha num colégio particular, deixar-te mudar para minha casa, dar-te um emprego... são coisas com que apenas *concordaste*?

– Não queria nada disso – exclamou Kate em voz alta e as mulheres fantasma no lago pareceram virar-se para ela. – E também não quero fazer parte disto, Cricket. Matt não acharia esses novos anúncios uma bela homenagem. Detestá-los-ia. Nunca quereria que Devin participasse neles. Pensaste nisso?

– Queres mesmo entrar por aí, Kate? – Disse-o com tanta facilidade, como se tivesse estado a praticar puxar aquela espada da sua bainha num longo movimento suave. – Tu e eu sabemos que o que é melhor para a tua filha nem sempre foi a tua principal preocupação.

E lá estava, a coisa que Kate mais receara. Cricket a trazer à baila o incidente com a tesoura. Kate estivera à espera disto há algum tempo. E agora que o assunto fora revelado, agora que fora admitido, parecia tão distante, como se fosse uma coisa que ela tivesse feito há uma eternidade. Porque tivera tanto medo disto? Porque tivera tanto medo de admitir a sua dor? Só porque Cricket a recalcara dentro de si, à espera de a transmitir na televisão, isso não significava que Kate tivesse de o fazer.

– Não acredito que tivesse começado a sentir-me culpada por não te telefonar, porque pensei que estivesses genuinamente preocupada connosco.

– Ora, Kate, claro que estava – disse Cricket, a tentar suavizar a voz.

– A minha tia-avó vai vender o Lago Perdido e precisa da minha ajuda para arrumar tudo este verão. Depois aviso-te quando Devin e eu

regressarmos. Telefone-te daqui a umas semanas.

Kate desligou o telemóvel. Cricket telefonou-lhe logo outra vez. Ignorou a chamada, ligou-se à internet e procurou esse novo anúncio da Pheris Realty. Descobriu-o com facilidade.

Eram trinta segundos de Cricket a falar sobre a sua empresa imobiliária, com *flashbacks* do anúncio antigo onde aparecia Matt. Kate esquecera-se de como ele parecia perdido na altura. Fê-la querer salvá-lo outra vez. No final do anúncio, Cricket encontrava-se à porta da casa da mãe de Kate, ao lado do letreiro da sua agência imobiliária com o cartaz VENDIDO por cima. «Depois de o meu filho morrer num acidente trágico o ano passado, a minha nora e a minha neta precisaram de mim para lhes vender a casa e ajudar no seu novo percurso de vida.» Erguia uma foto emoldurada de Kate e Devin, que obviamente tirara do álbum de Kate. Kate sorria a abraçar Devin, com o sol por trás delas. Matt tirara aquela fotografia há ano e meio, numa corrida de bicicletas que a loja patrocinara. «Pheris Realty...», dizia Cricket no fecho do anúncio, «ainda sabemos o que é mudar». Seguia-se a palavra *Continua*.

Kate pôs a mão sobre os olhos e soltou um soluço. Durante alguns momentos, o peito palpitou e as lágrimas correram-lhe por baixo dos dedos. A razão de se ter apaixonado por Matt, o facto de ter tentado tanto ajudá-lo, ter querido tanto fazê-lo feliz... tudo aquilo voltou a precipitar-se sobre ela. Esforçara-se tanto e empenhara-se tanto numa vida que nem sequer queria por causa daquele rapaz na televisão. Quisera que ele conseguisse por fim aquele lugar onde se sentisse bem. E viu-se a chorar tanto por si própria como por ele, porque sabia, sabia com todo o seu coração, que por mais que tivesse amado Matt e tivesse querido tudo no mundo para ele, ele nunca sentira na verdade o mesmo por ela. Passara sete anos casada com um homem que não gostara dela tanto como ela gostara dele. E começara a ficar magoada com isso.

O telemóvel começou a tocar de novo. Cricket. Kate estava tão furiosa e cheia de dor naquele momento que, sem refletir, tomou balanço e atirou o telemóvel a tocar para o lago, onde aterrou algures perto das mulheres fantasma com um chape suave.

Parou, siderada. Não podia acreditar que acabara de fazer aquilo.

Passou as mãos pelo cabelo, empurrando-o dos olhos. Iam ter de voltar a Atlanta. Sabia disso. Era a casa delas. E ia ter de enfrentar Cricket. Mas

não ia aparecer em nenhuns anúncios. Não ia apoiar a florescente carreira política de Cricket. Ela passara tanto tempo nos bastidores da política que nunca lhe ocorrera que fosse avançar mesmo para a ribalta, embora fizesse perfeito sentido. Kate não sabia por que razão estava tão surpreendida. Cricket tinha dinheiro, ficava lindamente na televisão, dava a ideia de ser compreensiva, mas tinha opiniões firmes e um cabelo que não se mexia. Quisera que Matt entrasse para a política, mas agora que ele se fora, Kate calculava que Cricket decidira que ia ter de fazer ela as coisas. Matt contara uma vez a Kate que Cricket o fizera candidatar-se a delegado de turma e estudar ciência política porque estava a prepará-lo para algo grande. Dissera-o de uma forma tipo *Mostrei-lhe, não mostrei?*, algo que sempre fizera Kate pensar que a vida dele com ela era apenas uma maneira de se vingar da mãe.

Mas Kate estava cansada de sacrificar a sua felicidade pelos sonhos de outra pessoa. Fizera-o pela mãe quando era adolescente e fizera-o por Matt. Fizera tudo de bom grado, mas nunca mais. No último ano, tivera medo de não conseguir viver a sua própria vida, de ser uma pessoa inerentemente incapaz de o fazer. Tinha medo de ser uma má mãe. Medo de estar sozinha. Medo de *sofrer*. Já não.

Agora, pensou, era onde a sua vida verdadeira ia começar. Não sabia onde iria parar, mas ia *começar* aqui, onde costumava conhecer-se tão bem, onde só as suas regras faziam sentido, não as de outra pessoa.

Olhou para a água e suspirou.

Parecia que a sua nova vida ia começar sem telemóvel.

Na manhã seguinte, Devin acordou cedo. Não sabia onde estava e sentou-se apressadamente. Mas depois percebeu. A cabana. O Lago Perdido. Os olhos deram lentamente a volta ao quarto. Fazia-a pensar numa choupana, o género de choupana onde viveria uma princesa desterrada, escondendo-se de uma bruxa má. Gostava da ideia de ser desterrada. Dessa forma nunca teria de voltar. A cama era velha e branca, com uma paisagem do lago pintada. A cómoda era gorda e redonda e tinha puxadores de vidro que pareciam diamantes turvos. O papel de parede estava a pelar e espetara uma farpa no pé a noite passada por causa do chão irregular, mas, tudo considerado, não podia ter sonhado num sítio melhor.

O pai não teria gostado daquilo ali. Mas o pai também não teria gostado de se mudar para casa da avó Cricket. O pai só gostara mesmo da sua loja de bicicletas e Devin não gostava dela. Sentia saudades dele, mas não da forma como a mãe parecia sentir a falta dele. Pensou se a mãe sentiria a falta dele porque não se recordava dele. Devin lembrava-se dele com muita clareza. Fazia o teste de vez em quando e, sim, ainda conseguia recordar tudo dele, até o cheiro, uma combinação marcante de sabonete, transpiração de verão e borracha de pneus. Tinha uma bolsa de colocar à cintura que pertencera ao pai e, lá dentro, guardava uma fotografia dele e uma pulseira *Paracord* que ele usava o tempo todo e que ela surripiara do quarto dos pais no dia em que a avó Cricket decidira libertar a casa de todas as roupas do pai. Mantinha-a à mão caso precisasse dela alguma vez, caso comesse a esquecer.

Estava tudo em silêncio. Era óbvio que a mãe ainda não se levantara. Atirou com as cobertas e foi até à janela do quarto. Puxou e endireitou a sua *T-shirt* da Mulher Maravilha e os calções de pijama com o motivo de morangos, que se tinham retorcido de forma desconfortável durante o sono. Olhou lá para fora, a bocejar. Uma névoa brilhante vinda do lago abria caminho através dos espaços entre as cabanas e flutuava baixa por cima do relvado em frente da casa principal.

Havia um cheiro forte a carvão de churrasco no ar, vestígio do que tinham cozinhado nas grelhas a noite passada e sentiu fome. Virou-se para ir até à cozinha, para ver se tinha aparecido alguma comida por magia como sucedera quando acordara no dia anterior. Gostara daquelas tartes de fruta, que nunca comera antes ao pequeno-almoço.

Mas qualquer coisa lá fora prendeu-lhe a atenção e estacou.

Ali, a caminhar pelo carreiro em direção ao relvado, estava um *aligátor*.

Era enorme, de um preto-esverdeado e caminhava com movimentos lentos, sacudidos. A cauda larga e tesa deixava um rasto no orvalho. Era a coisa mais bela que pensava já ter visto. Observou-o a andar até ao relvado, mas depois parou. Minutos, horas, dias passaram. O que estava o aligátor a fazer?

O aligátor virou devagar a sua cabeça comprida e com covas, os dentes a descerrarem-se um pouco e olhou para ela.

Segue-me.

Devin susteve a respiração. O aligátor virou-se e avançou devagar para a esquerda, em direção ao lago e depois desapareceu de vista.

Devin saiu a correr do quarto e entrou no da mãe.

– Mamã!

A cabeça de Kate estava coberta com uma almofada.

– *Hum?*

– Mamã!

Quando a mãe não respondeu, Devin não conseguiu esperar. Saiu a correr do quarto, depois da cabana, deixando a porta completamente aberta. Descalça, precipitou-se como uma seta pelo carreiro, entusiasmada. Virou quando chegou ao relvado e correu para o lago. Os pés martelaram as tábuas novas que Wes colocara quando se apressou até ao final do embarcadouro. Arquejava e o som repercutia-se sobre a água. Olhou em volta, rodando num círculo, a tentar encontrar o aligátor. O lago não tinha praia; a água batia simplesmente na terra, formando um rebordo lamacento.

Onde estava ele?

Empurrou o cabelo emaranhado do rosto e foi quando percebeu que tivera tanta pressa que não pusera os óculos. Costumava usar uma pala no olho, quando era pequena. Adorara. À medida que ia crescendo, começara

a usá-la cada vez menos, pois o olho preguiçoso melhorara, até que por fim o médico dissera que já não precisava dela. Enganava-se. Às vezes ainda a punha quando a mãe não estava a ver. Estava convencida que via melhor as coisas com o seu olho preguiçoso, melhor do que as outras pessoas. Se colocasse a mão sobre o olho bom, conseguia encontrar a parte de trás de um brinco perdido no tapete. Consequia encontrar o sítio onde a avó Cricket escondia o seu armazenamento secreto de *M&M* no escritório e a *T-shirt* que pertencera ao pai e que a mãe ainda guardava escondida.

Colocou a mão sobre o olho direito e olhou devagar em volta. Levou apenas uns momentos, mas lá estava ele. O aligátor nadara para o meio do lago e tudo o que conseguia ver era o topo da cabeça e os minúsculos olhos pretos como seixos. Estava tão quieto que a água nem sequer se mexia.

– Olá – disse, ajoelhando-se.

O aligátor mergulhou logo.

– Não! – exclamou ela. – Não te faço mal!

Apetecia-lhe gritar de frustração. Não sabia o que fazer, exceto talvez saltar lá para dentro, o que sabia que não devia fazer. Meneou-se sobre a barriga até à beira do embarcadouro e pôs os dedos na água. Agitou-os, para a frente e para trás, numa saudação. Sorriu quando sentiu a pele rugosa do aligátor deslizar sob os seus dedos, como um gato a arquear-se para ser afagado.

Os olhos do aligátor apareceram outra vez à superfície da água, a alguma distância.

Disse-lhe qualquer coisa e ela pestanejou de surpresa.

– Que caixa? – perguntou. – Não vejo caixa nenhuma.

O aligátor desapareceu debaixo de água, reemergindo ainda mais perto do embarcadouro.

A Caixa do Aligátor, disse.

O aligátor desapareceu outra vez. Passaram-se alguns minutos e Devin sentou-se. Sentia a cabeça a andar à roda de a ter suspensa por cima do embarcadouro. De repente, houve um tremendo chape e o aligátor pareceu saltar de dentro de água. A meio do ar, o corpo arqueou-se como se num espasmo, arremessando a cabeça na direção do embarcadouro. Devin

ouviu um pequeno ruído seco e foi borrifada com água. O aligátor voltou a cair no lago com um grande chape.

Devin baixou os olhos e viu que o aligátor lhe atirara o que parecia ser uma raiz nodosa molhada, do tamanho de um grande cone de gelado. Pegou nela. Preferiria ter um dente, como o que a mãe encontrara e dera a Wes, mas aceitaria o que lhe coubesse em sorte. No final de contas, quantas pessoas recebiam presentes de aligátores?

– Devin! – chamou a mãe.

Devin virou-se. Oh-oh. Conhecia aquele tom de voz.

– Estou aqui – gritou em resposta. – Estou bem.

Kate deslizava pela erva molhada, a atravessar o relvado. O cabelo castanho curto espetava-se do sono. Fazia-a parecer um elfo. Devin recordava-se de quando a mãe o cortara. Levava muito tempo a habituar-se a ele, acordava de manhã e não a reconhecia. Primeiro o pai morrera, depois a mãe mudara de forma tão drástica o seu visual. Depois a avó Cricket surgira nas suas vidas e Devin tinha de ir para uma escola nova e tinham de vender a casa e mudar-se para casa da avó Cricket. Era estranho, agora que pensava nisso. O pai estava em paz, mas mais ninguém estava. Durante quase um ano, a mãe andara a flutuar por ali, sem estar propriamente presente, sem ser feliz, sem nada. Devin detestara-o.

Mas agora percebia que a mãe estava a mudar. Era difícil acreditar ao princípio, mas a mãe era mais feliz aqui. Devin era mais feliz aqui. E fora um conjunto estranho de circunstâncias que as trouxera a este lugar. Quase a assustava pensar no que podia ter corrido mal. E se não tivessem visto o aligátor na estrada? E se Devin não tivesse encontrado o postal? Andara a brincar com aquela arca de roupas quase a vida toda e nunca reparara naquele canto de papel, enfiado quase por completo no forro.

Estava *destinado* que fossem para ali.

– O que estás a fazer aqui tão cedo? – perguntou Kate quando chegou ao pé de Devin. Ajoelhou-se à frente dela. – Como ficaste tão molhada? E olha para ti... estás descalça.

Devin inclinou-se para a frente e disse baixinho ao ouvido da mãe:

– Vi o aligátor.

Kate sorriu e passou as mãos para cima e para baixo nos braços de Devin, como se para a aquecer.

– Querida, aqui não há aligátors.

– Há sim! – insistiu Devin. Mostrou a raiz como prova. – Deu-me isto. Ainda não tenho a certeza do que significa.

– Estou a ver. Foi simpático da parte dele. – Kate fitou Devin nos olhos.

– Muito bem, quero uma verdadeira Promessa Devin. Não voltas a sair sozinha da cabana como hoje.

As Promessas Devin eram o que Devin e a mãe tinham combinado ser as promessas mais sérias que se podiam fazer. Tinham de ser cumpridas.

Devin suspirou.

– Prometo. Mas eu *tentei* primeiro que te levantasses.

Kate pôs-se de pé e pegou na mão de Devin.

– Sei que sim. O truque é esperares por mim. Assim vamos as duas.

– Está bem – respondeu Devin, olhando por cima do ombro quando se afastaram.

O aligátor viu-a partir e depois afundou-se na água e desapareceu.

Nessa tarde, Eby fitava o teto na cabana número 9. Havia aí uma mancha de água que parecia uma roda de bicicleta. Estava ali há anos, tendo-se tornado progressivamente maior. Aparecera no ano em que George morrera. Na altura tinha parecido um minúsculo escaravelho preto e Eby costumava vir à cabana olhar para ele, jurando por vezes que se mexia, que ia correr pelo teto e proferir palavras como *esperança*, *amor* e *real*. Mas depois pestanejava e as palavras desapareciam. A mancha era no canto do quarto e a humidade fizera com que o papel de parede cor de coral se tivesse descolado do topo. Fizera sempre tenção de reparar aquela minúscula fuga, mas depois pensara: *E se o teto queria dizer-me mais alguma coisa?* Por isso, deixara-a.

Esta cabana tinha também uma cama magnífica, uma peça antiga feita à mão. As cabanas estavam salpicadas de antiguidades que remontavam aos dias felizes e serenos de Eby e George, escondidas como tesouros secretos entre as coisas mais baratas. O toucador ao lado da cómoda comprada numa venda de garagem era um dos que George adquirira na lua de mel, uma antiguidade com embutidos, o espelho ligeiramente esfumado, como se nos mostrasse de forma mágica, se lhe pedíssemos, a nossa versão mais bela. Mas ela nunca pedira. A irmã Marilee fora a beldade da família.

Mesmo assim, George, que subira ao topo da lista dos bons partidos quando recebera, de forma inesperada, o dinheiro do avô distante, preferira escolher Eby. Oh, Marilee tentara conquistá-lo. Mas teria tido de passar por cima de uma vida inteira a gozar com ele na escola por causa do seu cabelo ruivo e dentes ruins. Eby fora sempre simpática com George, apaixonada por ele a maior parte da sua vida porque ele desenhava as coisas mais lindas com lápis e papel durante as aulas. Era um sonhador, como ela. E quisera casar com ela quando herdara o dinheiro, para grande surpresa de toda a gente. Podia ter escolhido entre várias jovens mais bonitas. Podia ter ficado com Marilee, antes de ela se apaixonar por Talbert, o empregado da bomba de gasolina. Mas George só amara Eby.

Não era preciso nenhum espelho para nos dizer que éramos belas quando se possuía uma prova como aquela.

Ouviu bater à porta e depois Kate chamar:

– Eby?

Sobressaltada, Eby soergueu-se na cama cheia de pó. Pensara que podia vir até ali em segredo. Pensara que Kate seria como todos os outros e que sucumbisse ao famoso feitiço da sesta das tardes de verão no Lago Perdido.

Após um pânico inicial, decidiu não se incomodar a sair da cama. Fora apanhada. Não servia de nada tentar escondê-lo.

– Estou aqui – respondeu.

Kate entrou. Usava calções feitos de calças de ganga cortadas e uma excêntrica *T-shirt* cinzenta com uma bicicleta gigante, que parecia estar estacionada no cimo de um minúsculo circo antiquado. As duas grandes rodas gigantes do circo em baixo pareciam erguer-se e metamorfosear-se nas rodas da bicicleta. Por baixo estava escrito PHERIS WHEELS, ATLANTA, GEORGIA.

Eby examinou Kate. Ela tinha um rosto para o qual as pessoas gostavam de olhar, só para perceberem como era. Bonito, sim, mas não simétrico, os olhos um pouco grandes de mais, o nariz um pouco comprido de mais. Era magra, mas uma magra que nunca poderia ficar demasiado pequena, pois tinha bom músculo e ossos grandes. Todas as mulheres na família tinham uma constituição forte. Não eram feitas para quebrar, mas fora de qualquer

modo o que sucedera com a maioria, derrubadas por essa perfeita tempestade chamada amor.

– Vi que a chave do número nove não estava pendurada, por isso calculei que estivesse aqui – disse Kate. – Estava a pensar no inventário que disseste que querias fazer. Quero ajudar o máximo antes de me ir embora.

– Obrigada – retorquiu Eby. Deu uma palmadinha na cama e Kate subiu lá para cima e sentou-se ao lado dela.

– O que estás aqui a fazer? – perguntou Kate olhando em volta.

– A pensar, sobretudo.

– Em quê?

– Montes de coisas. Hoje estava a pensar em George. Quando comprámos esta estância, passámos um ano em reparações. Depois, quando estávamos prontos para abrir, George foi a todo o lado, todas as direções, e deixou panfletos em todas as lojas que o permitiram. Os folhetos tinham uma fotografia nossa na capa. Os nossos primeiros hóspedes eram pouco convencionais, espíritos livres e *hippies*. Parecíamos atrair excêntricos e não sabíamos porquê. Não me interpretes mal. Adorávamos isso. Mas nunca esquecerei o primeiro verão em que Bulahdeen e o marido chegaram. Ela disse que tinham escolhido o Lago Perdido por causa da brochura. Contou que olhou para a fotografia de George e de mim e pensou: *Sou uma inadaptada como eles, por isso talvez também possa ser feliz ali.*

Kate riu-se.

– Ela tinha razão. Os inadaptados também precisam de um lugar para passar férias. Todo aquele esforço para se integrarem é exaustivo.

Eby olhou para a sobrinha-neta. O sorriso dela alterava-lhe o rosto todo, alargando-lhe os lábios e enrugando-lhe os olhos. O que estaria ali a fazer, escondida com meia dúzia de pessoas de idade? Devia estar a avançar, a viver a sua vida como estava destinada a ser vivida. Ultrapassara a parte difícil. A felicidade agora era inevitável, se a deixasse acontecer.

– Disseste que estavas a meio de mudar de casa. Não estás com pressa de voltar para a tua casa nova? – perguntou Eby.

O sorriso de Kate esmoreceu.

– É complicado.

Eby esperou.

Kate dobrou as pernas e remexeu nos fiapos dos calções cortados.

– Fiquei paralisada a viver na casa que partilhara com Matt. Por isso a minha sogra ajudou-me a vendê-la. Na verdade, fiz uma data de dinheiro. Mas em vez de procurar outra casa para viver, como faria qualquer pessoa normal, decidi mudar-me para casa da minha sogra. Deixei que ela assumisse o controlo da situação e não foi a decisão certa. Percebo isso agora. Preciso de desanuviar. – Inspirou fundo e virou-se para Eby. – Por isso, sim, tenho de regressar. Mas, não, não tenho pressa. Estou aqui para te ajudar. Posso ficar o verão inteiro, se precisares de mim. Não creio que Devin levante objeções.

– Podes ficar o tempo que quiseres – sorriu Eby.

– Devin diz que viu um aligátor esta manhã. Descobri-a no embarcadouro, molhada de água do lago, com uma raiz horrível que diz que o aligátor lhe deu. Se agora lhe está a dar presentes, nunca mais vou conseguir que ela queira partir.

Eby ajeitou uma almofada atrás das costas e recostou-se.

– Também costumavas provocar ataques na tua mãe, aqui no lago. Desaparecias o dia todo, voltavas a cheirar a água do lago, com bichos nas roupas. Às vezes, tu e Wes traziam rãs. Umas duas vezes até capturaram escorpiões num frasco. A tua mãe costumava obrigar-te a dormir com uma touca de banho cheia de pó-de-talco no cabelo para tirar o cheiro do lago.

Kate riu-se.

– Esquecera-me disso.

Eby hesitou em fazer a pergunta seguinte. Era melhor ela não saber, porque não havia nada que pudesse fazer. Mas deixar a mãe de Kate quando ela era pequenina fora uma das coisas mais difíceis que Eby já fizera.

– Como estava Quinn? Quer dizer, a vida dela era boa?

– Foi feliz enquanto o meu pai era vivo – respondeu Kate. – Depois de ele partir, detestava estar sozinha. Quando eu andava no liceu, ficava em casa a maior parte das noites para ela não ficar tão ansiosa. Nessa altura, era se calhar a minha melhor amiga. Depois conheci Matt na faculdade e fomos viver com ela quando eu engravidei. Ela gostava de ter Devin por perto. Creio que nunca fora tão feliz desde que o meu pai morrera.

– A casa que vendeste, foi a casa cor-de-rosa na Dora Cove Road?

Kate pareceu surpreendida.

– Essa mesmo. A casa da minha mãe. Não sabia que tinhas ido lá visitá-la.

– Não fui. George e eu comprámos essa casa para a tua avó quando o marido dela morreu. A tua mãe tinha apenas cerca de três anos na altura.

– *Tu* é que compraste a casa?

Eby assentiu.

– Mesmo antes de partirmos de Atlanta. Comprámos a casa e um carro para a minha irmã. Demos-lhe algum dinheiro. Criámos um pequeno fundo para Quinn. Depois demos o resto do dinheiro para obras de caridade e mudámo-nos para o Lago Perdido.

Kate recostou-se numa das almofadas e uma baforada de pó ergueu-se à volta delas e cintilou no ar.

– Porque deste o dinheiro? A minha mãe nunca mo explicou.

Eby encolheu os ombros.

– Duvido que tenha entendido. Ninguém entendeu. A nossa família tem um historial de querer sempre mais dinheiro. De o querer, de nunca o ter, nunca ser capaz de o conservar. George cresceu sem dinheiro e fora feliz sem ele. Quando voltámos da nossa lua de mel, tudo se desmoronou. A minha mãe e a minha irmã queriam tanto. Esperavam tanto. E nada era suficiente. George e eu percebemos que não precisávamos do dinheiro e que a minha família não nos deixaria em paz se o tivéssemos. Por isso dêmo-lo. E eles nunca me perdoaram.

– Mas a minha mãe deve ter perdoado – disse Kate. – Deve ter querido enterrar o machado de guerra, pois veio cá naquele verão, depois de George morrer.

Eby hesitou.

– Não quero falar mal da tua mãe – retorquiu, olhando com simpatia para Kate. – Sei que passou tempos difíceis crescendo à sombra do sofrimento da mãe. E sei que te deve ter amado. Percebi da primeira vez que te vi que tinhas tido uma infância cheia de amor. Ela deixava que te expressasses. Como fazes com Devin.

– Não faz mal – retorquiu Kate. – Quero saber.

– Quinn cresceu com uma impressão muito negativa de mim. Creio que queria sentir a satisfação de me ver sofrer como a mãe tinha sofrido. – Eby esperou que Kate a interrompesse para protestar, mas ela não o fez. – Fiquei devastada quando George morreu, mas tinha Lisette, os hóspedes

do lago e a vila e eles não me deixaram cair naquele sítio, aquele sítio escuro. Eu tinha um sistema de apoio, que é o que tem faltado imenso às mulheres na nossa família depois de se apaixonarem. Casam e não querem mais nada senão a pessoa com quem casaram. Mas confiar numa única pessoa para todas as nossas necessidades é muito perigoso. Só um conjunto de mãos não é suficiente para nos impedir de cair. Quinn não gostou que eu não vendesse o lago e não tivesse mais dinheiro para partilhar com ela. Não gostou que eu ficasse bem. Não estava à espera disso. Foi mais uma coisa que a fez ficar ressentida.

Kate levou um instante a interiorizar aquilo.

– Não acredito que o meu pai a tenha deixado vir cá para fazer isso.

– Não creio que ele soubesse. Quando percebeu, obrigou Quinn e tu partirem com ele.

Eby estava surpreendida com a facilidade com que Kate aceitara o que lhe contara. Mas tudo fez sentido quando Kate disse:

– Ela nunca mais foi a mesma depois de ele morrer.

Quinn era tão suscetível como a mãe fora. E era óbvio que ficara também muito dilacerada depois de o marido morrer. Kate vira-o e Eby lamentava que isso tivesse sucedido.

– É a maldição das Morris.

– Quase me aconteceu... quando Matt faleceu – disse Kate baixinho, olhando para o teto.

Eby ficou a pensar se o teto lhe estaria a dizer alguma coisa.

– Mas não aconteceu. Se medíssemos a vida pelas coisas que quase aconteceram, não chegaríamos a lado nenhum.

Ficaram ali, uma ao lado da outra, durante algum tempo. Eby decidiu que, depois de vender o Lago Perdido, se manteria em contacto com Kate. Aquilo era bom, conseguir estar por fim numa sala com a sua família e não sentir nada senão companheirismo, onde conversa e apoio moral eram as únicas coisas que se pediam e davam livremente. Tinham sido precisos cinquenta anos para isto acontecer.

Kate levantou-se e sacudi-se para limpar o pó. Enfiou as mãos nos bolsos e considerou Eby durante um instante.

– Não é oficial, pois não? Não assinaste já a venda do Lago Perdido?

– Ainda não.

– Então ainda é uma coisa que quase aconteceu.

Eby sorriu para si própria. Ela aprendia depressa.

– Por agora.

– Então ainda não há inventário.

– Pelo menos não inventário *físico*. Agora, inventário *mental*... estou a fazê-lo muito.

– O que vais fazer – perguntou Kate – quando venderes?

– Viajar – respondeu Eby. – George e eu sempre quisemos voltar à Europa.

– E depois?

– Depois de quê?

– Depois de viajares, para onde vais regressar?

Eby riu-se.

– Não pensei num futuro tão distante.

As sobrancelhas de Kate franziram-se um pouco. Parecia que ia dizer alguma coisa, mas depois resolveu o contrário.

– Deixo-te então. – Virou-se para sair e depois parou. – Obrigada, Eby.

– Por quê?

– Por seres uma inadaptada. – Sorriu. – Dás-nos esperança.

Amesterdão, Holanda
Inverno de 1963

Era um dos invernos mais frios de que havia registro e a neve caía em torrentes. Eby andava muitíssimo entusiasmada. Vira muito poucos nevões na vida. Estava tanto frio que os canais tinham gelado e George e ela patinavam com os seus sapatos durante horas, descobrindo pequenos restaurantes ao longo do caminho para se revigorarem com álcool e guisados. A rapariga da ponte em Paris, cujo nome tinham descoberto ser Lisette, seguia-os a maioria dos dias, mas cansava-se do frio. Não a espantava tanto como espantava Eby. George escrevera à família de Lisette em Paris mal perceberam que esta os seguira para Amesterdão. Lisette não lhes queria dizer que idade tinha, mas não podia ter mais de dezasseis anos. A família devia estar preocupada. O pai de Lisette escreveu a George em francês e o homem da receção do hotel traduziu para eles. O pai dizia que Lisette era mal-humorada e teimosa e que não voltaria para casa até se sentir preparada. Talvez, dizia o pai, aquilo a fizesse crescer.

Eby sentia-se secretamente contente com a presença de Lisette. Gostava de pensar que entendia a rapariga melhor do que ninguém. Entendia a frustração dela. Entendia que os tempos mais difíceis na vida são aqueles em que estamos a fazer a transição de uma versão de nós próprios para outra. E Lisette estava a fazer isso mesmo. Eby conseguira depreender que os pais de Lisette a tinham enviado para uma escola para surdos quando ela era nova, mas que Lisette fugira. O seu mundo não era silencioso e não conseguia viver entre as pessoas para quem esse mundo o era. Nunca aprendera a linguagem gestual, por isso a sua única forma de comunicação era através de bilhetes. Tinha sempre os bolsos cheios de pedaços de papel amarrotados. Todas as noites, na varanda do seu quarto, chegava um fósforo a todos os bilhetes, deixando-os cair na neve para a rua congelada em baixo. Começou a perder peso, comia apenas o que conseguia cozinhar. E nunca, nunca, comia a refeição da noite. Era, descobriu Eby,

porque Lisette partira o coração do seu apaixonado morto ao jantar e agora, só de pensar naquilo, ficava, literalmente, cheia de náuseas.

No entanto, havia indícios de que Lisette estava a melhorar. Tornou-se rotina Lisette caminhar pelo passeio enquanto Eby e George patinavam nos canais. Observava-os com atenção, batendo alto as mãos gretadas para os avisar se Eby e George estivessem a aproximar-se demasiado de crianças descuidadas em trenós.

Nesse dia em particular, Eby e George estavam a patinar e começaram a dançar de improviso. George deixou Eby afastar-se dele, segurando-lhe na mão enquanto ela executava uma pirueta que correu tão bem e soube tão bem que, de imediato, rodopiou outra vez. Continuou a rodopiar, tão depressa que George a largou e ela rodou como um dervixe rodopiante pelo canal abaixo, com George a correr atrás dela. Ele apanhou-a por fim pela cintura e acabou a rodopiar com ela, preso no seu tornado. Perderam por fim o impulso e George caiu de rabo, levando Eby com ele, as pernas dela viradas para o ar. Eby rolou sobre si e olhou para George. Mal cruzaram olhares, desataram a rir-se. Foram precisas algumas tentativas para se levantarem. Vários desconhecidos ajudaram. Naturais de Amesterdão de sapatos beges e calças beges, com cachecóis de cores vivas à volta dos pescoços. Por fim, lá conseguiram levantar-se, como paredes de apoio a serem içadas quando se constrói um celeiro e toda a gente aplaudiu. Eby virou-se e viu Lisette dobrada sobre si mesma, a rir-se tanto que o corpo vibrava. Não saía nenhum som, mas havia nela tanta alegria e libertação. Quando Eby e George saíram do canal e chegaram ao pé dela, Lisette encontrava-se de joelhos, com lágrimas congeladas agarradas à pele. Ao levantar por fim os olhos para Eby, estava exausta, mas expurgada. Parecia que, pela primeira vez há meses, sentia qualquer outra coisa para além de culpa.

Foi nesse momento que Eby soube que Lisette ia ficar bem. Lisette andara a segui-los porque considerava Eby um exemplo do que era a verdadeira felicidade. Estava a tentar aprender com ela tudo o que nunca lhe tinham ensinado. Foi uma tomada de consciência digna de nota para Eby: que somos o que nos ensinam. Era por isso que as mulheres Morris eram como eram. Porque não conheciam nada diferente. Eby desbravara terreno novo e isso fazia-a sentir-se poderosa e útil. Alimentava-lhe a necessidade de sempre de endireitar as coisas. Porém, havia uma certa

presunção naquilo. E em breve aprenderia a sua lição. Lisette estava a mudar porque queria. No que dizia respeito à família de Eby, nenhuma quantidade de amor e nenhuma quantidade de dinheiro mudariam pessoas que não queriam mudar.

Voltaram para o hotel, com as faces cor de canela e os olhos lacrimosos. Mais tarde, Eby e George iriam voltar a sair para jantar. Perder-se em Amesterdão durante uma tempestade de neve era excitante por causa do perigo. Os edifícios começavam a parecer todos iguais, os montes de neve escondiam montras de lojas e, por vezes, ruas inteiras. George e ela tinham tido uma vez de procurar refúgio na casa de uma família desconhecida durante a noite. A família não falava inglês e George e ela não falavam holandês. Tinham jogado jogos com as crianças e dormido no chão da cozinha. Fora maravilhoso. Mas Lisette estava fora de si quando eles apareceram por fim no hotel na manhã seguinte.

Nessa tarde, Lisette subiu as escadas para o seu quarto enquanto Eby e George pediam o correio na receção. Tinham passado já tempo suficiente em Amesterdão para as cartas de Paris os estarem a alcançar e, para Eby, era sempre a parte menos favorita do dia. Eby levou as cartas para o pequeno sofá redondo no vestíbulo, enquanto George, como fazia todas as noites, pedia que mandassem comida ao quarto de Lisette, apesar de ela nunca a comer. Quando ficava com fome suficiente, Lisette esgueirava-se para a cozinha do gerente logo de manhãzinha e, pela calada, fazia qualquer coisa, deixando *palmiers* salpicados de açúcar e pão recheado para os empregados descobrirem mais tarde, convencidos que o banquete era preparado por elfos.

Uma carta da irmã de Eby, Marilee, encontrava-se no cimo da pilha.

De forma resignada, Eby abriu-a.

Eby

Com certeza que por esta altura já sabes. A mãe disse que escreveu. Toda a gente escreveu. Faz duas semanas que Talbert morreu. Onde estás? Porque estás a ser tão egoísta? A mamã tentou telefonar, mas aquele estúpido hotel onde estás procede como se não fizesse ideia nenhuma de quem és. Agora estás a obrigar-me a escrever-te, quando mal consigo pegar numa caneta. O que queres que faça, que suplique? Preciso de ti, Eby. O meu marido morreu e não sei o que

fazer. Quinn não para de chorar. Não compreende por que razão a tia Eby não está cá quando tudo se está a desmoronar. Precisas de estar aqui. Talbert morreu na tua casa. A culpa é tua. Volta para casa e corrige as coisas.

Marilee

Eby deixou a carta cair-lhe no colo, de repente entorpecida até aos ossos. Talbert, morto? Não podia ser. Era tão jovem e cheio de vida. Eby recordava-se dele no casamento dela e de George, a forma como fizera a irmã sorrir, a forma como a levava para a pista de dança e a abraçara, fazendo Marilee esquecer os seus ciúmes. Soubera como lidar com as suas mudanças de humor, as suas vaidades e aflições. Marilee sempre fora suscetível. Talbert fora bom para ela. O seu amor por ela fora um bálsamo na ferida do desapontamento que a mãe sentira por ela não ter feito um casamento melhor.

Eby olhou para as outras cartas, todas remetidas ao mesmo tempo de Paris. Brilhavam esverdeadas, como se iluminadas por dentro, todas portadoras da mesma má notícia. Apetecia-lhe dar-lhes uma sapatada para saltarem do seu colo, como se fossem aranhas.

– O que se passa, Eby? – perguntou George, encaminhando-se para ela.

Ela entregou-lhe a carta sem dizer nada, depois levantou-se, deixando as outras cair no chão. Casa. Tinham de ir para casa. Marilee parecia desvairada na sua carta. Mas mencionar Quinn fora deliberado. Eby adorava aquela criança. Desde o momento em que nascera, Eby tentara ser uma âncora para ela, mostrando-lhe que não tinha de seguir a loucura que era a família delas. Que podia ser tudo o que quisesse ser.

George leu a carta e depois esfregou o rosto com a mão.

– Pode levar alguns dias. As estradas estão fechadas por causa da neve.
– Virou-se e voltou à receção. Levou a carta com ele. Ela nunca descobriu o que ele lhe fizera. Nunca mais a viu.

Ali de pé, a sofrer por causa da perda da irmã, Eby percebeu que a sua dor tinha um lado pessoal. Acabara. O fim do mundo de sonhos deles. Sabia que iria acontecer, só não contara que acontecesse tão depressa. Pensava que a decisão de partir seria deles, que dali a meses e meses, quando tivessem visto tudo o que podiam ver duas vezes, George virar-se-

ia para ela e diria «Vamos para casa», de maneira que casa soasse como um paraíso, um sítio onde quisessem estar.

Partiram dois dias depois. Lisette quisera ir com eles, mas Eby dissera que não. Pedira-lhe para fazer as pazes com a sua própria família antes que alguma coisa do género lhe sucedesse. Deixaram Lisette a chorar em silêncio, a força da sua emoção a chocalhar os quebra-luzes ao lado e a abanar pingentes de gelo soltos nas goteiras lá fora. Eby voltou a correr para ela e abraçou-a uma última vez.

– Somos condutas para a felicidade – sussurrou-lhe. – Lembra-te disso.

A viagem de regresso foi desconfortável e sacudida, como aquele momento em que acordamos de um sonho e não temos ideia de onde estamos, do que é real. O ar em Atlanta estava húmido e quente quando o avião aterrou. Enquanto o táxi os levava e a transpiração começava a manchar o seu vestido de seda cor-de-rosa, Eby estava sempre a virar-se como se o inverno estivesse mesmo atrás deles, ainda no seu campo de visão, como se ainda conseguisse ver o turbilhão da neve de Amesterdão.

Não pararam primeiro na sua casa. George comprara a propriedade, uma mansão neoclássica que pertencera outrora a um presidente de câmara de Atlanta, uns meses antes de casarem, mas nunca lá tinham vivido. Tinham dormido na casa na sua noite de núpcias, num molho de cobertores na sala de jantar da casa imensamente vazia, rindo só para ouvirem o eco e chamando por fantasmas na brincadeira. Tinham partido para a Europa no dia seguinte. Durante a lua de mel, tinham enviado para casa mobília suficiente para encher a casa e Eby imaginara, quando regressassem por fim, que passaria os dias a abrir caixotes e a recordar com ternura a viagem. Decidiria com cuidado o que colocar onde, que recordação queria no escritório, nos corredores, no quarto. Seria o que tornaria suportável aquele regresso a Atlanta.

Na realidade, o que acontecera fora que a irmã, Marilee, utilizara a chave que Eby lhe dera caso houvesse alguma emergência (sugestão de Marilee) para usar a casa como se fosse sua nos oito meses que George e Eby tinham estado fora. Logo depois de terem partido para a lua de mel, o marido de Marilee, Talbert, não conseguira pagar a renda e tinham sido despejados do seu apartamento. Marilee decidira então que não havia problema nenhum em mudarem-se para a casa de George e Eby. Ao

princípio fora apenas temporário, mas quanto mais tempo George e Eby passavam longe, mais à vontade Marilee ficava.

Relembrando as cartas que recebera na Europa, Eby pensara que era estranho que tantas das suas amigas lhe dissessem que a casa era muito bonita. Eby presumira que se referiam ao exterior. Mas, na verdade, tinham estado lá dentro. Marilee andara a dar festas quase todos os meses. E abrira todos os caixotes de mobiliário que tinham sido entregues e decorara ela a casa.

Uma das últimas coisas que George enviara fora uma cómoda *Luís XV* de tampo de mármore, extremamente pesada. Quando chegara, Marilee adorara-a e quisera-a no quarto onde Talbert e ela dormiam. Tinham os dois tentado empurrá-la pela grande escadaria acima sozinhos, mas Talbert perdera o equilíbrio, depois tropeçara, caíra para trás nas escadas e a cómoda de tampo de mármore aterrara em cima dele. Matara-o antes de Marilee poder chamar os vizinhos para a ajudarem. Morrera em frente de Quinn, na altura com três anos.

Eby soubera disto quando conseguira por fim falar com Marilee ao telefone mal chegara a Londres no dia anterior. A primeira coisa que Eby retorquirá fora:

– Porque deixaste Quinn sozinha com ele? – Ficara chocada por a pobre criança ter sido sujeita a tal coisa.

Dissera a coisa errada.

– *Ela vai esquecer!* Então e *eu*? Acabei de perder o meu marido! Eu estava lá! Vi aquilo acontecer!

Eby ouvira Quinn a chorar em pano de fundo. Estavam as duas com a mãe de Eby e Marilee, na minúscula casa azul-turquesa cuja hipoteca George pagara antes de se casarem. O seu primeiro presente de casamento.

– Resolve isto – dissera Marilee. – Tu tens *tudo*. Se me tivesses dado algum dinheiro antes de partires como fizeste com a mãe, nada disto teria acontecido! Se tivesses voltado para casa quando devias! E porque tinhas de mandar aquela estúpida cómoda horrível?

O táxi que Eby e George tinham apanhado no aeroporto travou em frente da casa da mãe de Eby.

– Porque não queres que eu entre? – perguntou George, pegando nas mãos de Eby entre as suas.

– Só vai piorar as coisas.

Aparecer com o seu próprio marido depois de Marilee ter perdido o dela só alimentaria a loucura da irmã. Toda a sua vida, Eby tivera cuidado com a sua atitude junto da família, a sua natureza calma em antagonismo com as personalidades voláteis delas. Queria fazê-las felizes. Queria estabilizá-las. E agora, cheia da confiança que conquistara na sua lua de mel, queria mudá-las. Podia torná-las melhores. Tinha a certeza que conseguia.

– Faça o que for preciso por elas – disse George.

– Sei que sim. Obrigada.

George inspirou fundo como se cheirasse o ar pela primeira vez, tão estranho que era agora.

– Não acredito que estejamos em casa.

– Eu também não – retorquiu Eby, apertando-lhe as mãos grandes e saindo do táxi antes que mudasse de ideias. – Telefone-te quando precisar que me venhas buscar.

Avançou para o alpendre da entrada e esperou que o táxi se afastasse. Era a primeira vez em quase um ano que havia uma distância mensurável entre eles e quanto mais ele se distanciava, mais forte sentia a tensão, como um elástico a esticar-se, pronto para rebentar. Apetecia-lhe correr atrás do táxi. Queria mergulhar nos braços dele e fazer com que tudo aquilo desaparecesse. Mas virou-se e, através da janela, viu a mãe, Marilee e Quinn, sentadas estoicamente em frente da televisão, três figuras aturdidadas. Eby inspirou fundo, bateu à porta e entrou.

E aí a histeria começou outra vez.

Eby estava com bom aspeto e Marilee detestou-a por isso. E sempre que a pequena Quinn se chegava demasiado a Eby, cautelosamente contente por a ver, Marilee puxava-a e dizia-lhe que o pai estaria vivo se não fosse a tia Eby. Foram precisos três dias a dormir no sofá, sem nunca mudar de roupa, para Eby ter por fim um aspeto mau o suficiente para Marilee.

Nos dias que passaram separados, George tratou de arranjar uma lápide para Talbert. Já fora enterrado, mas não houvera uma cerimónia fúnebre adequada, por isso George organizou-a. Contratou também um agente imobiliário para encontrar uma casa para Marilee. Por fim, destruiu a cómoda, queimando-a lá fora e enterrando o tampo de mármore debaixo da magnólia no jardim das traseiras.

Na noite da cerimónia fúnebre, George ficou chocado por ver Eby tão mal-arranjada. Marilee insistira que Eby usasse um vestido preto que não lhe assentava bem e que pertencera à mãe. Marilee quisera brilhar, ser a bela viúva. E não quisera que ninguém fizesse perguntas a Eby sobre a sua lua de mel. Mal alguém se aproximava de Eby na capela, satisfeito por ela ter regressado, Marilee chorava alto e chamava a atenção para si própria. Uma vez, até fingiu desmaiar.

George levou Eby para casa depois da cerimónia, apesar dos protestos de Marilee. Eby estava demasiado cansada para discutir com ele. Compensaria Marilee no dia seguinte.

Ele deixara todas as luzes ligadas na casa para parecer alegre. Mas mal entraram, ambos perceberam.

– Não podemos viver aqui. Vamos ter de vender este sítio – disse Eby quando George fechou a porta.

– Eu sei.

– Suponho que é melhor assim. – Eby suspirou. – Não parece a nossa casa.

– Encontrá-la-emos, Eby. Prometo. Olha para isto. – Estendeu o braço e pegou num postal de uma pilha de correio num grande cesto junto à porta.

– Um amigo falou-me de uma propriedade para investimento mais a sul, um lago e algumas cabanas. Vou levar-te lá no fim de semana, só para nos afastarmos durante algum tempo.

No postal, havia uma fotografia de pessoas a divertirem-se num dia de verão num lago pantanoso, uma mulher com uma sombrinha branca, um rapaz com umas jardineiras, uma menina com um fato de banho cor-de-rosa. As palavras *Bem-vindo ao LAGO PERDIDO Georgia* estavam escritas por cima. Era uma fotografia antiga, mas Eby teve uma sensação estranhíssima ao olhar para ela. Como se estivesse a ver o seu futuro, o que era uma tolice. Não podia lá ir. Não tinha forças para partir, sabendo que teria de voltar.

– Lisette gostaria disto – disse com tristeza. – Um sítio quente.

Ele beijou-lhe o pescoço com suavidade, como se ela se pudesse partir. Ninguém pensara nunca que Eby fosse delicada. Só George.

– Precisas de uma bebida.

George desapareceu no canto da sala de jantar. Eby, no vestíbulo amplo, olhou em volta. A casa estava imaculada, mas decorada de forma errada.

Não era nada como Eby a imaginara. Aquilo era o que Marilee quisera. Aquela maldita cómoda nem sequer devia ter ido para o andar de cima. Eby pretendia colocá-la ali no vestíbulo, com um belo espelho por cima. Imaginara o som das suas chaves quando as atirasse ao entrar, um clique agradável no mármore.

Cambaleou até às escadas e sentou-se. Pousou a cabeça no colo, exausta. Acordara várias vezes nas últimas noites, a pensar onde estaria. Paris? Amesterdão? E onde estava George? Naqueles momentos assustadores antes de se recordar, pensava que podia ter uma ideia do que a irmã estava a sentir, o que fazia com que fosse um pouco mais fácil lidar com Marilee no seu atual estado de espírito.

Sentada ali a cabecear, Eby pensou se haveria alguma forma de doença mental que não fosse biológica, mas adquirida. Eby recordava-se da própria mãe numa espiral descendente depois de o marido morrer. E, mesmo agora, a mãe andava a alimentar a bela dor de Marilee com comentários afrontosos por Eby ter estado tanto tempo fora. Elas estavam feridas. Eram vítimas. Se ao menos tivessem tudo o que queriam, então tudo correria bem. Mas porque isso não acontecia, achavam que a culpa era das outras pessoas.

De repente, foi demasiado opressivo pensar no que ia ser preciso para as fazer felizes. Amava muito a pequena Quinn, mas a criança olhava agora para ela com tanto medo. Quem faz isso a uma criança? Quem prefere aquilo à felicidade? Sentia saudades da Europa. Sentia saudades da esperança que sentia lá. Sentia saudades do conforto de Lisette. Isto já estava a ser demasiado difícil. A sua família já estava a controlar as coisas e a gastar o dinheiro de George.

Ouviu-se uma batida na porta e Eby levantou a cabeça com brusquidão.

George entrou no vestíbulo. Na mão trazia um copo cilíndrico cheio de um líquido cor de âmbar.

– Quem diabo poderá ser? – disse, dirigindo-se à porta e abrindo-a. Houve uma pausa. – Não acredito.

– Quem é? – perguntou Eby, com algum receio que fosse Marilee ou a mãe, trazendo o seu ressentimento e dor para Eby como se devolvessem uma coisa que Eby deixara para trás por engano, como um lenço de pescoço.

George deu um passo para o lado com um sorriso e, ali na entrada, com um vestido verde e o cabelo atado atrás com uma fita branca, encontrava-se Lisette.

Lisette lançou uma olhadela a Eby e correu para ela, abraçando-a com toda a força dos seus pequenos braços.

Há vários meses, Eby salvara a vida de Lisette.

E Eby asseveraria sempre que, naquele momento, Lisette retribuía o favor.

PARTE 2



8
Lago Perdido
Suley, Georgia
Atualidade

Eby não apareceu para o almoço, os hóspedes comeram sem ela, presumindo que estivesse demasiado ocupada com o inventário. Assim, Lisette trouxe frango alourado, salada morna de abóbora, batatas azuis e pão de amoras com uma crosta de açúcar que parecia cristais de gelo.

Quando o telefone no vestíbulo tocou, os garfos de toda a gente estacaram a meio caminho das bocas. Ficaram sentados sem se mexerem, sobressaltados, não só porque era a primeira vez que o telefone tocava desde que todos tinham chegado ao Lago Perdido, mas também porque Eby não estava para o atender. Quando tocou de novo, olharam uns para os outros com curiosidade, como nativos da selva maravilhados com a tecnologia. Até Lisette saiu da cozinha e ficou parada ali como se estivesse a pensar no que fazer.

– Eu atendo – disse Kate, tirando o guardanapo do colo. Levantou-se e dirigiu-se ao vestíbulo. Estendeu o braço por cima do balcão da receção e pegou no auscultador. – Está?

– Está lá? – respondeu uma voz feminina. – É do Lago Perdido?

– Sim.

– Mas não é Eby.

– Não, sou a Kate. A sobrinha de Eby.

– Oh, ótimo! Poderá ajudar-me. Sou a Lara Larkworthy da Liga das Senhoras. Ouvimos falar da festa de despedida de Eby e queríamos saber o que podemos levar. Sei que Grady vai levar asinhas de frango. E ouvi dizer que Mavis Baker leva o seu famoso *chow-chow*.

Kate hesitou.

– Tudo o que sei é que Lisette está a fazer um bolo.

– Então não precisam de sobremesa. Ótimo. Vou dizer às senhoras. Mais uma coisa. O meu marido quer saber se o seu conjunto de música

tradicional *bluegrass* pode tocar na festa. Quando eram novos, Eby costumava contratá-los para tocarem para os hóspedes nos fins de semana. Ele queria tocar para ela uma última vez.

– Com certeza – retorquiu Kate, embora não tivesse certeza nenhuma. – Suponho que não há problema.

– Ele vai ficar tão contente! Muito obrigada. Encontramo-nos no sábado!

Lara Larkworthy da Liga das Senhoras desligou.

Kate colocou o auscultador no descanso e voltou à sala de jantar.

– Creio que temos um problema – declarou.

– Quem era? – perguntou Bulahdeen.

– Uma pessoa da vila. Perguntou-me o que podia o seu grupo de senhoras trazer para a festa. Também perguntou se o conjunto do marido podia tocar. Penso que esta festa vai ser muito maior do que pensávamos.

Lisette escreveu de imediato qualquer coisa no seu bloco de notas e mostrou o papel a Jack.

– Lisette diz que vai precisar que alguém vá outra vez comprar provisões – informou Jack. – E vai precisar de alguém para a ajudar a fazer um bolo maior.

– Eu vou à loja – respondeu Kate.

– E eu ajudo a fazer o bolo – ofereceu-se Jack. Até se levantou, como se se disponibilizasse como voluntário para serviço militar.

– Eu sabia! – exclamou Bulahdeen com uma casquinada. Bateu na superfície da mesa com a palma da mão, fazendo saltar os talheres. – Mesmo quando pensamos que sabemos qual vai ser o fim, ele muda.

Selma levou o guardanapo à boca, deixando uma mancha de batom.

– Não, verdade, devias ponderar tomar a medicação.

Bulahdeen ignorou-a.

– Ensinei literatura durante quase quarenta anos. Os livros que li quando tinha vinte anos mudaram por completo quando os li aos sessenta. Sabem porquê? Porque os finais mudaram. Depois de acabarmos de ler um livro, a história ainda continua na nossa cabeça. Nunca se pode alterar o início. Mas pode sempre alterar-se o fim. É o que está aqui a acontecer.

Ninguém respondeu. Ela pareceu frustrada por eles não entenderem.

– Kate – perguntou –, Eby não está na realidade a fazer o inventário, pois não?

Kate levou a mão atrás e esfregou a nuca.

– Não, na realidade não está.

– Eby não quer ir embora. Todos sabemos isso.

– Não creio que esteja ao nosso alcance impedi-la – disse Jack. – Pois não?

– Claro que sim! – exclamou Bulahdeen. – Temos voltado aqui todos os anos, mas dissemos verdadeiramente a Eby o que este sítio significa para nós? Ela sabe como a apreciamos? O que temos andado a fazer? Temos andado por aí sem fazer nada, como se estivéssemos à espera que isto acontecesse, que Eby por fim desistisse. Acabou-se! Aposto que a vila inteira vem cá para lhe dizer como gosta dela. Isto já não é uma festa de despedida. Isto é uma festa para fazer com que Eby fique!

Selma levantou-se.

– Pode-se vestir uma cabra com um *smoking*, mas continua a ser uma cabra.

– Não, não continua – retorquiu Bulahdeen. – É uma cabra completamente diferente quando lhe pomos um *smoking* em cima.

– Estás muito enérgica hoje – disse Selma, saindo.

– Podes apostar. Isto vai ser fantástico. Há muito mais coisas para fazer. Preciso de elaborar outra lista. – Bulahdeen enfiou a mão na mala e começou a vasculhar, a murmurar para si própria.

Confundida, Devin virou-se para Kate e sussurrou:

– Vai haver uma cabra nesta festa?

Eby passara algum tempo na cabana número 2, a cabana que reservava sempre para jovens mães que queriam afastar-se durante uns tempos de um bebé aos gritos. Adormecera no canapé da sala e, quando acordou, o céu estava tão baixo e escuro que pensou por um instante que dormira o dia inteiro. Ergueu o pulso e olhou para o seu relógio. Passava uma hora do meio-dia. Perdera o almoço e o estômago começou a roncar.

Sentou-se devagar. Os joelhos estalaram e esfregou-os antes de se pôr de pé e ir até à janela. Os guarda-sóis das mesas de piquenique oscilavam ao vento e as folhas corriam pelo relvado, seguindo-se frenéticas umas às outras, como se conhecessem um sítio seguro para onde irem. O céu estava da cor de chumbo antigo. O clarão de um relâmpago iluminou a

linha das árvores na extremidade mais distante do lago. Estas tempestades elétricas aconteciam muito em volta do lago. Nunca na verdade produziam chuva, apenas muita emoção. Tinham levado anos a perceber isso. George e Eby costumavam precipitar-se a proteger as coisas e a levar para dentro toalhas de mesa e comida quando o céu ficava escuro e o vento ganhava força até que perceberam, por fim, que nada sucedia. A chuva, quando surgia no Lago Perdido, era como uma senhora de idade a regar o seu jardim. Avisava sempre com muita antecedência. Era sempre regular. E nunca fazia muito barulho. George costumava rir-se e dizer que quando uma dessas tempestades elétricas à distância produzisse por fim chuva no Lago Perdido, seria altura de se preocuparem.

Eby saiu da cabana e foi direita ao relvado, sentindo o vento a soprar como louco no seu cabelo e a eletricidade no ar a ressaltar à sua volta. Abriu muito os braços e ergueu o rosto para o céu. Fechou os olhos e esperou. O coração batia depressa, cheio de vida. As mãos formigavam de energia, como se formando uma coisa sólida que ela podia apertar como uma bola e atirar.

Esperou. E esperou.

Minutos depois, sentiu o vento a amainar, depois a luz a incidir-lhe no rosto. A tempestade passara sem uma gota de chuva.

Abriu os olhos e deixou cair os braços.

Muito bem.

Então ainda não era altura de se preocupar.

Eby encaminhou-se para a casa principal. Já tinham retirado as coisas do almoço da sala de jantar, por isso foi até à cozinha. Lisette estava a remexer numa variedade de formas de bolo e utensílios de pastelaria de aspeto complicado. O pai poderia ter sido um *chef* famoso, mas tudo o que Lisette sabia sobre pastelaria aprendera sozinha e tinha enorme orgulho nisso.

– Adormeci a fazer o inventário e perdi o almoço – disse Eby, abrindo o frigorífico e tirando uma mão-cheia de uvas. – Onde está toda a gente?

Lisette escreveu: *Jack já vem ter comigo. Vai ajudar-me com este bolo.*

– Jack? Aqui na tua cozinha? – As sobrancelhas de Eby ergueram-se. – O que pensa Luc disso? – Fez um gesto para a cadeira vazia no canto.

Como sempre, Lisette mostrou-se embaraçada por Eby falar de Luc.

Eby sabia muito bem que existia uma linha ténue quando se tratava da dor. Se a ignoramos, ela vai-se embora, mas depois volta sempre quando menos se espera. Se a deixamos ficar, se lhe arranjam um lugar na nossa vida, ela fica demasiado confortável e nunca mais se vai embora. Era melhor tratar a dor como se fosse um hóspede. Aceitamo-la, servimo-la e depois mandamo-la seguir o seu caminho.

Lisette deixara Luc ficar demasiado tempo.

Não falo com Luc.

– Ele concorda comigo, não é? Em relação a Jack e a ti?

Tu e Luc estão ambos a tentar fazer-me feliz sem vocês. Como funciona isso exatamente? Como posso ser feliz sem vocês?

Eby leu aquilo e abanou a cabeça.

– Não existe um número finito de coisas que te podem fazer feliz. Há mais coisas do que apenas eu e Luc. Aposto que Luc concordaria comigo.

Lisette revirou os olhos e escreveu: *Porque deveria dar ouvidos a vocês os dois? Luc é uma criança e tu és uma mulher velha.*

Aquilo fez Eby rir-se.

– Eu sou velha? Tu não és nenhuma rapariguita, menina.

Lisette atirou as mãos ao ar, uma expressão muito europeia de exasperação, uma coisa que não perdera em cinquenta anos passados no sul da América. Por mais que se esforçasse, e na realidade esforçava-se, Lisette parecia sempre não pertencer ali. Não era preciso uma voz diferente ou um sotaque para se perceber isso.

– Onde está toda a gente? – perguntou Eby, tirando uma fatia do pão de amoras da bandeja, antes de Lisette o arrumar.

Lisette suspirou e escreveu: *A planear a tua festa.*

Eby virou-se antes de Lisette poder vê-la a erguer a mão e tocar no peito, tocar naquela agitação sob a pele. Os hóspedes estavam a preparar-lhe uma festa de despedida. Jack viera por causa de Lisette. Wes ia vender as suas terras. Ela pusera tudo isto em marcha. Sabia que era melhor assim. Não conseguia salvar aquele lugar.

Foi até à receção e sentou-se, inclinando-se para trás para verificar mais uma vez se estava a chover, mas descobrindo apenas sol. O lago estava a dizer-lhe para não se preocupar, que tudo ia correr bem, mas ainda se sentia inquieta.

Por que outra razão procuraria ainda sinais de que deveria ficar?

Quando chegaram à baixa de Suley, Kate deixou outra vez a lista de Lisette com a jovem no balcão da receção do Fresh Mart. Ela disse que devia levar uns trinta minutos, por isso Kate e Devin passearam-se pelo passeio em volta da rotunda, olhando para as montras de lojas de antiguidades, galerias, casas de chá e livrarias. Os últimos edifícios eram negócios locais, um escritório de advogados, uma gráfica, uma agência imobiliária com um estúdio de dança por cima e Kate quase se virou para voltar para trás. Mas Devin queria dar a volta completa.

Foi quando viram o Handyman Pizza, o último edifício na extremidade da rotunda.

Kate parou no passeio em frente da montra. Tal como na carrinha de Wes, Handyman pizza estava estampado no vidro, ao lado da caricatura de um homem entroncado e sorridente com um cinto de ferramentas. Naquele ângulo, o sol brilhava nas costas delas, transformando o vidro num espelho.

– Cheira *mesmo* bem aqui – disse Devin. Inclinou-se para a frente e apoiou uma mão no vidro, a tentar ver lá para dentro.

– Acabámos de almoçar.

– Detesto ter de te dizer isto, mãe, mas não gosto de abóbora. Quero dizer, *tenho oito anos* – declarou no mesmo tom que teria usado se alguém lhe tivesse pedido para conduzir um carro.

Kate riu-se e abriu a porta.

Entraram e, fosse o que fosse que Kate esperara, aquilo não era de certeza. O chão era de ladrilhos pretos e brancos, mas o resto do sítio era uma explosão de cores néon. As paredes estavam forradas de cartazes de cinema e capas de discos dos anos oitenta. Na parede das traseiras havia uma fila de jogos de vídeo da velha escola. *Pac-Man*, *Donkey Kong*, *Frogger*.

Devin e Kate sentaram-se ao balcão. Era um sítio movimentado, obviamente poiso habitual dos locais. Quando uma empregada de calças de ganga e uma *T-shirt* de Handyman Pizza se aproximou, Kate examinou com rapidez a parede de ardósia com a ementa escrita. Pediu uma fatia de piza de queijo para Devin e dois chás gelados.

– Nunca as vi por aqui antes – disse a empregada servindo o chá gelado para dois copos de plástico. – Estão de visita ao parque aquático?

– Não, ao Lago Perdido.

Os olhos da empregada arregalaram-se.

– É a sobrinha de Eby Pim! Ouvi dizer que tinha vindo visitá-la.

Kate mostrou-se surpreendida.

– Ouviu?

A empregada riu-se.

– É uma vila pequena. Vou à festa. Já volto com a sua fatia.

Dali a minutos, a piza estava à sua frente e Devin atacou-a.

Kate beberricou o chá, consciente que as pessoas a observavam com curiosidade. Houve alguma agitação na cozinha e, de repente, a porta abriu-se de rompante e apareceu Wes, cujos olhos as descobriram logo.

– Disse-te que ela cá estava – declarou uma voz masculina de dentro da cozinha.

– Olá, Wes! – exclamou Devin, com fios de queijo a esticarem-se entre a boca e a fatia de piza.

– Belo sítio que tens aqui – comentou Kate.

Ele vestia umas calças de ganga desbotadas e usadas e uma *T-shirt* de mangas compridas. O cabelo era de um ruivo mais claro do que fora há dois dias quando estava húmido de transpiração. Fazia-o parecer mais real, ali num sítio que não era o lago. Era a primeira vez que o via fora daquele contexto e era estranho perceber que a forma como se sentia em relação a ele era a mesma, tanto ali como no lago. Não era apenas situacional. Tinha a ver com *ele*.

Wes encaminhou-se para elas, parecendo um pouco embaraçado pela maneira como entrara.

– Obrigado.

– Posso fazer-te uma pergunta?

Ele encostou-se ao balcão.

– Claro.

– Porque lhe chamam Handyman Pizza quando é totalmente anos oitenta aqui dentro?

Wes sorriu. Ela conseguia ver melhor o rapaz dentro dele quando fazia aquilo, quando estava distraído.

– Causa confusão a muita gente, a primeira vez que aqui vêm. Quando este edifício apareceu para venda, eu queria-o porque tem uma grande entrada de garagem lá em baixo, que era perfeita para mim porque poupava o suficiente para transformar o meu negócio de faz-tudo numa empresa tradicional em vez de a gerir da casa da minha mãe de acolhimento. O edifício tem três andares. O terceiro piso é o meu apartamento. – Apontou um polegar para o teto. – O proprietário do edifício antes de mim tinha este restaurante aqui ao nível da entrada da rua. Chamava-lhe Flashback Pizza. Eu não tinha qualquer interesse em gerir um restaurante, por isso pensei em alugar o espaço. Mas o restaurante era popular entre os habitantes locais e fizeram uma grande campanha para que continuasse aberto. O dono anterior morrera de repente e as pessoas estavam sempre a colocar os ténis verdes dele, de cano alto e *vintage*, nos degraus à porta do meu apartamento à noite. Às vezes encontrava-os na garagem lá em baixo. Umas duas vezes até estavam aqui no restaurante quando descí do meu apartamento de manhã, no chão, naquela mesa. – Indicou uma mesa cor de laranja no canto. – Como se tivesse estado lá sentado, tivesse acabado de se levantar e sair.

Um homem, cujo rosto inteiro parecia ser feito de suíças, apareceu na soleira da porta para a cozinha.

– Estou farto de lhe dizer que não fomos nós. Foi o fantasma dele. Queria que o restaurante continuasse aberto. Foi enterrado com esses ténis! Olá, Kate, chamo-me Grady. Diga a Eby que vou levar asinhas de frango para a festa dela, está bem?

Kate sorriu e assentiu, mas Wes ignorou-o.

– Assim se formou Handyman Pizza. Dois negócios num só. Tenho um empregado e uma telefonista para o meu negócio de faz-tudo lá em baixo. E mantive os empregados do restaurante aqui, que Grady superintende. – Fez um aceno de cabeça para onde o cozinheiro desaparecera na cozinha. – Mas há cruzamentos esquisitos, como quando as pessoas mandam chamar um faz-tudo e pedem ao mesmo tempo que se lhes entregue uma piza. Ou quando os clientes do restaurante trazem candeeiros estragados e comem aqui enquanto arranjam os candeeiros lá em baixo.

– Isso é muito inteligente – observou Kate.

– Fui arrastado para isto por acaso – retorquiu Wes.

– Sempre foste bastante tolerante.

Wes soltou uma exclamação.

– Queres dizer que deixava que mandasses em mim.

Devin terminou a sua fatia de piza e disse:

– Olha, Wes, olha o que o aligátor me deu. – Ergueu o pedaço nodoso de madeira que pousara antes no balcão. Levava-o para todo o lado com ela como se fosse uma lanterna. – Acho que é uma pista.

Wes pegou no pedaço de madeira e examinou-o com a devida consideração.

– Uma pista para quê?

Devin encolheu os ombros.

– Uma coisa que o aligátor quer que eu descubra.

– Parece parte de uma raiz respiratória de cipreste – comentou Wes, devolvendo-lhe o pedaço de madeira.

– É... parece mesmo – concordou Kate.

Devin pareceu excitada.

– O que é uma raiz respiratória?

– É a parte da raiz do cipreste que sobressai do solo ou da água. A tua mãe e eu costumávamos mergulhar em redor das raízes respiratórias dos ciprestes na extremidade mais distante do lago à procura de tesouros.

– Não que possas fazer isso – acrescentou Kate muito depressa. – É demasiado perigoso. A minha mãe teria tido um ataque se soubesse o que eu andava a fazer. Lembro-me como essas raízes eram emaranhadas debaixo de água. É espantoso como não ficámos presos.

– Mas cresceram-nos guelras, recordas-te? – retorquiu Wes.

Kate levou a mão atrás e tocou num sítio atrás da orelha.

– Recordo.

Também se recordava da história que inventara sobre as três meninas que tinham ido nadar nas raízes respiratórias dos ciprestes e tinham ficado encurraladas, como lá tinham ficado para sempre e crescido debaixo de água, os cabelos a flutuar como algas enquanto viam os pais a procurá-las todos os dias. E como, quando já eram grandes, descobriram como arrear o nevoeiro e aparecer por cima da água. Ursula, Magdalene e Betty. As mulheres fantasma.

Devin saltou do seu banquinho.

– Vamos voltar ao lago. Quero ir ver essas raízes respiratórias!

– Vens à festa de Eby? – perguntou Kate, levantando-se. Chamou por Devin, pedindo-lhe para esperar à porta.

– Claro que vou.

– Tal como a maioria da vila, ao que parece. Transformou-se muito depressa numa coisa maior do que Bulahdeen esperava.

– Posso aparecer hoje mais tarde se quiseres. Posso ajudar a preparar o sítio.

– Creio que toda a gente vai agradecer – disse Kate.

– Mãe, vamos embora!

Kate sorriu, afastando-se.

– Então até depois.

– Ela sabe que estás envolvido nesse projeto imobiliário, o que vai ficar com a propriedade de Eby? – perguntou Grady, com um sentido de oportunidade perfeito ao espetar a cabeça da cozinha, mal Kate e Devin se foram embora.

Wes encolheu os ombros.

– A não ser que Eby lhe tenha dito, não.

Grady assobiou.

– Vais ficar em maus lençóis quando ela descobrir.

– Porquê?

– Foi assim há tanto tempo? – Grady abanou a cabeça. – Estou sempre a dizer-te, precisas de sair mais.

– Saio bastante.

– Ir jogar bólingue comigo não é a mesma coisa. Nem sequer me pagas o jantar.

Wes agarrou num esfregão que estava debaixo do balcão. Fez uma pausa e depois perguntou:

– O que te leva a pensar que estou sequer interessado em Kate?

– Que aquilo ali, o que acabou de acontecer, se chama atração. A-tra-ção. Procura no dicionário.

Wes sorriu e virou-se para limpar o balcão. Grady sabia que Wes tivera namoradas no passado. Não que tivessem durado muito tempo. Toda a gente da idade dele parecia estar sempre com pressa para se ir embora. A relação mais longa durara dois anos. Wes e Anika tinham-se apaixonado

no último ano do secundário. Mas não muito tempo depois da cerimónia de formatura, Anika começara a fazer planos para se irem os dois embora. Tinham empregos que podiam viajar, dizia ela. Ele podia consertar qualquer coisa e ela podia servir às mesas em qualquer sítio. A mãe de acolhimento, Daphne, encorajara-o a fazer o que o coração lhe ditasse. O problema era que o seu coração não pertencia a Anika. Não todo, de qualquer modo. Uma grande parte sim. Ele amava-a. Mas também amava Daphne, Eby e a vila. E Billy.

Na realidade, tudo se resumia a Billy.

Se Wes partisse, teria de deixar o irmão. E não podia fazer isso. Billy e ele tinham sido inseparáveis. Wes nunca se importara de lhe mudar as fraldas ou de o ensinar a nadar ou de ir com ele pelos bosques até ao lago todas as manhãs. Tudo o que Wes fazia, Billy fazia também. Tudo o que Wes gostava, Billy gostava. Wes quase morrera a tentar encontrá-lo naquela casa a arder. Mas não conseguira. Não conseguira encontrá-lo. Talvez ainda estivesse à procura dele. Talvez fosse estar sempre.

Nunca existira uma única força, uma única pessoa, que pudesse competir com essa recordação, com aquele lugar no seu coração. Exceto Kate. Ela fizera-o querer partir há todos aqueles anos atrás. Mesmo assim, ele planeava levar Billy com ele. Mas nem ela conseguiria fazê-lo partir agora. Não que isso fosse alguma vez acontecer. Fosse o que fosse que Grady dissesse, o que Kate e ele tinham agora era apenas a recordação de uma coisa boa.

Essa recordação e Kate partiriam antes de ele dar por isso.

As compras estavam prontas quando Kate e Devin regressaram ao Fresh Mart e Kate deu uma gorjeta ao rapaz dos sacos que ajudou a carregar as caixas para Lisette no *Subaru*. Devin já entrara e apertara o cinto e Kate estava prestes a subir para trás do volante quando ouviu vozes que vinham do interior da loja. Um limpador de janelas numa escada estava a passar o limpa-vidros no vidro por cima da porta e deixara as portas abertas.

– Por que continua a vir aqui? Ele é *casado*.

Kate reconheceu aquela voz. Era da jovem do rabo-de-cavalo, Brittany.

– Não vejo o teu pai a queixar-se – retorquiu Selma, saindo.

Não viu Kate lá fora. A saia fazia ruge-ruge, de agitação, e os saltos altos clicavam com tanta força no passeio que lançavam faíscas e criavam marcas negras de queimado no betão. O ar em redor dela estava carregado com uma eletricidade vermelha brilhante que todas as mulheres reconheciam. E também todos os homens, mas por razões inteiramente diferentes.

– O que se passa com Selma? – perguntou Devin.

– Nada – disse Kate, subindo para o carro. – Está só de mau humor.

– O aligátor gosta dela.

– Gosta? – retorquiu Kate distraída, ligando o motor.

– Ele gosta de toda a gente. Acho que ele está abalado por pensar que pode não ver outra vez as pessoas. Não quer que se vão embora.

– Até Selma?

– Ele acha que ela é bonita.

Kate virou-se para fazer marcha atrás.

– Bem, isso significa que é sem dúvida um ele.

Chegaram uns minutos antes de Selma ao Lago Perdido. Quando Selma chegou, saiu do seu sedã vermelho e encaminhou-se para a sua cabana sem proferir uma palavra.

Kate e Devin tinham acabado de começar a descarregar as mercearias quando Kate ouviu Selma chamar:

– Kate! Oh, Ka-ate!

Com uma caixa cheia de legumes nas mãos, Kate virou-se e viu Selma no alpendre da sua cabana.

– Sim?

– Quero tomar um banho prolongado e não tenho toalhas limpas.

Kate fez um aceno para a casa principal.

– Tenho a certeza que Eby tem algumas na lavandaria.

– Espero aqui – retorquiu Selma. – Disse que estava a ajudar Eby, certo? Em geral é Eby que faz isto.

Kate e Devin levaram o primeiro carregamento de mercearias lá para dentro.

– Volto já com o resto – disse Kate para Lisette. – Tenho primeiro de levar umas toalhas a Selma. O que se passa com mulheres como aquela?

Lisette abanou a cabeça devagar e escreveu qualquer coisa no seu bloco de notas. *Ela sente-se sozinha.*

– Não age como tal.

Lisette sorriu e escreveu: *Nenhuma de nós age. Nem sequer tu.*

* * *

Uns minutos depois, Kate bateu à porta de Selma. Esta gritou-lhe que entrasse. Quando Kate entrou, viu que Selma já mudara de roupa, vestia agora um roupão chinês e estava deitada no canapé a ler uma revista. A cabana parecia enevoada, mas não de fumo de cigarro. A névoa tinha um odor, como um perfume.

Havia lenços dispostos sobre os quebra-luzes. Sapatos de salto alto estavam alinhados na lareira e caixas de chapéus abertas espalhadas, mas não continham chapéus. Uma tinha doces; outra, centenas de minúsculas amostras de maquilhagem; outra, inexplicavelmente, tampas de garrafas. Kate ficou na soleira da porta e estendeu as toalhas.

Selma atirou a revista para o lado numa demonstração verdadeiramente impressionante de tédio.

– Ponha-as na casa de banho. E leve as usadas.

Kate entrou na casa de banho, pôs as toalhas lavadas em cima do lavatório e voltou com as toalhas usadas, que estavam cobertas de

maquilhagem. Encaminhou-se para a porta principal, prestes a sair, mas depois parou e virou-se.

– Vi-a hoje no Fresh Mart. Estava a discutir com a rapariga de lá.

Selma suspirou.

– Ela não gosta de mim.

– Porquê?

– Porque me meto com o pai dela. O proprietário da loja. Ele é casado. É o que eu faço. Todos os meus maridos eram casados quando os conheci.

– Esfregou o dedo anelar vazio, distraída. – Mas ela não tem nada que se preocupar. Se eu o quisesse, já teria usado o meu último feitiço para o apanhar.

Kate abriu a boca e depois fechou-a. Por fim, teve de perguntar:

– *Todos* os seus maridos eram casados antes?

– Estranho, não é? Mas são essas as regras – respondeu Selma.

– Tem regras?

– Não fui eu que as fiz. Existem desde tempos imemoriais.

– Então porque não ficou casada com nenhum deles? É óbvio que teve muito trabalho para os apanhar.

Selma franziu o sobrolho e depois levantou-se.

– Nunca é o que penso que vai ser.

Fez um gesto para sete molduras sobre a prateleira da lareira, algumas grandes, outras pequenas, todas as fotos mostrando um homem sorridente. Uma fotografia antiga mostrava o mais novo, um homem na casa dos vinte, e o mais velho, um homem de mais idade, estava numa fotografia recente.

– São os meus maridos – explicou Selma. – Mantenho-os por perto para me recordarem o que não devo procurar da próxima vez.

Kate observou Selma a encaminhar-se para a prateleira. Pegou numa pequena caixinha de joias. Era de um tom acastanhado com minúsculos embutidos de marfim na tampa. Por si só, era completamente inócua e Kate nunca teria pensado que fosse especial. Mas a forma como Selma pegou nela com todo o cuidado conferiu-lhe de algum modo vida. Kate fitou-a, fascinada. Sentia a sua atração.

– Sabe o que é isto?

– Não – respondeu Kate, mudando de posição e engolindo em seco.

– O segredo do meu sucesso – disse Selma, estendendo a caixa e abrindo-a com lentidão em frente de Kate.

Kate inclinou-se para a frente e olhou lá para dentro. Franziu o sobrolho quando viu que estava vazia, à exceção de um pequeno amuleto em forma de coração que repousava no forro de veludo preto.

– O que é?

– Ah! – exclamou Selma, fechando a caixa com ruído, fazendo com que Kate saltasse para trás muito depressa. – Eu sabia. Só mulheres como eu sabem para que serve.

– O que quer dizer com isso? – Kate sentia-se um pouco tonta, como se se tivesse levantado demasiado depressa.

– É um feitiço. O meu último. Estou a guardá-lo para usar no meu último marido. Será velho e rico, o último de que precisarei.

Kate perguntou-se se Selma se agarrava aquela ideia dos feitiços da mesma forma que Kate se agarrara a Cricket, porque, quando se chega ao fim da linha, agarramos a primeira coisa ao nosso alcance. Quando Selma se divorciava de um marido, talvez os feitiços a consolassem com o facto de lhe mostrarem que não ia ter de ficar sozinha durante muito tempo, que ia aparecer outro muito em breve.

Após ficar ali atrapalhada durante um instante, a segurar nas toalhas sujas e a ver Selma sorrir e afagar a caixa como se fosse um gato, Kate virou-se e saiu da cabana. Lá fora, estacou no alpendre. Inspirou fundo o ar do lago e sentiu a cabeça desanuviar-se. Olhou para trás para a porta que fechara e pensou se seria possível compreender Selma.

Talvez ela fosse mesmo mágica.

Selma voltou a pousar a caixa na prateleira da lareira. Não entendia porque agia daquela maneira. Parecia não conseguir controlar-se. E fora assim durante tanto tempo que não acreditava que pudesse ser de outra forma. Não que o quisesse. A mãe detestara-o, detestara aquilo em que Selma se tornara, mas ela não queria saber. Não era a mãe. Era só isso que interessava.

Tentava não pensar na mãe, mas quando o fazia sentia pena. Era uma fotografia desbotada do passado, magra, transparente, desaparecendo da

janela no lava-loiça da cozinha, onde estava sempre à espera que o marido voltasse para casa, para ela.

Também não gostava de pensar no pai, mas quando isso acontecia sentia fúria, por vezes nostalgia. Mas também ele era uma figura sussurrante do passado, consistindo sobretudo do cheiro a tinta de jornal.

A única coisa da sua infância em que realmente gostava de pensar, que recordava com surpreendente pormenor, era a série infindável de mulheres com as quais o pai enganara a mãe. Recordava as bainhas dos seus vestidos, o encaracolado dos seus cabelos, a cor das sombras dos olhos, as marcas que as joias deixavam nas suas peles. Quando era muito nova, Selma não fazia ideia de quem eram essas mulheres desconhecidas que apareciam à porta de casa, à procura do pai. A mãe batia-lhes com a porta na cara, mas Selma esgueirava-se lá para fora e seguia-as pelo passeio, extasiada com essas criaturas pintadas e com a música criada pelas suas pulseiras. Tinham sempre pulseiras.

Quando já era mais velha, mas ainda demasiado jovem para ficar em casa sozinha, o pai levava-a a bares nas noites em que a mãe se drogava com comprimidos para dormir. Escondida num canto, a beber *cocktails* sem álcool, Selma observava o pai a interagir com essas mulheres. Não era, porém, o pai que mandava. Essas mulheres tinham todo o poder. Que encantadoras tinham sido. Que poderosas para as pessoas em volta.

Ruby, uma mulher bela com cabelo pintado de preto e o peito maior que Selma alguma vez vira, fora aquela que fizera por fim com que o pai deixasse a mãe. As outras, percebeu então Selma, tinham estado apenas a brincar com ele, a empurrá-lo de um lado para o outro como um gato com um rato atordoado. Não tinham querido casar com ele, porque, se o quisessem, ele já teria saído de casa muito antes. Selma tinha treze anos quando isso acontecera e adorara ir visitar o apartamento do pai e de Ruby na baixa de Jackson. Selma estava no ponto de transição para a idade adulta e, em termos de feminilidade, Ruby era tudo aquilo que queria ser. Ruby, quando estava bem-disposta, mostrava a Selma como aplicar a maquilhagem, pondo-lhe os lábios tão rosados que parecia que acabara de dar uma dentada num *cupcake*. O sabor também era esse, peganhento e espesso. Fora durante uma dessas sessões de maquilhagem que Selma fizera a Ruby perguntas sobre a sua pulseira.

Ruby dera um passo atrás e erguera a mão, fazendo tilintar os quatro amuletos em forma de coração.

– As mulheres como eu têm exatamente oito oportunidades na vida para apanhar o homem que querem. É desta forma que os registamos. – Chocalhou outra vez a pulseira. – Tinha oito amuletos. Restam-me quatro.

– O que acontece aos amuletos?

– Desaparecem mal decidimos que homem queremos, mal sabemos. Os primeiros homens são em geral por rancor. Usamo-los para roubar os homens de mulheres de quem não gostamos. Os últimos quatro são em geral por dinheiro. O último representa a última oportunidade para conseguirmos tal e qual o que queremos. Será dinheiro? Será vingança? Será amor? Será uma família? É o feitiço mais importante.

Selma escutara com profunda atenção.

– Tens de usá-los todos?

Ruby rira-se, um som áspero como uma foca a ladrar.

– Querida, porque irias desperdiçá-los?

Selma tentara, desesperada, interiorizar aquilo tudo. Quisera saber tudo, mas tinha receio de ser demasiado, de não possuir o que era necessário para entender. Os rapazes tinham apenas começado a intrigá-la e estava a ter problemas em pensar sequer em descobrir um a quem dar a mão. Era só isso. Descobrir só um. Fora só isso que quisera.

– Se nos apaixonarmos, podemos usar os feitiços todos no mesmo homem?

– Claro que não – afirmara Ruby e o tom maternalista magoara Selma. – Quem conseguiria amar um homem tanto tempo?

– Então não vais ficar com o meu pai? – perguntara Selma.

– Não. Está quieta – dissera Ruby aplicando uma fila de pestanas falsas no olho de Selma. – Eu e a tua mãe costumávamos andar na mesma escola, há muito tempo. Ela costumava trocar de mim, ela e as amigas. Pensava que era muito melhor do que eu. Agora olha para ela. A vida dela é miserável e eu posso ter qualquer homem casado que queira. Acho que foi bem feito, não achas?

Selma sentiu um estremecimento percorrê-la. Nesse momento, Ruby parecera quase perigosa. Selma sempre detestara a falta de poder da mãe. E detestara a forma como o pai parecera sempre levar a sua avante, sem

quaisquer consequências. Ruby era melhor, mais forte, do que eles todos. Ruby venceria sempre.

– Quero ser tal e qual como tu – sussurrara Selma, com a voz a tremer. Mesmo que não tivesse entendido bem, mesmo que aquilo a tivesse confundido, *soubera*.

Ruby erguera o queixo de Selma com os dedos, o rosto a centímetros apenas do dela.

– Só pelo facto de o dizeres, querida, já és. – Soprou para o rosto de Selma o hálito quente. Selma sentiu qualquer coisa operar-se nela. Estava diferente. Conseguia senti-lo. – Oito feitiços. É tudo o que tens. Parece muito ao princípio, mas vais perceber em breve que tens de abrandar o ritmo. Vais ser a inveja de todas as mulheres. Qualquer homem casado que sinta uma fração de atração por ti pode ser teu. Vais ter uma vida encantada.

Ruby fora-se embora quatro meses depois. Passadas duas semanas, Selma recebera um pacote pelo correio da sua parte: uma pulseira com oito feitiços.

O pai de Selma voltara para a mãe. Ela tornara-lhe a vida num inferno. Ele continuara a enganá-la. Mas perceberam que estavam presos um ao outro. Selma bem poderia ter-se tornado invisível, tão concentrados estavam no seu ódio um pelo outro.

Quando Selma fez dezoito anos, usou o seu primeiro feitiço para casar com um sargento do exército que casara com uma colega de Selma no ano anterior. Tinham voltado para casa os dois, pois ele estava de licença e Selma detestara essa rapariga, a forma como ela se vangloriava por estar livre daquela terrinha, a forma como dizia que todas as outras raparigas estavam a apodrecer ali ao passo que ela via o mundo. Mostrara-lhe como era. E aquela primeira vez que vira um feitiço desaparecer, sabendo que ia conseguir exatamente o que queria, fora *maravilhoso*.

Ao princípio, Selma sentira-se estonteada com o seu poder e casara de forma tola, tal como Ruby dissera. O terceiro marido fora roubado de uma empregada que lhe derramara uma bebida em cima. Os últimos maridos tinham sido por razões mais práticas.

Mas apesar de tudo o que Ruby lhe contara, tinha havido duas coisas que não lhe dissera. A primeira era que o efeito dos feitiços era fugaz. Conseguia que qualquer homem casado que se sentisse atraído por ela

deixasse a mulher e casasse com ela, mas não conseguia que ele ficasse. Cinco anos era o limite máximo, embora corresse um boato entre as da sua espécie que uma delas conseguira dezassete anos só com um feitiço. As informações eram difíceis de conseguir. Embora instintivamente se conhecessem quando os seus caminhos se cruzavam, as mulheres como ela não partilhavam com facilidade os seus segredos.

Selma foi até à janela da sua cabana e viu Kate a afastar-se. Esta lançou um olhar por cima do ombro. Selma conhecia muito bem aquele olhar. Centenas de mulheres já lhe tinham lançado aquele olhar ao longo dos anos. Não lhe era imune.

Era a segunda coisa que Ruby não lhe dissera. Que aqueles olhares a magoariam sempre.

E que, ao escolher ser a mulher que era, nunca mais teria amigas do sexo feminino.

— **E**u e Lisette já trouxemos o resto das coisas. Posso ir até ao lago? — perguntou Devin à mãe, correndo pelo carreiro ao encontro de Kate que vinha da cabana de Selma.

Aquele odor de mulher bela pairava no ar à sua volta. A cabana de Selma estava rodeada por aquele perfume, como um escudo defletor. Devin imaginava que, se lhe atirasse pedras, elas simplesmente ricocheteriam.

— Não — disse Kate, mudando as toalhas de braço. — Fica comigo mais um pouco. Não creio que Eby tenha lavado a roupa nos últimos tempos. Poderá estar a acumular-se.

De trás delas no carreiro, alguém disse:

— Eu tomo conta dela.

Era Bulahdeen. Devin gostava dela. Não era muito mais alta do que ela, por isso Devin tinha a impressão estranha de ela ser uma menina muito velha. Usava óculos escuros que tapavam metade do seu rosto doce e enrugado.

— Por favor, por favor, por favor? — pediu Devin, aos saltos.

Kate sorriu.

— Está bem. Vigiem-se as duas uma à outra. Obrigada, Bulahdeen.

Kate entrou em casa e Devin virou-se para Bulahdeen. Ergueu a raiz que o aligátor lhe dera e exclamou:

— Para as raízes respiratórias dos ciprestes!

— Queres ver as raízes respiratórias dos ciprestes? Está bem, vamos por aqui — retorquiu Bulahdeen conduzindo-a por um trilho que dava a volta ao lago, tão perto que a água quase chegava à margem em certos sítios. Os ciprestes inclinavam-se sobre ele, pendurando líquenes para a água como uma cortina.

Devin caminhava às arrecuas em frente de Bulahdeen enquanto esta a bombardeava com perguntas sobre a escola e a família, de que Devin não queria falar, porque essa era a sua vida antiga e as coisas eram diferentes desde que tinham saído de Atlanta. A sua vida mudara tanto, mantivera-se

num fluxo constante há quase um ano. Era como rodar em círculos com os olhos fechados. Mal paramos, o mundo parece que ainda gira demasiado depressa. Depois, passado um tempo, percebemos que nada continua a rodar, que tudo está perfeitamente parado.

Era assim que parecia o Lago Perdido.

Bulahdeen parava muito durante o passeio, para afastar ramos do caminho ou para mostrar a Devin um cogumelo ou um ninho. Tudo o que brilhava atraía a sua atenção como uma pega. Parecia que ia levar a vida toda a fazer apenas metade do percurso em volta do lago. Devin começou a ficar ansiosa por chegar às raízes respiratórias dos ciprestes, por isso correu à frente de Bulahdeen. Esta chamou-a de volta num tom que não admitia desobediência. Devin abrandou e acertou o passo pelo de Bulahdeen, aprendendo-o, certificando-se que o recordava.

Por fim, Bulahdeen exclamou:

– Cá estão elas! O único sítio do lago onde se conseguem ver.

Devin olhou para a água. Não pareciam raízes. Pareciam pináculos antigos de edifícios góticos a sobressaírem da água, como se houvesse uma igreja debaixo do lago e Bulahdeen e ela apenas conseguissem ver o cimo. Estavam agrupadas numa secção perto da margem, não mais do que uns trinta centímetros para fora da água. Chegou-se tão perto da borda quanto possível e olhou para baixo. A água moveu-se ligeiramente e pensou, por um instante, ver um clarão de qualquer coisa de um azul elétrico no fundo. Mas, por outro lado, a água era tão opaca que era difícil perceber onde ficava o fundo. Não detetou qualquer indício de que o aligátor lá tivesse estado ou que estivesse por ali escondido o que ele queria que ela descobrisse. Até colocou a mão por cima do olho bom e olhou em volta.

Pensava que seria mais óbvio do que aquilo.

Os ombros curvaram-se. Estava cansada. A fadiga instalou-se de repente, como se alguém a encerrasse em vidro.

O aligátor mantivera-a acordada a maior parte da noite. Estava sempre a atirar-lhe coisas à janela. *Tique tique tique*. Pusera-a louca. Acendera por fim a luz e fora à janela. Quando a abria, o ar húmido da noite precipitara-se sobre ela, tão espesso como sopa. A luz da janela espalhara um leque de claridade no chão em baixo e lá estava ele. Quando a vira,

abrir a boca e virar a cabeça, lançando-lhe um olhar de viés que era quase maldoso.

– Tu não *dormes*? – perguntara ela.

Ele emitira um som sibilante e rodara de novo a cabeça.

– Não posso sair. Prometi à minha mãe.

O aligátor afastara-se um pouco. Os pés estranhos com escamas e dedos que terminavam em garras compridas tinham raspado na terra.

– Não sei porque estás tão agitado. Tu é que não me dizes onde está a caixa. Se é assim tão importante, diz-me.

Ele desaparecera da luz, frustrado com ela.

Devin fechara a janela e voltara para a cama. Mas mal apagara a luz, o *tique tique tique* recomeçara. Pusera a almofada por cima da cabeça, mas ele não desistira até que a luz do sol cor de limão surgira por entre as árvores e fora então que Devin adormecera.

– Em que estás a pensar, querida? – perguntou Bulahdeen atrás dela.

– Ninguém acredita em mim quando falo do aligátor – respondeu Devin, afastando-se do lago. – E a mãe até o viu na estrada quando vínhamos para cá! Não estou a inventar. Acredita em mim?

Bulahdeen sorriu.

– Claro que sim. Uma pessoa sozinha não consegue. Aprendi isso. Mas duas pessoas? É um caso arrumado. Se duas pessoas acreditam na mesma coisa, é automaticamente real.

Devin sentiu-se melhor.

– Ele quer que eu saiba coisas, mas depois não me diz. É frustrante.

– É um aligátor. E eles são determinados, esses aligátors. Não se concentram em muita coisa, exceto no que está mesmo à frente deles.

– Tem razão – disse Devin. – Ele precisa da minha ajuda.

– Para onde agora? – Bulahdeen bateu palmas e esfregou as mãos. – Mais alguma coisa que queiras ver?

– Não. É melhor regressarmos. Acho que ouvi a carrinha de Wes. Disse que vinha ajudar a preparar as coisas para a festa de Eby.

– Ora isso é que são boas notícias! Fantástico! Vamos falar com ele.

Bulahdeen começou a andar a bom ritmo, com os braços a balançar de lado como se estivesse a marchar.

Devin hesitou, olhando mais uma vez para as raízes dos ciprestes, antes de correr para apanhar Bulahdeen.

Precisava de encontrar rapidamente aquela caixa. Tinha a sensação esquisitíssima que o tempo se estava a esgotar.

* * *

Mal Wes chegou, Bulahdeen investiu sobre ele e pediu-lhe para montar a pista de dança. Claro que ele concordou. Recordava-se que todos os fins de semana de verão George trazia os grandes quadrados e os dispunha sobre o relvado, unindo-os como um enorme *puzzle*. Wes até o ajudara algumas vezes. Havia música ao vivo aos fins de semana e, à noite, Wes e Billy demoravam-se nos bosques a escutá-la. Eby pendurava lanternas chinesas coloridas nas árvores e lançava barcos minúsculos com velas no lago. Nessas noites, mais do que nunca, não tinham querido regressar a casa. Tinham querido ouvir a música e ver as pessoas a dançar enquanto as luzes tremeluziam e imaginar que aquela era na realidade a casa deles.

Com a ajuda de Jack, Wes trouxe os quadrados da pista de dança do armazém de Eby e, juntos, passaram grande parte da tarde a uni-los. A humidade atacara-os, deformando-os nalguns sítios. Wes avistou Kate algumas vezes. Usava os mesmos calções e *T-shirt* sem mangas verde vivo de quando a vira anteriormente, mas agora a transpiração estava a encracolar-lhe as pontas do cabelo. Era óbvio que estava a ajudar na lida da casa, a trazer e levar toalhas e lençóis para as cabanas. Estivera tão atento a observá-la que uma vez martelara o polegar com o martelo. Jack lançara-lhe um olhar de compreensão.

Quando terminaram, Kate veio inspecionar o trabalho deles. Colocou as mãos na cintura e assentiu.

– Muito bem – disse, o que fez Wes sentir-se ridiculamente orgulhoso. A sério, era lamentável.

– Íamos pôr o toldo, mas reparámos que está todo traçado – explicou Wes, fazendo um gesto para o toldo dobrado no chão.

– Posso remendá-lo hoje à noite – retorquiu Kate. – Terás tempo para voltar amanhã para nos ajudares a montá-lo?

– Claro.

A ideia de planos com ela fazia com que o dia seguinte parecesse muito distante. Fora assim há quinze anos, quando mal conseguia esperar para ir ter com ela de manhã. Não conseguia dormir, sabendo que dali a algumas horas podiam começar o dia juntos de novo. Passado e presente. As linhas divisórias estavam a ficar turvas.

– Conserto também essas grelhas amanhã e talvez lixe alguns sítios nas mesas e bancos de piquenique para as pessoas não espetarem farpas.

Kate sorriu-lhe, os olhos pousados no rosto dele, atentando na cicatriz por cima da sobrancelha onde o pai uma vez lhe batera e Wes caíra contra o fogão a lenha. Quando eram miúdos, dissera a Kate que arranjava a cicatriz a salvar uma garça-real presa nuns líquenes.

A noite começou a cair e Eby apareceu com cachorros-quentes e hambúrgueres para grelhar. Quando viu a pista de dança, abanou a cabeça.

– Não acredito que Bulahdeen os tenha convencido a fazer isto.

– Foi um prazer – disse Wes, percebendo que não saía ainda da pista de dança, como se estivesse, de algum modo, a presidir à sua corte em cima dela. – Adorava ver os hóspedes dançar quando era miúdo. Talvez desta vez até dance. Sempre quis fazê-lo.

– Eu gosto de dançar – declarou Devin. Estivera sentada com Bulahdeen toda a tarde, batendo, distraída, com a raiz de cipreste na mesa, a fitar a água do lago. Estava agitada, como Kate costumava ficar quando chovia, como se alguma coisa estivesse a reprimi-la.

Wes estendeu-lhe a mão.

– Então vem dançar comigo.

Devin correu para a pista de dança e executaram os dois alguns movimentos estilo robô que fizeram Kate rir-se.

Selma, sentada numa das mesas de piquenique, observava-os com indiferença.

– O meu segundo marido era instrutor de dança. Já alguma vez vos disse? – comentou para ninguém em particular. Levantou-se de repente e pegou na mão de Jack.

– Dança comigo.

– Não sei dançar, Selma – retorquiui Jack em pânico.

– E eles sabem? – perguntou ela, fazendo um gesto para Wes e Devin.

– Hei – exclamou Wes a fingir-se ofendido.

Selma arrastou Jack para a pista e começou a executar um movimento complicado que envolvia Jack pôr a sua perna entre as delas e fazê-la rodopiar.

Jack caiu de imediato e torceu o tornozelo.

Selma ficou ali espcada a olhar para ele, depois suspiroou com a injustiça daquilo tudo e foi sentar-se enquanto toda a gente se aglomerava em volta de Jack.

– Vou buscar gelo – disse Eby, apressando-se em direção à casa.

Regressou, não só com gelo, mas também com Lisette, que vinha descalça e tinha as unhas dos pés pintadas de um surpreendente cor de laranja. O vestido escuro estava mal abotoado, como se se tivesse vestido à pressa e, através das casas dos botões, conseguia-se ver *lingerie* de um amarelo vivo. Tinha o cabelo puxado para trás com uma bandetele, húmido nalguns sítios, como se tivesse acabado de lavar a cara. Toda a gente emudeceu de repente. Era como se ela fosse um animal selvagem que se perdera e não a quisessem assustar. Lisette nunca saía à noite.

Por esta altura já tinham tirado o sapato a Jack. Lisette pegou no gelo e colocou-o no pé de Jack. Olhou para ele preocupada, lançando olhares dardejantes às grelhas onde os cachorros-quentes e os hambúrgueres agora crepitavam.

– Está tudo bem – disse Jack. – Não está partido. Volta para dentro. Eu fico bem.

Lisette pareceu aliviada. Apressou-se a entrar em casa como se o fumo da grelha a perseguisse, como se pudesse ficar maldisposta por causa dele.

O grupo ajudou Jack a chegar à sua cabana e acabaram por jantar lá com ele. Até Selma se juntou a eles. Nunca pediu propriamente desculpa, mas levantou-se uma vez para voltar a encher o copo de Jack, o que toda a gente calculou fosse o máximo que se podia pedir a Selma como contrição.

Mais tarde, corados de riso, todos se despediram com boas-noites e Wes ajudou Eby e Kate a levar os pratos e o lixo para a casa principal. Eby subiu depois e Kate e Wes voltaram a sair. As luzinhas dos guarda-sóis estavam agora apagadas e Devin estava a tentar apanhar pirilampos no escuro.

Ficaram ali lado a lado a observá-la. Wes sentia o braço de Kate a roçar no dele. Quando tinha doze anos, fora para isto que vivera, um breve toque nela, as pernas quando se sentavam no cais, as mãos quando ambos as estendiam ao mesmo tempo para agarrar alguma coisa. Percebera que ela não sentia a mesma coisa, não até àquele último momento, mesmo

antes de se ir embora. Andara a flutuar pelo lago há anos, aquele desejo que tinham deixado para trás. Mas também ele crescera. Havia nele uma essência diferente, qualquer coisa mais enérgica, mais vital e pesada. Não podia negar que olhara para as pernas dela naquele dia, estudando a forma como se moviam. Ela tinha seios pequenos e, após cuidadosa reflexão, tinha quase a certeza que não usava sutiã. Perguntou-se como seria beijá-la, a que saberia com o vinho de Bulaheen nos seus lábios. As coisas nunca mais seriam tão simples como tinham sido. E contudo... aqui estavam eles, mal se tocando, e descobriu-se a pensar que ficaria perfeitamente feliz se ficasse ali toda a noite assim, só com a sensação do braço dela junto ao seu.

– Bem, boa noite, Wes – disse Kate por fim, com a voz um pouco ofegante. – Até amanhã.

Ele assentiu.

Kate chamou Devin.

– O aligátor também diz boa noite, Wes! – exclamou Devin quando se afastaram.

Wes entrou na sua carrinha e ficou ali sentado durante um momento.

Esta fora a melhor noite de verão que tivera, desde há muito tempo, e deixara-o com receio que fosse acontecer tudo de novo, que se fosse apaixonar e desejar uma vida que não podia acontecer, porque essa vida só podia existir ali num único momento, com Kate.

Talvez fosse mesmo melhor que Eby vendesse, que ele se livrasse do seu próprio terreno. Não se pode passar a vida toda infeliz, simplesmente à espera do instante de uma coisa perfeita. Wes já transformara a sua vida numa coisa boa.

Aquilo ali era apenas um lugar.

E Kate era apenas uma rapariga que ele conhecera outrora.

Precisava de deixar as duas coisas partir.

Lisette adorava os sabores de receitas simples e antigas, feitas tantas vezes que as bordas das páginas estavam gastas e cujo paladar era suave e seguro de si. Faziam-na pensar na sua *grandmère*, que perdera o marido e dois filhos na guerra. Chorara todos os dias durante um ano, percorrendo a pé a mesma extensão da estrada entre a sua casa e a estação dos comboios,

à espera que eles regressassem. As suas lágrimas caíam como pedras negras no solo e, até hoje, aquelas pedras alojavam-se nos pneus dos carros e deixavam sair o ar todo, devagar, num gemido. As pessoas chamavam-lhe a Estrada da Dor. Lisette tinha muito poucas recordações da sua *grandmère* e da casa dela no campo. Recordava o pão que ali cozera num fogão preto fuliginoso. E recordava a sua *grandmère* a estender os dedos finos e com manchas e a dizer a Lisette que as mãos velhas fazem a melhor comida. «Mãos velhas conseguem guardar memórias das coisas boas», dissera.

Aquilo fez Lisette olhar para as suas mãos, ali à porta de Jack na manhã seguinte, com uma bandeja de comida.

Agora tinha mãos velhas. Às vezes era uma surpresa tão grande. O facto de interagir com Luc conseguia por vezes fazê-la acreditar que era bastante mais nova.

Jack abriu a porta. Usava calças de caqui e um polo cor-de-rosa com o nome de uma orquestra sinfónica. Noutra pessoa qualquer teria parecido afetado ou pretensioso. Em Jack, parecia apenas sincero. Lisette não o vira a correr no relvado essa manhã, por isso decidira levar-lhe o pequeno-almoço.

– Lisette? Isso é para mim? Entra.

Entrou. Já estivera naquela cabana muitas vezes, só nunca quando Jack a ocupava. Por vezes, quando ele partia depois da temporada, ajudava Eby a limpar a cabana e procurava sempre coisas que ele tivesse deixado ficar. Mas ele era tão meticoloso que nunca se esquecia de nada. Havia sinais da vida dele que atraíram agora o seu olhar, despertando-lhe a curiosidade, como uma fotografia dele com os três irmãos na bancada da cozinha, ao lado de vários frascos de vitaminas. Um *iPhone* repousava na mesinha de café, com um lenço de senhora ao lado.

– É de Selma – explicou Jack quando reparou que Lisette estava a olhar.

– Toda a gente comeu na minha cabana a noite passada.

Lisette assentiu quando pousou o tabuleiro na mesa. Jack encaminhou-se para ela, a coxear um pouco.

– Obrigado por isto, mas não era necessário. Eu podia ter ido até à casa principal. No entanto, decidi abster-me da minha corrida matinal.

Os olhos de Lisette desviaram-se para o tornozelo ligado.

– Está ótimo – disse ele. – Apenas uma ligeira entorse. Acredita. Passo uma data de tempo com pés.

Ela sentia-se pouco à vontade, como se tivesse acabado de revelar mais sobre os seus sentimentos do que pretendia, como a noite anterior, quando correria para fora de casa. Voltara para o quarto e depois percebera que se conseguia ver o sutiã através das casas dos botões. Tocara nessas casas, preocupada, a pensar se alguém teria visto.

– Sentas-te um pouco comigo? – perguntou Jack, puxando uma cadeira para ela.

Lisette assentiu e sentou-se, embora não soubesse porquê. Não tencionara ficar.

Jack sentou-se ao lado dela e serviu o café. Não sentiu necessidade de preencher o silêncio dela com conversa. Sempre gostara disso nele. O silêncio dela punha a maioria das pessoas nervosa, mas a ele parecia confortá-lo. Talvez fosse por isso que gostava tanto dele. Lisette nunca representara conforto para ninguém senão para Eby. E isso fora há muito tempo.

A primeira vez que vira Jack ele teria vinte e muitos anos e estava na sala de jantar com um casal mais velho. A estância nessa altura estava sempre cheia no verão e Eby e ela tinham de reabastecer o bufete do pequeno-almoço várias vezes todas as manhãs. A dada altura, tinham até tido que contratar uma empregada para ajudar. Lisette recordava-se daquela manhã com todos os detalhes. O cabelo dela ainda era comprido e estava entrançado. O seu vestido era amarelo. Trazia uma travessa de biscoitos de cebolinho. Entrara na sala de jantar e dirigia-se para a mesa do bufete quando o vira. Sobressaltada, parara. Durante um momento fugaz, pensara que era Luc. Tinha o mesmo cabelo, o mesmo nariz. Só que estava vestido com roupas diferentes. Aquilo fizera-a sorrir, a pensar que Luc saíra da cozinha, que trocara de roupa e decidira juntar-se ao mundo dos vivos. Mas então Jack olhara para ela e ela reparara nas diferenças. Ele não era Luc. Por alguma razão, percebê-lo fora devastador. Fora numa altura da sua vida em que começara a sentir que queria mudar. Não sentira saudades de partir corações, mas sentira saudades de se sentir amada por um homem, do peso do corpo dele, do cheiro da sua pele. E sempre que via crianças nas cabanas, sentira o coração apertar-se um pouco, mostrando-lhe que ainda lá estava, que era possível amar outra vez.

Mas não pôde ser. Voltara para a cozinha e vira Luc ali na sua cadeira, a olhar para ela com tanta compaixão. Ele não ia mudar até que ela o largasse, abandonasse o seu sentimento de culpa. E isso era uma coisa que ela não conseguia fazer. Se perdesse isso, perderia o fio que entretecera a sua nova vida. Transformar-se-ia naquela pessoa descuidada e cruel que fora anteriormente.

De qualquer modo, o sentimento de querer mudar a sua vida não durara muito. Ainda era nova na altura. Quanto mais envelhecia, menos o queria.

Mesmo assim, todos os verões ficava satisfeita por ver Jack. Gostava de o ver a ficar mais velho. Estava sempre à espera que ele trouxesse uma mulher. Que houvesse filhos. Netos. Mas ele permanecia solteiro e ela aproximou-se mais dele. Não quisera, mas acontecera. Se tivesse sido mais simpática para Luc, ele teria sido como Jack. Teria sido calado, amável e bem-sucedido.

– O que vais fazer quando Eby vender? – perguntou Jack de repente, como se tivesse estado a ter uma conversa com ela na sua cabeça e estivesse agora a pô-la ao corrente. – Para onde irás?

Lisette levantou o bloco de notas do pescoço e escreveu: *Para sítio nenhum. Vou ficar aqui.*

Ele leu aquilo e assentiu, como se fosse a resposta de que estivesse à espera. Recostou-se para trás e olhou para o seu café, como se lá existissem segredos. Mais silêncio.

Lisette apontou para os ovos no prato e articulou a palavra *Come*.

– Oh, está bem. Claro. – Pousou a chávena tão depressa que o café salpicou a mesa.

Com um sorriso, ela entregou-lhe o garfo e depois pegou no guardanapo e limpou o café enquanto ele comia.

Jack continuou a lançar-lhe olhares. Por fim, de olhos no prato, perguntou com tanta sinceridade que parecia uma canção de embalar:

– Jantas comigo uma noite destas? Talvez depois da festa? Sei que tens muito trabalho para fazer.

Tinha o garfo suspenso a meio do ar, à espera da resposta dela. Ela fez uma pausa e depois escreveu qualquer coisa no bloco de notas. Estendeu-o para lho mostrar. *Partir-te-ei o coração.*

Ele pousou o garfo e fez uma careta.

– Oh, é verdade. Esqueci-me. Jantar nunca. – Virou-se para ela. – E então um almoço?

Havia agora uma sensação de tensão na sala, preenchendo o espaço. A atração era assim. Enchia. Invadia-nos como massa de bolos a cair numa panela, colando-se aos lados. Lisette levantou-se com brusquidão.

– Lisette? – chamou Jack quando ela correu lá para fora, sabendo que não conseguiria ir atrás dela.

Ela tropeçou e caiu sobre as mãos mesmo ao chegar ao final do carreiro.

Levantou-se depressa e entrou na cozinha pelas traseiras da casa para ninguém ver as figuras tristes que estava a fazer, a fugir do homem mais meigo do planeta porque pensava que a sua presença o podia de algum modo envenenar, como acontecera com Luc. Este estava encostado para trás na cadeira quando ela entrou. Observou-a com grande interesse quando ela lavou as mãos, zangada, no lava-loiça. Sorria-lhe, como se soubesse o que acabara de suceder. Sorria como se aquilo o fizesse *feliz*.

Ela dissera que não, claro. Jack estava envergonhado. Não por a ter convidado para sair, mas porque a convidara primeiro para jantar. Devia conhecê-la melhor. Bateu ao de leve na cabeça com a mão. *Estúpido, estúpido, estúpido*. Ela nunca jantava. Em todos os anos que viera ao Lago Perdido, Lisette nunca aparecera no relvado à noite para o churrasco e os *cocktails*. Quando o Sol se punha, estava sempre no quarto, a luz na janela como um piscar de olhos. A maioria dos hóspedes fiéis do verão sabia que Eby salvara Lisette, que ela tinha dezasseis anos e estava prestes a suicidar-se porque, num jantar, partira o coração de um rapaz que a tinha amado. Havia uma parcela de Jack, uma parcela enfiada atrás de tudo o que tratava com tanta lógica, que entendia por que razão o rapaz atentara contra a própria vida, porque entendia como podia ser poderosa a atração que sentia por ela. Ela era encantadora. Adorava os bilhetes que ela escrevia na sua bonita caligrafia, o seu cheiro, como laranjas e massa de bolos, a negrura selvagem do seu cabelo.

Ocorreu-lhe de repente.

Era isso que ele deveria dizer-lhe? Era isso que Eby queria dizer?

Parecia tão simples. Pensava que ela sabia.

Mas e se não soubesse? E se não soubesse que ele a amava?

Franziu o sobrolho face a outra possibilidade. Sentiu o medo aquecer-lhe as orelhas, o mesmo medo que sentia quando tinha de ir a um sítio a que nunca havia ido antes ou falar em frente de pessoas. Fazia-o querer fugir, evitar por completo o embaraço.

E se ela soubesse *realmente*, mas não se importasse?

E se ela não o amasse?

– Wes! – exclamou Devin e Kate viu-a correr para ele.

O Sol punha-se atrás das árvores, criando listras sobre a água. O calor passara de ponto de ebulição para um lume brando húmido. Devin estivera sentada numa mesa de piquenique desde que Wes chegara, cotovelos sobre os joelhos, queixo apoiado nas mãos, à espera, à espera, *à espera* que ele parasse por fim de trabalhar. Vira-o montar primeiro o toldo que Kate remendara na noite anterior, depois arranjar as grelhas do churrasco. Kate tinha a certeza que ele sentia a impaciência da filha, tão certo como se ela a tivesse atirado e o tivesse atingido.

– Quero pedir-te uma coisa – disse Devin, quase resvalando até parar. – Tu e o teu irmão viveram algures aqui perto?

– Sim, vivemos – respondeu Wes. – A cerca de um quilómetro daqui. Ali nos bosques. – Apontou para o lado oriental do lago. – Mas a casa já não existe. Ardeu.

Devin virou-se e semicerrou os olhos nessa direção. Levou a mão ao olho bom e tapou-o, uma coisa que fazia com frequência quando estava à procura de alguma coisa. Andara a fazê-lo quase a vida inteira. Viu que Kate a estava a observar e baixou a mão.

– Há, tipo, um trilho ou algo do género?

– Costumava haver. O meu irmão e eu vínhamos todos os dias por ele até aqui.

– Levas-me lá? – perguntou Devin, virando-se outra vez para Wes.

Aquilo apanhou-o desprevenido.

– Levar-te lá?

– Sim. Podemos ir dar um passeio através dos bosques?

– Devin, não podes pedir-lhe para fazer isso – disse Kate, encaminhando-se para eles. Tinha as mãos manchadas de verde e castanho

de arrancar ervas daninhas nos canteiros negligenciados de Eby em frente da casa principal.

– Mas *eu* não estou a pedir – retorquiu Devin. – O aligátor é que quer que ele lá vá.

– Isso parece de mau agouro – comentou Wes, desapertando o cinto de ferramentas.

Devin olhou por cima do ombro para Kate.

– O que quer isso dizer?

– Significa que parece que o aligátor quer comê-lo – esclareceu Kate.

– Não! – replicou Devin de imediato. – Não é nada disso. Ele é amigável. E gosta mesmo, mesmo de ti, Wes. De toda a gente aqui, é de ti que fala mais.

As sobrancelhas de Kate franziram-se de perplexidade.

– Ele fala de Wes?

– O tempo todo.

– Está bem, vamos lá fazer isso – disse Wes, como se se tivesse decidido de repente.

– Verdade? – inquiriu Devin.

– Nunca discutas com um aligátor – retorquiu Wes.

Devin assentiu, séria.

– Exato.

Assim, dirigiram-se os três para o lago.

– Voltamos antes de escurecer – disse Wes para os outros. – Vou mostrar-lhes o trilho para a cabana.

– Tenham cuidado – pediu Eby. Estivera à espera que Wes terminasse as grelhas para começar a fazer o jantar para os hóspedes. Estava agora a pôr carvão numa delas. – Levam os vossos telemóveis?

– O meu, *hum*, caiu acidentalmente no lago – respondeu Kate.

Wes puxou o dele do bolso e ergueu-o no ar.

– Tenho o meu.

Mal chegaram ao caminho que dava a volta do lago, Wes mergulhou nos bosques e logo descobriu o trilho. Passados alguns minutos a andar, Kate começou a reparar nalgumas marcações nas árvores.

– O que são todas estas etiquetas de plástico? – perguntou a Wes, estendendo o braço para tocar numa das pequenas fitas brilhantes que estavam deliberadamente presas a alguns ramos baixos.

– Parecem marcações de levantamento topográfico – respondeu ele. – Eby mandou fazer um levantamento das suas terras nos últimos tempos?

– Que eu saiba não.

As árvores começaram a reduzir-se à medida que se afastavam, tornando-se mais uniformes, espaçadas de forma mais regular, como se tivessem sido deliberadamente plantadas há anos. Kate percebeu que eram todas pinheiros e que todas tinham cicatrizes idênticas a um nível alto nos troncos. A casca das árvores parecia descascar-se em forma de V, como uma cortina que se apartasse e lá dentro encontravam-se linhas suaves, uniformes, que pareciam ser feitas por golpes de machado. Havia qualquer coisa de mágico naquele sítio, na uniformidade das árvores, como se fossem bailarinas vestidas com os seus trajes, imobilizadas antes do primeiro passo.

– O que são estas marcas em todas as árvores? – perguntou Devin.

– Chamamos-lhes focinhos de gato – respondeu Wes, caminhando com passo rápido, como se estivesse a passar pelo lado mau da cidade. – Era assim que sabia sempre que tínhamos passado da propriedade de Eby para a nossa.

– Não me recordo de alguma vez explorarmos esta parte dos bosques – comentou Kate. – Creio que me teria recordado disto.

– Eu mantinha-nos na propriedade de Eby para evitar o meu pai. Acho que conheço as terras dela melhor do que as minhas.

– Porque lhes chamam focinhos de gatos? – perguntou Devin.

Wes falava enquanto andava, por isso Kate e Devin não podiam ficar para trás. Assim, caminhavam a olhar para cima, tropeçando periodicamente em ramos e raízes.

– Porque essas cicatrizes onde a casca foi retirada parecem bigodes de gatos. A minha família foi resineira durante várias gerações. Extraíam resina destas árvores. Os focinhos de gato eram os entalhes que faziam para chegar à seiva das árvores. A obtenção de resina era uma enorme indústria nesta zona. Quando a indústria se esgotou, deixou de haver muito a fazer com estas terras.

Pouco tempo depois, passando por um silvado, encontraram-se de repente na curva de uma antiga estrada de terra. Kate vinha ofegante.

– Esta estrada de terra vai ter à estrada nacional, por ali – explicou Wes. Apontou para a esquerda, mas não parou. – Por aqui, vai-se ter ao que

resta da velha cabana.

Caminharam uma curta distância pela estrada até um sítio mais aberto que continha uma velha chaminé de pedra, que parecia erguer-se dentro de uma casa invisível.

– E cá estamos – disse Wes.

Devin correu para a clareira. Wes manteve-se na orla, tão afastado quando possível sem desaparecer nas árvores.

Kate foi ter com ele, empurrando os óculos de sol para o cimo da cabeça. Era ela que estava sem fôlego, porém, era ele que parecia estar prestes a desmaiar.

– Estás bem?

Wes conseguiu exibir um sorriso que não chegava propriamente aos olhos azuis.

– Há muito tempo que não vinha aqui.

– Oh, meu Deus. Wes, não me apercebi. É a primeira vez desde o fogo?

– Não – retorquiu ele, baixando-se até ao solo e encostando-se a uma árvore. Para um homem grande, movimentava-se com facilidade, deliberação, consciente do seu corpo e da sua proximidade em relação aos que estavam à sua volta. Sacudiu alguma terra das mãos. – A última vez foi quando tinha dezanove anos. Despedi-me de uma série de más recordações.

Mesmo assim não queria estar ali. Kate conseguia percebê-lo. Fizera aquilo só por Devin. E saber que ele fizera aquilo pela sua filha, com custos para si próprio, provocou-lhe uma sensação estranha no estômago, um leve tremor, como acontecera naqueles últimos dias no lago há tantos anos atrás. Às vezes, pensava que esquecera o que era altruísmo até que sucedia uma coisa como aquela.

Sentou-se ao lado dele, esticando as pernas e inclinando-se para trás apoiada nas mãos, tentando refrescar os sítios onde a transpiração se acumulara, na curva dos cotovelos e nas dobras dos joelhos.

– De quem são estas terras agora? – perguntou.

– São minhas.

– Conservaste-as durante todos estes anos? Porquê?

– Não sei. – Observaram Devin a vasculhar na terra e a olhar por baixo de pedras. – Devin está à procura de alguma coisa específica?

– Perguntas bem. Não fala comigo sobre o assunto. – Kate fitou a filha durante mais uns momentos e depois virou-se para Wes. – Obrigada por a trazeres aqui.

– O trilho não foi tão difícil de descobrir como pensei que fosse. Se calhar alguns hóspedes do lago encontraram-no e usaram-no ao longo dos anos. Porém, não nos últimos tempos.

Kate franziu o sobrolho.

– Quando começou o Lago Perdido a entrar em declínio? Quando deixaram as pessoas de vir?

Wes encolheu os ombros.

– O hotel junto ao parque aquático foi construído há cerca de quinze anos. Suponho que isso, mais a situação económica, os hóspedes de Eby a envelhecerem e o facto de ela não fazer publicidade, começaram simplesmente a ter efeitos adversos. Eu já não vinha ao lago há algum tempo, por isso não sabia que estava em tão mau estado. Se soubesse, podia ter ajudado. Obras de reparação é o que eu faço. Quando George era vivo, costumava tratar disso tudo.

– Como era ele?

– George? – Wes sorriu. – Não era alto, mas tinha ombros largos. Ouvia-se o riso dele no lago todo. Gostava de bifes e de álcool. Adorava receber. E adorava Eby. Costumava puxá-la para o seu colo quando estava sentado numa mesa de piquenique e ela beijava-o antes de insistir que a deixasse passar. Ele dizia que era a portagem.

– Porque achas que Eby não vendeu depois de ele morrer? – perguntou Kate.

– Não sei. Ela ficou devastada quando aconteceu. Mas tinha muita gente em volta dela nessa altura. Isso manteve-a ocupada. Ela gostava disso. Sempre gostou disso. George e ela eram muito sociais.

– Quando foi a última vez que saiu do Lago Perdido? Quero dizer para fazer alguma viagem ou para umas férias?

– Há muitos anos. – Wes ergueu uma sobrancelha. – Porquê?

– Creio que Eby quer partir. Mas, quanto mais penso nisso, mais convencida fico que não quer vender. – Pronto. Dissera-o em voz alta e não parecia tão descabido como pensara. Passava-se mais qualquer coisa com a sua tia-avó. A decisão de Eby de vender não era tão simples como ela deixava transparecer.

Wes abanou a cabeça.

– Penso que é demasiado tarde.

– Ela não assinou nada. Contou-me.

– O que quero dizer é que não é apenas uma questão de querer ficar. Há também uma questão de capital – disse Wes com um certo tato.

– Oh, estou a perceber. – Endireitou-se e puxou os joelhos para o peito. Nunca lhe ocorrera que Eby não se pudesse dar ao luxo de ficar.

Passaram-se vários minutos. A ideia fora imediata. Tentou afastá-la, mas continuava a bailar-lhe na mente. Podia? Seria possível? Eby deixá-la-ia sequer?

– Conheço essa expressão. Tinhas sempre essa expressão no rosto antes de saltares de uma árvore ou de atiares uma cobra e fugires. O que vais fazer agora? – perguntou Wes, desconfiado.

Aquilo fê-la rir-se, que ele a conhecesse até esse ponto.

– Estou a pensar, e se me oferecer para comprar o Lago Perdido, ou pelo menos comprar uma quota? Dessa forma, Eby não perde a propriedade. Pode sempre voltar. Toda a gente pode voltar.

Virou-se para ele e perguntou com seriedade:

– Parece uma loucura?

– Sim – respondeu ele sem hesitação.

Ela riu-se de novo.

– Ótimo. Porque se fizesse sentido, tenho as minhas dúvidas que ela concordasse.

– Kate...

– Ainda não lhe disse nada sobre o assunto – replicou depressa. – Talvez não o faça. Não sei. Quando penso nisso, fico feliz. É um bom sinal, certo?

– E então a tua vida em Atlanta? – perguntou Wes, lançando-lhe um olhar estranhíssimo.

– O que tem?

– Os teus amigos. Os amigos de Devin. A família. O emprego. Vais abandonar tudo?

Kate entendeu por fim.

– Oh, pensaste que eu comprava o Lago Perdido e me mudava para cá.

– Não era isso que querias dizer?

– Não. Mas... – Kate apreciou a ideia. – Talvez pudesse. Não parece mais louco do que dar apenas o dinheiro a Eby e ir-me embora.

Ele afastou o olhar.

– Desistir de tudo não é tão fácil como parece.

– Só se temos que desistir de muita coisa. A única coisa que interessa é Devin. E acho que ela ficaria feliz se ficasse aqui para sempre.

– Está a fazer-se tarde – avisou Wes de repente, levantando-se. – Devíamos voltar.

Kate pôs-se de pé e chamou Devin. Quando esta correu para eles, perguntou-lhe:

– Encontrei o que andavas à procura?

– Não. Isto seria muito mais fácil se me dissessem o que devo descobrir em vez de me darem apenas pistas estúpidas.

Seguiram Wes, que já começara a andar pela estrada outra vez em passo rápido, fugindo de quaisquer fantasmas que ali tinha.

– Acabaste de dizer uma coisa importante, miúda.

Depois do jantar, ninguém estava com pressa nenhuma de ir embora. A noite prendia-os daquela forma suave como uma mãe pousa a mão no peito do seu bebé para o embalar até adormecer. Passou-se pelo menos meia hora em silêncio e todos continuavam sentados, fitando o longe.

Mas, depois, Devin levantou-se quando viu uma rã. E Jack levantou-se para lhe mostrar como lhe dar traças mortas. Eby e Bulahdeen começaram a limpar e a tirar os pratos. Kate contara a Wes como atirara «acidentalmente» o telemóvel para o lago e ele pediu-lhe para ir com ele ao embarcadouro mostrar-lhe. Talvez conseguisse recuperá-lo. Apenas Selma continuou sem se mexer, com o resto da sua bebida, ignorando toda a gente, como era seu hábito fazer. Mas Kate sentiu-lhe os olhos postos neles, curiosa, quando desapareceram na escuridão.

Quando chegaram ao embarcadouro, o negrume da água fazia-a parecer seda, a ondear como se puxada de um rolo.

– Está ali no meio do lago, perto das mulheres fantasmas – disse Kate, apontando mais ou menos na direção que se recordava de o ter lançado. – Não creio que se consiga recuperar.

– Não sei. Mergulhámos muitas vezes à procura do tesouro. O lago não é assim tão fundo.

– Não vale a pena. Além disso, segundo Devin, temos de pensar nos aligátors. – Kate fez uma pausa. – Sabes, quando Devin mencionou há bocado que o aligátor imaginário dela falava de ti, fiquei um pouco assustada. Sei que sente a falta do pai, mas lidou com a transição tão bem, melhor do que qualquer de nós. Chorou muito quando ele morreu, mas foi por causa da sua presença física. Parecia tê-lo sempre com ela, emocionalmente. Eu só... Porque falaria o aligátor sobre ti e não sobre ele?

Wes abanou a cabeça com suavidade.

– Ela não vai esquecê-lo, se é isso que te preocupa. Se a obsessão de Devin com aligátors é semelhante à do meu irmão, então é inofensiva. Era só a forma de ele lidar com as coisas.

– Que tipo de coisas? – perguntou ela enquanto regressavam ao relvado.

– Sobretudo o nosso pai. Os aligátors são poderosos e Billy era indefeso. Creio que o ajudava a imaginar uma forma de controlar as coisas, quando a nossa infância era um caos tão grande.

Chegaram a tempo de ver Selma a descer com graciosidade o carreiro em direção à sua cabana. A luz do relvado tocava-lhe no vestido vermelho, fazendo-o cintilar com imagens estranhas, como uma projeção de *slides*, enquanto se movia.

Pararam e observaram-na durante uns momentos.

– Então, vais contar-me o que estava naquela carta que me mandaste? – perguntou Kate, pensando apenas por um instante como a sua vida poderia ter mudado se tivessem mantido o contacto, como poderia ter acontecido o mesmo com a *dele*.

– Foi há muito tempo – respondeu Wes. Kate esperou até que ele abanou por fim a cabeça e sorriu. – Grandes conspirações e esquemas da cabeça de um rapaz de doze anos. Queria mudar-me para Atlanta.

– Verdade? O que aconteceu?

– Aconteceu o incêndio.

Depois daquilo não havia volta a dar. Não havia nada a fazer senão deixar aquelas palavras levá-los através dos anos e aterrá-los de forma sólida de regresso ao presente, mais velhos, mais sensatos, diferentes.

– Não gostavas de poder pegar numa única recordação de infância, soprá-la até formar uma bolha e viveres lá dentro para sempre? – perguntou Kate por fim.

Ele abanou a cabeça.

– Não se pode viver de uma única recordação – respondeu, afastando-se, em direção à carrinha.

– Wes – chamou Kate. – Não disseste nada sobre a minha proposta para ajudar Eby. O que achas?

– Acho que é muito generoso. – Chegou à carrinha e parou. – Mas não podes salvar tudo, Kate. Por vezes, é melhor passar simplesmente à frente.

Bulahdeen estava sentada no sofá da sala enquanto Kate limpava o pó às estantes. Era uma ideia tardia, uma decisão de último minuto, que a casa principal devesse estar com um aspeto apresentável caso algum convidado da festa decidisse entrar. Lisette mantinha a sala de jantar impecável, mas a sala de estar tinha um ar de negligência, como se Eby tivesse saído dela um dia para ir buscar uma chávena de chá ou para atender o telefone e nunca mais tivesse voltado. Até havia um livro aberto em cima de um dos cadeirões, com uma camada fina de pó nas páginas e uma minúscula teia de aranha na lombada.

De vez em quando, Kate espreitava pela janela para ver se Devin ainda estava no embarcadouro. Naquele dia, o último antes da festa, Wes estava lá fora a raspar o caminho com um dispositivo para nivelamento que prendera à parte da frente da carrinha, para que as pessoas que chegassem no dia seguinte não resvasassem ou ficassem atoladas na estrada irregular quando estacionassem. A poeira que levantava levava Selma a correr para a sua cabana, com o lenço a tapar dramaticamente a boca, como se estivesse a fugir de um incêndio florestal. Jack estava na cozinha com Lisette, a ajudá-la a terminar o bolo. Eby desaparecera numa das cabanas, como acontecera nos últimos dias, enquanto decorriam os preparativos para a festa, emergindo por volta da hora do jantar, com pó no cabelo, como se tivesse rastejado por uma passagem secreta, um portal do passado para o presente.

Havia uma inegável sensação de antecipação no ar. Ninguém sabia exatamente quantas pessoas viriam, mas existia a possibilidade de ser uma coisa em grande. Kate descobriu-se a esperar que fosse uma coisa grandiosa, que fosse tudo o que Bulahdeen queria que fosse. Kate andara à espera da ocasião ideal para abordar Eby e falar-lhe da hipótese de a ajudar em termos financeiros e, quanto mais pensava nisso, mais convencida ficava que no dia seguinte seria boa altura.

– Lembro-me de ler este livro aqui, no cais, há quinze anos – disse Kate, pegando no livro que Eby deixara em cima do cadeirão.

Bulahdeen deu uma dentada na sanduíche de fiambre e queijo *Brie* que Lisette trouxera há pouco. Lisette parecia saber, por instinto, quando havia alguém com fome por perto. Aparecera com um prato com minúsculas violetas pintadas, mal Kate e Bulahdeen tinham entrado.

– Aprendi a ler com esse livro – retorquiu Bulahdeen, mastigando a sanduíche com dentadas minúsculas, como um esquilo.

– Aprendeu a ler com *Jane Eyre*? – perguntou Kate. – Deve ter sido uma leitora muito precoce.

Bulahdeen abanou a cabeça.

– Na realidade, comecei muito tarde. Éramos tão pobres que, até fazer sete anos, eu nem sequer sabia que tinha de ir à escola. Depois, nunca me fartava dos livros. Foi por isso que ensinei literatura. Sempre me fez sentir astuta e excitada. Como se me estivesse a safar com alguma coisa. Sempre pensei que, a qualquer momento, alguém me ia dizer para pousar os livros e arranjar um emprego a sério.

– Já leu estes todos? – perguntou Kate, indicando a parede de estantes.

– Todos eles.

Kate riu-se.

– Então Eby devia atualizar a sua biblioteca.

– Não, já li o suficiente. – Bulahdeen terminou a sua sanduíche e lambeu as pontas dos dedos. – Nunca pensei dizer isto, mas é verdade.

Kate colocou *Jane Eyre* na prateleira e continuou a limpar o pó.

– Porque continua a voltar aqui, Bulahdeen, quando toda a gente parou de vir?

– Porque, hoje em dia, a vida são os meus livros. E todos os verões aqui é um novo capítulo. Já alguma vez leu uma história que não consegue simplesmente imaginar como vai terminar? Este sítio é assim. As melhores coisas na vida são assim. O meu marido tem Alzheimer. Pensar-se-ia que seria o fim dessa história, não é? Um homem brilhante que perde o juízo. Fim. Mas, de vez em quando, quando o vou visitar ao lar, ele vira-se para mim e, de repente, começa a falar de Flaubert. Depois pergunta-me como estão os nossos filhos. Desde que ele ainda ali esteja, desde que este sítio ainda aqui esteja, a história continua.

Kate sorriu e olhou outra vez pela janela. Devin ainda se encontrava no embarcadouro, com a raiz do cipreste numa das mãos, a outra a escudar os olhos da luz e fitava o lago. Vestia o fato de banho verde, calções brancos

e uma pequena capa às bolinhas azuis. Parecia um super-herói pequenino, de vigia. Virou-se para Bulaheen e descobriu que ela se esticava no sofá e adormecera com o prato na barriga. Continuou a limpar, as superfícies das mesas, o pó das borlas das almofadas.

O ruído surdo lá fora parou e o silêncio súbito era como depois de uma longa viagem de carro quando o motor se desliga por fim, mas os ouvidos ainda zumbem com ele.

– Selma vai ficar tão desapontada – disse Bulaheen, com os olhos ainda fechados. – Há menos uma coisa para ela se queixar.

Kate começou a responder, mas, de repente, sentiu-se tonta.

Agarrou as costas de uma cadeira. Pensou ouvir um chape e depois uma sensação de escuridão atrás dos olhos. Olhou para Bulaheen, mas a senhora idosa não se mexera. O que estava a acontecer? Sentiu água do lago no fundo da garganta e uma viscosidade na pele. Limpou o rosto e a mão veio húmida, com minúsculos grãos de sedimento.

Foi à janela e olhou outra vez lá para fora. Devin desaparecera.

Correu para fora da casa, para o relvado, e olhou em volta, em pânico sem nenhuma explicação razoável para isso.

Wes acabara de sair da sua carrinha. A poeira que levantara do caminho assentava em redor como farinha.

– Devin – disse-lhe Kate. – Onde está?

– Não sei. Porquê? O que se passa?

– Não sei. Acho que... – Foi aí que lhe ocorreu. – *As raízes respiratórias!*

Nos poucos segundos que Kate levou a virar-se, Wes já saíra disparado como uma pedra de uma fisga pelo trilho do lago abaixo. Ela não levou muito tempo a apanhá-lo. Ele não hesitou quando chegou ao grupo de raízes respiratórias, saltou para a água e desapareceu.

Não podes salvar tudo. As palavras de Wes ecoavam-lhe na cabeça.

Através da água opaca, Kate pensou ver o ondear da pequena capa azul de Devin. A respiração faltou-lhe quando a capa flutuou à superfície sem ela. Mas, quase de imediato, Wes irrompeu da água. Devin tinha os braços passados em redor do pescoço dele e começou a tossir. Os joelhos de Kate cederam quando Wes saiu da água e lhe passou a filha.

Kate agarrou-se com força a Devin. Era tão pequena que parecia que conseguia envolvê-la duas vezes com os braços. Com todas as perdas por

que Kate passara nos últimos tempos, esta era a inimaginável. A esta sabia que não conseguiria sobreviver. Fechou os olhos e sentiu as lágrimas a arder.

– Há qualquer coisa ali em baixo – disse Wes, voltando a chapinhar para dentro de água.

– Quê? – retorquiu Kate, os olhos a abrirem-se de repente. – Wes, espera!

Mas ele inspirou fundo e voltou a submergir. Kate recordava-se do labirinto de raízes ali em baixo. Era como nadar através de um emaranhado de fios.

– Mãe, estás a esmagar-me – disse Devin por fim.

Kate largou-a. Limpou, furiosa, os olhos.

– O que estavas aqui a fazer? Disse-te para não nadares perto destas raízes!

Devin pareceu surpreendida com o tom de Kate, como se nunca lhe tivesse ocorrido que a mãe pudesse reagir daquela maneira. Devin tinha um plano que fazia sentido para ela, mas Kate não fazia ideia do que era.

– E se alguma coisa te tivesse acontecido? E se te tivesses magoado? Assustaste-me, Devin

Os olhos de Devin dardejaram para a água.

Kate empurrou o cabelo molhado e enredado da filha para trás das orelhas.

– Querida, de que andas à procura? – perguntou com mais suavidade. – O que é? Deixa-me ajudar-te. O que queres descobrir?

Os lábios de Devin começaram a tremer.

– Sei que foi um ano difícil – continuou Kate – e sei que parecia que eu não estava lá para te apoiar, mas estava. E agora estou. Tens de confiar em mim outra vez. Tens de falar comigo. É assim que vamos ultrapassar isto. Juntas.

Devin continuava a não dizer nada.

– É por causa do teu pai? É por causa de irmos mudar de casa?

A menina falou por fim:

– O aligátor também não quer que mais nada mude. Quer que toda a gente fique. – Limpou os olhos com uma mão. Não estava a usar os óculos. – Era por isso que queria que eu encontrasse a caixa.

– Que caixa? – perguntou Kate quando Wes emergiu outra vez da água.

Devin apontou para o saco de plástico que Wes puxava agora do lago.

– A Caixa do Aligátor.

Com as roupas coladas ao corpo e centímetros de água nas suas botas de trabalho, Wes subiu para o trilho e ajoelhou-se ao lado de Kate e Devin. Devin chamava-lhe uma caixa, mas, para Wes, não parecia uma caixa. Parecia que havia qualquer coisa mais sinistra dentro do saco de plástico preto do lixo. Desfez o nó, enfiou a mão... e puxou outro saco preto.

Abriu-o e descobriu mais outro. Depois mais dois.

Por fim, puxou uma velha caixa de apetrechos de pesca de plástico à prova de água. Estava suja de fuligem e queimada nalguns sítios, como se tivesse estado num fogo.

Meu Deus.

Wes pousou a caixa como se fosse feita de vidro, depois recostou-se para trás e fitou-a. Finalmente, empurrando primeiro o cabelo molhado da cara, estendeu devagar a mão e soltou as fechaduras. Inspirou fundo quando abriu a tampa. Lá de dentro jorrou um curioso contrapeso de cheiros: mofo e humidade, fumo e chamuscado. Mas havia um odor subjacente que era todo ele Billy. Foi como um murro no estômago de Wes. Foi quase demasiado, todas essas recordações a voltarem em catadupa, quando alturas houvera nos últimos anos em que não se conseguia sequer recordar do rosto do irmão. A pura tangibilidade destas coisas, da Caixa do Aligátor de Billy, quase lhe deram náuseas.

A caixa estivera ali o tempo todo.

Billy estivera ali o tempo todo.

E a ideia de que quase perdera aquilo, que nunca o teria encontrado mal o Lago Perdido deixasse de ser dele e pertencesse a outras pessoas, aterrorizou-o.

Procurou lá dentro e a primeira coisa que tirou foi um estojo de cartão muito mole. Abriu-o e despejou dezenas de dentes de aligátor para a mão, tocando-lhes como se fossem joias, como se faiscassem e cintilassem. Voltou a guardá-los no estojo de lápis e pô-lo de lado. A seguir puxou um pequeno aligátor de plástico, um brinquedo com que Billy costumava brincar à mesa do pequeno-almoço. Depois um chaveiro em forma de estrela, que Wes lhe dera no seu sexto aniversário. Um isqueiro que pertencera à mãe, gravado com as iniciais ELI. Um relógio de bolso de ouro rachado que Billy escondera para o pai não o empenhar, porque

pertencera ao avô. E um botão de punho de água-marinha que Wes não reconheceu.

A caixa estava agora quase vazia. Wes olhou lá para dentro e sentiu o sangue esvair-se do rosto. A mão tremeu quando a estendeu e puxou uma carta não expedida, selada, num saco de plástico para sanduíches. Olhou automaticamente para Kate. Ela viu a carta na mão dele, mas não pareceu reconhecê-la.

Wes voltou a colocar rapidamente as coisas dentro da caixa e depois levantou-se.

– É mesmo a Caixa do Aligátor, não é? – perguntou-lhe Kate.

– Sim. – Tinha de se ir embora. Só conseguia pensar nisso. Tinha de partir e assimilar aquilo. – Desculpem, mas tenho mesmo de ir. Vemo-nos amanhã na festa. – Estavam a fitá-lo de forma estranha, enquanto ele apertava a caixa com força, a escorrer água. Tentou sorrir. – Nada de nadar outra vez aqui sozinha, está bem? – disse para Devin.

– Obrigada, Wes – agradeceu Kate.

Ele acenou com a cabeça e depois foi-se embora.

– Temos de falar sobre isto – disse Kate para a sua filha curiosamente silenciosa depois de ter levado Devin de volta à cabana e de a ter lavado. – O que aconteceu ali? Porque saltaste logo ali, quando te disse, especificamente, que era perigoso? – Não fora nenhum acidente. Encontrara os óculos de Devin num cepo junto ao trilho. Tirara-os antes de entrar na água.

Estavam agora sentadas no sofá, Devin ao seu colo. Devin suspirou fundo.

– O aligátor estava sempre a tentar dar-me pistas sobre o sítio onde se encontrava a caixa. Por fim entendi. Tinha de lá chegar antes que fosse demasiado tarde.

– Demasiado tarde para quê?

– Não tenho a certeza.

Kate fez uma pausa, mudando de tática.

– Viste a caixa, o saco de plástico, através da água? Sabias o que era ou estavas só a tentar adivinhar?

– Não, vi o teu telemóvel. Vi-o no dia em que Bulahdeen me mostrou o sítio onde estão as raízes respiratórias, mas ao princípio não percebi o que era. O aligátor deve tê-lo levado para lá, para me dizer onde devia saltar.

– O meu telemóvel?

Devin apontou para a mesinha de café, onde Kate pensara que Devin colocara a raiz de cipreste a caminho da casa de banho. Mas em vez da raiz respiratória, era o telemóvel de Kate no seu invólucro azul elétrico, molhado e coberto de sujidade. Kate estendeu a mão e pegou nele, perplexa.

– Não percebi que a água era muito funda. Não conseguia ir até mesmo ao fundo e ficar lá tempo suficiente para puxar o saco da terra. E havia todas aquelas raízes a atrapalhar.

Só de pensar nisso, Kate estremeceu. O que se estava a passar? Devin era uma sonhadora, não uma menina que corresse riscos, por isso era tudo muito enigmático.

– Já tinhas visto esse aligátor antes? – perguntou com suavidade. – Ou só começou aqui?

– Ele vive aqui.

– E fala contigo?

– Sim.

– E disse-te onde estava a Caixa do Aligátor?

– É isso que estou sempre a tentar dizer-te! – exclamou Devin, com os braços e pernas magrinhos a tremer de frustração.

– E ele tem um nome? – perguntou Kate.

Devin ficou de repente quieta e fitou-a com curiosidade.

– Sabes como ele se chama.

– Não, não sei.

– Chama-se Billy.

Um arrepio leve percorreu-a. Fez de súbito sentido, de uma forma distante, como recordar uma decisão que se tivesse tomado há muito tempo, uma decisão que não se tomaria agora, mas que fizera perfeito sentido na altura. Pondo de lado, por um momento, a sua incredulidade, confusão e preocupação, tudo coisas que o adulto que era sentia, Kate descobriu que a única coisa que restava era a única coisa verdadeira.

Kate deixara ali a sua infância.

E Devin encontrara-a.

Há várias décadas, o pai e o tio de Wes, os irmãos Lyle e Lazlo, tinham herdado em conjunto duas grandes parcelas de terreno dos dois lados da autoestrada. O irmão mais velho Lazlo mudara-se de Suley há anos, arranjara um emprego na construção em Atlanta e depois conhecera e casara com a filha do proprietário da empresa de construção. Passou depressa de trabalhador a responsável, o primeiro a consegui-lo, numa longa linhagem de homens Patterson que nunca tinham sucesso. Lazlo convenceu o irmão mais novo, Lyle, a dividir a herança, conferindo a Lazlo direitos exclusivos nas terras a norte da autoestrada. Toda a gente pensou que ele estava a ser magnânimo, porque Lyle, a nova mulher e o filho pequeno Wes precisavam de um sítio para viver e o terreno a sul da autoestrada era belo e tinha uma velha cabana de caça. O que Lazlo não contou ao irmão foi que o terreno a norte era na realidade excelente em termos imobiliários e que tinha planos para ele. O terreno a sul, por outro lado, não valia basicamente nada sem as terras que o rodeavam como um ponto de interrogação e o fechavam, a propriedade do Lago Perdido de Eby e George.

Assim, Lazlo desenvolveu o seu projeto imobiliário, construiu um *outlet* e um parque aquático e trouxe muito dinheiro para o condado. Tornou-se o menino de ouro de Suley, ao passo que Lyle ficou enfiado numa cabana que nem sequer tinha eletricidade. O irmão mais novo de Wes, Billy, nasceu seis anos depois e a mãe abandonou-os logo a seguir. Wes não sabia o que lhe sucedera. Há anos, alguém dissera que a vira a pedir boleia mesmo à saída de Houston. A pedir boleia para oeste, para longe dali.

Uma das últimas vezes que Wes vira o tio fora depois do incêndio, quando Lazlo apareceu para o funeral do pai e do irmão de Wes. Quando parara no hospital para visitar Wes, já de saída da vila, Wes lembrava-se de lhe ter perguntado quando iria para Atlanta com ele, presumindo, claro, que a única família que lhe restava o acolheria. Recordava-se da resposta vaga e balbuciante de Lazlo e o impacto fora desconcertante: *Lazlo não o queria*.

O tio partira depois do funeral e, apesar de aparecer na vila quase todos os verões com a família e ficar uma semana no hotel do parque aquático, Wes só o vira meia dúzia de vezes.

Na realidade, vira mais vezes Lazlo nos últimos dias do que nos últimos dez anos todos juntos.

De facto, nessa tarde, quando Wes fez marcha atrás com a carrinha para a porta da garagem ao nível da cave do seu prédio, viu o *Mercedes* de Lazlo estacionado de um dos lados. O carro tinha o motor a trabalhar, sem dúvida com o ar condicionado no máximo.

Wes premiu o controlo remoto da porta basculante que se ergueu, expondo a garagem cavernosa de betão. As paredes estavam forradas com prateleiras e cubículos e o espaço livre dividido em secções rotuladas Eletricidade, Carpintaria, Tratamento da Relva, Canalização, Revestimentos, Pedreiro. Era meticoloso. «Um pouco de distúrbio obsessivo-compulsivo nunca fez mal a ninguém», costumava dizer a mãe de acolhimento.

Havia um pequeno escritório envidraçado de um dos lados, com a sua entrada própria, mas não estava lá ninguém. A empregada, Harriet, e o faz-tudo, Buddy, já se tinham ido embora, trabalhando apenas meio dia às sextas-feiras. Todas as chamadas deviam ser encaminhadas para o telemóvel de Wes, que, só agora percebia, tinha estado no seu bolso quando saltara para o lago à procura de Devin.

Tudo o que conseguira pensar, ao correr para a água, fora: não posso perder outro. Ainda sentia as pernas fracas. A cabeça atordoada.

Fez recuar a carrinha para dentro da garagem e depois saiu.

– Quase desisti de esperar por ti – disse Lazlo saindo do seu *Mercedes*.
– Onde estiveste?

– Tenho estado a ajudar no lago esta semana – respondeu Wes.

Tirou o telemóvel do bolso para ver se ainda funcionava. Nada. Estava feito. Dirigiu-se ao telefone no pequeno escritório para verificar as mensagens. Por sorte, não perdera nenhuma. Encaminhou todas as chamadas lá para cima.

– Procurei-te primeiro no restaurante. O teu cozinheiro disse que tinhas saído com uma rapariga. Pensei que tinhas tido sorte – observou Lazlo com um risadinha quando entrou na garagem.

– Vou para lá agora – disse Wes, saindo do escritório. Talvez fosse a tarde que tivera, talvez fosse a ideia de perder Devin ou a descoberta milagrosa da Caixa do Aligátor, mas, de repente, sentiu a necessidade de

estar com alguém, alguém que tivesse conhecido o seu irmão. Alguém que entendesse. – Queres acompanhar-me? Beber uma cerveja?

– É simpático da tua parte convidar-me, rapaz. Mas creio que não. Vim só dizer-te que vou amanhã ao Lago Perdido fazer com que Eby assine os papéis. Pensei que quisesses vir também, tratar de tudo. Arrumar as coisas.

– Amanhã? – perguntou Wes, surpreendido. – Eby sabe?

– Claro que sabe – retorquiu Lazlo num tom que sugeria que Wes estava a ser parvo. – Ela concordou em vender.

Wes abanou a cabeça.

– Quero dizer, ela sabe que vais aparecer amanhã?

Lazlo encolheu os ombros.

– Acho que não. O que interessa isso ?

– Amanhã vai haver uma festa para Eby no lago. A sobrinha-neta de Eby está a ajudar a organizá-la. Vai uma série de gente da vila.

Lazlo puxou as calças para cima e encostou-se, meio-sentado, à mesa de carpinteiro perto da escada para o restaurante. Odores quentes e tentadores pairavam no ar, manjerição, orégãos e tomate. Fizeram Wes ansiar por qualquer coisa, qualquer coisa que não conseguia identificar bem. Uma infância feliz, um lar. Mas nunca entendera como podia sentir a falta de uma coisa que nunca tivera.

– Um último adeus. Faz sentido – disse Lazlo. – Mas não sabia que Eby tinha família. Qual é a história da sobrinha?

Wes mudou de posição. Não devia ter mencionado Kate.

– Enviuvou. Decidiu trazer a filha de férias para conhecer Eby. Voltarem a estabelecer laços afetivos.

– Eby vai receber algum dinheiro – sugeriu Lazlo. – Talvez ela queira ficar com alguma fatia do bolo.

– Ela não precisa de dinheiro – retorquiu Wes.

– Todas as mulheres sem marido precisam de dinheiro.

– Como sabes?

– Já vi acontecer. Não a mim e a Deloris, claro. Ela dava cabo de mim num divórcio. Está sempre à procura de uma desculpa, por isso sou sempre muito cuidadoso com as minhas indiscrições.

– Kate está a ajudar Eby, porque Eby precisa de ajuda. É por essa razão que eu também estou a fazer isto. A vila inteira ajudá-la-ia se ela pedisse.

– *Hum*. Isso é inquietante. – Lazlo levantou-se e sacudiu a parte de trás das calças caras. – Mas essa festa é uma boa ideia. Uma festa de despedida, só para não haver mal-entendidos. Eby despede-se de toda a gente. Eu apareço. Até compro a carne. Há lá uma cozinheira, não é? Ela pode grelhá-la.

Wes sorriu.

– Lisette não grelha.

– Por que raio não?

Wes pestanejou de surpresa com a súbita mudança de humor do tio. Havia um pouco do seu pai no tio, naquele temperamento imprevisível.

– É francesa.

– Oh! – Por alguma razão, aquilo pareceu fazer sentido para ele. – Bem, o meu advogado está cá. Já agora posso levá-lo amanhã com a assistente e oferecer-lhes uma refeição antes de conversarmos com Eby. Mande fazer o levantamento topográfico do teu terreno e do de Eby. Deve correr tudo bem.

– Então foste tu – retorquiu Wes. – Vi as marcações.

Lazlo sorriu ao sair da garagem.

Wes seguiu-o.

– Por que razão ainda não vi Deloris nem as raparigas? Elas não me querem ver?

Não se conseguia lembrar da última vez que pusera os olhos na tia ou nas primas. Não tinha sequer a certeza se as reconheceria. Tinha uma recordação vaga da tia Deloris, rica mas não bonita, e das primas, Lacy e Dulce, que eram tão azedas como pequenas maçãs verdes. Tinham-se rido da forma como Wes e Billy estavam vestidos da primeira vez que se haviam encontrado. Wes recordava-se de pensar que as vidas delas deviam ser muito seguras para serem capazes de se rir daquela maneira, serem capazes de expressar uma opinião sem receio de retaliação.

– Claro que te querem ver. Mas são mulheres. Gostam do hotel, do *spa*, das compras. – Lazlo parou junto ao carro. – Gostavas de estar com elas?

– Se vou investir o meu terreno neste projeto, vamos trabalhar juntos. Por isso com certeza que te vou ver mais vezes e a elas também.

– Claro, claro – respondeu Lazlo, de maneira muito semelhante à forma como evitara o assunto quando Wes lhe perguntara se iria para Atlanta com ele, depois do incêndio.

A coisa atingiu-o por fim com toda a força: nunca ia ser como queria que fosse com o tio.

Tinha havido muito poucas coisas boas na sua infância. Billy. Eby. O Lago Perdido. Kate. Lazlo não era uma dessas coisas e nunca seria. O engraçado era que, se Devin não tivesse encontrado a Caixa do Aligátor, com toda a probabilidade nunca teria percebido isso a tempo. Não queria largar essas coisas. Não podia.

Pensou de repente naquele botão de punho de água-marinha na caixa de Billy, o que não conseguira identificar.

– Encontrei uma coisa hoje, no lago – disse alto para o tio.

– Sim? – perguntou Lazlo sem qualquer interesse, premindo o botão da chave para destrancar o carro.

– Pertencia ao meu irmão – continuou Wes, abrindo a porta lateral da carrinha e tirando a Caixa do Aligátor. Era muito mais pequena do que recordava. Mas também Billy fora pequeno, por isso até a caixa de pesca de brinquedo parecera grande por comparação. Abriu a caixa e escolheu o botão de punho. – Billy costumava colecionar coisas, coisas com valor sentimental. Coisas que queria manter secretas. Coisas como esta. – Mostrou-o a Lazlo.

– O meu botão de punho! – Em quatro passos, Lazlo aproximara-se e arrebatara-o, com fúria. – Deloris deu-me o conjunto. Não fazia ideia de onde o tinha perdido. Infernizou-me por causa disto.

– Perdeste-o na cabana. Quando estavas a construir o parque aquático do outro lado da autoestrada. Recordo-me de teres dado um emprego ao meu pai na obra e depois costumavas aparecer durante o dia, quando ele estava a trabalhar. Se Billy e eu lá estávamos, davas-nos um dólar e dizias para nos irmos embora. Levavas para lá mulheres.

– Pois era, pois era. – Enfiou o botão de punho no bolso, escondendo a prova de Deloris, que era, estava Wes a começar a perceber, o seu grande medo. – Onde queres chegar?

– O que quero dizer é que sabias como as coisas corriam mal. Viste como nós vivíamos. Viste o que o nosso pai nos fazia. Porque não fizeste nada?

– Uau. – Lazlo levantou as mãos. – Isso foi há muito tempo.

Wes inspirou fundo. Sentia-se aliviado agora, de certa forma.

– Não vou vender o meu terreno.

– Não estás a falar a sério – retorquiu Lazlo, imperturbável.

– Estou sim.

Lazlo riu-se.

– Pensa bem, rapaz. Esse terreno não vale nada a não ser que o vendas com o Lago Perdido. O que queres, algum companheirismo, tempo em família? Podíamos fazer isso. Mas, Wes, isto é negócio. Não é uma reunião de família.

– E percebi isso mesmo a tempo.

Lazlo encolheu apenas os ombros.

– A verdade é que não preciso do teu terreno. Faço o projeto à volta dele. Quando mudares de ideias, diz-me. Sem ressentimentos. – Abriu a porta do carro. – Estás a magicar demasiado nisto, sabes. O meu pai batia-me e olha lá como me saí bem. As merdas acontecem. Passamos por cima delas e continuamos a andar.

Wes premiu o botão para baixar a porta da garagem.

– Caso não tenhas reparado – disse, enquanto a porta se fechava entre eles –, é tal e qual isso que estou a fazer.

Ficou ali parado no escuro durante vários longos momentos antes de se virar e subir as escadas.

A vila de Suley era estranha e independente. Tal como na maioria das vilas pequenas, eram as gerações mais velhas que guardavam os segredos, de tal forma que as gerações mais novas estavam a crescer sem saberem porque eram como eram. Como por que razão adoravam pão salgado e compota de cereja da Virginia. Porque era a comida do pântano. Ou por que razão gostavam de passar as mãos pela superfície das tábuas secas e macias de casas ou vedações, por que razão isso os tranquilizava. Porque as suas trisavós tinham passado tanto tempo a afastar a humidade do pântano das suas casas que os seus sonhos de secura se tinham tornado parte fundamental delas, algo que se transmitia às gerações seguintes, como protuberâncias nos narizes e dedos dos pés tortos.

Não faziam ideia por que razão desconfiavam de alguém que não reconheciam. E não entendiam por que razão, se se sentassem tanto tempo no mesmo lugar que a sombra do dia passasse por cima deles, sentiam que queriam ficar escondidos nessa sombra para sempre. Era porque, há muitas gerações, os seus antepassados tinham fugido para a segurança escura de Okefenokee. Desertores da guerra civil e índios fugidos das suas terras, sabiam o que era esconder-se. Era uma segurança difícil e representava muito trabalho, mas sabiam que mesmo assim era muito, muito melhor do que o que tinham deixado para trás.

Okefenokee foi por fim liberta de colonos e as pessoas do pântano seguiram caminhos diferentes. Suley foi um dos sítios onde esses colonos se estabeleceram, cento e cinquenta quilómetros para ocidente, mas muito diferente. Chamaram ao lago Lago Perdido porque lhes recordava o pântano que tinham perdido. Já não havia muitas pessoas que o soubessem. Atualmente, a maioria pensava que se chamava Lago Perdido porque o lago era muito difícil de encontrar. Ninguém descobria a estrada à primeira tentativa.

O primeiro proprietário da estância tentara que o empreendimento resultasse, mas falhara por uma razão muito importante: não incluía os residentes. George e Eby tinham tido êxito onde ele falhara porque sabiam

que o que se perde é tão parte integrante de nós como o que se encontra. Sabiam que o lago fazia parte da história de Suley e recebiam sempre bem os residentes locais.

E era por isso que a vila viera naquele dia à festa de Eby.

Apesar de a maioria dos locais não saber por que razão era como era, todos sabiam que estavam ligados de alguma maneira. Perder Eby significava perder o Lago Perdido. E perder o Lago Perdido significava perder uma parte de si mesmos, uma peça muito antiga de um *puzzle* a desintegrar-se.

Selma ouviu o barulho crescente lá fora e aumentou o volume do seu CD da Billie Holiday. Havia dezenas de homens lá fora, homens casados. Sentia-os, uma sensação de formigueiro na pele, como pele de galinha. Desistiu de tentar ignorá-los, verificou a maquilhagem e saiu da cabana.

Agora precisava de mais esforço para fazer uma entrada como deve ser. Quando era mais nova, conseguira avançar para uma multidão como aquela e as conversas paravam e as cabeças viravam-se. Os homens sentiam-se atraídos para ela como o sol puxa os planetas para a sua órbita. Mas quanto mais envelhecia, mais alto tinha de se rir, mais atenta tinha de estar. Por vezes, sentia-se aliviada por já só ter um feitiço. Existia uma certa paz em saber que estava quase a acabar. Porém, estava mais exigente, porque era, antes de mais nada, uma mulher avarenta e o marido final teria de ser suficientemente rico para a deixar bem na vida. E precisava também de ser velho, porque haveria assim hipótese de morrer antes que o feitiço se dissipasse e ela não teria de se preocupar em ficar com tudo o que conseguisse. Mas já casara com dois homens de idade e em nenhum dos casos tivera a sorte de eles morrerem, portanto, não podia contar com isso. Também seria bom que ele não tivesse filhos. Os filhos eram tão difíceis. Todos os seus enteados a detestavam, sobretudo as filhas. Nunca quisera ter filhos exatamente por essa razão. Tivera oito feitiços que conseguiam forçar os homens a estar com ela. Mas não fazia ideia nenhuma de como fazer a mesma coisa com outra pessoa qualquer.

Quando chegou ao relvado, parou e olhou em volta, avaliando a situação. *Conhece a tua arena*, pensava sempre. Havia um grande cartaz

de vinil pendurado em duas varas de alumínio onde se lia ADEUS, EBY! A VILA DE SULEY AGRADECE-TE!

Lisette estava sentada com um homem de barba grande que usava uma *T-shirt* de bólingue com o nome Grady impresso no peito. O homem recitava uma receita de asinhas de frango e Lisette apontava-a, com uma expressão de completo fascínio no rosto, como se nunca tivesse ouvido falar de asinhas de frango. Selma revirou os olhos.

Viu Jack e encaminhou-se para ele primeiro. Ele era simples, estava habituado ao *flirt* dela e servia o objetivo de os outros homens a verem, criando-lhes alguma expectativa. Ele estava numa das grelhas. Rodeavam-no várias crianças da vila que lhe faziam perguntas e o faziam sentir-se pouco à vontade, à espera da comida. Quando ela se aproximou, as crianças calaram-se. Um dos meninos pôs o polegar na boca.

Jack retesou-se quando percebeu que ela estava ali. Verdade, ela quase lhe *partira* o pé.

– Bem, isto tornou-se uma festa maior do que eu pensava que seria. E há bifes? Quem pagou pelos bifes? – perguntou, tirando um lenço do bolso do vestido e abanando o fumo que lhe chegava da grelha.

– Os bifes são oferta de Lazlo Patterson, o homem que vai comprar a propriedade. Foi ele também que trouxe o cartaz. Bulahdeen detesta-o.

Claro que detestava. Não encaixava no seu belo sonho de que esta festa ia mudar alguma coisa, quando era óbvio que Eby já se decidira.

– Onde está ela?

– A última vez que a vi, estava a tentar desamarrar o cartaz. Até agora já conseguiu fazê-lo três vezes. Alguém volta sempre a pô-lo no lugar.

Selma abanou a cabeça. Velha louca.

Perscrutou a multidão à procura do próximo homem que podia abordar e viu Harold, o dono do Fresh Mart. Sorria-lhe e chamava-a com gestos ansiosos. A filha estava com ele, a rapariga com quem Selma discutira há apenas uns dias. Brittany. Pobre rapariga. Pensava que podia evitar que o pai fosse egoísta, que quisesse o seu próprio prazer. Os filhos imaginavam sempre isso. Por vezes, Selma desejava que as mulheres parassem de lhe atribuir as culpas quando os homens as abandonavam por ela. Nunca poderia levar um homem que amasse verdadeiramente a mulher. Por isso, na realidade, a culpa não era dela. Elas deviam agradecer-lhe. Ela separava o trigo do joio por elas.

Avançou para ele, por entre a multidão, quando de repente um braço deslizou para a frente dela, estendendo uma garrafa preta de cerveja gelada.

– Parece que está com calor – disse a voz masculina.

Selma pegou na garrafa e virou-se. Ele tinha cinquenta e muitos anos... demasiado jovem. Dececionante. Mas tinha dinheiro, isso percebia. E era casado. Não era atraente, mas isso não interessava. Costumava interessar, mas agora já não.

– Selma Koules – disse, estendendo a mão de forma frouxa, de uma maneira que deixava sempre os homens com dúvidas se ela queria ou não que lhe beijassem a mão.

Ele beijou.

Ela sorriu para si mesma. Este homem seria demasiado fácil, se o quisesse.

– Lazlo Patterson – apresentou-se ele.

O couro cabeludo de Selma retesou-se à menção do nome. *Uma reação estranha*, matutou. Parecia quase pânico, ou talvez receio, o tipo de receio desnorteado que sentimos quando estamos perdidos.

– Ouvi falar de si – disse, retirando a mão.

– Mas eu não sei nada de si. Não acho que seja justo.

Ele pensava que era encantador. E, para outra pessoa qualquer, se calhar era. Era bom. Mas ela era melhor. Aninhada ali perto debaixo da sombra de um dos guarda-sóis achava-se uma alma austera e infeliz com duas jovens de ar desafortunado ao lado. Lançavam olhares fulminantes a Selma. Tinham de ser a mulher e as filhas. Era provocação suficiente para querer gozar com elas, mas parecia tão obrigatório. Talvez estivesse apenas cansada. Viu Bulaheen sentada numa mesa de piquenique perto do cartaz, a conversar com algumas pessoas da vila. Estava a estender o braço atrás e a desatar o cartaz ao mesmo tempo que falava. Selma viu-se a desejar que a velhota lhe acenasse e a obrigasse a aproximar-se para a incluir de algum modo na conversa.

– Sabe que vou comprar esta propriedade – observou Lazlo.

Sem olhar para ele, respondeu:

– Oh, eu sei.

– Vou fazer grandes coisas com ela.

– Tenho a certeza que sim.

– Deixe-me mostrar-lha. Damos uma volta. Está demasiada confusão aqui.

Selma virou-se para ele e hesitou. Por fim, sorriu e disse:

– Sou toda sua.

– Quem me dera ter tanta sorte.

Mal ele se virou para a conduzir para longe do relvado, o sorriso dela desapareceu. Voltaria a ligá-lo quando ele olhasse outra vez para ela, mas não queria deixá-lo nos lábios no ínterim. Sentia-se como se as suas pilhas estivessem em baixo. Quando ele a precedeu, passando pelo embarcadouro, em direção ao trilho dos bosques que dava a volta ao lago, abrandou até parar. Ele avançou uns passos à frente dela.

No embarcadouro, aquela criança que se vestia de forma inusitada estava deitada de barriga para baixo a olhar para a água, obviamente à espera do aligátor de que falava tanto. Todo o seu mundo se encontrava dentro de uma bolha, tremeluzindo em redor dela ao sol. A luz quase cegava Selma, mas não conseguia afastar o olhar.

Estava a ficar mole.

No que lhe dizia respeito, quanto mais cedo este sítio se vendesse, melhor. Ligara-se demasiado a ele. E mulheres como ela sabiam qual o perigo das ligações.

– Vem, preciosa?

Sentia um pouco de repugnância por aquele homem, percebeu, mas encaminhou-se para ele devagar.

– Pelas melhores coisas, vale sempre a pena esperar.

O bolo na mesa do bufete da sala de jantar era enorme e tinha três camadas de altura. No topo havia uma cobertura artística em forma de ramo e desse ramo caíam fios doces a imitar líquenes, derramando-se para os lados do bolo como um véu. Eby estava sempre a lançar-lhe olhadelas. Por que razão Lisette fizera um bolo tão grande? Iam passar semanas a comê-lo.

Eby estava sentada atrás do balcão da receção no vestíbulo, a tentar concentrar-se nas palavras cruzadas à sua frente. E o que seria uma palavra de sete letras para *consequência*? E por que razão se havia de preocupar? O ruído de portas de carros a serem fechadas distraía-a quase

tanto como o cheiro do bolo de chocolate. Bulaheen dissera-lhe que poderiam aparecer algumas pessoas da vila. Não achava que isso fosse acontecer, mas o som das vozes lá fora fê-la reconsiderar. Tinha passado tanto tempo desde que houvera verdadeira atividade no lago. Não queria acalantar grandes esperanças. Mesmo assim, esforçou-se por escutar palavras, apanhar pedaços de conversa que suplantassem o retinir e sibilar do ar condicionado.

Voltou a olhar para baixo e tentou concentrar-se no seu quebra-cabeças. George nunca aguentava ficar dentro de casa quando sabia que havia uma reunião lá fora. Tinha de participar em tudo. Fora responsável por novas amizades, romances de verão, primeiros passos e primeiras braçadas na água. Adorara aquele lugar. Adorara aquela vila.

Ouviu risos. Uma voz desconhecida. Fez rodar a caneta para a frente e para trás entre os dedos. Há cinquenta anos, teria aberto a porta da frente, olhado lá para fora e visto um magote de gente, com George no centro de tudo. Se abrisse aquela porta agora, sabia que esse magote não estaria lá. E George também não.

Por fim, não aguentou mais. A festa não devia começar oficialmente senão dali a quarenta e cinco minutos, mas tinha de ir lá fora ver.

Abriu a porta da frente e os lábios apartaram-se de surpresa com o tamanho da multidão.

Os rostos eram todos familiares. Os últimos cinquenta anos da sua vida encontravam-se aglomerados num minúsculo círculo diante de si, simpático e compacto. Os carros estacionados orlavam o caminho, desaparecendo através das árvores, ao que parecia até à estrada.

Lá estava Billy Larkworthy e o seu conjunto de música tradicional *bluegrass*, a tocar sob o toldo, ao lado da pista de dança. Fora tão jovem quando começara ali a tocar aos fins de semana. Estava velho, agora. O neto tocava o mandolim no conjunto. Lá estavam Norma e Heath Curtis, jovens recém-casados da vila que, há vinte anos, não tinham dinheiro para uma lua de mel, por isso Eby e George tinham-nos deixado ficar de graça. Dez meses depois, tinham tido um bebé, cujo nome do meio era George. Lá estava Grady da pizaria, Harold do Fresh Mart e Halona do estúdio de dança. Lá estavam dezenas de jovens, homens e mulheres a quem Eby e George tinham dado emprego ao longo dos anos, agora crescidos e com

famílias. Estas pessoas tinham-na acolhido e a George nas suas vidas, na sua vila e, por sua vez, tinham entrado no coração de Eby.

George teria adorado aquilo.

Um faiscar de cabelo ruivo prendeu-lhe a atenção.

Deu, automaticamente, um passo em frente. Viu outra vez o cabelo ruivo e apressou-se a atravessar o caminho e entrar na festa. As pessoas começaram a reconhecê-la e houve palmadinhas nas costas e abraços que lhe abrandaram a velocidade. Algumas pessoas queriam conversar e ela repetia:

– Sim, claro, deem-me só um minuto.

Outro clarão de ruivo.

Seguiu-o, perdeu-o por um momento, voltou a avistá-lo perto da periferia do relvado, onde havia a mancha sem relva. Já não sentia ruído à sua volta, apenas o zumbido do seu próprio sangue nos ouvidos. Ele estava de costas para ela quando levantou a mão para lhe tocar no ombro.

Ele virou-se.

Era Wes.

– Eby! – exclamou, dobrando-se para a abraçar. – Bem-vinda à tua festa!

Ela gaguejou durante um instante, incapaz de encontrar palavras. Não se apercebera até àquele momento como Wes era parecido com George.

– Eu... obrigada. Isto é sem dúvida uma surpresa.

– Hei, pessoal! Eby está aqui! – exclamou Wes para a multidão e todos afluíram na sua direção.

Cantaram «For She is a Jolly Good Fellow» e algumas pessoas até lhe ofereceram presentes. Havia um pouco de desespero na multidão, mal detetável por trás dos sorrisos genuínos e das recordações felizes. Não estavam apenas a despedir-se de Eby. Havia ali mais alguma coisa. Lazlo cumprimentou-a, parecendo pouco à vontade no seu fato escuro com aquele calor. Disse-lhe que o advogado viera com ele e que queria que ela assinasse os papéis. Ele participava na festa apenas como fachada e Eby percebia que só queria arrumar o assunto.

Passou mais de uma hora até conseguir sentar-se. Alguém pusera um prato de plástico com um bife à frente dela. Sentia-se um pouco desorientada. Estava sempre a olhar para o cartaz.

Adeus, Eby.

O que significava, Adeus, George. Adeus, Suley. Adeus, Lisette. Adeus, cinquenta anos de recordações.

Todo este tempo estivera à procura de um grande sinal. Mas não este. Desejou ter ficado dentro de casa.

– Veio bastante gente, não foi? – disse Kate atrás dela.

Sentou-se ao lado de Eby e passou-lhe uma garrafa de água. Envergava um vestido de algodão sem alças, cor de aipo. Com o cabelo curto e o pescoço comprido, estava com um aspeto fantástico. Apanhara algum sol nos últimos dias e parecia agora mais forte e mais saudável do que quando chegara. Eby estava contente por ter aguentado o lago tanto tempo, pelo menos para poder oferecer a Kate aquela semana de que parecia precisar.

Aceitou a água com gratidão. Tirou a tampa e bebeu um longo gole.

– Sabias que ia ser tão grande? – perguntou com olhos semicerrados.

Kate riu-se.

– Esperávamos todos que fosse. A coisa soube-se e toda a gente quis vir. Bulahdeen decidiu que o sucesso se deve a ela. – Viram Bulahdeen avançar para o cartaz. Desta vez, a mulher idosa amachucou-o numa bola, marchou em direção à sua cabana com ele e a expressão do rosto desafiava quem quer que fosse a fazê-la parar. – Lazlo trouxe o cartaz. Ela não quer que isto seja uma festa de despedida – explicou Kate.

– Para falar com franqueza, eu também não quero que seja uma festa de despedida – confessou Eby com um suspiro, admitindo-o pela primeira vez em voz alta. As palavras pareciam pesadas. Andara a carregá-las há demasiado tempo.

De súbito, Kate sorriu.

– Oh, Eby. Eu sabia! Não é demasiado tarde. Creio que tenho a solução! Quero discutir uma coisa contigo.

Eby foi apanhada de surpresa pela sua excitação.

– Discutir o quê?

– Se tivesses dinheiro suficiente para viajar sem teres de vender o lago, ainda o vendias?

Eby levou a garrafa fria de água à testa, depois ao peito.

– Provavelmente.

– Oh! – exclamou Kate e Eby quase que viu o vento desinchar-lhe as velas. – Então, está bem.

– Sobretudo porque não haveria ninguém para gerir isto aqui na minha ausência – continuou Eby. – Lisette não podia, por razões óbvias, mesmo que quisesse. E seria preciso ainda mais dinheiro que não tenho para contratar empregados.

Kate endireitou-se no seu assento.

– E se *eu* comprar o Lago Perdido? – perguntou. – Ou pelo menos comprar uma quota? Dessa forma, terias dinheiro para viajar. Devin e eu até podíamos ficar aqui e gerir isto enquanto estivesses fora. Assim, terias um lugar para onde voltar.

Não pôde deixar de sorrir. Era tão fantasioso como um grande plano que uma criança teria engendrado:

– Kate...

– Ainda não assinaste nada – recordou-a Kate muito depressa. – Não tens de desistir deste lugar. Eu tenho dinheiro. E se investir? Adoro isto aqui. Devin também. Um ano. Dá-me um ano.

Eby fitou-a, a começar a entender que ela estava a falar a sério. Kate já não era a criança que inventava histórias. Percebia-o agora.

– Tens mesmo dinheiro para isso?

– É o dinheiro da venda da minha casa. A casa que *tu* compraste. Faz sentido investi-lo aqui. Tenho estado a pensar nisto já há alguns dias. Eu podia dedicar bastante tempo e energia à publicidade e promoção. Foi isso que fiz com a loja de Matt. Até criei o logótipo. Sou *boa* nisso. Podia endireitar o negócio.

Eby sorriu com a ideia. Mas depois abanou a cabeça. Não devia alimentar esperanças, não nesta altura do campeonato.

– É demasiado tarde. Lazlo e o advogado já cá estão. Querem os papéis assinados hoje.

– Espera – disse Kate, perplexa. – Se ele tem um advogado, tu também não devias ter?

– Não. Quero só despachar este assunto.

– Não é demasiado tarde, Eby.

– Devias usar o teu dinheiro num investimento melhor do que este.

– Não há melhor investimento do que este – retorquiu Kate, virando-se para olhar para a filha no embarcadouro.

Três meninas da idade de Devin tinham-se juntado a ela. Riam-se, as mãos animadas enquanto conversavam. As raparigas voltaram a correr

para o relvado e fizeram sinal a Devin para as seguir. Devin olhou para trás, para o lago, antes de correr atrás delas.

– Precisas de prosseguir com a tua vida – disse Eby. – Todos precisamos. Até Wes.

Aquilo despertou a atenção de Kate. Voltou a virar a cabeça.

– O que tem Wes a ver com isto?

– Vai entrar no negócio com o tio, Lazlo.

– Espera. Tio? – Toda a atitude de Kate mudou. – Lazlo é *tio* de Wes?

– Ele não te disse?

– Não. O que queres dizer com isso, vai entrar no negócio com ele?

– Logo que o meu acordo com Lazlo esteja concluído, Wes vai dar o seu terreno ao tio como investimento no projeto. É uma das razões por que não posso voltar atrás. Tudo está já em marcha.

Kate levou um momento a reagir.

– Então ele está diretamente interessado em que vendas este sítio.

– Não sei se lhe chamaria isso – retorquiu Eby, pegando no garfo e faca de plástico, preparando-se para atacar o bife demasiado passado à sua frente. A sua última refeição como dona daquele sítio. Pelo menos a sobremesa ia ser boa. – A relação de Wesley com este sítio é complicada.

Ambas se viraram quando Lazlo exclamou para a multidão:

– Atenção todos, por favor!

Kate levantou-se e depois hesitou.

– Não assines nada. Ainda não. Promete-me que esperas apenas um pouco mais hoje.

– Está bem – concordou Eby com curiosidade e viu-a desaparecer entre a multidão.

– Obrigado a todos por terem vindo! – disse Lazlo, como se isto tivesse sido tudo ideia dele. Bulahdeen, de regresso depois de se ter desfeito do cartaz, parecia furiosa por ele estar a chamar a atenção para o que ela tentara tanto esconder. – Como sabem, Eby decidiu vender o Lago Perdido.

A multidão emitiu exclamações de desapontamento e Lazlo assentiu, como se entendesse os sentimentos das pessoas, os partilhasse até. Kate descobriu Wes com facilidade. Era mais alto do que a maioria e o seu

cabelo avermelhado cintilava ao sol. Observava Lazlo de forma desapaixonada. Não parecia uma pessoa satisfeita por ir entrar num negócio com aquele homem. Não que ela o censurasse. Mas, mesmo assim, ele ia fazê-lo.

– Eu sei, eu sei – continuou Lazlo. Transpirava profusamente e limpou o rosto com um guardanapo de papel. – Mas vamos pensar nisto como um passo em frente!

Kate estacou ao lado de Wes. Ele pareceu tomar consciência da presença dela antes sequer de se virar, como se a proximidade dela provocasse uma mudança na atmosfera que o rodeava. Virou a cabeça e sorriu-lhe.

Ela estava a olhar em frente.

– Ele é mesmo teu tio?

O sorriso dele murchou. Não perguntou como ela descobrira. Voltou a olhar para Lazlo.

– Sim.

Lazlo dizia:

– Eby tem sido uma notável mulher de negócios, uma pessoa muito ativa na nossa comunidade e uma bela amiga de todos nós ao longo destes anos. Mas está pronta para se divertir um pouco agora. Dizem-me que está a planear viajar. Espero que nos mandes postais a todos, Eby!

A multidão soltou risos abafados.

A voz de Kate era baixa e tensa quando disse:

– Há dois dias, mencionei que queria dar dinheiro a Eby para salvar este lugar. Tu não disseste uma palavra.

Wes remexeu-se pouco à vontade.

– Não sabia o que dizer.

– Que tal: «O meu tio vai comprar este sítio e eu vou investir no projeto.» Que parte te fez vacilar? Sinto-me tão idiota.

– Não, Kate. – Ele estendeu a mão para lhe tocar, mas ela afastou-se com um safanão.

Lazlo continuava:

– O Lago Perdido perdurará. Certificar-me-ei disso. Este sítio será em breve uma comunidade próspera! Decidi chamar-lhe Comunidade Lago Perdido. Os lotes começam a preços muito acessíveis e as casas junto ao lago têm um preço mais alto. Haverá em breve um painel publicitário na

estrada com a informação dos contactos, por isso fico à espera que liguem. Contem aos vossos amigos!

– O que andaste a fazer por aqui este tempo todo? – perguntou Kate. – É óbvio que te estás borrifando para o que acontece aqui. Vais deitar tudo abaixo.

– Ergamos os nossos copos à saúde de Eby. Que tenha uma reforma maravilhosa! – dizia Lazlo. – Maestro, música! Dancemos!

O conjunto Bustin' Bluegrass Band de Billy Larkworthy começou outra vez a tocar.

– Vamos – disse Wes, pegando-lhe na mão.

Ela tentou puxar a mão, mas ele segurava-a com força, como uma armadilha de dedos chinesa. Quanto mais nos debatemos, mais emaranhados ficamos. A única maneira de escapar é descontrair-nos.

– O que estás a fazer? – sussurrou em voz alta enquanto ele a levava para a pista de dança, onde vários outros casais e algumas criancinhas entusiasmadas dançavam.

– Ouviste o que o homem disse – retorquiu Wes, passando-lhe um braço em volta. – Dancemos.

Ele começou a mexer-se. Ela tentou pisar-lhe os dedos dos pés. Não funcionou.

– Não quero dançar.

– Então queres ficar aqui a discutir isto em frente de toda a gente?

Kate firmou o maxilar.

– O que há para discutir?

Wes fê-la rodopiar, sorrindo para outro casal, proferindo uma saudação.

– Estiveste aqui duas semanas quando tinhas doze anos – disse com voz suave. – Depois voltas, de forma inesperada, e dizes que vais salvar tudo, que vais transformar isto no que era dantes. Desculpa-me se tive as minhas dúvidas. Porque, mesmo que conseguisses salvar o lago, disseste ainda assim que te ias embora, o que significava deixar-nos a lidar com a realidade de viver aqui. Tal como da última vez.

Deixá-los ali? Era isso que ele pensava? Que ela se fora simplesmente embora e os deixara para trás, como uma luva ou uma escova de dentes, uma coisa que era fácil substituir?

– Não existe nenhuma razão para eu manter o meu terreno se Eby vender. Mas só concordei investir o meu terreno *depois* de Eby vender o

dela. Nunca antes. A decisão foi inteiramente dela. – Guiou-a pela pista com facilidade, descobrindo um espaço perto da borda. – Não sou cego. Nestes últimos dias, vi o que tu viste. Eby não quer desistir deste sítio. E eu também não. Depois de encontrarmos a Caixa do Aligátor ontem, disse ao meu tio que o nosso negócio estava anulado. É por essa razão que Lazlo me anda a ignorar hoje.

Ela queria continuar zangada. A fúria era um grande motivador. Passara o último ano a não sentir senão dor, por isso sentir fúria era bom. Mas não podia agarrar-se a ela. Ele não o merecia.

– Desculpa – disse por fim, sem olhar para ele.

O peito dele estremeceu quando ele se riu.

– Isso pareceu doloroso. Doeu?

– Sim – respondeu. – Dizes a Eby? – acrescentou depois. – Dizes-lhe que não vais vender?

– Digo-lhe.

– Já?

– Daqui a um minuto.

Percebeu que ele não queria largá-la. Queria dançar naquela pista como vira as pessoas fazerem quando era mais novo. Ela tinha a certeza que qualquer mulher ficaria mais do que contente por dançar com ele, como por exemplo Brittany, a rapariga do Fresh Mart, que franzia o sobrolho para eles numa mesa. Mas ele queria-a a *ela*. Uma lenta tomada de consciência avassalou-a enquanto se moviam na pista. Desejou estar ainda zangada, porque assim poderia concentrar-se nisso e não *nisto*. Nunca pensara que se sentiria assim outra vez. Assustava-a. Não queria apaixonar-se por ninguém. Não queria que a sua vida voltasse de repente ao que era quando estava com Matt. Não pensava ter forças para apoiar outra pessoa durante tanto tempo outra vez.

Seria egoísta da parte dela? Seria diferente se soubesse que o homem que desejava queria também muito que *ela* fosse feliz? Talvez isso fosse a coisa mais assustadora de todas: Wes era esse homem. Soubera-o quando tinha doze anos e sabia-o agora.

– Kate? – disse Wes, quando a sentiu comprimir a testa contra o seu peito e sentiu a mão dela apertar a sua, em conflito.

Era demasiado cedo. Ainda sonhava às vezes com Matt. Sonhava que estava em cima dele, que olhava para ele através do túnel do seu cabelo

comprido. O cheiro dele vinha ter com ela por vezes ao virar da esquina, fazendo-a estacar de supetão. Mas eram apenas necessidades, não eram? Não tinham a ver especificamente com Matt, se conseguia sentir-se assim outra vez com Wes.

Oh, meu Deus. Não podia fazer isto outra vez.

Porém, não se afastou. Durante vários longos momentos gloriosos, deixou Wes abraçá-la e sentir o peso dela a ficar mais leve. Gotas de suor escorreram-lhe pelo peito, entre os seios. As ventoinhas elétricas que o conjunto trouxera apenas conseguiam fazer circular o ar quente, não arrefecer as coisas.

Levantou por fim os olhos para ele, perscrutando-lhe o rosto à procura de uma resposta. Os olhos dele viraram-se para a boca dela, como naquele dia no cais. Wes inclinou-se com lentidão para a frente.

E foi quando ela viu o carro.

Com o vaivém de pessoas, os carros tinham circundado o relvado o dia todo, por isso o *BMW* azul que se aproximava não pareceu deslocado para ninguém exceto Kate.

Não havia sítio nenhum para estacionar, por isso o *BMW* parou simplesmente no meio do caminho perto da casa principal.

E dele saiu Cricket.

Envergava calças de ganga escuras e uma blusa branca solta e o cabelo escuro formava um capacete perfeito à volta da sua cabeça que a humidade não conseguia tocar. Mostrava-se tão serena e comedida. Nada no facto de ali estar, de chegar a esta situação estranha, parecia incomodá-la.

Kate afastou-se de Wes e procurou de imediato Devin, esperando que a filha não visse Cricket. Sabia como ela reagiria. Se soubesse que a mãe e o pai estavam a planear partir naquele dia há quinze anos, Kate teria chorado, teria berrado, ter-se-ia escondido. Qualquer coisa para a impedir de partir.

Descobriu Devin sentada debaixo de uma mesa de piquenique com as outras meninas. Estavam a chupar gelado, escondidas no seu pequeno forte.

– Estás bem? – perguntou Wes.

– Sim – retorquiu, virando-se para ele. Ele estava afogueado. – Desculpa. Estou a ver uma pessoa com quem preciso de falar. Dá-me

licença.

Sentiu os olhos dele postos nela quando, com todos os músculos do corpo tensos, se encaminhou para Cricket que estava agora de pé junto ao carro. Perscrutava a multidão, acostumando-se a ela.

Cricket tirou os óculos de sol e pô-los com cuidado na cabeça quando Kate se aproximou.

– Então é isto que te tem ocupado o tempo todo – comentou calmamente, com tanta calma que só podia estar zangada.

– O que estás aqui a fazer? – inquiriu Kate.

A sogra não tinha nada a ver com aquele lugar. Tudo no facto de estar ali era mau. Trazia com ela a sua vida antiga, Kate até conseguia sentir essa vida a tentar assentar na sua pele, como se a vestisse com roupas que ela não queria usar.

– Obrigaste-me a tomar uma atitude quando deixaste de atender o telemóvel.

– Então vieste a guiar durante quatro horas até cá? – perguntou Kate. – Se descobriste onde era, sabias que havia um número de telefone.

– Mas nesse caso teria perdido aquela dança encantadora – retorquiu Cricket com um estalido da língua. – Quem era aquele?

Kate não lhe queria dizer. Isto não tinha nada a ver com ela. Mas fora Kate que criara esta confusão. Deixara Cricket pensar que podia controlar a sua vida. Estava na altura de resolver isso.

– Chama-se Wes.

– Então foi ele que vieste visitar aqui?

Kate suspirou.

– Não. Claro que não. Conte-te. Devin e eu descobrimos um postal. Viemos até cá visitar a minha tia-avó, Eby.

– Então estavas a dançar daquela maneira com um homem que acabaste de conhecer.

Kate fez uma pausa, a debater-se com a forma poderosa de Cricket a controlar. Quase se contorceu para lhe escapar, mas não queria dar a Cricket esse prazer.

– Não. Conheci-o aqui quando tinha doze anos, da última vez que a minha família cá veio. Ele vive aqui. Em Suley.

– Matt só morreu há um ano – sibilou Cricket.

– Sei disso.

– Como avanças depressa com a tua vida.

– Depressa? – perguntou Kate com a voz a elevar-se. – Mal consegui funcionar quando ele faleceu. Perdi por completo o rumo quando perdi Matt.

– E é por isso que precisas de mim. Chega disto tudo. Vim cá ver qual era a atração deste sítio e é óbvio que a descobri. Quero que tu e Devin voltem comigo hoje. Faremos esse novo anúncio e apresentamos-te à cidade. E tu e Devin estarão ao meu lado quando eu anunciar que me candidato ao Congresso. Deves-me isto, Kate. Passei um ano a tentar preparar-te para isto. Vai acontecer. Onde está Devin? – Cricket olhou em volta. As meninas tinham saído do seu esconderijo secreto e ziguezagueavam agora através da multidão num jogo de perseguição, com caudas de cometa invisíveis a arrastarem-se atrás delas. Devin usava o seu tutu, desta vez com uma *T-shirt* verde néon e dúzias de colares de pérolas de plástico, por isso era difícil não dar por ela. – Meu Deus, todo o tempo que passei a livrá-la daquelas roupas e deixas que ela use o que lhe apetece.

– Estou a deixá-la ser uma miúda. Isto não dura muito. Vai acabar num instante.

– Devin! Devin! – chamou Cricket. Estendeu os braços. – Vem cá à avó Cricket!

– Cricket, não – avisou Kate.

Devin estacou de repente e Kate quase conseguiu ver o sangue a esvair-se-lhe do rosto quando pousou os olhos na avó. Olhou para Kate e a expressão do seu olhar quase lhe partiu o coração. Kate pensava que Devin andava a aproximar-se mais dela, mas mal Devin viu Cricket, Kate percebeu que a filha ainda não confiava nela. Ainda não confiava que ela fizesse as coisas bem. Devin virou-se e fugiu, desaparecendo na multidão.

Cricket baixou os braços e virou-se para Kate, acusadora.

– Onde vai ela? O que lhe disseste sobre mim?

– Não lhe disse nada sobre ti. Volta para casa, Cricket. Se partires agora, consegues chegar antes do anoitecer – retorquiu Kate, recuando um passo em direção ao aglomerado de gente para ir atrás de Devin.

– Espera, aquele ali é *Lazlo Patterson*? – perguntou Cricket. Lazlo encontrava-se em frente de uma das ventoinhas perto da pista de dança e o seu riso chamara a atenção de Cricket.

Kate fitou-a, surpreendida.

– Conheces?

– Estou no negócio imobiliário em Atlanta – explicou Cricket. – Claro que o conheço. Porém, nunca fiz negócios com ele. Corre o boato que tem ligações. O que está aqui a fazer?

– Quer comprar o Lago Perdido à minha tia-avó. – Kate fez uma pausa. Apesar de ser bem mais alta do que Cricket, sentiu que se endireitava, como se se empedernisse. – Mas eu é que quero comprar a propriedade.

– Tu?

– Sim, eu.

– Oh, Kate – minimizou Cricket com um abanar de cabeça, como se se apiedasse de Kate por pensar sequer em tal coisa. – Não te vais querer meter com Lazlo Patterson. Não sabes nada sobre imobiliário, nem sobre gerir um sítio como este.

Acreditava a sério naquilo. Não fazia ideia que Kate geria a loja de bicicletas de Matt. Não queria saber. Não se interessava.

– Não sabes quem sou, nem o que consigo fazer. Eu sei o que é melhor para mim e para a minha filha. Volta para Atlanta, Cricket. Vou procurar Devin. Se nos tivesses avisado que vinhas, não teria de ir atrás dela para lhe dizer que não estás aqui para te apoderares dela, como alguma bruxa num conto de fadas.

– Chamaste-me bruxa?

Kate dirigiu-se para o relvado, à procura da filha. Cricket seguiu-a, mas conseguiu despistá-la atravessando diretamente a pista de dança a meio de uma canção. Encaminhou-se depois rapidamente para a casa principal, onde o odor do bolo de chocolate era espesso e fresco no ar. Verificou a sala de estar, a sala de jantar, a cozinha. Mal entrou, a cadeira junto ao frigorífico mexeu-se um pouco, como se o vento provocado pela sua entrada a tivesse deslocado. Saiu pelas traseiras da casa. Nada de Devin. Correu pelo carreiro até à cabana delas. Entrou e verificou todas as divisões, chamando-a. Nada. De regresso ao relvado, parou para olhar pelas janelas das outras cabanas.

Agora estava a ficar preocupada.

Encontrou por fim as meninas com quem Devin estivera a brincar, outra vez debaixo da mesa de piquenique, a comer batatas fritas surripiadas. Baixou-se e perguntou-lhes:

– Viram Devin?
– Fugiu para ali – disse uma das meninas, apontando para o lado direito do lago. – Para os bosques.
– Kate? – chamou Eby da mesa ao lado. – O que se passa?
Kate endireitou-se. Lisette e Jack estavam agora sentados com Eby.
– Não consigo encontrar Devin. Fugiu para os bosques.
– Quê? – disse Eby, levantando-se. – Porquê?
– Porque a minha sogra acabou de aparecer. E Devin se calhar pensa que ela veio para a levar para Atlanta.

Wes aproximou-se delas. Estivera um pouco à margem, a observar o que se passava, apercebendo-se da preocupação em todos os rostos.

– O que se passa? – perguntou.
– Devin fugiu para os bosques – contou-lhe Eby.
– As raízes respiratórias dos ciprestes? – perguntou Wes a Kate. Parecia pronto para correr.

Kate abanou a cabeça. Não tinha sabor a água do lago na boca, nenhum sedimento na pele. Devin estava seca e com calor, ao sol. Não sabia como sabia essas coisas, só que esse lugar parecia querer dizer-lho.

– Não, na outra direção.
– Vamos – disse Wes, dirigindo-se para o lago. Kate seguiu-o. Eby, Lisette e Jack fechavam a retaguarda.
– Kate? O que se passa? – perguntou Cricket, aproximando-se em passo rápido. – Onde vão?

– Fica aqui, Cricket. Devin fugiu para os bosques quando te viu.
– Isto não é sítio para uma criança. Se nem sequer consegues vigiá-la...
– Não. – Kate parou e rodopiou para a enfrentar. – Não te atrevas.

Kate voltou a alcançar Wes. Cricket hesitou e depois seguiu-os, porque Deus a livrasse de outra pessoa qualquer poder ter razão para variar.

Wes caminhava depressa, examinando as árvores junto ao trilho do lago.

– Não nos devíamos dividir? – perguntou Kate a Eby. – Não seria melhor?

– Claro que seria melhor – disse Cricket. – Porque estamos a confiar nesta pessoa? Ele sabe para onde vai?

Eby lançou uma olhadela passageira a Cricket, mas uma olhadela que a trespassou. Quase parecia sentir *pena* de Cricket.

– Os antepassados de Wes eram gente do pântano. Sabem estas coisas. São todas assim, as pessoas de Suley. Nunca se perdem.

– Por aqui – exclamou Wes, baixando-se para passar por baixo de um silvado onde havia alguns ramos partidos.

Levou cerca de dez minutos. Iam todos a chamar por Devin e faziam barulho suficiente nas folhas e galhos para ela os ouvir a chegar a um quilómetro de distância. Estavam suados e arranhados das chicotadas finas de rebentos novos quando Wes parou por fim.

– Lá está ela – disse, apontando para um declive onde parte do tutu rasgado de Devin se via na árvore atrás da qual se escondia sem grande êxito.

Estava sentada no musgo, de costas para o tronco. As árvores eram muito juntas ali e o dossel de ramos por cima sarapintava a luz em redor. Kate levou um momento a acalmar-se, a engolir o pânico e a irritação. Devin não precisava de irritação. Precisava de alguém que entendesse e Kate era essa pessoa. Já *fora* Devin.

Os outros ficaram para trás quando se aproximou dela.

Devin tinha as pernas puxadas para o peito, uma bola triste e zangada de tule.

– Não vou voltar – disse.

Kate agachou-se diante dela.

– Não podes ficar nos bosques a noite toda.

– Não, quero dizer que não vou voltar com ela. – Devin ergueu-se e encarou os outros. Apontou para Cricket.

– Devin – disse Kate.

– Está errado – continuou Devin para a mãe. – A casa dela não é o sítio certo. Não podes deixar as pessoas tirar-te coisas. Tens de lutar. Porque não estás a lutar? Este sítio aqui é bom. Este é o sítio *certo*. Porque ninguém vê isso? Faz alguma coisa! – exclamou, a voz a aumentar de veemência. Olhou para todos eles, acusadora.

Eles não se mexeram.

– Faz alguma coisa! – gritou outra vez.

Lisette afastou os olhos da intensidade do olhar de Devin. Jack passou-lhe o braço pelos ombros.

Devin enfrentou a mãe, uma criatura delicada e selvagem, uma criança pintada nas suas cores vivas e de óculos, no meio de nenhures, a tentar

lutar por uma coisa que não era a sua luta.

– Deixaste que ela te convencesse a fazer coisas que não querias – disse.

– Porque fizeste isso?

Kate abanou a cabeça, a emoção a espessar-lhe a garganta.

– Estava triste, querida.

Devin desatou a chorar, virando-se, desesperada, para Cricket.

– Gosto de ti, avó Cricket, mas não quero viver contigo. A minha mãe e eu conseguimos safar-nos sozinhas. A mãe pensou só que precisava de ti, mas não precisa. Estava só confusa.

Os lábios de Cricket apertaram-se, rodopiou sobre si e afastou-se. *Ela detestava que eu chorasse*, dissera Matt uma vez sobre a mãe. *Cricket Pheris é pior na dor do que no amor. Não sabe como ultrapassá-la. Sabe como virar costas.*

– Está tudo bem, Devin – disse Kate baixinho e pegou ao colo na filha que chorava.

– Não vamos voltar, pois não? – perguntou Devin, com os braços muito apertados à volta do pescoço de Kate.

– Não, querida. – Kate embalava-a para a frente e para trás. – E se me tivesses perguntado, em vez de fugires, ter-te-ia dito.

Cricket começara a andar numa determinada direção. Mas Wes seguiu para outra.

– Por aqui – chamou-a e ela, relutante, mudou de rumo. Devagar, voltaram para o lago pelo mesmo caminho, Kate com Devin ao colo o tempo todo.

Quando saíram do trilho, a festa ainda estava muito animada, uma massa quente de música, risos e fumo das grelhas. Ninguém pareceu reparar no grupo arrasado exceto Lazlo, que avançou ao encontro deles, mesmo quando estavam a chegar ao embarcadouro. O advogado apressava-se atrás dele, com a pasta na mão.

Ao princípio, Kate teve a impressão estranha de que ele estava preocupado com eles. Mas essa ideia depressa se dissipou quando ele disse:

– Eby, está a fazer-se tarde. Vamos para dentro de casa onde está mais fresco para assinarmos estes papéis, está bem? – O olhar de Lazlo desviou-se para Wes. – Wes, meu rapaz, mudaste de ideias?

Eby virou-se para ele com curiosidade.

– Disse ontem a Lazlo que, afinal, não ia investir no projeto. Quero continuar com o meu terreno. – Wes fitou o tio sem rodeios. – Não, não mudei de ideias.

Por cima do ombro da mãe, Devin observava as meninas no relvado, os olhos a seguirem-nas como se fossem lanternas.

– Mamã, posso ir brincar? – perguntou, o que era código para *Estou cansada de tentar fazer com que vocês adultos tolos vejam o que está mesmo à vossa frente e quero ser uma miúda agora.*

Kate pousou-a no chão.

– Fica num sítio onde te veja.

– Adeus, avó Cricket – disse Devin, dando-lhe uma palmadinha no braço. – Vamos visitar-te depois, está bem?

Cricket sorriu um pouco e todos viram Devin a correr ao encontro das outras meninas. Durante um instante, Kate sentiu-se indescritivelmente triste, porque não podia voltar com Devin para a sua infância. Só podia ficar ali como adulta à medida que a distância crescia, crescia, até que, por fim, havia um oceano entre elas.

Eby levou a mão ao peito, os dedos a repuxarem a orla do decote da sua *T-shirt*.

– Lazlo – disse, virando-se para ele. – Também mudei de ideias. O Lago Perdido não está à venda.

– Ora, Eby – retorquiu Lazlo, paternalista, impaciente. – Receio que tenhamos um acordo.

– Não assinei nada.

– Apertámos as mãos. Tínhamos um acordo verbal, testemunhado por essa mulher muda. – Apontou para Lisette, que ofegou. – Wes pode ter tido a esperteza de não me apertar a mão para selar o negócio, mas, lamento dizer, tu não. A escolha do momento certo é essencial.

Eby endireitou-se mais.

– Posso perfeitamente mudar de ideias.

– Queres mesmo fazer isto da forma mais difícil? – perguntou Lazlo. – Processo-te. Levo-te a tribunal. As custas legais levar-te-ão o pouco dinheiro que te resta e vais acabar por perder este sítio de qualquer maneira.

O advogado de Lazlo parecia pouco à vontade, o olhar focado algures ao longe, como se se imaginasse num lugar qualquer fresco, num lugar

onde não houvesse nenhum Lazlo. Eby fitou-o apenas, incrédula. Lisette estava a lançar baforadas furiosas de ar pelos pulmões. Jack olhava para ela, preocupado. Wes abanava a cabeça, como se aquilo não representasse qualquer surpresa para ele.

Foi Cricket que quebrou por fim o silêncio, estendendo a mão a Lazlo.

– Cricket Pheris, da Pheris Realty em Atlanta.

Lazlo pareceu surpreendido ao apertar-lhe a mão.

– Conheço-a.

Cricket riu-se com a sua risada profissional. O que estava ela a fazer? Estaria a tentar arranjar algum negócio numa altura destas?

– Nunca fomos apresentados formalmente, mas, sim, creio que nos vimos em algumas cerimónias.

– O que está a fazer aqui? – perguntou Lazlo.

– Parece que Eby é a tia-bisavó da minha neta. – Cricket fez um gesto para afastar a questão. – É complicado.

– Não preciso de um agente imobiliário.

– Tenho a certeza que não. Ia só oferecer alguns conselhos. E, se me conhece, sabe que os meus conselhos não são baratos. Existe uma razão para fazermos este tipo de coisa em privado. Há aqui uma multidão de pessoas que podiam complicar este processo se soubessem o que se está a passar. Pelo que percebi, estão aqui para a apoiar a *ela*, não a você. – Inclinou-se para a frente e continuou em tom confidencial, como se falasse com a única outra pessoa competente ali. – Sugiro que espere por uma ocasião mais apropriada. Eles apanharam um pequeno susto. A criança fugiu. As emoções estão ao rubro neste momento.

Lazlo examinou Cricket de alto a baixo. Toda a gente que saíra dos bosques tinha arranhões ou rasgões nas roupas ou pedaços de folhagem no cabelo. Toda a gente exceto Cricket. A camisa colava-se ao peito de humidade, mas o cabelo não se mexera um centímetro e a maquilhagem ainda estava perfeita. As sobrancelhas e *eyeliner* eram tatuagens permanentes muito subtis e tinha extensões nas pestanas. Lazlo hesitou antes de dizer:

– Muito bem. Volto amanhã. Será a última hipótese. Mais *uma* oportunidade, Eby. É tudo o que te vou dar. Vamos – disse para o advogado, quase o derrubando quando passou por ele. – Caramba, detesto este calor. Preciso de voltar ao hotel para mudar este fato.

Mal ele ficou fora do alcance do ouvido, Cricket virou-se para Eby e aconselhou:

– Arranje um advogado. *Depressa*.

– O que estás a fazer? – perguntou Kate, incrédula.

– Considera-o uma prenda de despedida – retorquiu Cricket, tirando os óculos de sol do alto da cabeça e colocando-os. – Vou pôr as tuas coisas em armazém quando regressar.

Kate hesitou antes de dizer:

– Obrigada.

– Bem desejava que visses as coisas como eu – disse Cricket, observando Devin com as outras meninas, sentadas agora a uma das mesas.

Devin tirou alguns dos seus colares e partilhou-os com elas. Kate viu Cricket a debater-se consigo própria. Queria tanto controlar isto, transformar Devin numa coisa que pensava ser melhor.

– Por uma vez na tua vida, Cricket, para de tentar controlar as pessoas que te amam. Ama-as como elas são.

Cricket hesitou e comprimiu outra vez os lábios.

– Não sabia amar Matt de outra forma – disse baixinho e era talvez o primeiro sinal de mágoa verdadeira que Kate ouvia na voz de Cricket. Foi, durante apenas um instante, simplesmente uma mãe que perdera o filho.

– Nunca tentarei impedir-te de veres Devin. É contigo.

Cricket inspirou fundo e assentiu, depois encaminhou-se para o seu carro e foi-se embora, para grande alívio dos condutores na confusão de outros carros que tinham parado atrás do dela e que estavam lentamente a tentar recuar porque ela bloqueava a passagem.

O grupo que ficara trocou olhares esperançados. Wes e Kate fitaram-se nos olhos. Lisette levantou o seu bloco de notas para escrever alguma coisa. Mas Eby ergueu as mãos.

– Nada ficou ainda resolvido. Não quero dizer a ninguém que mudei de ideias. Não quero alimentar esperanças. Sobretudo no caso de Bulahdeen. Conto-lhe mais tarde. Por agora, vamos só apreciar a festa. Wes, Jack, querem trazer o bolo?

– O que vai acontecer, Eby? – perguntou Kate, quando Jack e Wes se afastaram.

Lisette seguiu-os, fitando-a com um olhar interrogativo por cima do ombro. Eby sorriu-lhe para lhe dar a entender que estava tudo bem.

– Não sei, mas resolveremos as coisas – respondeu. – Então aquela era a tua sogra?

Kate suspirou.

– Era ela.

– É uma mulher impressionante.

– Não está à altura de Devin.

Aquilo fez Eby sorrir.

– Não. Não creio que nenhum de nós esteja.

– Se Eby não vender, as coisas voltarão ao normal – disse Jack, satisfeito, para Lisette mal entraram na casa principal. – Os verões serão outra vez os mesmos. – Estendeu a mão e tirou-lhe um pequeno galho do cabelo.

Lisette afastou-se muito depressa e dirigiu-se para a cozinha.

– Lisette, não estás contente? – perguntou Jack, seguindo-a, porque lhe parecia que aquilo era perfeito. As coisas tinham-se solucionado sem ninguém ter de fazer nada.

Ela assentiu.

– Ver-nos-emos todos os anos, como sempre. Não tens de te ir embora.

Lisette levantou o bloco de notas e escreveu: *Preciso de tratar de umas coisas na cozinha.*

Desapareceu lá dentro e trancou a porta.

Wes estava ao lado da mesa do bufete, já com as mãos a segurar na grande peça de madeira onde repousava o bolo.

– Estás pronto, Jack? – perguntou.

Jack assentiu, absorto, com qualquer coisa que a menina dissesse no pensamento.

Porque não estás a lutar?

Selma viu Lazlo apanhar a mulher e as filhas e partir com o advogado no seu *Mercedes* preto. Sentiu-se aliviada. Já não lhe apetecia lidar com ele. Olhou em volta à procura de outra pessoa qualquer, depois suspirou e sentou-se com o seu leque. Devia era ir para a sua cabana.

– À procura de um marido para roubar?

Selma levantou a vista e deparou-se com a rapariga do Fresh Mart. Usava demasiada maquilhagem que se estava a derreter no seu rosto por causa do calor. O cabelo tinha pontas partidas devido a demasiadas secagens. A juventude era um desperdício nos jovens.

– Brittany. Que bom ver-te outra vez.

Brittany sentou-se à sua frente.

– Sabe, estou a começar a pensar que fui demasiado dura consigo.

– Oh, verdade – retorquiu Selma de maneira cómica. – Conta lá.

– Há alguma vantagem em se conseguir tal e qual o que se quer. Quero saber como faz. Esforço-me tanto algumas vezes para fazer com que os rapazes gostem de mim. Como Wes. Tínhamos uma espécie de um pacto. Depois vi-o dançar com a sobrinha de Eby. Claro que ela é magra e isso tudo, mas o cabelo *dela*. Aquelas camadas todas? Porque não olha ele para mim como olha para ela? Diga-me como posso ser como você.

Brittany queria-o. E teria sido tão fácil. Selma só teria de lhe soprar para cima e pedir um desejo. Mas nunca o fizera antes. Sempre achara que era porque não queria concorrência. Mas lá bem no fundo, perguntou-se se seria justo. As jovens sabem tão pouco sobre as consequências. Selma pousou o leque.

– Escuta, menina. Não conseguirias apanhar Wes nem que fosses como eu. Porque só podes roubar uma coisa que quer ser roubada.

Brittany pareceu perplexa.

– Por exemplo, estás a ver Lisette ali com aquele homem?

Jack e Lisette, bem como Eby, Kate e Wes tinham todos desaparecido durante algum tempo. Estavam agora no lado mais distante do relvado, perto do embarcadouro. Era óbvio que estavam num pequeno conciliábulo, para o qual não se tinham dado ao trabalho de convidar Selma.

– Jack. Claro. Sei quem é.

– Se eles se casassem, nunca conseguiria tirá-lo a Lisette. Sabes porquê?

– Porque Lisette te lançava uma maldição? – perguntou Brittany.

Viram Eby a dizer qualquer coisa a Jack e a Wes e os dois homens atravessaram o relvado e entraram na casa principal. Lisette seguiu-os.

Selma suspirou.

– Não. Porque Jack ama Lisette. Por outro lado, olha ali para o teu pai com a tua mãe. Estás a ver a diferença?

Estava. Selma sabia que sim. Só não queria aceitá-lo.

– Então não me vai dizer como faço para ser como você?

– Não queres ser como eu – retorquiu Selma.

– Quero sim! Quero ser feliz.

– Acabei de te dizer como – replicou Selma, irritada consigo própria por já ter revelado tanto. Levantou-se e começou a andar para a sua cabana. Estava com dor de cabeça.

– Selma, cá estás tu! – exclamou Bulahdeen, fazendo-a parar. – Não consegui encontrar ninguém. Onde se meteram todos?

Selma gostou que Bulahdeen pensasse que ela fora incluída na evasão do pequeno grupo.

– Por aí.

– Não foi um dia excitante? Livrei-me do cartaz. Mas desejava que aquele homem não tivesse feito um discurso. Ninguém parece gostar dele. Eby nem parece gostar dele. Poderá funcionar a nosso favor. Estou satisfeita por ele se ter ido embora. Olha, estão a trazer o bolo!

Às vezes, Bulahdeen era simplesmente esgotante. E Selma, naquele preciso momento, não estava com disposição para ela.

– Porque te esforças tanto? Porque está toda a gente a esforçar-se tanto para salvar este lugar?

– Porque o adoramos – retorquiu Bulahdeen.

– Fala por ti.

Bulahdeen soltou um *tsk, tsk* de reprovação.

– Selma, se continuas a agir como se não te importasses, muito em breve toda a gente vai acreditar em ti.

– Conheces-me há trinta anos e só *agora* é que isso te ocorre? Não estou a fingir. Bulahdeen, porque não desistes? Ela vai vender. E, ao contrário do que possas acreditar, não podes impedir que aconteça. Toda a gente está aqui para se despedir. É o que as pessoas fazem quando vai cada uma para seu lado. Despedem-se. Já o fiz muitas vezes. É assim.

Selma virou-se e afastou-se.

Bulahdeen Ramsey nascera numa zona de barracas na Carolina do Sul a que os locais chamavam o Fim do Mundo e que era isso mesmo para toda a gente que lá vivia. Sabiam no que iam dar. Conheciam o final das suas histórias nesse sítio, com as suas ruas enlameadas, o seu cheiro de homens não lavados e gordura das cozinhas que amareleciam todos os revestimentos das janelas. Os que tinham a sorte de ter um porco ou galinhas guardavam-nos ferozmente. Já mais do que um corpo sem vida fora rebocado para a vila, atingido a tiro por roubar animais. A proteína era uma mercadoria mais importante do que ouro.

As mulheres da Igreja Baptista vinham uma vez por mês com caixas caritativas com farinha, açúcar e roupas velhas. Sapatos no inverno. Os homens tinham empregos sazonais nas quintas ali perto. Eram levados em camiões e ficavam fora durante semanas, regressando para sexo e bebida antes de voltarem de novo. As mulheres ficavam mais calmas quando os homens estavam fora. Havia mais comida, menos bebida, nenhuns bebés concebidos para nascerem em pleno inverno como Bulahdeen.

Os médicos raramente viajavam até ao Fim do Mundo, porque o pagamento nunca era certo, nem sequer na forma de tarte de baunilha ou de um saco de serapilheira de nozes. Por isso, quando a mãe de Bulahdeen entrou num difícil trabalho de parto, não houve nenhum médico que a ajudasse. Morreu a dar à luz. O pai de Bulahdeen afastou-a dele e fugiu para o mais longe possível. Morreu embriagado no rio.

Bulahdeen cresceu na casa da tia Clara, forrada a papel impermeabilizado com alcatrão. A tia desmamou-a com um primo mais ou menos da sua idade e depois pô-la de lado, deixando Bulahdeen descobrir as coisas por si. Às vezes, parecia que se tinham esquecido dela por completo. Quando as pessoas do condado vinham ver das crianças, para documentarem a respetiva saúde e idades, Bulahdeen estava sempre fora, a enganar a fome apanhando amoras silvestres, chicória e *epilobium* no seu estreito vale pessoal, perto do rio poluído que corria da fábrica de

enlatados. O sistema escolar não sabia que Bulahdeen existia, por isso nunca foi obrigada a ir à escola.

A tia tinha demasiados filhos de quem cuidar, portanto, Bulahdeen tornou-se uma espécie de gato vadio que quase só era alimentado com restos, à noite. Passava o tempo a palmilhar estradas e campos. No verão, dormia no abrigo feito com duas árvores derrubadas e uma cobertura de hera. No inverno, dormia no alpendre, enrolada perto da racha debaixo da porta, tapada com um cobertor.

Quando Bulahdeen tinha seis anos, foi expulsa do seu vale por alguns rapazes que o tinham descoberto e reivindicado como deles. Assim, foi obrigada a ir mais longe à procura de comida, mais perto de onde ninguém do Fim do Mundo se deveria aproximar. A propriedade Waycross. Aí vivia o dono de centenas de acres de terra de cultivo, o homem responsável pelos poucos salários que se ganhavam no Fim do Mundo.

Foi aí que encontrou Maudie Waycross, a filha do dono. Sabia-se que era bonita, generosa e absolutamente interdita a qualquer pessoa, tal como a própria propriedade.

Estava sentada debaixo de uma árvore, em cima de uma manta, com comida de piquenique dentro de embrulhos de papel encerado à sua volta. Não parecia interessada na comida. Estava completamente absorvida num livro. Nem sequer reparou que Bulahdeen estava ali até que ela deu um pequeno passo em frente a pensar que podia agarrar num dos embrulhos de comida e fugir. Quando Bulahdeen pisou um galho, a rapariga levantou os olhos, sobressaltada.

Bulahdeen virou-se para fugir, mas a rapariga chamou-a.

– Para! – Pousou o livro e sorriu. – Que surpresa ver-te. Pareces uma ninfa dos bosques. Tens um cabelo bonito.

Bulahdeen não disse nada. Não sabia o que era uma ninfa dos bosques. E nunca ninguém lhe dissera que o seu cabelo era bonito. Era bravio, de um tom ruivo como morango e nunca propriamente controlado com um lenço sujo e um gancho velho que encontrara numa lixeira perto.

– Sou a Maudie. Como te chamas?

Passaram-se vários segundos.

– Bulahdeen.

– És do Fim do Mundo, não és?

– Sim.

– Não devias estar aqui. Mas eu também não devia estar aqui. Por isso, não vamos estar aqui juntas. Vem, senta-te aqui comigo. Partilho contigo a minha comida.

Bulahdeen sentou-se na beirinha da manta e Maudie deu-lhe uma sanduíche. Bulahdeen comeu, ao princípio com timidez, depois com voracidade quando percebeu como era bom. Maudie deitou-se para trás, com o livro na barriga, e olhou para o céu através das árvores. Falou a Bulahdeen do livro que estava a ler, uma história passada num sítio chamado Inglaterra, que envolvia um homem que tinha uma mulher louca no sótão, mas que estava apaixonado por uma jovem que ensinava uma menina que vivia na sua casa. Era tudo muito confuso para Bulahdeen.

De repente, Maudie sentou-se.

– Qual é o teu livro preferido?

– Não tenho – respondeu Bulahdeen, mirando o resto da comida em cima da manta.

– Não gostas de ler? – perguntou Maudie, passando uma maçã a Bulahdeen.

– Não sei.

– A que escola vais?

– Não vou à escola.

Maudie ficou a olhar para ela. Então Bulahdeen contou-lhe da família e da sua vida, tudo. Não fizera tenção de falar tanto, mas nunca ninguém a escutara como Maudie escutava. Quando acabou de falar, a comida desaparecera toda, comera-a sem se aperceber e o Sol estava a pôr-se. Maudie estendeu o braço e empurrou o cabelo de Bulahdeen para trás da orelha.

– Não podes mudar de onde vens, mas podes mudar para onde vais a partir de agora. Tal como um livro. Se não gostas do fim, inventas um novo.

Ouviram-se gritos vindos da casa principal da propriedade e Maudie levantou-se muito depressa. Alguém chamava por ela. Ao mesmo tempo que recolhia a manta e os pacotes vazios de papel encerado, disse, apressada:

– Daqui a dois anos, terei dezoito anos. O meu pai pensa que vou casar com Hamilton Beatty, só porque ele quer. Mas não vou. Quando fizer

dezoito anos vou-me embora. Vou ver o mundo! Encontra-te aqui comigo outra vez amanhã, Bulahdeen.

– Porquê? – perguntou Bulahdeen.

Maudie virou-se e sorriu. Bulahdeen recordaria aquele sorriso para sempre, como era belo, como fez o seu estômago sentir-se agitado e maravilhoso. Nunca sentira nada assim antes.

Esperança.

Era a primeira vez que sentia esperança.

– Porque também podemos mudar o teu final – respondeu Maudie e fugiu.

Esse foi o dia em que tudo mudou.

Maudie ensinou Bulahdeen a ler. Conseguiu que esta se matriculasse na escola. E, quase todos os dias, Maudie e Bulahdeen encontravam-se nos bosques, comiam e liam uma para a outra, e Maudie contava a Bulahdeen todos os seus planos para quando fizesse dezoito anos.

No dia do seu aniversário, Bulahdeen apanhou amoras, fez uma coroa de trevos para Maudie, foi ter com ela ao sítio dos encontros, mas, em vez dela, encontrou apenas uma caixa de madeira na manta dobrada. Dentro da caixa havia uma grande pilha de papel, envelopes, lápis e selos do correio. Havia também um pequeno pacote e um bilhete que dizia:

Tive de partir a meio da noite. O meu pai descobriu os meus planos e trancou-me no quarto. Vou para casa da minha tia em Boston. Aqui está o endereço dela. Escreve-me para lá, Bulahdeen. Escreve-me a contar como estás a construir o teu final e eu contar-te-ei tudo sobre o meu.

Bulahdeen abriu o pacote e descobriu o exemplar de *Jane Eyre* que Maudie estivera a ler quando se tinham conhecido.

Claro que Maudie se sairia bem. Possuía os meios para construir o seu próprio final.

Mas nunca ninguém saía do Fim do Mundo.

Mesmo assim, Bulahdeen escreveu a Maudie. Ao princípio todos os dias, depois a cada dois meses, quando já tinha acontecimentos suficientes para encher uma folha de papel. Bulahdeen era uma aluna excelente na escola, o que na realidade não significava nada. Continuava a voltar para

casa para o mesmo sítio, a dormir no alpendre e a esperar que a sua vida se desenrolasse.

No verão em que fez catorze anos, a tia Clara arranhou-lhe uma cama num canto da cozinha porque precisava da sua ajuda. Várias das primas de Bulahdeen, primas não muito mais velhas do que ela, tinham agora bebés de colo e bebés de anca e bebés a caminho e tudo o que eles pareciam fazer era comer e fazer cocó.

Bulahdeen não prestava muita atenção aos homens da vila. Se havia uma coisa que aprendera era a evitá-los. Mas um dia, quando se encontrava sozinha num campo ali perto a apanhar folhas de dente-de-leão para cozer, do nada surgiu Big Michael, jovem e mau. Tinha os olhos de um azul-claro, muito juntos e Bulahdeen já o apanhara a olhar para ela algumas vezes quando estava a estender fraldas.

Sorriu-lhe e depois colheu um dente-de-leão cheio de penugem. Soprou-o e pedacinhos de penugem agarraram-se ao cabelo dela como partículas de poeira. Ele estendeu a mão para os tirar, mas ela recuou. Rápido como um raio, ele agarrou-a e caiu no chão com ela, o rosto para a terra, a força do impacto a fazer-lhe desaparecer o ar dos pulmões. Depois em cima dela, agarrou-lhe a saia e puxou-a para cima. Levantou-se um pouco para puxar as calças e foi aí que ela rodou o suficiente para o atingir de lado na cara com o cotovelo. A dor foi como fogo no seu osso e, pelo ruído que ele fez, também não teria sido muito bom para ele. Conseguiu derrubá-lo de cima dela e arrastou-se de gatas antes de se pôr de pé e correr mais depressa do que alguma vez correria na vida.

A tia Clara descobriu-a mais tarde na cozinha, a proteger o braço, com as roupas rasgadas, coberta de terra. A única coisa que disse a Bulahdeen foi:

– Da próxima vez não lutes tanto. É mais fácil assim.

Foi nesse momento que Bulahdeen percebeu que na realidade lutava. E lutara porque não quisera aquele final. Quisera outra coisa. Não aquilo. Tinham passado seis anos desde que Maudie se fora embora e não recebera uma única carta dela. Mesmo assim, nessa noite, Bulahdeen escreveu-lhe para o endereço que lhe dera e contou-lhe tudo o que sucedera. Disse-lhe que queria que as coisas mudassem, mas não sabia como fazer.

Começou a ficar mais tempo na escola, a ajudar os professores a limpar as salas, porque queria ficar longe do perigo que a casa representava o maior tempo possível. Depois, um dos professores contratou-a para ajudar a dar banho e alimentar a mãe idosa todas as tardes.

Um dia, quando Bulahdeen saía dessa casa depois de ter dado de comer à senhora de idade, apressando-se porque queria voltar ao Fim do Mundo antes de escurecer, a vizinha do lado convidou-a a entrar. Era a bibliotecária local e, inesperadamente, ofereceu a Bulahdeen um sítio para ficar na casa que partilhava com o marido, que por acaso era o chefe da polícia. Não tinham filhos e estavam a envelhecer, explicou. Via a forma como Bulahdeen cuidava da senhora de idade na casa ao lado e disse que lhe daria cama e comida se ela ajudasse nas tarefas da casa e da biblioteca.

Aqueles dois anos com os Bartlett foram os mais seguros que já conhecera. E não se passava uma única noite em que não se deitasse na cama e se maravilhasse com a volta que a sua vida dera. Não fazia ideia de como tivera tanta sorte.

Até ao dia antes de partir para a faculdade.

Foi nesse dia que a bibliotecária lhe entregou uma pilha de cartas. Eram todas as cartas que Bulahdeen enviara a Maudie para a morada da tia em Boston.

Maudie nunca chegara a casa da tia em Boston. Ninguém sabia para onde fora. Ninguém sabia o que lhe acontecera. Ao longo dos anos, Bulahdeen imaginara centenas de histórias sobre o paradeiro de Maudie, nenhuma delas a verdadeira. Era essa a vitória fundamental de Maudie. O seu final era só dela. Mais ninguém podia tocá-lo.

Mas a tia de Maudie em Boston lera todas as cartas de Bulahdeen, extasiada com a descrição do Sul rural. Começara a esperar pelas cartas com ansiedade. Quando chegou a carta que relatava o ataque, entrou em pânico. Não soubera o que fazer. Contactara o chefe da polícia da vila do carimbo do correio e ele pedira-lhe para lhe enviar as cartas. Quando as recebera, ficara encantado e depois alarmado e mostrara-as à mulher. Ela reconheceu o nome. Era a rapariga ruiva que ajudava a cuidar da mulher idosa da casa ao lado.

Foi aí que Bulahdeen entendeu na verdade o que Maudie lhe estivera a tentar dizer o tempo todo. E nunca uma única vez vacilou na sua

convicção de que os finais nunca eram absolutos.

Não até agora.

Já vivera o suficiente para saber que nem todas as coisas resultam como queremos. Lera livros suficientes para saber que não há sempre finais felizes. Mesmo assim, ficou de coração partido quando, depois da festa, Eby lhe disse por fim que mudara de ideias, mas que não importava, porque Lazlo ia oferecer resistência.

Bulahdeen reconhecia as pessoas que conseguiam construir os seus próprios fins, com tanta facilidade como reconhecia o sabor de um belo vinho de verão, e Lazlo era uma dessas pessoas.

Isso significava que não iam ganhar. Não porque não o desejassem mais, mas porque não possuíam o poder que ele tinha de fazer as coisas acontecerem.

Ele estava a raptar o final delas e não havia mais nada que Bulahdeen pudesse fazer a esse respeito.

Tinha simplesmente de fechar o livro e ir embora.

Depois de comerem restos do bolo ao pequeno-almoço porque, pela primeira vez que alguém se recordasse, Lisette dormira até mais tarde, Devin e Kate saíram para a manhã quente e abafada. Jack ainda aguardava, preocupado, na sala de jantar. Bulahdeen, que estivera muito calada, como não era habitual, encontrava-se agora no embarcadouro, mesmo à beirinha, uma minúscula figura solitária rodeada por água. O relvado estava uma confusão, mas não tão sujo como estivera quando a festa terminara na noite anterior. Parecia que alguém viera cá fora limpar depois de toda a gente se ir embora. Devin lembrava-se que a mãe a levara ao colo para a cabana. Deitara-a na sua cama e depois aninhara-se ao seu lado.

– Não vamos a sítio nenhum por algum tempo. Mas aconteça o que acontecer, ultrapassaremos isto juntas – sussurrara Kate. – Estou aqui. Não me vou embora.

Quando Devin acordara, a mãe ainda se encontrava enroscada ao lado dela. Fora uma sensação muito boa. Não se mexera durante quase vinte minutos, fitando o rosto da mãe, amando-a tanto que teria feito qualquer coisa para preservar aquele momento, para o enfiar num frasco como um

pirilampo e observá-lo para todo o sempre. Mas depois tivera por fim de se levantar para ir à casa de banho.

Estavam agora ali a olhar para o lago, Devin em silêncio, com a cabeça inclinada, a escutar qualquer coisa que apenas ela conseguia ouvir através do barulho do chilrear dos pássaros e do restolhar das árvores.

– Estás bem, miúda? – perguntou Kate.

– Ele ainda está ansioso.

– Quem?

– O aligátor. Podemos ir dar um passeio pelos bosques outra vez até à cabana? – perguntou Devin.

– Claro. Vou buscar umas garrafas de água à cozinha – retorquiu Kate.

– Posso ir falar com Bulahdeen? Não saio dali. É uma promessa Devin – disse quando a mãe hesitou.

Kate assentiu e Devin correu para o embarcadouro, sentindo as asas de fada nas costas e desejando conseguir voar. A ideia de pairar por cima da terra, muito leve num céu lilás, era apelativa, da mesma maneira que amigos imaginários eram apelativos, ou aligátors falantes. Não há muito tempo, na sua antiga vida, à medida que as roupas deixavam de lhe servir e precisava cada vez menos da mão da mãe na dela, começara a sentir uma inquietação, uma pressão, de que as possibilidades estavam a tornar-se mais finitas e tudo mais *real*.

Aqui não se sentia assim. Estava contente por ficarem mais tempo. Ainda não parecia tão permanente como pensava que pareceria, mas pelo menos não iam voltar para Atlanta. Decidiu ficar contente por isso. Se voltassem, a mãe poderia mudar outra vez. E Devin gostava dela tal e qual como era. O pai fora-se, mas a mãe estava ali. Estava *ali*.

Abrandou ao aproximar-se de Bulahdeen e depois parou ao seu lado.

– Olá, Bulahdeen! O que está a fazer aqui?

Bulahdeen esfregou os olhos por baixo dos óculos de sol.

Devin estendeu instintivamente o braço e pegou-lhe na mão. Os dedos dela pareciam madeira verde.

– O que se passa?

Bulahdeen sorriu e apertou a mão de Devin.

– Nada que te deva preocupar, querida.

– Parece triste.

– E estou – respondeu Bulahdeen. – Estou triste.

– Porquê?

– Porque este lugar é especial. Se não conseguir salvá-lo, será que significa que não poderei salvar o resto dos meus finais? O final do meu marido Charlie? O final da rapariga que me salvou a vida quando eu era pequena? Se perder este lugar, perco a minha sensação de possibilidade e é a única coisa que me faz continuar.

– É isso que eu também gosto neste sítio – disse Devin. – Tudo é possível.

– Se calhar não estava destinado a ser assim. Os fins não podem ser todos felizes, não é? – Bulahdeen fez uma pausa e depois virou-se de repente e viu Selma atrás delas, com uma sombrinha chinesa de papel branco por cima da cabeça numa das mãos, os sapatos de salto alto na outra. – Selma, não te ouvi chegar – continuou com frieza.

– Tirei os sapatos para não cair nesta fossa – disse Selma.

– O que é uma fossa? – perguntou Devin.

– Um sítio que as mulheres belas evitam – respondeu Selma.

– O que é Selma? – inquiriu Bulahdeen. – Querias alguma coisa? Não há aqui homens e não costumam vir até aqui só para passares tempo connosco.

– Passei por Kate ali sentada. – Selma fez um gesto na direção do relvado. – Ela queria que Devin fosse logo que estivesse pronta.

– Vai lá, querida – disse Bulahdeen, virando-se outra vez para a água.

Devin e Selma caminharam em silêncio pelo embarcadouro. Selma era tão bonita, mas, às vezes, pensou Devin, se lhe tocasse, descobriria que era tão afiada como metal.

– Porque não gosta de ninguém aqui? – perguntou-lhe Devin.

A boca de Selma fechou-se numa linha fina. Hesitou antes de dizer:

– Porque eles não gostam de mim.

– Claro que gostam. Todos gostam. Eu gosto.

– Tu és excecional, miúda – retorquiu Selma quando saíram do embarcadouro e parou para calçar os sapatos.

– É o que a minha mãe diz – respondeu Devin, parando também.

Houve algum movimento perto da água.

– Oh! Olhe! – exclamou Devin, excitada. – Está a vê-lo?

Agachou-se perto da beira, quase como faria com um cãozinho, para fazer com que ele se aproximasse. Conseguia ver os olhos do aligátor, só

um pouco, por cima da água. Não falara com ela desde que descobrira a Caixa do Aligátor. Fosse o que fosse que lá estivesse não resolvera tudo. Ainda não. Procurara, lutara e fugira. Devin já não sabia o que fazer.

Selma estava ao lado dela, a sombrinha pousada no ombro, mas não estava a olhar para a água.

– Quem é? – perguntou e Devin pensou que era uma pergunta estranha, porque se estava mesmo a ver que era um aligátor. – Estava ali um menino – continuou Selma, apontando para o trilho – a andar nos bosques.

Devin levantou a vista, mas não viu ninguém.

E quando se virou outra vez para a água, o aligátor desaparecera.

Eby saiu para o sol e inspirou fundo. Sentia-se como se tivesse estado fora algum tempo. Lisette e ela tinham dormido para lá da hora do pequeno-almoço, o que irritara Lisette. Mesmo quando estava doente, Lisette ia sempre lá abaixo de manhã para cumprimentar Luc. Eby pensou que era maravilhoso, o sono, como quando se dorme quando chegamos por fim a casa. A pista de dança e o toldo ainda se encontravam no relvado e havia alguns copos e pratos dispersos por ali, mas Lisette limpara o resto. Eby ouvira-a sair de casa quando toda a gente já se fora embora e as grelhas tinham arrefecido. Lisette sentia a falta da noite.

Na noite anterior, Eby sonhara outra vez com George, mas não em Paris. Encontrava-se ali mesmo. Estava sentado no relvado e ela deitada na relva com a cabeça no colo dele. Ele afagava-lhe o cabelo e sorria-lhe. Havia uma sensação enorme de paz em volta deles, era suave, cor-de-rosa e cheirava a manteiga. Acordou com Lisette por cima dela, a afastar-lhe o cabelo da cara. Lisette apontara para o relógio em cima da mesinha de cabeceira e saíra do quarto.

Eby viu Kate sentada numa das mesas de piquenique. Tinha duas garrafas de água no colo. Encaminhou-se para ela. Quando a sua sombra recaiu sobre ela, Kate virou-se.

– Olá, Eby. Como te sentes?

– Como eu mesma de novo.

– Estou à espera de Devin. Quer ir dar um passeio.

– Ela hoje está bem?

– Creio que sim. Acho que, por fim, estamos ambas bem.

Eby olhou para o lago, para Devin, agachada junto à água no seu macacão curto cor-de-rosa e asas de fada, e para Selma ao lado dela com a sombrinha branca. Selma apontava para alguma coisa e Eby seguiu-lhe o dedo até ao trilho que dava a volta ao lago, onde pensou entrever fugazmente um menino de jardineiras a afastar-se.

Ofegou.

– Eby? Estás bem? – perguntou Kate.

– O quê? – Virou-se para ela. – Oh, sim. Tudo bem. Pensei ver... não foi nada. Só um pequeno *déjà vu*. – Abanou a cabeça. Fora há tanto tempo que quase esquecera. – Estava a lembrar-me da primeira imagem do Lago Perdido que vi, logo depois da minha lua de mel. Era um postal de uma propriedade que George me mostrou. Senti que estava a olhar para o futuro. Talvez estivesse. Talvez estivesse a olhar para este preciso momento. Talvez tenha feito o círculo completo.

Kate levantou-se.

– Ou talvez seja apenas um novo círculo que se forma.

Eby sorriu-lhe quando Kate se encaminhou para Devin. Levou a mão ao peito, à procura daquela agitação familiar. Mas já desaparecera, libertada no vento como um pássaro engaiolado.

A única coisa que sentia agora era a vida dentro de si, o bater do coração e os pulmões a encherem-se.

Estava viva e bem de saúde, ainda com bastante garra dentro de si.

Olhou outra vez para a cena do postal no lago e abanou a cabeça.

O grande sinal de que andara à procura estivera ali o tempo todo.

PARTE 3



Algum tempo depois, já a transpirarem com o Sol a subir no céu, Kate e Devin saíram dos bosques e encontraram-se por fim na estrada de terra que conduzia à velha cabana de Wes.

Subiram a estrada e, mal avistaram a clareira, viram também uma grande carrinha branca com o logótipo do faz-tudo de Wes.

Wes, encostado à grelha da carrinha, fitava o sítio onde dantes se erguera a cabana. Envergava calções e uma *T-shirt* de manga comprida e os óculos de sol escuros escondiam-lhe os olhos. Estava tão imóvel como uma estátua e Kate sentiu que podia olhar para ele o dia inteiro. Conhecia tão bem o rapaz. E, devagar, meio sem querer, começava a compreender que queria conhecer o homem também.

Antes de poder pegar na mão da filha para a afastar sem fazer barulho, não querendo perturbar a ligação dele com aquele lugar, Devin gritou:

– Wes! – e correu para ele.

Ele virou-se apressadamente.

Devin abraçou-o, o que o fez sorrir e passar-lhe os braços ao de leve pelas asas de fada. Observou Kate a aproximar-se dele.

– Não sabíamos que ias estar aqui – disse Kate. – Queres que nos vamos embora?

– Não, de maneira nenhuma. Tive um trabalho esta manhã. Quando regressava, percebi de repente que virava para esta velha estrada de terra até este sítio. Não sei porquê.

Devin correu para a clareira. As asas estavam a começar a descair. Já tinham visto melhores dias. Tinham ficado presas nuns ramos no trilho e havia um pouco de líquen agarrado a uma delas.

Kate encostou-se à carrinha ao lado dele. O motor estava frio. Ele estava ali há algum tempo. Não haviam falado muito na festa depois de resgatarem Devin dos bosques. Não tinham dançado outra vez. Kate não tinha a certeza em que pé se encontravam.

– Falei com o meu tio uma última vez esta manhã – comentei Wes. – Não consegui fazê-lo mudar de ideias. Disse que ia lá passar mais tarde

para dar a Eby outra oportunidade de assinar a venda das terras. Caso contrário, diz que vai processá-la. Desculpa.

Ela abanou a cabeça.

– Eu é que devia pedir desculpa. Desculpa por me ter irritado contigo na festa. Sei que nunca farias nada para magoar Eby.

– Devia ter-te contado. A verdade é que nem sequer gosto de Lazlo. Mas a ideia de me aproximar dele, da única família que me resta, era tão apelativa. É difícil explicar. Parece tão ridículo agora. Lá no fundo do coração, queria que Eby mudasse de ideias. O que achas que ela vai fazer? Achas que vai dar luta?

– Oh, vai dar luta – respondeu Kate. – Mas não sei o que irá acontecer.

– E *tu*, o que vais fazer?

Kate inspirou fundo e fingiu pensar naquilo.

– Oh, não sei. Como são as escolas por aqui?

– As escolas? – perguntou ele. – São boas.

– E como são em relação ao vestuário? Permitem tutus e asas de fada?

Ele olhou para Devin e depois outra vez para Kate, as sobrancelhas a erguerem-se por baixo dos óculos escuros.

– Vais ficar?

Ela riu-se da incredulidade dele.

– Há quinze anos, não me queria ir embora, para começar. Vejo a coisa como se estivesse por fim a regressar.

Wes sorriu e soltou uma exclamação de surpresa. Fez uma pausa e ela percebeu a tensão que lhe crescia nos ombros.

– Havia uma coisa tua na Caixa do Aligátor. Penso que preciso de te mostrar.

– Uma coisa minha?

Ele desencostou-se da carrinha e abriu a porta do lado do passageiro. Lá estava a Caixa do Aligátor, enfiada numa rede de pendurar. Abriu a caixa e tirou o saco de plástico para sanduíches. Dentro do saco estava uma carta. Entregou-lha.

Num papel de linhas largas, a lápis cinzento que perdia a cor, Wes escrevera:

Querida Kate

Fiquei triste por teres de partir. Nem sequer te despediste. Mas não faz mal. Sei que os teus pais te obrigaram a ir. Pedi a tua morada a Eby e estou a escrever-te para te dizer que vou viver para Atlanta! Sim, leste bem. O meu tio Lazlo vive aí e vai levar-me, a Billy e ao meu pai para viver com ele. O meu pai trabalha nas obras e tenho a certeza que Lazlo lhe dará um emprego.

Por favor, escreve quando receberes esta carta e diz-me em que escola andas para eu poder ir para lá também, visto que andamos no mesmo ano. Não vai ser fantástico? Talvez tenhamos cacifos ao lado um do outro. Deixam-nos fazer isso? Sento-me ao teu lado ao almoço, se não houver problema, até conhecer mais pessoas. Espero que Lazlo me dê uma mesada se eu fizer trabalhos para ele e para a minha tia Deloris. Tenho duas primas de quem não gosto muito porque as ouvi uma vez chamarem-nos vergonhosos, mas vai valer a pena para estar perto de ti. Mal arranje algum dinheiro, gostarias de ir ao cinema comigo? Pago eu!

Escuta. Isto é um segredo. Não digas a ninguém, está bem? O meu pai nunca vai sair deste sítio e Lazlo pensa que estamos bem desde que tenhamos este terreno e um teto por cima das nossas cabeças. Por isso, tenho de me livrar da cabana. Vou pegar-lhe fogo na segunda-feira depois de o meu pai sair para ir trabalhar. Billy e eu estaremos fora de casa com as nossas coisas e vamos vê-la arder. Os bombeiros vão levar imenso tempo a cá chegar. O meu pai embebedou-se uma vez, caiu e bateu com a cabeça e a ambulância levou uma hora a cá chegar. Ninguém acredita em nós quando dizemos que há aqui qualquer coisa errada. Não sei porquê.

Vou incluir o endereço de Lazlo em Atlanta. Escreve-me para lá, se faz favor. Atlanta deve ser grande. Espero não me perder. Talvez arranje por fim uma bicicleta. Há aí água? Billy gostaria disso.

Cumprimentos,

Wesley Patterson

P.S. NÃO CONTES A NINGUÉM!

Os lábios de Kate entreabriram-se enquanto lia. Percebeu que estivera a conter a respiração e inalou. Não ajudou. Sentia-se atordoada e em pânico.

Ela fizera isto. Fizera aquilo acontecer.

Por fim, levantou os olhos para Wes.

– Não – disse ele. – A culpa não é tua.

– Tu ateaste o fogo. Por minha causa.

– Não – repetiu ele. – Fi-lo porque queria uma nova vida, outra vida. O que era verdade muito antes de teres aparecido. – Obrigou-a a fitá-lo nos olhos. – Kate, a culpa não é tua!

Kate sacudiu-o e devolveu-lhe a carta. Ele olhou para o papel uma última vez antes de a guardar na caixa. Fechou a porta da carrinha e o som ecoou pela clareira.

– Nem sequer sabia que o meu pai estava em casa nessa manhã – disse com a mão ainda na maçaneta da porta. – Ouvi o que pensei ser a carrinha dele a afastar-se, a ir trabalhar como de costume. Até fui ver à garagem e a carrinha não estava lá. Não sabia que ele se embebedara tanto na noite anterior que deixara a carrinha no bar e alguém lhe dera uma boleia para casa. O som que ouvi era de alguém a largá-lo nessa manhã. Estava desmaiado no chão ao lado da cama e eu não fazia ideia. E Billy... Não contei a Billy o que ia fazer. Já arrumara as nossas coisas na noite anterior e escondera-as nos bosques. Reguei a casa com gasolina que o meu pai tinha para queimar cegos. Peguei em Billy, ele ainda estava a dormir, e atirei um fósforo quando cheguei à porta da entrada. Meu Deus, o som que aquilo fez. Os meus ouvidos estalaram. Corri para os bosques e Billy entretanto já acordara. Recordo-me de ele olhar em volta, a tentar perceber o que se estava a passar. Não achei que tivesse nada com que me preocupar. Ele confiava em mim. Confiava sempre em mim. Conte-lhe o que fizera e ele ficou com uma expressão preocupada no rosto. Começou a remexer nas coisas que eu tirara da casa. Estava à procura de qualquer coisa.

– A Caixa do Aligátor – disse Kate, levando a mão ao coração.

Wes assentiu.

– Eu procurara a caixa na casa toda, na noite anterior. Não estava lá. Sei que não estava lá. Quando vivemos com um pai como o nosso, aprendemos a esconder muito bem as coisas que amamos. Billy tinha esconderijos por todo o lado. Eu sabia onde ficavam todos eles dentro de casa, por isso presumi que escondera a caixa num dos seus sítios secretos nos bosques. Ainda o estou a ver a lançar-se disparado para a casa a arder.

Apanhou-me desprevenido. Corri atrás dele, mas escorreguei no orvalho e caí. Parti um dente. Vi-o a correr para o fumo sem a mínima hesitação. Sem qualquer medo. Corri para o alpendre, a gritar por ele. O fumo era preto e estava tanto calor que o ar me crestava os pelos dos braços. Entrei às arrecuas, cobrindo o rosto. Recordo-me da explosão e recordo a sensação do fogo nas minhas costas. Lembro-me de ser empurrado para o ar e de aterrar com o rosto de novo na erva. E foi isso. Acordei no hospital. Disseram-me que o meu pai ateara o fogo e eu estava demasiado chocado para os corrigir. Nunca os corrigi.

– Foi por isso que me perguntaste sobre a carta naquele primeiro dia no cais – disse Kate espantada. – Pensaste que eu sabia.

– Não pensava nisso há anos. Não até te ver outra vez.

Impulsivamente, Kate atraiu-o para os seus braços e apertou-o com força, com veemência, querendo salvá-lo do que acontecera, apesar de ser demasiado tarde.

– Os teus segredos foram sempre meus – sussurrou. – Nunca teria dito nada. Nem nessa altura nem agora.

Wes sorriu-lhe com completa compreensão quando recuou. Sabia as emoções por que ela estava a passar. Vivia com elas há tanto tempo que eram como uma segunda pele para ele, como as cicatrizes nas suas costas.

– Eu sei. Foi por isso que enviei a carta. Ou pensei que enviei. Não sei como acabou na Caixa do Aligátor. – Encaminhou-se outra vez para a parte da frente da carrinha e Kate seguiu-o. – Pus a carta no marco do correio, junto à estrada. Lembro-me perfeitamente de o fazer.

Kate refletiu naquilo um instante.

– Se a caixa estava no lago, por que razão Billy voltou à casa?

– Eu acho que *estava* na casa – retorquiu Wes. – Viste-a. A caixa estava queimada. Mas, quando saí do hospital, o que restava da casa fora destruído.

– Então achas que alguém a levou dos escombros e a pôs no lago.

– Sim. Mas quem? – Wes encolheu os ombros, sem saber o que dizer. – Nunca saberei.

Kate pensou em Devin e no aligátor e de repente alguma coisa se encaixou no seu lugar. Talvez tivesse crescido e perdido a capacidade de o ver, mas não perdera a capacidade de acreditar. Graças à filha.

– Devin contou-me uma coisa depois de encontrar a Caixa do Aligátor que me fez pensar. – Virou-se para ele. – Queres ouvir uma história?

Wes fitou-a com curiosidade, tal como fizera quando era pequeno.

– Uma história?

Ela sorriu-lhe, embora sentisse o coração velho e pesado.

– Uma última história, pelos velhos tempos.

– Está bem, claro.

E assim contou-lhe.

– Era uma vez um rapazinho chamado Billy. Adorava aligátors. Adorava-os tanto que queria ser um. Pensava nisso todos os dias. Sonhava com isso todas as noites. Não tinha dúvida nenhuma que ia acontecer. Uma coisa que Billy sabia e que a maioria das pessoas não sabe é que quanto mais tempo acalentamos um desejo, mais perto ficamos de o realizar. A maioria das pessoas nunca consegue o que quer, porque *muda* o que quer, muda para uma coisa mais prática ou alcançável. Billy nunca pensava no futuro, nem se via como um adulto. Via-se com pele de aligátor e dentes de aligátor, a nadar debaixo de água ou a apanhar sol nalguma erva macia algures. Billy sentia pena das outras pessoas que desistiam dos seus desejos com tanta facilidade. Certa manhã aconteceu uma coisa, uma coisa terrível. Houve um incêndio e a vida de rapazinho de Billy terminou. O irmão ficou devastado. Sentia saudades de Billy. O que o irmão não percebeu foi que Billy renasceu das cinzas do fogo naquele dia. Não como uma fénix. Como um aligátor. Billy conseguiu o que desejara. Ficou perto da casa durante algum tempo. Esperou para ver se o irmão regressaria. Mas os seus instintos de aligátor começaram a levar a melhor e quis descobrir água. Pegou na sua Caixa do Aligátor e foi para o Lago Perdido. Passaram-se muitos anos e Billy sentia o seu lado humano a ficar cada vez mais pequeno, até que apenas duas coisas restaram, as duas melhores recordações, as mais fortes, da sua vida como rapazinho. A recordação de quanto amara o irmão e a recordação da segurança que o Lago Perdido lhe oferecera. Manteve-se isolado, fora do caminho de toda a gente, porque é isso que os aligátors fazem. Mas observava. O irmão visitava o lago e viu-o crescer e tornar-se um homem bom. Tinha orgulho nele. Viu as pessoas no lago envelhecerem e viu que cada vez menos pessoas voltavam. Depois chegou uma menina e, milagrosamente, entendia-o. Por isso contou-lhe tudo. Falou-lhe da caixa.

Disse que o irmão se sentia sozinho no mundo e que aquela caixa o iria ajudar, porque então ficaria a saber que, algures, Billy se encontrava feliz e em segurança. Lamentava ter tirado a carta do marco do correio. Mas não queria ir embora.

Wes ergueu o rosto para o céu, escutando-a com os olhos fechados. Desviou por fim o olhar e esfregou os olhos debaixo dos óculos de sol.

Às vezes, só precisamos de alguma coisa em que acreditar.

– Já quase esquecera como eras boa nisto – disse por fim e riu-se com um riso lacrimoso. – Essas histórias foram a banda sonora do meu verão contigo.

Virou-se e içou-se para o capô curto da carrinha, depois estendeu-lhe uma mão. A sorrir, ela agarrou-lhe a mão e ele içou-a para o seu lado.

Ficaram ali sentados muito tempo em silêncio, as pernas nuas a tocarem-se ao de leve, antes de Wes dizer baixinho:

– Obrigado por voltares.

Viram Devin, que andara a correr pela clareira, parar, ajoelhar-se em frente da chaminé que se mantinha de pé e olhar lá para dentro. Um pássaro assustado voou do topo da chaminé, uma mancha preta no céu azul, rasgado de nuvens que pareciam pedaços de corda. Voou cada vez mais alto até que desapareceu e a única coisa que restou foi a plenitude do dia que se estendia diante deles.

– Obrigada por esperares – disse ela por fim.

Kate bateu à porta do quarto de Eby.

– Entra – exclamou Eby.

Kate abriu a porta. Os raios do Sol que se punha criavam manchas cor de cobre pálido na parede do fundo. Eby estava sentada no toucador do quarto, a apanhar o comprido cabelo grisalho num puxo na nuca. As sombras batiam-lhe no rosto e parecia ser feita de mármore raiado.

– Estou a interromper? – perguntou Kate, olhando em volta.

O quarto parecia uma cápsula do tempo dos anos sessenta. Havia duas camas com colchas rosa e cabeceiras ornamentadas, mobília baixa de madeira escura e candeeiros de vidro soprado com quebra-luzes castanhos e remates em forma de ananás. O papel de parede era de um rosa

desbotado com filas e filas de minúsculas Torres Eiffel de um prateado brilhante. Revelava mais do passado de Eby do que qualquer fotografia.

– Não. – Eby deu uma palmadinha no banco comprido almofadado. – Senta-te aqui comigo.

Kate deslizou para o lado dela e olhou para todos os postais da Europa que Eby enfiara à volta do espelho.

– Lazlo ainda não apareceu? – indagou Kate.

– Lazlo ainda não apareceu. Mas telefonei a um advogado meu amigo, tal como a tua sogra sugeriu. Ele disse que iria hoje à vila depois de sair do trabalho.

– Isso é bom. Aconteça o que acontecer, também quero estar presente. Quero ajudar. E o dinheiro da venda da minha casa é teu. Para lutar contra Lazlo, para ir à Europa, o que decidires.

– Isso é muito importante para mim. Obrigada, Kate. Mas esse dinheiro é o teu pé-de-meia e não vou deixar que invistas neste sítio, em mim, até saber com toda a certeza o que vai suceder.

– São da tua lua de mel? – perguntou Kate, indicando os postais.

Eby fitou-os.

– Sim.

– É para aí que vais voltar?

– Vou visitar esses lugares. Porém, não vou ficar lá. Mandeí esses postais para mim mesma, de Paris e Amesterdão. Achei que, quando fosse velha, ficaria aqui sentada assim e pensaria que foi a melhor época da minha vida. Não fazia ideia de que o futuro reservasse tantas possibilidades. Creio que os vou manter aqui para ver até onde cheguei. – Eby olhou em volta. – Mas preciso de mudar o papel de parede.

Kate enfiou as mãos por baixo das pernas.

– Tive hoje uma experiência semelhante quando conversei com Wes. Sabes aquela carta que ele me devia ter mandado, quando te pediu a morada? Encontrou-a e leu-ma. Queria ir a Atlanta, para ficar comigo.

– Contou-te que ateou o fogo – disse Eby. Assim tal e qual. Como se fosse óbvio.

– *Sabias?*

– Todos sabíamos – retorquiu Eby. – Toda a vila achou que o tínhamos abandonado. Não íamos deixar que fosse castigado por uma coisa que podíamos ter evitado se nos tivéssemos esforçado um pouco mais para o

libertar daquela situação. Não sejas dura com ele. Já se castigou o suficiente.

Kate assentiu.

– Wesley vai gostar de te ter aqui outra vez – disse Eby com um sorriso.

– Não leves a mal que to diga.

O estômago de Kate tremeu com aquela particular ansiedade que prenunciava sempre qualquer coisa boa. Pousou-lhe a mão em cima para que parasse. Não tinha a certeza se confiava naquilo.

– Já não sei exatamente o que ele significa para mim. O meu passado? O meu presente? O meu futuro?

Eby apertou-lhe o braço, de forma reconfortante.

– Creio que Wes será qualquer coisa que queiras que ele seja.

Kate sorriu para a tia no espelho. Gostava de ter Eby por perto, gostava da sua calma e paz de espírito. *Aconteça o que acontecer*, parecia Eby dizer, *vai correr tudo bem. Ficaremos todos bem. Estamos nisto juntas*.

Havia muito, muito tempo que Kate não se sentia assim.

Viram o sol alterar a luz no quarto, duas gerações de mulheres Morris fartas de maldições.

E prontas para um felizes para sempre.

Lisette estava a arrumar a cozinha ao fim do dia, no seu ritual noturno de contar pratos e utensílios, fazer a massa para os biscoitos de cebolinho da manhã seguinte, colocar a bola de massa no frigorífico e, finalmente, tirar o avental. Vagueara lá fora na noite anterior e ficara acordada demasiado tempo. Falhara o pequeno-almoço, desorientando a sua rotina. Por mais que tivesse tentado naquele dia, ainda não a conseguira recuperar. Havia uma sensação de mudança no ar que detestava. Acabara de colocar o avental em cima da bancada quando Jack entrou sem bater. Vestia as suas roupas de viagem, o polo, o blêizer e os mocassins de guiar.

Carregou como um touro por ali adentro, mas depois parou, como se não soubesse o que viria a seguir.

– Tomei uma decisão – declarou.

Ela assentiu. Ele ia-se embora. Parecera tão feliz no dia anterior, quando parecera que tudo ia voltar ao normal, quando parecera que não iam perder o Lago Perdido. Doera mais do que ela pensara que doesse. Ele

continuaría com a vida dele e ela continuaría a representar uma pequena parte dessa vida. Fora o suficiente durante tanto tempo. Ela não sabia por que razão mudara de ideias.

Ele olhou em volta, a tentar decidir o que fazer. Deu um passo para a cadeira e Lisette ergueu de forma automática a mão para o deter. Luc observava com considerável interesse.

– Essa cadeira é importante para ti? – perguntou Jack.

Lisette suspirou.

Luc está ali sentado. O rapaz que se suicidou porque eu o rejeitei.

Jack leu aquilo e retorquiu:

– Estava a começar a suspeitar disso. – Virou-se para a cadeira. Era óbvio que não conseguia ver Luc. – Prazer em conhecer-te, Luc – acrescentou, mesmo assim, completamente sério.

Luc riu-se. Lisette censurou-o só com um olhar.

– Então Luc anda a assombrar-te – disse Jack e Lisette teve de se admirar por um homem tão sensato conseguir acreditar com tanta facilidade em tal coisa.

Hesitou antes de escrever: *Não sei. O que sei é que todos os dias acordo, vejo-o e penso comigo mesma que não magoarei outro ser humano da forma que o magoei a ele.*

– Nunca me magoaste – replicou Jack.

Lisette abanou a cabeça com brusquidão. Claro que não. Não se permitira fazê-lo. E o tempo que passavam juntos era sempre tão breve.

– Queria só dizer-te que vou a Richmond fechar a minha casa para sempre, mas que voltarei. Sempre quis ver o Lago Perdido no outono. E aposto que o Natal aqui é muito bonito. E se Eby perder o Lago Perdido, bem, creio que Suley será um bom sítio para passar a minha reforma.

Ela ficou com a respiração presa no peito. Ele ia ficar? Encontrava-se suficientemente perto para conseguir cheirar o sabonete que ele usara essa manhã, qualquer coisa intensa e sulista, com aroma de pinheiro. Adorava aquele cheiro. Adorava o cabelo áspero e grisalho dele e as rugas do seu rosto. Luc estava agora atrás dele e os olhos de Lisette dardejaram para o homem mais novo. Ocorria-lhe agora que quanto mais conhecia Jack, mais Luc se parecia com ele. Recentemente, reparara num sinal perto da sua orelha que nunca vira antes. Era o mesmo sinal que Jack tinha.

– Queria só que soubesses que não te vou deixar. Vou lutar por ti, Lisette. Contra ele, se necessário – acenou para a cadeira. – Nunca conheci ninguém com quem conseguisse estar tão calado e, contudo, comunicar tanto. Não fazes ideia do que isso significa para uma pessoa como eu. Só o facto de saber que existias no mundo me animava a viver. E vir aqui todos os verões salvou-me com toda a probabilidade a vida. Compreendes? – sussurrou. – *Salvaste-me.*

Lisette estendeu o braço, a mão quase a tocar-lhe no cabelo antes de parar. Fizera mesmo isso? Salvava-o? Conseguira fazer por ele o que não conseguira fazer por Luc?

Jack sorriu e pegou-lhe na mão estendida.

– Não preciso de o dizer, pois não? Eby telefonou-me e disse-me para vir cá dizê-lo, como se tu não o soubesses. Mas sabes, não sabes?

Lisette assentiu, viu-o partir e depois virou-se, desesperada, para Luc, com lágrimas nos olhos. Sabia que Jack a amava. Sempre o soubera. Estava escrito na cara dele naquele primeiro verão. E ela amava-o. Mas o sentimento estava preso dentro do seu peito e não conseguia deixá-lo sair. Não merecia o amor de Luc quando tinha dezasseis anos. Pensaria mesmo que merecia o amor de Jack agora?

Luc sorriu-lhe e depois fez um ligeiro movimento com a mão, dizendo-lhe para ir.

Mas ela correu para ele, ajoelhou-se e enterrou o rosto no colo dele. Não conseguia ver o que estava a ganhar por tudo o que estava a perder.

Sentiu a mão de Luc no seu cabelo e levantou os olhos para ele.

Não precisou de escrever o que queria dizer-lhe. Ele sabia o que ela estava a pensar. *Não quero perder-te.*

Ele apontou para onde Jack partira.

Se eu for ter com ele, estarás aqui quando eu regressar?

Ele abanou a cabeça.

Não irei a não ser que prometas estar sempre comigo.

Luc estendeu a mão e tocou-lhe na face. Articulou a palavra *toujours*.

Sempre.

E então ela viu-o esfumar-se devagar.

Abriu a boca e gritou, embora nenhum som saísse. Chorou e bateu na cadeira, depois bateu em si própria, depois enrolou-se numa posição fetal no chão. Odiava a perda. Lutara durante tanto tempo para manter tal e

qual o que tinha, da forma exata que era, como líquido medido de forma perfeita para uma chávena, porque nunca mais queria sentir-se daquela maneira outra vez.

Não se recordou de muita coisa das horas seguintes. Recordou-se de voltar a si, de abrir os olhos e a primeira coisa que viu foi uma aranha minúscula, a rastejar pelo chão ao lado dos armários.

A última vez que se sentira tão vazia fora até à ponte e saltara. Sentou-se. Mas já não reconhecia aquela rapariga. Os últimos cinquenta anos tinham-na mudado. Eby transformara-a numa pessoa diferente, a bondade dela, a sua vitalidade, a sua intrepidez. Vira Eby atravessar o período mais horrível da sua vida quando George falecera e vira-a recuperar. Vira-a enfrentar a possibilidade de perder o Lago Perdido e não deixar de funcionar. Continuara com a sua vida.

Por causa de Eby, sabia uma coisa agora que não sabia na altura.

Lisette inspirou fundo e levantou-se.

Quando o nosso copo está vazio, não nos lamentamos pelo que desapareceu.

Porque, se o fizermos, perdemos a oportunidade de o encher outra vez.

Selma entrou no vestíbulo do hotel do parque aquático. Revirou os olhos quando olhou em redor. Um hotel tão simpático ali perto e, contudo, escolhera passar todos os verões dos últimos trinta anos no Lago Perdido. O hotel ficava ao lado do parque aquático, um parque de diversões cuja maior atração pareciam ser escorregas para a água e uma grande piscina que fazia ondas que as crianças podiam surfar. O parque era para as crianças, mas o hotel era para os adultos. «Boa jogada», pensou. Lazlo não era um idiota. Ao menos isso.

Os candelabros borrifavam luzes multicoloridas no soalho de mármore. Toda a parede do fundo era um lençol fino de água que descia dois pisos de rochas, dando ideia que se podia entrar por ali num outro mundo. Havia placas que apontavam para o *spa*, várias lojas de presentes, dois restaurantes, um para famílias, outro mais elegante, e um bar.

«Isto poderá não ser assim tão mau», repetia Selma para si própria. Com toda a probabilidade conseguiria um carro novo e um apartamento. Algumas joias que poderia empenhar mais tarde. Mas não fora assim que planeara utilizar o seu último feitiço. O último devia ser usado para conseguir por fim tudo o que queria.

Encaminhou-se para o balcão da receção. O empregado era um homem novo, mas os seus olhos fizeram o que todos os olhos masculinos faziam quando ela usava aquele vestido em particular: baixaram-se para o seu decote escandaloso e aí se demoraram.

– Pode, por favor, ligar a Mister Lazlo Patterson e dizer-lhe que cheguei para a reunião das quatro – pediu Selma, oferecendo-lhe um sorriso lento.

– Com certeza, minha senhora – respondeu o rapaz, desgrudando os olhos dela.

Tinha idade suficiente para ser avó dele. Pensou se ele se aperceberia disso. Se calhar não. Ninguém vê a nossa idade, se formos suficientemente ousados. O rapaz murmurou algumas palavras ao telefone, fez uma pausa e disse para Selma:

– Minha senhora, ele diz que não tem nenhuma reunião às quatro.

– Que esquisito ter-se esquecido – retorquiu Selma. – Diga-lhe que é Selma, do Lago Perdido.

O rapaz transmitiu a mensagem e desligou o telefone.

– Ele diz que desce já.

Selma virou-se e atravessou o vestíbulo em direção ao bar, dando espetáculo para o rapaz. Sentou-se e pediu um uísque, simples.

Suspirou e abanou a cabeça, sem acreditar que estava a fazer aquilo. Seduzira muitos homens na sua vida, mas nunca um homem com quem *ativamente* antipatizasse.

Enfiou a mão na malinha vermelha. Encontrou o feitiço pelo seu calor. Os dedos fecharam-se à volta dele com suavidade e sentiu-o tremer como uma borboleta apanhada. Durante um instante sentiu tristeza. Não queria deixá-lo ir. Era a última coisa daquilo que era, do que passara uma vida a ser.

– Podias ter-me arranjado uma série de problemas. Estava com a minha mulher – disse Lazlo, aparecendo a seu lado. Era tão desagradável como se recordava, cabelo pintado de um preto ridículo, um *lifting* mal feito que lhe levantava as sobrancelhas até um ângulo pouco natural. Os olhos dele desviaram-se logo para o seu decote. Nem sequer afastou o olhar para pedir uma bebida. – Foi uma bela ideia dizer que tínhamos uma reunião.

– Pareces surpreendido – retorquiu Selma em tom sedutor. – Sou muito boa no que faço.

– Disso não tenho dúvidas. Mas temos de ser discretos. A minha mulher...

Selma inclinou-se para a frente e sussurrou.

– Não precisas dela. Tens-me a mim.

Percebeu que ele ficou divertido com aquilo. Com toda a probabilidade já se deparara com mulheres peganhentas antes. Queria passar um bom bocado, mas depois mandá-la-ia dar uma volta. Teve uma visão repentina da sua vida se nunca tivesse possuído os seus feitiços. Como teria sido triste e desesperada, encontrar-se com homens como este em bares para apenas umas horas de atenção. Uma noite inteira, na melhor das hipóteses.

Conseguira o que queria da vida. E não o lamentava.

Não se arrependia de nada.

E pronto, abriu a palma da mão e viu o seu último feitiço desaparecer.

Na manhã seguinte, Selma não se encontrava em lado nenhum.

– Onde está Selma? – perguntou Bulahdeen quando entrou na casa principal para tomar o pequeno-almoço. Estava contente por não irem comer outra vez bolo. Açúcar era bom, mas a sua infância levava-a sempre a acreditar que a proteína era um prazer melhor. – Não veio jantar a noite passada no relvado e agora não está cá para o pequeno-almoço. O carro dela desapareceu. Foi-se embora? – Por um instante, Bulahdeen pensou se Selma teria cumprido a promessa de a abandonar ali.

– Não – respondeu Eby, ao mesmo tempo que os olhos de Bulahdeen seguiam o prato de *bacon* que ela pousava na mesa do bufete. Havia uma tensão no ar que ninguém admitia. Lazlo não aparecera no dia anterior, como se estivesse a brincar com elas. Homem detestável. – Ainda não pagou a conta.

– Quando foi a última vez que a viram? – perguntou Bulahdeen.

– Eu vi-a ontem – disse Devin. – Voltou para a cabana dela, vestiu-se *mesmo muito bem* e depois saiu.

– Alguém já foi ver à cabana? – Toda a gente abanou a cabeça. Não pareciam muito preocupados. – Eby, posso levar a chave extra e ir lá verificar?

Eby sorriu e foi até à receção. Entregou a chave a Bulahdeen e avisou:

– A responsabilidade é tua se ela descobrir que alguém entrou na cabana dela sem autorização.

Bulahdeen pegou na chave e dirigiu-se à cabana de Selma. Fora desagradável com Selma no dia anterior no embarcadouro e estava arrependida. Ficara fula com ela por se despedir na festa. Mas ficar fula com alguém por agir tal e qual como presumimos que vai agir não é senão culpa nossa.

Quando entrou, o perfume de Selma acolheu-a como um cão molhado, inundando-a. Aquela mulher adorava o seu perfume.

Bulahdeen parou no meio da cabana e olhou em volta, franzindo o sobrolho. Nada parecia fora do seu lugar. Bem, *tudo* estava fora do seu lugar, mas era assim que Selma gostava. O sofá estava pejado de coisas para ler espalhadas descuidadamente em volta. De onde se encontrava viu que a cama estava coberta de papéis de rebuçado e que ninguém lá

dormira. Onde fora ela? Bulahdeen preocupava-se com Selma. Estava sempre a afastar as pessoas. Era por isso que Bulahdeen insistia sempre. Há quase trinta anos, desde que a conheceu aqui no lago, telefonava a Selma na primeira quinta-feira de cada mês e se Selma não estava com disposição para conversar, bem, então Bulahdeen fazia as despesas da conversa, informando-a de tudo o que se passava na sua vida. No mês em que Bulahdeen se esquecera de ligar, quando Charlie fora para o lar e Bulahdeen se sentia cansada, com os nervos arrasados e passara o tempo todo a ajudar a instalá-lo, Selma aparecera, tendo guiado toda a noite desde o Mississípi, porque não conseguira contactar com Bulahdeen. Ficara fura por esta não ter morrido, por causa da trabalhadeira que provocara e recusara atender as chamadas de Bulahdeen durante meses. Mas lá acabara por ceder.

Os olhos de Bulahdeen pousaram-se na prateleira da lareira onde Selma colocara as fotografias dos maridos. Expusera-os mais ou menos da mesma forma que um caçador expõe a cabeça de um alce. Caçara-os. Dera trabalho. E tinha orgulho nos seus troféus. Bulahdeen sempre se sentira fascinada pelo poder que Selma tinha sobre os homens. Controlava-os por completo. Sempre. Aquilo parecia anular o interesse em estar com um homem, mas cada um tem o que lhe convém. Selma também construía os seus próprios finais.

Foi aí que lhe ocorreu.

Bulahdeen avistou a caixa em cima da prateleira e pegou nela. Ergueu a tampa devagar.

Quando olhou lá para dentro, pensou: *Diabos me levem!*

Às vezes, os melhores finais são os que nos surpreendem. Às vezes, os melhores são aqueles em que tudo acontece tal e qual como queremos que aconteça. Mas os finais absolutamente *perfeitos* são quando se consegue um pouco de ambas as coisas.

Voltou a pousar a caixa, depois trancou a porta atrás de si e regressou à casa principal.

– Alguma pista? – perguntou Kate.

– Uma ou duas – retorquiu Bulahdeen, entregando a chave a Eby. – Ela volta. Nunca vai a lado nenhum sem os seus maridos.

O telefone tocou e Eby foi atender.

Bulahdeen dirigiu-se à mesa do bufete para encher o prato. Ser metediça é um trabalho duro. Parou quando viu uma cadeira no canto.

– Não é a cadeira que Lisette tem sempre na cozinha?

– Sim – disse Jack da sua mesa junto à porta.

Devia ter partido no dia anterior. Mas Bulahdeen vira Lisette a esgueirar-se da cabana dele de manhã cedo e percebeu porque não tinha ido.

– O que está aqui a fazer?

– Lisette já não precisa dela.

Bulahdeen virou-se para ele com curiosidade.

– E como sabes isso?

Jack manteve os olhos postos no prato, mas começou a corar. Bulahdeen riu-se e virou-se outra vez para o bufete. Deteve-se quando viu a taça de fruta. Pela primeira vez desde sempre, a fruta estava cortada em todo o tipo de formas. O ananás eram estrelas. Os morangos caras de ratinhos. O que...? Aquilo era comida feliz. Lisette estava a fazer comida *feliz*.

Eby desligou o telefone. Apareceu na passagem em arco que levava à sala de jantar e disse:

– Não sei o que pensar disto. – Levou as mãos compridas às faces. Bulahdeen sempre pensara que Eby tinha mãos belas. Tremia.

– O que se passa, Eby? – perguntou Kate.

– Era Lazlo Patterson.

– Ele vem? – inquiriu Kate. – Tens tempo para chamar o teu advogado?

– Ele não vem. Diz que tem um problema familiar. Disse esta manhã à mulher que se vai divorciar dela. Por causa disso e porque Wes não vende o terreno dele... – Riu-se. – Decidiu *abandonar o projeto*.

Toda a gente se levantou e avançou para Eby no vestíbulo com uma saraivada de perguntas.

– Que jogo é o dele agora? – perguntou Kate.

– Não creio que esteja com jogos – retorquiu Eby, atordoada. – Disse-lhe para me pôr isso por escrito e ele concordou. E mandou o advogado embora.

– Então não vais vender o Lago Perdido? – exclamou Bulahdeen. – Fantástico!

– Parece que não. De qualquer modo, não a Lazlo – replicou Eby. – Kate, ainda estás interessada nesse investimento?

– Estou – disse, pegando na mão de Eby. – Estou *tão* pronta.

– *Sim* – exclamou Devin e correu para a janela como se estivesse à procura de alguma coisa lá fora, alguma reação imediata ao que estava a suceder. – Wes chegou – informou de olhos postos no lago. – E o carro de Selma também vem aí.

Kate dirigiu-se rapidamente à porta e abriu-a.

– Olá, vizinho – disse para Wes.

– Lazlo vai deixar que Eby fique com a propriedade – contou-lhe Wes, com a excitação a iluminar-lhe o rosto todo, como quando era rapazinho. – Vi o advogado dele na vila, a beber café antes de voltar para Atlanta. Queria ser o primeiro a contar-te.

– Acabámos de saber – retorquiu Kate, a rir-se. – O que aconteceu?

Wes encolheu os ombros, sorrindo-lhe em resposta.

– Não sei.

Eby apareceu na soleira da porta ao lado de Kate.

– Wes, já tomaste o pequeno-almoço?

– Não.

– Então entra. Temos assuntos a discutir. Kate vai ficar a gerir tudo isto enquanto eu viajo e vai precisar de um bom faz-tudo.

Kate assentiu e estendeu a mão para Wes. Ele olhou-a nos olhos quando se aproximou e pegou naquela mão.

E assim Wes entrou e, finalmente, voltou para casa.

Que bom para ele, pensou Bulahdeen passando por toda a gente que falava, excitada, no vestíbulo.

– Cá estás tu – disse para Selma, que acabara de sair do carro. – Estiveste fora algum tempo.

Selma vestia um vestido vermelho assombroso, de decote cavado e o cabelo encontrava-se em desalinho. Levou a mão ao pescoço para esconder um chupão.

– Já viste o hotel ao lado do parque aquático? – perguntou a Bulahdeen, do caminho. – É divinal. O que estamos todos a fazer *aqui*?

– Pois, porque será? – retorquiu Bulahdeen. – Entra para tomares o pequeno-almoço. Acabámos de receber uma notícia maravilhosa.

– Já comi – disse Selma, fechando a porta do carro e encaminhando-se para as cabanas.

– Então vem até à minha cabana mais tarde – pediu Bulahdeen, saindo da casa e seguindo-a. – Tomamos chá e comemos umas belas bolachinhas.

– Porquê? – perguntou Selma desconfiada.

– Porque é isso que as amigas fazem.

– Tu não és minha amiga, Bulahdeen – replicou Selma, saltitando de pé para pé ao andar, para tirar os sapatos de salto alto. – Não tenho amigas.

– És minha amiga. – Bulahdeen arquejava atrás dela. – És a minha melhor amiga. E sabes isso. Por que outra razão usarias o teu último feitiço num homem que te enoja, para salvar um lugar de que nem sequer gostas? Fizeste-o por mim. Fizeste-o por todos nós. Constróis grandes finais. Gosto do teu estilo.

– És uma velhota louca – disse Selma, chegando à sua cabana e subindo os degraus do alpendre. Tirou a chave da malinha, mas depois virou-se. – Como sabias que usei o meu último feitiço?

Bulahdeen encostou-se ao corrimão dos degraus, sem fôlego.

– Fui ver.

– Entraste na minha cabana sem autorização? – perguntou Selma, indignada.

– Pensei que tinhas sido raptada pelo Pé-grande.

– Tinha-me divertido mais – murmurou Selma, voltando a virar-se e fazendo deslizar a chave na fechadura.

– Se puseres gelo nesse chupão, desaparece mais depressa – observou Bulahdeen, subindo os degraus e esperando que Selma abrisse a porta.

Selma levou a mão ao pescoço.

– Gelo no meu pescoço? Isso é gelado!

– É por isso que lhe chamam gelo.

– Vais mesmo entrar? – perguntou Selma.

– Claro.

– Nunca mais me vou livrar de ti, pois não?

– Não.

Selma entrou e manteve a porta da cabana aberta, a abanar com impaciência a cabeça enquanto Bulahdeen entrava.

E, mesmo antes de fechar a porta, sorriu.

Do lago, o aligátor observava a casa. Viu o seu irmão chegar e entrar com aquela rapariga que sempre amara. Viu a mulher bela afastar-se com a mulher velha e desaparecerem no caminho em direção às cabanas. A menina dos óculos estava de pé à janela da sala de jantar. Erguia a mão e comprimia-a contra o vidro. Sorria-lhe.

Flutuou no lago à vontade, submerso à exceção dos olhos. Estava a recordar-se de uma coisa de há muito tempo, um sentimento que costumava conhecer, na sua vida antes desta. Costumava saber o nome para aquilo, aquele momento em que sabemos que vai ficar tudo bem. Agora mal conseguia detetá-lo na fímbria da sua memória primordial.

Pensou se aquela sensação de dois mundos desapareceria alguma vez por completo. Um dia, quando flutuasse por ali, olharia para aquele lugar e para aquelas pessoas e já não os reconheceria?

Um dia, talvez.

Mas não hoje.

Lançou um último olhar à menina e depois submergiu totalmente na água e afastou-se a nadar.

Agradecimentos

No início de 2011 fui surpreendida com um diagnóstico de cancro da mama avançado. Não o percebi na altura, mas esse ano de horrível mudança transportou-me para um lugar espantoso na minha vida. Mas não cheguei lá sozinha.

Um muito obrigada aos médicos e enfermeiras excepcionais do Hope Cancer Center e Mission Cancer Center. À minha mãe, Louise, ao meu pai, Zack, a Michelle Pittman, Heidi Carmack, Kelby e Hanna, Billy Swilling, Jenn McKinlay e a todos os The Loopy Duetters – Meg Waite Clayton, Kelly Harms Wimmer, Susan McBride, Menna Van Praag, Linnie Thieme – pelas músicas, Tracy Rathbone, Helene Saucedo, Nancy e Sandy Hensley, Debbie Wellmon, Beth Elliott, Stephanie Coleman Chan, Alexandra Saperstein, pelas barras *Curly-Wurly*, Erin Campbell, os Jarrett, os Horton, os Gibb, Dix Creek Chapel, Carolyn Mays e Francesca Best da Hodder, Pat Hoopengartner, Penny Carrell e toda a minha família, amigos e colegas que me apoiaram. A Jennifer Enderlin e todas as pessoas da St. Martin's Press por me ajudarem quando dei o salto porque, depois do ano que tive, não queria ter medo de o fazer. Foi uma experiência fenomenal. À minha agente, Andrea Cirillo, e a todos na JRA, pelo vosso interesse, confiança e espetacularidade geral. A Shuana Summers e a todos na Random House. Foi um maravilhoso percurso editorial convosco. Por fim, aos meus leitores, a maioria dos quais nunca conheci, mas que me apoiaram quando soube do meu diagnóstico de uma forma que não previra. Os vossos bons pensamentos, as vossas orações, os vossos bilhetes, os vossos postais, os vossos presentes, chegaram-me na altura em que mais precisava deles. A minha comoção é esmagadora, desmedida.

Acabei de festejar o meu segundo ano sem cancro.